16º CONAD

2026

EXTRAORDINÁRIO
DO ANDES-SN



Fortalecer o ANDES-SN:
questões organizativas, administrativas, financeiras e políticas em debate

13 a 15 novembro

Local: Auditório da ADUnB
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Casa do Professor - Brasília(DF)

ADUnB
Associação dos Docentes da Universidade de Brasília
S.Sind. do ANDES-SN

45 ANOS ANDES
SINDICATO NACIONAL

CADERNO DE TEXTOS

16º CONAD EXTRAORDINÁRIO do ANDES-Sindicato Nacional

TEMA CENTRAL: FORTALECER O ANDES-SN: QUESTÕES ORGANIZATIVAS, ADMINISTRATIVAS, FINANCEIRAS E POLÍTICAS EM DEBATE.

Brasília (DF), 13 a 15 de novembro de 2026

ANDES – SINDICATO NACIONAL

Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

SCS – Setor Comercial Sul, Q. 2, Bloco C, Ed. Cedro II, 5º andar, Brasília - DF
Fone: (61) 3962-8400

Gestão 2025/2027

Presidente: Cláudio Anselmo de Souza Mendonça
Secretária-Geral: Fernanda Maria da Costa Vieira
1º Tesoureiro: Sérgio Luiz Carmelo Barroso
Diretor responsável por Imprensa e Divulgação: Diego Ferreira Marques

Home page: www.andes.org.br
E-mail: secretaria@andes.org.br

SUMÁRIO

Apresentação	**13**
Proposta de Cronograma e Pauta do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO	**14**
Proposta de Regimento do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO	**15**
TEMA I: ATUALIZAÇÃO DO DEBATE SOBRE CONJUNTURA, MOVIMENTO DOCENTE E OS DESAFIOS POLÍTICO-ORGANIZATIVOS DO SINDICATO NACIONAL	
Texto 1 – **Atualização do Debate sobre Conjuntura, Movimento Docente e os Desafios Político-Organizativos do Sindicato Nacional** – Diretoria do ANDES-SN.	**29**
Texto 2 – **Eleger Lula Presidente para Fazer uma Reforma Radical do Sistema Político e Abrir o Caminho para uma Constituinte Soberana que Atenda as Reivindicações do Povo –** Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita de Cássia Machado (SINDUEA); Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).	**36**
Texto 3 – A Centralidade da Luta Contra o Imperialismo, Contra a Extrema-Direita e por um ANDES-SN Mais Amplo, Combativo e Democrático – Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa	**39**

(Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva (Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).	
Texto 4 – Para Derrotar o Capital e seus Governos, a Ultradireita e as Ilusões Reformistas, é Preciso Independência de Classe e Reorganização da Classe Trabalhadora – Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).	**44**
Texto 5 – **Somente com Independência de Classe Poderemos Superar a Crise Organizativa Do ANDES** – Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Emílio Sarde Neto (ADUNIR), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE) e Valdir Anhucci (SINDUNESPAR).	**48**
TEMA II – QUESTÕES ORGANIZATIVAS, ADMINISTRATIVAS, FINANCEIRAS E POLÍTICAS DO ANDES-SN	
Texto 6 – **Garantir o Apoio às Seções Sindicais com Menor Sindicalização e às Oposições Pró-ANDES é Fortalecer o ANDES-SN –** Diretoria do ANDES-SN.	**55**

Texto 7 – **Formato e Metodologia dos Congressos e Conselhos do ANDES-SN –** Comissão sobre Formato e Metodologia dos Congressos e CONADs do ANDES-SN eleita no 69º CONAD.	**57**
Texto 8 – **Metodologia dos Espaços Deliberativos e seus Aspectos Políticos: por um ANDES-SN mais participativo e democrático** – Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva (Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).	**65**
Texto 9 – **Por Espaços Mais Representativos e pela Primazia da Luta –** Alexandre Cunha (NPTPS-Adufes); Ana Carolina Galvão (GTSSA-Adufes); Aline Pandolfi (GTPFS-Adufes); Carina Copatti (GTPAUA-Adufes); Carlos Eduardo Schimidt Castellani (GTPE-Adufes); Cathiana do Carmo Dalto Banhos (NPTPS-Adufes); Cenira Andrade de Oliveira (GTSSA-Adufes); Débora Monteiro do Amaral (GTPE-Adufes); Edivaldo José Bortoleto (GTPE-Adufes); Fabiana Fátima Cherobin (GTPE-Adufes), Fernanda de Araújo Binatti Chiote (GTPE-Adufes); Filipe Skiter (Adufes); Jeffa Santana (Adufes); Jesio Zamboni (NPTPS-Adufes); João Paulo da Silva Valdo (GTPFS-Adufes); João Luiz Simplício Porto (GTPCGDS-Adufes); José Antônio da Rocha Pinto (GT-Carreira-Adufes); Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan (NPTPS-Adufes); Lívia de Cássia Godoi Moraes (GTPFS-Adufes); Luciano Vidon (GTPE-Adufes) Maria Aparecida de Carvalho (GTPE-Adufes); Patrícia Martins Santos Freitas (GTPFS- Adufes); Priscila Monteiro Chaves (GTPE-Adufes); Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Adufes); Rafael Goes Furtado (Adufes), Ricardo Roberto Behr (GTSSA-Adufes); Silvanete Pereira dos Santos (Adufes).	**70**
Texto 10 – **Os Novos Desafios Postos para o ANDES-SN e a Necessidade de Fazer Debates sobre Reorganização Sindical nas Bases –** Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Ângelo	**73**

(SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).	
Texto 11 – Proporcionalidade na Eleição de Delegados e Observadores com Garantia de Amplo Debate – Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).	**76**
Texto 12 – Autonomia das Seções Sindicais e Participação Democrática: distinguir deliberação política e processos eleitorais para fortalecer o ANDES-SN – Anastasia Guidi (ADUFABC), Beatriz Raposo (Adusp), Cesar Minto (Adusp), Demétrio Toledo (ADUFABC), Elisabetta Santoro (Adusp), Eneida de Paula (Adunicamp), Everaldo Andrade (Adusp), Hélder Garmes (Adusp), Jana Silverman (ADUFABC), Kimi Tomizaki (Adusp), Márcio Moretto (Adusp), Maria Caramez Carlotto (ADUFABC), Maria Cristina Bahia (Adunicamp), Maria José de Mesquita (Adunicamp), Pierluigi Benevieri (Adusp), Renata Hasue (Adusp), Rosângela Sarteschi (Adusp), Silvia Gatti (Adunicamp), Tercio Sampaio (Adusp), Valter Pomar (ADUFABC), Vanessa Martins do Monte (Adusp) e Wanderley Martins (Adunicamp).	**78**

Texto 13 – **Formato Organizativo das Reuniões e dos Espaços Não Deliberativos no Âmbito do ANDES-SN –** Diretoria do ANDES-SN.	**80**
Texto 14 – Contribuições para o Fortalecimento Organizativo e Financeiro do ANDES-SN – Diretoria da ADUFF – Seção Sindical.	**83**
Texto 15 – **Política de Rateio em Eventos Deliberativos do ANDES-SN** – Diretoria do ANDES-SN.	**85**
Texto 16 – **Fim dos Rateios dos Congressos, Conads e Eventos do ANDES** – Contribuição das(os) sindicalizadas(os) da Asduerj: Gregory Magalhães Costa; Fernanda Shcolnik; Leonardo Kaplan; Affonso Henriques da Silva Real Nunes; Jose Rodolfo Santos da Silveira; Victor Mateus Verissimo Santos de Oliveira; Susana Moreira Padrão; Maria Inês Senra Anachoreta; Luis Paulo Cruz Borges; Nathalia Araujo Duarte de Gouvea; Fabio Mario Iorio; Otavio Miguez da Rocha Leão; Paulo Roberto Raposo Alentejano; Guilherme Preato Guimarães; Frederico Duarte Irias; Aluísio Alves de Melo Bento; Beatriz Fernandes Caldas; Marianna Fernandes Moreira; Jeanne Denise Bezerra de Barros; Gabriel Barruci da Silva; João Batista Silva dos Santos; Juan Pablo Sierra Tapiro; Gianna Gobbo Larocca; Robert Mota Oliveira; Thiago Castañon Loureiro; Luis Fernando Marques Dorvillé; Monica Leite Lessa; Renê Alberto Moritz da Silva e Forster; Mateus Gomes Extinger Figueira; Jefferson Lee de Souza Ruiz; Luiz Antonio de Saboya; Estela Scheinvar; Danielle Tudes Pereira Silva; Fátima Sueli Neto Ribeiro; Camilla Agostini; Eduardo Ferraz Felippe; Mateus Spezia; Ana Paula Tatagiba Barbosa; Mariana Moreira; Karina Alessandra Morelli; Paula Helena Kubitschek Barreira; Débora Cecília Chaves de Oliveira; Hugo Pinto de Almeida; Jacira Castanharo; Carmelinda; Fábio Fortes; Thiago Castañon; Gustavo Adolfo Pinheiro da Silva.	**89**
Texto 17 – **Aperfeiçoar a Governança, a Transparência, a Economicidade e o Controle Financeiro do ANDES-SN –** Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da	**91**

Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).	
Texto 18 – Financiamento das Eleições Nacionais do ANDES-SN: democracia, autonomia e responsabilidade coletiva – Diretoria do ANDES-SN.	**95**
Texto 19 – **Autofinanciamento das Chapas e Fortalecimento da Democracia Sindical –** Diretoria do ANDES-SN.	**99**
Texto 20 – **Eleições Mais Democráticas e uma Diretoria Nacional Mais Enraizada na sua Base** – Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva (Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).	**101**
Texto 21 – **Radicalizar a Democracia e Fortalecer a Unidade da Nossa Categoria: por uma direção proporcional no ANDES-SN** – Ana Carolina Feldenheimer (ASDUERJ), André Kaysel (ADUNICAMP), Adolfo da Costa Oliveira Neto (ADUFPA), Antonio Mota (ADUNIFESP), Christina Brech (ADUSP), Daniel Vitor de Castro (Sindunespar), Daniel Augusto Pereira (ADUFLA), Denise Brasil (ADUFF), Giovana Augusta Torres (ADUFLA), Gustavo Seferian (APUBH), Helena Martins (ADUFC), Helena Marroig (APUB), Júlio Silvio de Sousa Bueno Filho (ADUFLA), Luis Bonilla-Molina (ADUFABC), Márcia de Fátima Rabello Lovisi de Freitas (APUB), Maíra Kubik Mano (APUB), Mateus Albuquerque (APES-JF), Pedro Costa Junior (Sinduece), Rodrigo Pereira (APUB), Sandra Helena Ribeiro Cruz (ADUFPA), Tayse Palitot (ADUFOB), Tiago Coutinho (ADUFC), Zuleide Queiroz (Sindurca).	**105**
Texto 22 – Unidade para Lutar, Maioria para Dirigir. Em Defesa de uma Direção Unitária e Majoritária do ANDES-SN – Giovanny Simon Machado (UFPE); Alexander Willian Azevedo (UFPE); José Rodolfo Pacheco Thiesen (UFG); Lucinéia Scremin Martins (UFG); Alexandre Aguiar dos Santos (UFG); Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho (UFSC); Tiago Montagna	**113**

(UFSC); Carmen Maria Olivera Müller (UFSC); Rodrigo Fernandes Ribeiro (UFOP); Davi Machado Perez (UFOP); Fernando Ferreira (UFOP); Eliane Soares (UFU); Kelem Ghellere Rosso (IFPR – Sindiedutec).	
Texto 23 – **Por uma Comissão Eleitoral Mais Democrática** – Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).	**115**
Texto 24 – **Um Balanço Geral da Experiência de Organizar o 44º Congresso do ANDES-SN** – Angelina Pandita Pereira (APUB), Bernardo Ordoñez (APUB), Betty Malin (APUB), Fernando Feijó (APUB), Helena Marroig (APUB), Hélio Messeder Neto (APUB), Henrique Saldanha (APUB), Isadora Machado (APUB), Josias Porto (APUB), Lana Bleicher (APUB), Leonardo Name (APUB), Lucas Trentin Rech (APUB), Maíra Kubik (APUB), Márcia Freitas (APUB), Rodrigo Pereira (APUB), Sara Côrtes (APUB), Stella Senes (APUB).	**124**
Texto 25 – **O Uso Racional de Recursos, a Redução de Resíduos e a Sustentabilidade no ANDES-SN** – Tomaz Longhi Santos (APUFPR), Adriana Hessel Dalagassa (APUFPR), Claudia Mendes Campos (APUFPR), Raimundo Alberto Tostes (APUFPR), Marcia Marzagão Ribeiro (APUFPR), Vitor Marcel Schühli (APUFPR), Francisco de Assis Marques (APUFPR), Raul Nunes (ADUFF).	**129**
Texto 26 – **Comer é um Ato Político –** Tomaz Longhi Santos (APUFPR), Márcia Marzagão Ribeiro (APUFPR), Adriana Hessel Dalagassa (APUFPR), Claudia Mendes Campos (APUFPR), Raimundo Alberto Tostes (APUFPR), Vitor Marcel Schühli (APUFPR), Francisco de Assis Marques (APUFPR).	**131**

Os Textos Resolução (TR) receberam a mesma numeração que os Textos Apoio (TA) correspondentes.

SUMÁRIO DOS TRs

TEMA II – QUESTÕES ORGANIZATIVAS, ADMINISTRATIVAS, FINANCEIRAS E POLÍTICAS DO ANDES-SN	
TR 6 – Garantir o Apoio às Seções Sindicais com Menor Sindicalização e às Oposições Pró-ANDES é Fortalecer o ANDES-SN.	**56**
TR 7 – Formato e Metodologia dos Congressos e Conselhos do ANDES-SN.	**62**
TR 8 – Metodologia dos Espaços Deliberativos e seus Aspectos Políticos: por um ANDES-SN mais participativo e democrático.	**69**
TR 9 – Por Espaços Mais Representativos e pela Primazia da Luta.	**71**
TR 10 – Os Novos Desafios Postos para o ANDES-SN e a Necessidade de Fazer Debates sobre Reorganização Sindical nas Bases.	**75**
TR 11 – Proporcionalidade na Eleição de Delegados e Observadores com Garantia de Amplo Debate.	**77**
TR 12 – Autonomia das Seções Sindicais e Participação Democrática: distinguir deliberação política e processos eleitorais para fortalecer o ANDES-SN.	**79**
TR 13 – Formato Organizativo das Reuniões e dos Espaços Não Deliberativos no Âmbito do ANDES-SN.	**83**
TR 14 – Contribuições para o Fortalecimento Organizativo e Financeiro do ANDES-SN.	**84**
TR 15 – Política de Rateio em Eventos Deliberativos do ANDES-SN.	**89**
TR 16 – Fim dos Rateios dos Congressos, Conads e Eventos do ANDES.	**91**
TR 17 – Aperfeiçoar a Governança, a Transparência, a Economicidade e o Controle Financeiro do ANDES-SN.	**93**
TR 18 – Financiamento das Eleições Nacionais do ANDES-SN: democracia, autonomia e responsabilidade coletiva.	**99**
TR 19 – Autofinanciamento das Chapas e Fortalecimento da Democracia Sindical.	**100**
TR 20 – Eleições Mais Democráticas e uma Diretoria Nacional Mais Enraizada na sua Base.	**105**
TR 21 – Radicalizar a Democracia e Fortalecer a Unidade da Nossa Categoria: por uma direção proporcional no ANDES-SN.	**112**
TR 22 – Unidade para Lutar, Maioria para Dirigir. Em Defesa de uma Direção Unitária e Majoritária do ANDES-SN.	**115**
TR 23 – Por uma Comissão Eleitoral Mais Democrática.	**121**
TR 24 – Um Balanço Geral da Experiência de Organizar o 44º Congresso do ANDES-SN.	**128**

TR 25 – O Uso Racional de Recursos, a Redução de Resíduos e a Sustentabilidade no ANDES-SN.	**130**
TR 26 – Comer é um Ato Político.	**132**

APRESENTAÇÃO

O ANDES-SN, compreendendo a importância dos debates referentes à nossa organização e finanças, deliberou em nosso 44º CONGRESSO pela realização do 16o CONAD Extraordinário sobre questões organizativas, políticas, administrativas e financeiras do ANDES-SN, a ser realizado em novembro em Brasília.

O 16º CONAD extraordinário ocorrerá nos dias 13 a 15 de novembro com o tema central: "Fortalecer o ANDES-SN: questões organizativas, administrativas, políticas e financeiras em debate".

Trata-se de um debate necessário, que busca ampliar a democracia interna sem a perda dos elementos fundamentais que transformaram nosso Sindicato Nacional em um potente instrumento de solidariedade de classe e combativo na defesa de nossa categoria.

O cenário que se avizinha imporá de nossa parte maior grau de unidade, de participação e de combatividade, para que a defesa da educação pública se faça presente e impeça os anseios autoritários de desmobilizarem nossa força organizativa!

Diretoria do ANDES-SN

PROPOSTA DE PAUTA E CRONOGRAMA DO

16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES - SINDICATO NACIONAL

Brasília (DF), 13 a 15 de setembro de 2026

Tema Central – "FORTALECER O ANDES-SN: questões organizativas, administrativas, políticas e financeiras em debate".

Sexta-feira (13/11/2026)	Sábado (14/11/2026)	Domingo (15/11/2026)
	9h às 12h Grupo Misto - Tema II	**9h às 12h** Plenária do Tema II
13h às 17h Credenciamento **14h às 15h** Plenária de Abertura **15h às 18h** Plenária de Instalação	**14h às 17h** Grupo Misto - Tema II	**14h às 17h** Plenária de Encerramento *Podendo ser estendida até às 23h59
19h30 às 22h30 Plenária do Tema I		

TEMÁRIO:

Tema I – Atualização do Debate sobre Conjuntura, Movimento Docente e os Desafios Político-organizativos do Sindicato Nacional;

Tema II – Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN.

PROPOSTA DE REGIMENTO DO 16º CONAD EXTRAORDINÁRO DO ANDES-SINDICATO NACIONAL

Capítulo I

Do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO

Art. 1º. O 16º CONSELHO EXTRAORDINÁRIO do ANDES-SINDICATO NACIONAL (CONAD), previsto no inciso II, do art. 13, do Estatuto do Sindicato, convocado pela Diretoria, conforme Art. 26, inciso II, bem como de acordo com o inciso XII, do art. 30, reunir-se-á no período de 13 a 15 de novembro de 2026, em Brasília (DF), sediado pela ADUnB – Seção Sindical.

Parágrafo único. O período de realização do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO poderá ser estendido, pela plenária de encerramento, até às 23h59, do dia 15 de novembro de 2026.

Art. 2º. O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO é instância deliberativa intermediária do ANDES-SN, conforme os artigos 22 e 24 do Estatuto do ANDES-SN.

Art. 3º. O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO tem como finalidade deliberar sobre a pauta e o cronograma de atividades no seu início, de acordo com o disposto no art. 27 e parágrafos do Estatuto do ANDES-SN.

Capítulo II

Das Atribuições

Art. 4º. São atribuições do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO:

I - Deliberar sobre matérias relacionadas a questões organizativas, administrativas, políticas e financeiras do Sindicato Nacional que, por determinação do 44º CONGRESSO do ANDES-SN, lhe foram atribuídas.

II - Implementar o cumprimento das deliberações do 44º CONGRESSO e do 69º CONAD do ANDES-SN;

III - Regulamentar, quando necessário, as deliberações do 44º CONGRESSO do ANDES-SN;

Art. 5º. Estabelecer, se houver motivos imperiosos e justificados, diretrizes para a consecução dos objetivos previstos no art. 5º do Estatuto do ANDES-SN.

Parágrafo único. As diretrizes, às quais se refere o caput deste artigo, não podem contrariar decisões tomadas em CONGRESSOS anteriores do ANDES-SN, ficando sujeitas à ratificação no CONGRESSO imediatamente subsequente.

Capítulo III

Dos(as) Participantes

Art. 6º. São participantes do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO:

I - Um(a) delegado(a) de cada seção sindical (SSind) ou AD - seção sindical (AD-SSind), escolhido(a) na forma deliberada por sua assembleia geral (art. 25, inciso I, do Estatuto do ANDES-SN), devidamente credenciado(a), com direito a voz e a voto;

II - Um(a) delegado(a) representativo(a) dos(as) sindicalizados(as) via secretaria regional, escolhido(a) na forma deliberada pela respectiva assembleia geral (art. 25, inciso II, do Estatuto do ANDES-SN), devidamente credenciado(a), com direito a voz e a voto;

III - Um(a) delegada(o)dos(as) sindicalizados(as), nos termos do art. 41, inciso VIII e alíneas, do Estatuto do ANDES-SN;

IV - O(a) presidente(a) do ANDES-SN, com direito a voz e a voto;

V - Observadores(as) de SSind ou AD-SSind, escolhidos em assembleia geral, e de sindicalizados(as) via secretaria regional, com direito a voz**;**

VI - Os(as) demais membros(as) efetivos(as) da Diretoria em exercício (art. 32, I, II, III e IV), excetuados(as) aqueles(as) cujo âmbito de competência e atuação limita-se à área de sua regional (art. 32, V), com direito a voz;

VII - Os(as) membros(as) das Comissões Organizadora e Diretora, com direito a voz;

VIII - Os(as) convidados(as) pela Comissão Organizadora ou Diretora, devidamente credenciados(as) como tal, com direito a voz.

§ 1º. Os(As) sindicalizados(as) do ANDES-SN não poderão participar como convidados(as), salvo na condição de pesquisadores(as), participantes de seminários ou para prestar assessoria e/ou esclarecimentos;

§ 2º. Cada delegado(a) devidamente credenciado(a) somente poderá ser substituído(a) uma única vez, durante a realização do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, obedecidas as seguintes condições:

a) comprovar a necessidade de se ausentar definitivamente e registrar a respectiva substituição junto à Comissão Diretora;

b) os(as) suplentes de delegados(as), indicados(as), para tal, pelas assembleias gerais das SSind ou AD-SSind e pelas assembleias gerais dos(as) sindicalizados(as) via secretaria regional, devem estar credenciados(as) como observadores(as) com a respectiva ordem de suplência para substituição;

c) a substituição de delegado(a) por observador(a) será condicionada à apresentação dos crachás e cartões do(a) delegado(a) que se ausenta e de seu(sua) suplente na secretaria. Caso os dois crachás não sejam apresentados, a substituição desse(a) delegado(a) pelo(a) observador(a) deverá ser submetida à plenária;

d) quando o(a) delegado(a) de SSind ou AD-SSind ou de sindicalizados(as) via secretaria regional comprovadamente se ausentar sem providenciar a substituição, a Comissão Diretora o fará, respeitando o presente Regimento.

Art. 7º. O(A) presidente(a) do ANDES-SN preside o 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, com direito a voz e a voto em suas sessões.

Capítulo IV

Do Credenciamento

Art. 8º. A confirmação do credenciamento de delegados(as), observadores(as) e convidados(as) do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO será das 13 (treze) horas às 17 (dezessete) horas do dia

13 de novembro de 2026, excetuando-se os casos justificados e aprovados pela plenária de instalação.

§ 1º. Não haverá recebimento da documentação necessária ao credenciamento dia 13 de novembro de 2026, excetuando-se os casos justificados e aprovados pela plenária de instalação.

§ 2º. Para o credenciamento de delegado(a) será exigida Ata da assembleia (**assinada pela mesa coordenadora dos trabalhos**) em que foi escolhido(a) o(a) delegado(a), os(as) observadores(as) e os(as) observadores(as) suplentes do(a) delegado(a) ao 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO. Os(As) suplentes de delegados(as) devem, obrigatoriamente, ter sido escolhidos(as) como **observadores(as)/suplentes de delegados(as)**. Lista de presença da Assembleia Geral; e quitação com a Tesouraria. A documentação deverá ser enviada previamente, até às 23h59h do dia 9 (nove) de outubro de 2026, por meio de formulário próprio.

§ 3º. Para o credenciamento de observador(a) e/ou observador(a) suplente, escolhido(a) em assembleia geral, será exigida ata, ou extrato de ata, que deliberou sobre a escolha, com a respectiva lista de presença. A documentação deverá ser enviada previamente, até às 23h59 do dia 9 (nove) de outubro de 2026, por meio de formulário próprio.

§ 4º. Para credenciamento de observadores(as) de sindicalizados(as), via secretaria regional, deve ser apresentada a ata da assembleia geral que os(as) escolheu. A documentação deverá ser enviada previamente por meio de formulário próprio.

§ 5º. Cada delegado(a) ou observador(a), no ato do credenciamento, receberá um crachá de identificação e/ou votação, em cores diferentes. Delegados(as), observadores(as) e convidados(as) receberão também cartão para sorteio, quando necessário, de inscrição nas Plenárias;

§ 6º. No caso de perda ou dano do crachá e/ou cartão de sorteio este será substituído apenas via autorização expressa da plenária.

§ 7º. Fica assegurado a qualquer delegado(a) credenciado(a) ter vista e cópias da totalidade dos documentos que credenciam os(as) demais delegados(as) e observadores(as) de qualquer SSind, AD-SSind ou secretaria regional, mediante requerimento à Comissão Diretora.

§ 8º. Quaisquer recursos acerca do credenciamento poderão ser apresentados na plenária de instalação, que deverá deliberar sobre os mesmos até o seu final.

Capítulo V

Do Funcionamento

Seção I

Dos Órgãos

Art. 9º São órgãos do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO:

I - Comissão Organizadora;

II - Comissão Diretora;

III - Grupos Mistos;

IV - Plenárias;

V - Comissão de Enfrentamento ao Assédio.

§ 1º. A Comissão Organizadora será criada a partir da convocação.

§ 2º. Os demais órgãos têm existência restrita ao período de sua realização.

§ 3º. A Comissão de Enfrentamento ao Assédio será criada na plenária de instalação do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

§ 4º. O quórum mínimo para o funcionamento de cada órgão do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO é de mais de 50% (cinquenta por cento) dos seus(suas) membros(as) com direito a voto.

§ 5º. Passados 15 (quinze) minutos do horário definido para o início dos trabalhos dos grupos mistos, o quórum de funcionamento se reduz para 30% (trinta por cento) dos(as) seus(suas) membro(as) com direito a voto.

§ 6º. As deliberações só serão tomadas por mais da metade dos(as) delegados(as) inscritos(as) em cada Grupo Misto.

Seção II
Da Comissão Organizadora

Art. 10. A Comissão Organizadora do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO é constituída por 4 (quatro) diretores(as) do ANDES-SN.

Art. 11. É de competência da Comissão Organizadora:

I - Preparar a infraestrutura necessária à realização do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

II - Organizar a sessão de abertura;

III - Providenciar a reprodução, para o conjunto dos(as) participantes, dos textos cuja inclusão na pauta de discussões do evento tenha sido aprovada pela plenária de instalação;

IV - Responsabilizar-se pelas receitas e despesas, organizando o rateio entre as SSind e AD-SSind;

V – Realizar, junto com a Comissão Diretora, o credenciamento dos(as) participantes.

Seção III
Da Comissão Diretora

Art. 12. A Comissão Diretora do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO é composta pela Diretoria do ANDES-SN.

Art. 13. É de competência da Comissão Diretora:

I - Responsabilizar-se pelo credenciamento dos(as) participantes;

II - Efetivar a substituição de delegados(as), de acordo com o disposto no § 2º, do art. 6º, deste Regimento;

III - elaborar a prestação de contas para apreciação no próximo Congresso;

IV - Organizar e compor as mesas diretoras das plenárias, que deverão ser constituídas por diretore(as) do ANDES-SN;

V - Organizar a composição dos grupos mistos, em consonância com o disposto no art. 14 deste Regimento.

Parágrafo único. Das decisões da Comissão Diretora, cabe recurso à plenária subsequente.

Seção IV

Dos Grupos Mistos

Art. 14. Os grupos mistos são compostos exclusivamente por:

I - Delegados(as) de SSind ou AD-SSind, de sindicalizado(as) via secretaria regional e representação dos(as) sindicalizados(as), nos termos do art. 41, inciso VIII e alíneas, do Estatuto do ANDES-SN, devidamente credenciados(as), e pelo(a) presidente(a) do ANDES-SN, todos(as) com direito a voz e a voto;

II - Observadores(as) de SSind ou AD-SSind, sindicalizados(as) via secretaria regional e representação dos(as) sindicalizados(as), nos termos do art. 41, inciso VIII e alíneas, do Estatuto do ANDES-SN, devidamente credenciados(as), com direito a voz;

III - Diretores(as) do ANDES-SN, com direito a voz;

IV - Convidados(as), devidamente credenciados(as), com direito a voz.

§ 1º. Cada grupo misto terá, no máximo, 15 (quinze) delegado(as), sendo composto no total de até 50 participantes por grupo.

§ 2º. Só poderá haver no mesmo grupo, mais de um observador(a) de uma mesma SSind ou AD-SSind, ou mais de um observador(a) representativo(a) dos(as) sindicalizados(as) de uma mesma Secretaria Regional, caso o respectivo número de observadores(as) seja superior ao número de grupos mistos.

Art. 15. Os grupos mistos são dirigidos por uma mesa coordenadora, composta por um(a) coordenador(a), um(a) relator(a) e um(a) secretário(a).

§ 1º. Os(as) membros(as) da mesa coordenadora de cada grupo misto serão eleitos(as) pelos(as) delegados(as) componentes do grupo.

§ 2º. O(A) coordenador(a) da mesa de cada grupo será eleito(a) entre os(as) delegados(as).

§ 3º. O(a) relator(a) e o(a) secretário(a) poderão ser observadores(as) credenciados(as).

§ 4º. A qualquer momento, os(as) delegados(as) integrantes do grupo poderão deliberar sobre proposta de alteração da mesa coordenadora.

Art. 16. Compete ao(à) coordenador(a) dirigir os trabalhos do grupo, orientando os debates e promovendo as votações de acordo com este Regimento.

Parágrafo único. A Comissão Diretora do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO deverá recomendar um ordenamento da distribuição dos textos do Caderno, que será apresentado por um(a) membro(a) da Diretoria do ANDES-SN em cada grupo misto, para o conjunto dos grupos mistos no sentido de buscar garantir que cada TR seja debatido em pelo menos um grupo misto do CONAD.

Art. 17. Compete ao(à) Relator(a):

I - Elaborar o relatório dos trabalhos do grupo de acordo com este Regimento e demais instruções da Comissão Diretora, fazendo constar do relatório o resultado da votação (número de votos favoráveis, contrários e de abstenções) de cada proposta submetida à apreciação;

II - Participar dos trabalhos previstos no art. 21 deste Regimento.

Art. 18. Compete ao(à) secretário(a) auxiliar o(a) coordenador(a) e o(a) relator(a) em suas atividades.

Art. 19. As reuniões dos grupos mistos terão início nos horários estabelecidos no cronograma do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, observado o *quórum* mínimo de mais da metade dos(as) delegado(as) participantes do grupo.

§ 1º. Passados 15 (quinze) minutos do horário previsto para o início das reuniões do grupo, o *quórum* mínimo será de 30% (trinta por cento) dos(as) delegados(as) participantes do grupo.

§ 2º. Passados 30 (trinta) minutos do horário previsto, os trabalhos terão início com qualquer número de delegados(as) presentes, sendo recolhida a 1ª (primeira) lista e aberta uma 2ª (segunda) lista de presença.

§ 3º. As deliberações só serão tomadas por mais da metade dos(as) delegados(as) inscritos(as) em cada grupo de trabalho.

Art. 20. Os(As) relatores(as) dos grupos mistos dispõem de um prazo máximo de 1 (uma) hora, após o encerramento da reunião, para sistematizar o relatório do grupo (via SIGRC - Sistema de Gerenciamento de Relatórios Consolidados) e entregar à Comissão Diretora o envelope com os materiais do seu grupo, sendo garantidas, pela Comissão Organizadora, as condições necessárias para tal.

Art. 21. A consolidação dos relatórios de grupos mistos será feita pelos(as) membros(as) da Comissão Diretora, para tal designados(as), e, sempre que necessário, será solicitado auxílio dos(as) relatores(as) dos grupos mistos.

Art. 22. Dos relatórios consolidados que serão apresentados às plenárias do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO constarão, necessariamente:

I - As propostas aprovadas por maioria simples;

II - As propostas minoritárias que tenham obtido, no mínimo, 30% (trinta por cento) dos votos dos(as) delegados(as) presentes em pelo menos um dos grupos mistos;

III - As propostas de redação compatibilizadas pela Comissão Diretora e, sempre que necessário, com o auxílio dos(as) relatores(as);

Art. 23. Os grupos mistos do tema II terão duração de 6 horas.

§ 1º. A duração prevista no caput deste artigo poderá, por deliberação do Grupo Misto, ser prorrogada por, no máximo 1 (uma) hora, desde que não venha a interferir no funcionamento de outras atividades do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

§ 2º. Os grupos mistos poderão ter o início do trabalho antecipado por deliberação da sessão anterior, desde que não venha a interferir no funcionamento do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

Seção V

Das Plenárias

Art. 24. As plenárias são compostas por:

I - Delegados(as) de SSind ou de AD-SSind, sindicalizados(as) via secretaria regional e representação dos(as) sindicalizados(as), nos termos do art. 41, inciso VIII e alíneas, do Estatuto do ANDES-SN, devidamente credenciados(as), e pelo(a) presidente(a) do ANDES-SN, todos(as) com direito a voz e a voto;

II - Observadores(as) de SSind ou de AD-SSind, de sindicalizados(as) via secretaria regional e representação dos(as) sindicalizados(as), nos termos do art. 41, inciso VIII e alíneas, do Estatuto do ANDES-SN, devidamente credenciados(as), com direito a voz;

III - Membros(as) das Comissões Diretora e Organizadora do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, com direito a voz;

IV - Convidados(as), devidamente credenciados(as), a critério da Comissão Diretora, com direito a voz.

Art. 25. As plenárias do 69º CONAD serão dirigidas por mesas coordenadoras cada qual composta por 1 (um/uma) presidente(a), 1 (um/uma) vice-presidente(a), 1 (um/uma) 1º (1ª) secretário(a) e 1 (um/uma) 2º (2ª) secretário(a).

§ 1º. A Comissão Diretora indica, entre os(as) membros(as) da Diretoria do ANDES-SN, os(as) componentes da mesa coordenadora de cada plenária.

§ 2º. A plenária poderá, com base no encaminhamento por ela aprovado, deliberar sobre proposta de modificação da composição da mesa coordenadora dos trabalhos.

Art. 26. Compete ao(à) presidente(a) da mesa coordenadora:

I - Preparar, com o(a) 1º (1ª) secretário(a), a ordem dos trabalhos da plenária;

II - Dirigir a plenária, orientando os debates e promovendo a votação, de acordo com este Regimento.

Art. 27. Compete ao(à) vice-presidente(a) da mesa coordenadora:

I - Auxiliar o(a) presidente(a) em suas atividades;

II - Substituir o(a) presidente(a) em suas ausências ou impedimentos.

Art. 28. Compete ao(à) 1º (1ª) secretário(a):

I - Preparar, com o(a) presidente(a), a ordem dos trabalhos da plenária;

II - Elaborar o relatório final das deliberações da plenária;

III - Entregar à Comissão Organizadora, até 48 (quarenta e oito) horas, após o efetivo encerramento do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, o relatório respectivo, digitado e na forma definitiva.

Parágrafo único. No caso das plenárias de instalação e de encerramento, caberá ao(à) 1º (1ª) secretário(a) a elaboração e acompanhamento do protocolo/registro de cada sessão.

Art. 29. Compete ao(à) 2º (2ª) secretário(a):

I - Auxiliar o(a) 1º (1ª) secretário(a) em suas atividades;

II - Elaborar a ata da plenária;

III - Entregar à Comissão Organizadora, até 72 (setenta e duas) horas, após o efetivo encerramento do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, a ata respectiva, digitada e na forma definitiva.

Art. 30. A duração de cada plenária, contada a partir do horário previsto para o seu início, será a seguinte:

I - Plenária de abertura: 1 (uma) hora;

II - Plenária de instalação: 3 (três) horas, com possibilidade de prorrogação por mais 1 (uma) hora;

III - Plenária do tema I: 3 (três) horas, sem possibilidade de prorrogação;

IV - Plenária do tema II: 3 (três) horas, com possibilidade de prorrogação por mais 1 (uma) hora;

V - Plenária de encerramento: 3 (três) horas.

§ 1º. Na Plenária do tema II será apreciado: o relatório consolidado dos grupos mistos realizados neste 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

§ 2º. As Plenárias poderão ter seu início antecipado por deliberação da Plenária anterior.

§ 3º. As questões que não forem deliberadas no prazo estipulado neste artigo terão seu encaminhamento decidido pela Plenária de Encerramento.

§ 4º. Compete à plenária de instalação:

I - Aprovar o Regimento e o Cronograma do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

II - Deliberar sobre recursos acerca de credenciamento ao 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

III- Criar a Comissão de Enfrentamento ao Assédio do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

IV - Deliberar excepcionalmente sobre a inclusão, nas discussões e nas deliberações do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO de textos encaminhados após o término do prazo para inclusão no Caderno de Textos, desde que relacionados a fatos novos que alterem a dinâmica da conjuntura, nos âmbitos nacional e local, e que impactem a luta do sindicato;

V - Os textos deverão ser apresentados à Comissão Diretora, até uma hora antes do início da plenária.

§ 5º. Compete à plenária do tema I discutir os textos de conjuntura apresentados ao 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, nos termos deste Regimento.

§ 6º. As plenárias poderão ter seu início antecipado por deliberação da plenária anterior.

§ 7º. A plenária de encerramento poderá ser prorrogada a critério do plenário.

§ 8º. A Plenária de Encerramento poderá ser prorrogada a critério do plenário, no máximo,

até às 23h59 do dia 15 de novembro de 2026.

Art. 31. A verificação do *quórum*, no início das plenárias do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO, será feita por meio de ferramenta digital.

§ 1º. A verificação de *quórum*, em qualquer momento do andamento da Plenária, será feita pela contagem dos(as) delegados(as) mediante crachá de voto.

§ 2º. Em caso de impossibilidade do uso de ferramenta digital para verificação do quórum inicial, esta será aferida por lista física de presença.

Seção VI

Da Comissão de Enfrentamento ao Assédio

Art. 32. A Comissão será formada na plenária de instalação sendo composta por três membros(as) da Diretoria do ANDES-SN e por dois(duas) membros(as) indicados(as) pela Diretoria da ADUnB – Seção Sindical, que sedia o evento, devendo a mesma ser composta por no mínimo 3/5 de pessoas do gênero feminino.

Art. 33. A Comissão de Enfrentamento ao Assédio tem como finalidade:

I - Receber representações de assédio praticado contra participantes, trabalhadores(as) e monitores(as) durante o período de realização do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

II - Dar encaminhamento às representações recebidas no âmbito do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO;

III - Propor, em parceria com a Comissão Organizadora, estratégias educativas e de prevenção ao assédio e demais opressões.

Art. 34. A Comissão divulgará durante o evento, o local e horário de atendimento e o fluxo a ser seguido para a realização da representação.

Art. 35. Recebida a representação, a Comissão deve convidar o(a) representante e o(a) representado(a) para uma reunião de oitiva, separadamente, registrando seus depoimentos em relatório assinado pelas partes e pela Comissão.

Parágrafo único. O depoimento poderá ser gravado com a concordância do(a) depoente.

Art. 36. A Comissão poderá, como encaminhamento para cada representação:

I - Realizar orientações e intervenções educativas, separadamente, imediatamente após depoimento do(a) representante e do(a) representado(a);

II - Sugerir às instâncias competentes do ANDES/SN a aplicação de sanções, na forma do disposto no art. 11 do Estatuto do ANDES-SN;

III - Se eventualmente o(a) representado(a) não for sindicalizado(a), a Comissão proporá outras medidas cabíveis para cada caso.

§ 1º. Após a Plenária de Encerramento, a Comissão enviará no prazo de até 30 dias, para a Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, relatório com a descrição das representações, apuração e encaminhamentos necessários.

§ 2º. No prazo de 30 dias, após a entrega do relatório da Comissão à Diretoria do ANDES-SINDICATO NACIONAL, os encaminhamentos e providências serão informados aos(às) envolvidos(as) – representantes e representados(as).

Capítulo VI
Das Discussões e Votações

Art. 37. Quando uma proposição estiver em debate nas sessões dos grupos mistos e das plenárias, a palavra somente será concedida, para discuti-la, a quem se inscrever junto à mesa coordenadora, respeitada a ordem cronológica de inscrições e/ou sorteio para contemplar a paridade de gênero, conforme definido pelo Grupo Misto ou Plenária.

Art. 38. Para a discussão de cada matéria, será estabelecido, a critério do grupo misto ou da plenária, um período de tempo compatível tanto com o atendimento da discussão dos tópicos correspondentes quanto com a duração estipulada, neste Regimento, para o funcionamento do grupo misto ou plenária.

§ 1º. O número de inscrições observará o prazo definido no *caput* deste artigo.

§ 2º. O plenário poderá deliberar, a qualquer momento, sobre a prorrogação ou encerramento dos blocos de discussão.

Art. 39. As discussões e as votações terão o seguinte procedimento:

I - Fase de discussão, com tempo de 3 (três) minutos, improrrogáveis, para cada inscrição;

II - Fase de encaminhamento de propostas, com tempo de 3 (três) minutos, improrrogáveis, para cada inscrição;

III - Fase de votação, mediante o levantamento do crachá de voto pelos(as) delegados(as), de acordo com o encaminhamento dado pela mesa coordenadora, com aprovação do plenário.

§ 1º. Na fase prevista no inciso II, não havendo encaminhamento contrário, não haverá encaminhamento a favor. Havendo posicionamento contrário e a favor, a palavra será concedida para a defesa de cada posição, alternadamente e em igual número de intervenções, com prévio conhecimento do plenário e dos(as) inscritos(as).

§ 2º. Só serão apreciadas e deliberadas nas plenárias as seguintes propostas:

a) As aprovadas nos grupos mistos;

b) As minoritárias que tenham obtido, no mínimo, 30% (trinta por cento) dos votos dos(as) delegados(as), em pelo menos um grupo misto;

c) As propostas de redação compatibilizadas pela Comissão Diretora ou por esta em conjunto com os(as) relatores(as), nos termos do art. 22 deste Regimento;

Art. 40. As questões de ordem, encaminhamento e esclarecimento têm precedência sobre as inscrições para discussão, garantido o tempo de 2 (dois) minutos improrrogáveis para cada solicitação, sendo essas apreciadas pela mesa coordenadora, cabendo recurso à plenária.

§ 1º. Na fase de encaminhamento das votações, só serão aceitas questões de ordem e esclarecimento.

§ 2º. Na fase de votação, não são aceitas questões de ordem, encaminhamento e esclarecimento.

Art. 41. As deliberações são adotadas por maioria simples dos(as) delegados(as) presentes em cada sessão, observado o disposto no art. 28 do Estatuto do ANDES-SN.

Art. 42. Serão considerados aprovados os TRs debatidos em grupos mistos, desde que tenham sido, simultaneamente:

I - Aprovados, sem modificação, em todos os grupos em que foram apreciados, excetuando as aprovações minoritárias;

II - Debatidos e aprovados em pelo menos 1/3 dos grupos mistos.

Parágrafo único: neste caso os TRs não serão discutidos na plenária, sendo responsabilidade da mesa elencá-los na abertura dos trabalhos

Capítulo VII

Das Disposições Gerais e Finais

Art. 43. As propostas de moções devem ser enviadas por e-mail à secretaria do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO (secretaria@andes.org.br), até às 14 (quatorze) horas do dia 14 de novembro de 2026 endereçadas à Comissão Diretora, sendo especificados(as) os(as) proponentes e os(as) destinatários(as), estes(as) últimos(as) com endereço eletrônico completo.

§ 1º. As propostas de moções só poderão ser apresentadas por participantes do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO; sendo, neste caso, participantes aqueles(as) estabelecidos(as) nos termos do art. 6º e incisos deste Regimento.

§ 2º. A Comissão Diretora deve divulgar aos(às) participantes do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO o teor das moções propostas, até às 11 (onze) horas do dia 15 de novembro de 2026.

§ 3º. A critério da plenária de encerramento podem ser acrescidas e apreciadas outras moções, apresentadas até 30 (trinta) minutos antes do início previsto dessa plenária, cuja natureza ou conteúdo justifiquem não terem sido apresentadas no prazo previsto, cabendo à Comissão Diretora avaliar se atendem aos critérios estabelecidos.

§ 4º. As propostas de moções das quais não constem o fato motivador, os(as) destinatários(as) com os respectivos endereços eletrônicos completos (devidamente digitados) e o título não serão recebidas para apreciação do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

§ 5º. As propostas de moções cujos temas já tenham sido objeto de discussão nas instâncias do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO e que não foram aprovadas pelo plenário não serão acolhidas pelo CONAD.

Art. 44. As contagens de votos nas plenárias serão efetuadas pelos(as) integrantes da Comissão Diretora.

Art. 45. Nos grupos mistos e nas plenárias, somente serão aceitas declarações de voto de delegados(as) que se abstiveram no momento da votação.

§ 1º. Dentre as declarações de voto feitas nas plenárias, somente constarão do relatório final aquelas apresentadas por escrito à mesa coordenadora.

§ 2º. Não cabe declaração de voto em votação referente a propostas de encaminhamento ou a questões de ordem que a mesa coordenadora submeta à votação.

Art. 46. A Diretoria tem como prazo máximo o dia 30 de novembro de 2026 para divulgar o relatório final do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

Art. 47. Os casos omissos neste Regimento serão solucionados pela Comissão Diretora, cabendo recurso à plenária.

Art. 48. Este Regimento entra em vigor a partir de sua aprovação pela plenária de instalação do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO.

Brasília (DF), 13 de novembro de 2026.

FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE MOÇÃO

Proponentes:

Seção Sindical:

Destinatárias(os):

E-mail:

Fato motivador da Moção:

MOÇÃO DE .....

As(Os) delegadas(os) do 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO do ANDES-SN, realizado em Brasília (DF), no período de 13 a 15 de novembro de 2026, manifestam...







Tema I

Atualização do Debate sobre Conjuntura, Movimento Docente e os Desafios Político-organizativos do Sindicato Nacional



TEMA I – ATUALIZAÇÃO DO DEBATE SOBRE CONJUNTURA, MOVIMENTO DOCENTE E OS DESAFIOS POLÍTICO-ORGANIZATIVOS DO SINDICATO NACIONAL

TEXTO 1

Diretoria do ANDES-SN

ATUALIZAÇÃO DO DEBATE SOBRE CONJUNTURA, MOVIMENTO DOCENTE E OS DESAFIOS POLÍTICO-ORGANIZATIVOS DO SINDICATO NACIONAL

TEXTO DE APOIO

O texto de conjuntura da Diretoria do ANDES-SN para o 16º CONAD Extraordinário parte da necessidade de atualizar nossa leitura diante do aprofundamento da crise do capitalismo, das disputas imperialistas, do avanço da extrema direita e da ofensiva contra os direitos sociais e as liberdades democráticas. A crise iniciada em 2008 permanece como elemento estruturante. O avanço tecnológico convive com baixo crescimento, financeirização, concentração de riqueza e precarização do trabalho. O projeto de globalização neoliberal entrou em crise e, diante das dificuldades de valorização do capital, intensificam-se as disputas por mercados, territórios, recursos estratégicos e tecnologia, ao mesmo tempo em que a crise social alimenta a ascensão de forças autoritárias e neofascistas.

Essa dinâmica se manifesta internacionalmente na disputa interimperialista, nas guerras, no genocídio palestino, em crises humanitárias, na disputa por recursos estratégicos e no fortalecimento da extrema direita, em particular na América Latina. Articula-se ainda a crise socioambiental, que evidencia os limites do sistema capitalista, subordinado à lógica do lucro, e coloca a luta ecossocialista e a defesa da vida como dimensões elementares da ação de luta da classe trabalhadora.

No Brasil, essas contradições se expressam na disputa eleitoral, na crise institucional, na ofensiva da extrema direita e na disputa por recursos naturais, energia, ciência, tecnologia e soberania digital. Ao mesmo tempo, Universidades, Institutos e CEFETs públicos tornam-se espaços desse conflito, sofrendo com subfinanciamento, dependência de emendas parlamentares e práticas de perseguição e autoritarismo contra docentes e toda a comunidade universitária.

O desafio do ANDES-SN é transformar a análise em ação concreta, com independência de classe, fortalecendo sua organização e construindo unidade na diversidade, articulando a defesa de Universidades, Institutos e CEFETs públicos, dos direitos sociais, da democracia, da soberania e da vida à luta contra o neoliberalismo, o neofascismo e a exploração capitalista.

Escrevemos essas linhas em meio a um turbilhão político, com traços de profunda ameaça às conquistas e condições de vida das classes trabalhadoras e grupos oprimidos no país. Texto escrito para um espaço deliberativo voltado à discussão da organização política e financeira de nosso sindicato, com o intuito de alcançar ainda mais democracia interna e a materialização dos princípios que devem nos orientar enquanto sindicato nacional, construído pela base.

Por isso, em que pese uma aparente desconexão ao "voltarmos para dentro" enquanto a panela de pressão da política brasileira explode, engajamo-nos à percepção da base quanto à necessidade de tais acúmulos e de possíveis revisões organizativas, para que tenhamos um sindicato à altura dos desafios do tempo presente. Nossa análise da conjuntura volta-se a um chamado, por um lado, de mobilização "para fora" e, por outro e concomitantemente, de tecitura de condições políticas para a construção de unidade-em-diversidade, para fazer cumprir o que nos cabe enquanto sindicato classista — leia-se profundamente comprometido com as lutas contra as opressões e o enfrentamento contundente à crise ecológica — em tempos de tendência à barbárie permanente.

Crise do capitalismo, imperialismo e avanço da extrema direita: desafios para a classe trabalhadora e para o ANDES-SN

Em 1889, o economista norte-americano David Ames Wells afirmava que a situação econômica mundial era digna de perplexidade, pois combinava um gigantesco progresso tecnológico e um extraordinário aumento da capacidade produtiva com persistentes dificuldades econômicas. Essa contradição é uma das características centrais da chamada "Longa Depressão" (1873–1896) e permite estabelecer paralelos importantes com a situação mundial posterior à crise financeira de 2008. Em ambos os períodos, o desenvolvimento das forças produtivas convive com dificuldades persistentes de valorização do capital, de concentração de riqueza, de financeirização, de aumento das desigualdades e de intensificação das disputas entre Estados.

Segundo a ONU Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), o crescimento mundial médio, que antes de 2008 girava em torno de 4,4% ao ano, sofreu, desde então, uma redução superior a 40%, com projeção de crescimento de apenas 2,6% para 2026. A OCDE, por sua vez, estima que a produtividade do trabalho mediana entre seus países membros caiu de aproximadamente 2% ao ano até 2007 para 0,8% em 2024. A produtividade multifatorial, indicador relacionado à composição orgânica do capital, apresentou retração ainda mais expressiva, passando de 1,5% ao ano para –0,3% no mesmo período.

A extraordinária revolução tecnológica em curso — marcada pelas tecnologias de informação e comunicação, pela economia de plataformas, pela inteligência artificial e pela robótica — não tem se convertido em uma aceleração sistêmica da produtividade capaz de reverter a tendência de estagnação. O investimento produtivo permanece limitado, enquanto enormes massas de capital permanecem disponíveis e altamente concentradas, sem condições suficientes para sua transformação em capital produtivo. Ao mesmo tempo, a hipertrofia do sistema financeiro se aprofunda.

A resposta dos Estados capitalistas à crise de 2008 foi, sobretudo, a transferência das perdas às maiorias sociais, trabalhadoras, evitando uma destruição de capital em escala ainda maior e transferindo ao Estado a administração das contradições decorrentes da acumulação privada. A explosão da dívida pública global — que alcançou o equivalente a 93,9% do PIB mundial em 2025 — expressa parte desse processo. Posteriormente, a gritaria generalizada em torno da austeridade fiscal passou a cumprir outra função: distribuir os custos da crise entre os "de baixo" preservando, tanto quanto possível, as condições de reprodução do capital.

Não surpreende, nesse contexto, a redução da participação dos rendimentos do trabalho na riqueza produzida. Segundo os dados apresentados, a Organização Internacional do Trabalho registra uma perda anual superior a US$ 2,4 trilhões na participação global dos rendimentos do trabalho no PIB, ao se compararem os níveis de 2004 e 2024. Enquanto a produtividade, a tecnologia e a riqueza socialmente produzida avançam, uma parcela crescente dessa riqueza é apropriada pelo capital.

Essa contradição é fundamental para compreender a conjuntura política internacional. A Longa Depressão do final do século XIX demonstrou que uma crise capitalista prolongada pode coexistir com crescimento econômico positivo, desde que este seja insuficiente diante da massa de capital que busca valorização. Suas consequências políticas foram profundas: concentração e centralização monopolista, protecionismo, expansão imperialista e, simultaneamente, desorganização social, fragmentação política e crescimento de forças antiliberais, antitrabalhistas, ultraconservadoras e reacionárias.

Dando um salto ao presente, as contradições do capitalismo contemporâneo vêm produzindo, novamente, um cenário de crescente polarização social e política. A ascensão da extrema direita não pode ser reduzida a um fenômeno cultural, comportamental ou eleitoral. Ela se alimenta da crise econômica, da precarização das relações de trabalho e de reprodução da vida, do enfraquecimento dos vínculos coletivos, da fragmentação social decorrente de décadas de neoliberalismo e da destruição da natureza, levando a uma crise climática sem precedentes.

Os eventos climáticos extremos que vêm se multiplicando em todo o planeta — fortes chuvas, enchentes, microexplosões, ondas de calor e outros fenômenos climáticos extremos — evidenciam que a crise ecológica já não pode ser tratada como uma questão futura. Um super El Niño, com previsão de persistência até 2027, já vem causando alterações climáticas ao redor do planeta, marcadas por ondas de calor recordes e inundações. De acordo com a Noaa (Administração Nacional Oceânica e Atmosférica), agência climática dos Estados Unidos, o mês de agosto de 2026 empatou com julho de 2023 como o mês mais quente da história da humanidade.

A persistência de temperaturas globais elevadas e a projeção de que o aumento médio da temperatura alcance 1,5°C ainda nesta década evidenciam os limites e a insuficiência das respostas apresentadas pelos grandes países capitalistas, responsáveis pela crise socioambiental e climática, pautados pela agenda destrutiva imposta pelos lobistas do fossilismo.

O neofascismo é profundamente negacionista diante da crise climática e está diretamente comprometido com os interesses da chamada oligarquia fóssil: as grandes multinacionais do petróleo, do carvão, do gás, da energia, da indústria automobilística e da aviação, entre tantos outros setores vinculados à exploração e ao uso de combustíveis fósseis. Trata-se de um gigantesco bloco de interesses econômicos que atua para preservar seus lucros e garantir a continuidade do modelo de exploração predatório. São esses interesses que exercem enorme poder sobre os Estados e disputam, condicionam e, em muitos casos, controlam as decisões dos governos.

No Brasil, com características distintas, a base do neofascismo está vinculada ao agronegócio e ao setor minerário, sistematicamente privilegiados economicamente por governos de diversas matizes ideológicas ao longo da história política brasileira. O descumprimento dos compromissos assumidos no Acordo de Paris evidencia, assim, o fracasso das respostas construídas sob essa lógica e a profunda incompatibilidade entre a preservação da vida e um sistema orientado pela busca permanente do lucro, da acumulação e da exploração.

A recente tragédia socioambiental no Nepal e no Tibete, assim como os deslocamentos provocados por eventos climáticos extremos — como a população de Vanuatu, considerada a primeira população de exilados climáticos — e a disputa por recursos naturais no Sul Global, expressam uma tendência que deverá se intensificar com o imperialismo ecológico.

Por isso, a luta ecossocialista também deve ocupar lugar central na construção de uma alternativa civilizatória. Não se trata apenas de defender políticas socioambientais dentro dos limites do capitalismo, mas de recolocar a vida acima da lógica do lucro, abandonando a "ideologia do progresso" e de uma crença produtivista. A defesa da ciência pública, da soberania nacional, digital, energética e alimentar, dos territórios e dos povos passa por um programa de transição anticapitalista que precisa integrar o projeto político da classe trabalhadora. O ecossocialismo é a constatação de que o capitalismo é incapaz de resolver a crise ecológica, em particular a da mudança climática.

É nesse terreno que se fortalece o neofascismo. A extrema direita apresenta respostas aparentemente simples para contradições complexas: transforma trabalhadoras e trabalhadores migrantes em inimigos, trabalhadoras e trabalhadores do tráfico em inimigos nacionais, apresenta a crise climática como cíclica, responsabiliza minorias pela crise social, combate direitos trabalhistas, ataca Universidades, Institutos e CEFETs, ciência, cultura, artes e movimentos sociais e canaliza a insatisfação popular contra setores vulnerabilizados, preservando, entretanto, os interesses estruturais das classes dominantes.

A intensificação das contradições econômicas também amplia a disputa interimperialista. A dificuldade de transformar o desenvolvimento tecnológico em capital produtivo e de recuperar taxas de lucro suficientemente elevadas estimula políticas protecionistas e nacionalistas — em outras palavras, a revolução tecnológica não elimina a crise de acumulação, ao contrário, acentua a disputa entre blocos imperialistas, como os Estados Unidos e a China.

Donald Trump ocupa um lugar central nesse processo. Longe de ser uma aberração individual ou um fenômeno explicado apenas por características contraculturais, sua ascensão expressa contradições estruturais do capitalismo contemporâneo e a reorganização da política imperialista estadunidense. A extrema direita tornou-se, em diferentes países, uma alternativa política para setores do capital diante da crise da ordem neoliberal.

O resultado eleitoral na Alemanha, com a vitória da extrema direita, também deve ser analisado nesse contexto. A fragmentação política e o fortalecimento de forças reacionárias evidenciam a crise das formas tradicionais de representação política e a incapacidade das democracias liberais de responder às contradições geradas pelo próprio capitalismo.

É necessário incorporar o papel de Israel e a luta anticolonial palestina. A política genocida de Israel contra o povo palestino não pode ser tratada como uma questão apartada da conjuntura internacional. Israel ocupa uma posição estratégica nas disputas imperialistas e sua atuação deve ser compreendida em conexão com a reorganização da extrema direita internacional sob o comando de Netanyahu.

A interferência de Israel nos processos políticos se traduz no seu apoio declarado à extrema direita representada por partidos eleitos na América Latina, em países como Argentina, Peru, Chile, Equador, Colômbia e El Salvador. No Brasil, houve a transmissão ao vivo da fala de apoio de Netanyahu durante o comício de Flávio Bolsonaro à presidência. Além de representar uma flagrante interferência na soberania e na democracia no Brasil ela é uma continuação do apoio de Israel ao bolsonarismo como face da extrema direita.

Embora muito tardiamente e em um processo bastante contraditório entre as forças imperialistas, o Reino Unido, a França e mais 10 países anunciaram sanções às colônias estabelecidas por israelenses na Cisjordânia, denunciando que Israel pratica limpeza étnica por meio da expansão colonialista no território palestino. No contexto do governo brasileiro, ainda que com um rebaixamento diplomático, não houve, em que pese a forte pressão social, rupturas de acordos econômicos ou de relações comerciais com o país.

Da mesma forma, quanto às crises humanitárias no continente africano, particularmente em regiões como a República Democrática do Congo e o Sudão, em que pese discursos oficiais as reduzirem a conflitos étnicos ou atribuírem a fragilidades democráticas e institucionais endógenas aos países, as situações não podem ser compreendidas sem considerar a disputa pelo controle de minerais estratégicos (como o ouro e quase a totalidade de cromo e platina do mundo) e as diferentes formas de intervenção imperialista, inclusive sob o financiamento das receitas da expropriação de recursos naturais. A insuficiência das respostas e atuações dos organismos internacionais de direitos humanos, bem como o silêncio perturbador sobre os impactos humanitários desses conflitos são parte de um projeto de naturalização histórica desses atos de rapina das riquezas do continente sob o pretexto de serem conflitos "locais".

A violência e o caráter genocida de Estados, especialmente de capitalismo dependente, os deslocamentos forçados e a destruição socioambiental não são expressões alheias ao funcionamento do capitalismo atual: estão relacionadas às disputas por recursos e territórios entre as oligarquias financeiras mundiais e ao alcance de limites intransponíveis da lógica de exploração e acumulação na ordem do capital. A questão migratória também evidencia as contradições dessa ordem. A crise em Ceuta, com milhares de pessoas impedidas de ingressar no enclave espanhol, demonstra como o direito de migrar é subordinado às políticas de controle de fronteiras e à militarização. Ao mesmo tempo em que capitais circulam livremente pelo mundo, trabalhadoras e trabalhadores e populações deslocadas são submetidos a barreiras cada vez mais violentas, sob a tônica da militarização das vidas, o que aprofunda a crise civilizatória e conduz à barbárie.

Brasil no centro da disputa interimperialista

Sob a liderança de Donald Trump, o imperialismo estadunidense tem conseguido eleger seus candidatos à presidência na América Latina, assim o Equador (2025), a Bolívia (2025), Honduras (2025), o Chile (2025) o Peru (2026) e a Colômbia (2026) elegeram candidatos de direita ou centro-direita que se somaram aos governos de El Salvador e à ação de sequestro do presidente da Venezuela Nicolás Maduro e da deputada Cilia Flores. Além disso, a política de Trump encontra amparo no governo da Argentina com Javier Milei e intensifica o bloqueio econômico a Cuba, agravando a crise social no país. Esse cenário coloca o Brasil no centro da disputa imperialista na América Latina, por sua importância econômica e geopolítica.

Nesse sentido, chama atenção a declaração do secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, sobre a importância de uma interferência drástica na eleição do Brasil, bem como as recentes visitas que fez à Colômbia, Peru e Equador, que não deixam dúvidas quanto aos interesses que o país tem sobre a América Latina, inclusive reeditando uma doutrina de total ingerência estadunidense na região.

Nessa perspectiva, o que está em jogo é a soberania do nosso país, uma vez que a tentativa de hegemonizar as políticas dos governos no continente latino-americano tem a ver com os interesses do imperialismo e do grande capital internacional, na perspectiva de dar uma resposta à crise econômica.

O Brasil ocupa uma posição estratégica nesse cenário. A disputa por recursos naturais, minerais críticos e energia, coloca o país no centro das disputas interimperialistas. A aprovação de Lula da exploração de petróleo e gás na Margem Equatorial, uma estratégia de "concessão" para repactuar com o Senado, assim como a aquisição de terras relacionadas à exploração de terras raras por empresas chinesas e

estadunidenses, evidencia as contradições impostas à soberania. A disputa não se restringe aos recursos naturais: envolve também a soberania nacional e a soberania digital.

Nesse contexto, a conjuntura eleitoral brasileira está atravessada por uma profunda crise institucional. Os conflitos mais recentes envolvendo o Supremo Tribunal Federal (STF), o Banco Master, o afastamento do diretor-geral da Polícia Federal por decisão de André Mendonça e as controvérsias envolvendo Alexandre de Moraes demonstram que as instituições do Estado estão submetidas às contradições e disputas políticas entre diferentes frações das classes dominantes.

Nossa posição deve ser de independência de classe. Não podemos naturalizar as instituições burguesas como se fossem neutras ou estivessem acima da luta de classes. O STF pode ter desempenhado um papel importante na contenção da tentativa de golpe e na responsabilização dos envolvidos nos ataques de 8 de janeiro de 2023, mas isso não o torna uma instituição que represente os interesses da classe trabalhadora e dos grupos oprimidos. É preciso reconhecer as contradições sem cair em qualquer uma das duas armadilhas: de um lado, a narrativa da extrema direita, que pretende utilizar a crise institucional para legitimar o golpismo e a anistia dos responsáveis pela tentativa de ruptura democrática; de outro, a ideia liberal de que as instituições do Estado estariam acima dos interesses de classe.

Sabemos que as eleições nacionais são um momento de uma disputa muito mais profunda e longa de um projeto de país que está em curso, mas não se pode negar, especialmente no contexto de 2026, que constituem, entretanto, uma disputa concreta que não pode ser secundarizada de modo algum. A possibilidade de retorno da extrema direita ao governo federal representa uma ameaça real às liberdades democráticas, às universidades, aos direitos sociais e à organização da classe trabalhadora e nos coloca imensos desafios. A derrota eleitoral da extrema direita é, portanto, uma necessidade política.

Mas não pode significar a suspensão da independência de classe ou a adoção de uma postura acrítica em relação ao governo Lula/Alckmin e à continuidade de uma política econômica pautada na ortodoxia neoliberal, fragilizando a efetividade de direitos sociais sob a nova roupagem do arcabouço fiscal. O terceiro governo Lula opera dentro dos limites da institucionalidade burguesa e responde às contradições colocadas pela extrema direita também por meio dessa institucionalidade. A experiência dos últimos anos demonstra que uma vitória eleitoral do campo progressista não foi suficiente - e não se contrapôs, efetivamente - para desmontar as estruturas políticas, econômicas e ideológicas construídas por décadas de neoliberalismo, por meio do social-liberalismo característico do petismo.

A extrema direita não desaparece com a derrota de um candidato. Ela continuará organizada social, cultural e institucionalmente. E continuará encontrando terreno fértil enquanto permanecerem as condições materiais que alimentam o descontentamento social. É justamente por isso que o compromisso classista precisa orientar nossa ação.

Resistência vigilante diante da ofensiva conservadora nas Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras

Como espaços sociais vivos e dinâmicos que são, as Universidades, Institutos e CEFETs encontram-se historicamente em disputa. Contrariando seu "projeto original" de educação para as elites e para perpetuação de um projeto de poder excludente e de caráter dependente, nosso sindicato compõe o campo de forças políticas que negritam o papel das nossas instituições na produção de cidadanias ativas e de conhecimentos e tecnologias emancipatórios, voltados ao bem-estar e qualidade de vida da classe trabalhadora e grupos oprimidos no Brasil.

O projeto de neoliberalização das vidas apresenta impactos muito significativos em nossas Universidades, Institutos e CEFETs nas últimas décadas e compõe um projeto mais amplo de desmonte dos direitos sociais, redução do papel do Estado e avanço dos interesses privados nas instituições de ensino superior públicas.

A ofensiva da extrema direita contra as instituições de ensino superior públicas e a ciência agudiza esse cenário ao atacar a autonomia universitária, a liberdade acadêmica, o financiamento público e a própria legitimidade da ciência, disseminando o negacionismo científico, a desinformação e a cultura do ódio, marcada por misoginia, racismo, sexismo e capacitismo. Esse projeto favorece a submissão da produção do conhecimento à lógica do mercado e às demandas do capital, vinculada a uma ideologia neofascista de descrédito e deslegitimação dos espaços universitários, da organização estudantil e sindical e,

sobretudo, do conhecimento produzido nas instituições de ensino superior públicas, responsáveis por quase 95% da ciência e pesquisa brasileira.

Assim, a ofensiva da extrema direita, a pressão dos Estados Unidos e de forças imperialistas e a agenda eleitoral de 2026 ocorrem em um contexto de disputa pelos rumos do Estado brasileiro e por sua capacidade de definir, de forma autônoma, suas prioridades econômicas, sociais, científicas e tecnológicas.

Nesse cenário, **defender a universidade pública é também defender a soberania nacional**. Universidades e instituições públicas de pesquisa são fundamentais para a produção autônoma de conhecimento, o desenvolvimento de tecnologias estratégicas e suas aplicações às necessidades sociais e ambientais do país, sem subordinação aos interesses de potências capitalistas ou do capital internacional. A proximidade das eleições reforça a necessidade de enfrentarmos projetos que combinam autoritarismo, privatização, desmonte dos serviços públicos e subordinação dos interesses nacionais aos interesses do capitalismo internacional.

E é justamente como parte da tradução dessa necessária política, aprovada em suas linhas gerais no 69º CONAD, que o ANDES-SN lançou o documentário "Educação e Ciência por um Brasil que dá certo" em meados de setembro de 2026, como parte da Campanha "Lutar não é Crime", inaugurada em 2024 em defesa do direito de greve e contra a criminalização das lutas da categoria docente. Neste novo capítulo da Campanha, o enfoque está nos cada vez mais frequentes ataques, ideológicos e materiais, da extrema direita às instituições de ensino superior públicas, Institutos e CEFETs e à parte mais identificada a "ideias progressistas" no seio de sua comunidade.

Contando com a participação de lideranças estudantis e sindicais, personalidades públicas e com o depoimento de brasileiras e brasileiros cujas vidas são impactadas, cotidianamente, pelo ensino superior e pela ciência, a exibição do documentário visa ser veículo de aglutinação e propaganda para combater essa avalanche de ataques e reforçar para a população brasileira que a educação superior e a ciência são peças fundamentais na transformação da nossa realidade.

Em que pese todo o cenário drástico de fragilizações vivenciado pelas instituições de ensino superior públicas brasileiras, conforme narrado acima, convém destacar que o avanço do conservadorismo e das expressões autoritárias se manifesta, concomitantemente, nas instâncias internas às instituições de ensino superior públicas, promovidos entre seus pares e por meio de seus órgãos administrativos. E isso se dá por mecanismos, sutis ou não, de criminalização de docentes, mediante perseguição, com o uso político de Investigações Preliminares Sumárias (IPS), Processos Administrativos Disciplinares (PADs) e outros instrumentos, especialmente contra aqueles que atuam na defesa das liberdades democráticas, das ações afirmativas e dos direitos humanos. A utilização do aparato administrativo para intimidar, silenciar ou punir docentes por suas posições políticas constitui uma grave ameaça à autonomia universitária. A atuação da Comissão Nacional de Enfrentamento à Criminalização e Perseguição Política a Docentes tem sido cada vez mais demandada e central nos devidos enfrentamentos a serem feitos.

Assim, a autonomia universitária não pode existir apenas como princípio. Ela precisa significar liberdade efetiva para ensinar, pesquisar, produzir conhecimento, organizar-se politicamente e defender direitos sem sofrer perseguição ideológica e institucional. As instituições de ensino superior públicas estão hoje submetidas a uma ofensiva que combina restrições orçamentárias, avanço do conservadorismo, uso político-criminalizador de mecanismos administrativos, privatizações indiretas e dependência de emendas parlamentares.

Quanto a esse último aspecto, o crescimento da dependência das instituições de ensino superior públicas em relação às emendas parlamentares também deve ser compreendido como parte desse processo. A redução do financiamento público e o contingenciamento orçamentário ampliam a vulnerabilidade das instituições diante de interesses políticos externos, criando mecanismos de pressão sobre reitorias, conselhos universitários e comunidades acadêmicas em geral.

O desmonte orçamentário das instituições de ensino superior e pesquisa públicas não é, portanto, apenas um problema da categoria docente: é uma ameaça à capacidade do país de formular seu próprio projeto de desenvolvimento e de soberania.

O papel do ANDES-SN na atual conjuntura e a necessidade de unidade

A cada ano que passa, temos anunciado que a conjuntura de momento é uma das mais duras vividas por nossa classe. Dessa vez não é diferente, e é ainda mais alarmante, exigindo de nós uma resposta com organização, mobilização e atuação em nossos locais de trabalho e nos espaços políticos de organização social popular.

Diante da crise da esquerda, da evidente derrota ideológica diante do neoliberalismo e da própria fragmentação social produzida pelo capitalismo, precisamos recuperar nosso humanismo revolucionário e nossa crença na possibilidade de transformação radical da realidade. Construímos a história através de suas condições concretas e temos, igualmente, capacidade de recontá-la e redirecioná-la. Se é esse o sentido da crença em nossa capacidade de apertar o "freio de emergência" do trem capitalista desgovernado que nos move, temos que assumir a responsabilidade de enfrentar o divisionismo e o clima fratricida que tendem a limitar nossas possibilidades de atuação sindical.

É preciso fortalecer o sindicato nacional como instrumento de organização e luta da classe trabalhadora, isso exige enfrentar nossas próprias dificuldades, construir unidade na diversidade e reconhecer que nossas diferenças não podem se transformar em obstáculos à luta contra a extrema direita. A unidade que precisamos construir não é uma unidade sem diferenças. É uma unidade política voltada à defesa dos interesses da classe trabalhadora, da universidade pública, dos serviços públicos, da democracia, da ciência, das liberdades democráticas e da superação do capitalismo ecocida.

A conjuntura exige que o sindicato esteja nas ruas, no chão da sala de aula e também na disputa política mais ampla. As redes sociais são instrumentos importantes, mas não substituem a organização coletiva. E foi nesse sentido que o ANDES-SN, em consonância com as deliberações do 69º CONAD, orientou suas seções sindicais, secretarias regionais, diretoras e diretores a participarem da criação, da construção e do fortalecimento de comitês e frentes em defesa da democracia e dos direitos da classe trabalhadora.

O período que se abre será marcado por uma disputa política intensa. A extrema direita seguirá tentando ocupar o espaço gerado pela crise do capitalismo, pelo desgaste das instituições e pela fragmentação social. O imperialismo continuará disputando recursos, territórios e mercados. A crise socioambiental seguirá se aprofundando. E as instituições de ensino superior públicas continuarão sendo territórios estratégicos dessa disputa.

Nossa tarefa é impedir que os "farsantes" de hoje apresentem, sob novas roupagens, as mesmas tragédias que o capitalismo já produziu no passado. Isso significa derrotar a extrema direita eleitoralmente, mas também construir as condições políticas e sociais para derrotar o projeto que a alimenta. Significa defender o ensino superior público, a ciência e a tecnologia como instrumentos de soberania e transformação social. Significa enfrentar o racismo, o machismo, a LGBTfobia, a xenofobia e todas as formas de opressão enraizadas para espoliar, explorar e fragmentar a classe trabalhadora. Significa também reafirmar a luta ecossocialista diante da crise ambiental e construir uma perspectiva de sociedade na qual a reprodução da vida esteja acima da produção do lucro.

O desafio colocado ao ANDES-SN é, portanto, maior do que uma disputa eleitoral ou institucional. É contribuir na reconstrução da capacidade de organização da classe trabalhadora em um período de crise estrutural do capitalismo, avanço do imperialismo e crescimento da extrema direita. Precisamos atuar nas ruas, nas urnas e nos locais de trabalho, sem abrir mão da autonomia e da independência de classe. Precisamos enfrentar a extrema direita sem naturalizar as instituições burguesas. Precisamos pautar criticamente os governos sem abandonar a luta e a nossa identidade de classe. E precisamos fortalecer nossa unidade interna sem apagar nossas diferenças.

É dessa combinação entre **independência de classe, unidade na diversidade, mobilização e organização concreta** que poderá emergir uma resposta capaz de enfrentar a conjuntura e construir uma alternativa política para além dos limites impostos pelo capitalismo.

TEXTO 2

Contribuição das(os) sindicalizadas(os):Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita de Cássia Machado (SINDUEA); Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).

ELEGER LULA PRESIDENTE PARA FAZER UMA REFORMA RADICAL DO SISTEMA POLÍTICO E ABRIR O CAMINHO PARA UMA CONSTITUINTE SOBERANA QUE ATENDA AS REIVINDICAÇÕES DO POVO

TEXTO DE APOIO

Às vésperas de uma eleição presidencial onde a candidatura Lula enfrenta a candidatura identificada com os interesses do imperialismo e do grande capital de Flávio Bolsonaro, a situação política no Brasil nesta segunda quinzena de setembro está marcada pelo aprofundamento da crise das instituições, cujo ponto mais avançado é a crise do Supremo Tribunal Federal (STF), mas que engloba também o Congresso Nacional (congresso "inimigo do povo") e as demais instituições. O resultado das eleições presidenciais terá consequências para todo o continente onde é crescente a interferência do governo Trump para garantir os interesses do capital de seu país.

A crise do imperialismo, cujo centro é a crise do imperialismo norte-americano, ainda o mais forte, resulta no aprofundamento dos ataques aos direitos e garantias, às conquistas dos trabalhadores e dos povos, e à soberania, desde os países centrais até os países semicoloniais, como aqueles da América Latina. Uma expressão desses ataques e pressões é o chamado Escudo para as Américas, mecanismo de controle político e militar que o governo Trump impõe sobre diferentes países do continente em sua disputa com a China. É uma guerra do capital contra os direitos e contra os povos, uma guerra social e uma guerra *mano militari*. Como consequência e como destacam os jornais, as guerras estão se espalhando por todas as regiões do mundo no maior número desde o final da Segunda Guerra Mundial. Da Ucrânia ao Irã, da Palestina ao Sudão, a guerra é o motor da economia capitalista na atualidade. A

guerra, que tende a se generalizar como apoio dos imperialismos europeus, pesa então sobre os serviços públicos no mundo todo e sobre o custo de vida.

Com efeito, na linha de frente desses ataques está o governo Trump, liderando a ordem capitalista em crise e buscando disciplinar as demais burguesias aos interesses do capital norte-americano, o que gera tensões que se espalham pela Europa, pela Ásia e por toda a América. Dentro dos Estados Unidos Trump é incapaz de cumprir as promessas de campanha, de promover a reindustrialização, trazer de volta os empregos, supostamente tornar a América grande novamente e isolar o país com o bloqueio à imigração. Sem conseguir cumprir as suas promessas de campanha Trump tem a sua popularidade em queda.

De outro lado a resistência dos trabalhadores e dos povos se amplia. Nos Estados Unidos a greve geral de Minneapolis expulsou o ICE, a polícia racista de Trump que ataca os direitos dos imigrantes, assim como no terreno eleitoral cresce a força do DSA como representação independente dos trabalhadores em construção. Em outras regiões do mundo também cresce a resistência, como mostram a continuidade da luta do povo palestino nas mais degradantes e violentas condições diante da continuidade dos ataques de Israel, as manifestações na Europa contra a guerra ou os bloqueios que mobilizam o povo boliviano contra os planos do governo de Rodrigo Paz.

O Brasil, maior economia e país politicamente mais importante da América Latina, vive um momento difícil, cujo centro é a crise das instituições de Estado cada vez mais apodrecidas e a sua incompatibilidade com as demandas do povo. Esse quadro se agravou no período recente com o caso do Banco Master, que revelou o envolvimento de parlamentares do Congresso Nacional, de ministros do STF e do procurador geral da república naquele que é considerado o maior escândalo financeiro da história do país, cuja dimensão ainda está por ser devidamente avaliado e que, entre outras fraudes, consumiu dinheiro de fundos de pensão de diversos estados e municípios (entre os quais três bilhões do Rio de Janeiro e 400 milhões do Amapá), tornando incerta a aposentadoria de dezenas de milhares de pessoas, além de ter consumido bilhões de reais de bancos oficias e de diferentes instituições de crédito.

No mesmo momento em que estava sendo revelado o escândalo do Banco Master o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, adiou para depois das eleições a votação da PEC do fim da escala 6x1 e redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, ainda que essa proposta tenha o apoio de 75% da população. Alcolumbre, também citado no escândalo do banco Master, atendeu aos apelos dos empresários e banqueiros, representados por senadores, entre os quais está Flávio Bolsonaro, candidato a presidente da República que recebe o apoio desses empresários e banqueiros, além do governo Trump.

Ao mesmo tempo está aumentando a pressão dos bancos e especuladores, junto com a imprensa que lhes dá cobertura, pelo corte dos investimentos do governo federal nos serviços públicos, nas condições de trabalho e nos salários dos servidores públicos, defendendo o aprofundamento das medidas previstas no Novo Arcabouço Fiscal (NAF), a desvinculação dos recursos da Saúde, da Educação e a desindexação do salário mínimo, além de uma nova reforma da previdência. De outro lado, no STF está em curso o julgamento de ação vinculante liberando a pejotização nas empresas, cuja aprovação vai de fato acabar com a legislação trabalhista para amplos setores da economia e fragilizar ainda mais a relação dos trabalhadores diante dos patrões, além de trazer sérias consequências para a previdência social.

Essas instituições apodrecidas facilitam o aprofundamento dos ataques aos direitos e garantias do povo trabalhador, inclusive colocando em risco a soberania do país, porque são o resultado de um sistema político estruturado para servir aos interesses da burguesia e do imperialismo, de uma minoria cuja continuidade só aumenta o sofrimento do povo e que precisa ser mudado de alto a baixo para servir à maioria. Do ponto de vista da democracia a saída é dar a palavra ao povo para que este, soberanamente, decida que instituições o país deve ter para que tenha as suas reivindicações e direitos garantidos. Essa saída democrática é a constituinte soberana e exclusiva, alternativa que o Brasil não teve desde que se constituiu como país independente. Uma constituinte soberana e exclusiva que revogue o teto de gastos (NAF), que revogue a reforma trabalhista e a reforma da previdência, que aprove o fim da escala 6x1, que reestatize as empresas privatizadas, que institua o imposto sobre as grandes fortunas e sobre os ganhos especulativos, que destine recursos para a saúde, a educação, que demarque as terras indígenas e quilombolas, entre outras medidas que atendam às demandas do povo.

No entanto, o sistema político atual está estruturado para manter as atuais instituições, se constituindo de fato como um obstáculo para que se garanta a soberania popular e acentuando a contradição entre a defesa dos interesses da população e a sua representação política. Dessa forma a necessidade de uma reforma política radical deve ser colocada na ordem do dia, garantindo que nos processos eleitorais

tenhamos pelo menos o voto em lista partidária pré-ordenada, a consigna um homem um voto e acabando com as distorções nas representações dos Estados, e instituindo o financiamento público exclusivo das campanhas com um teto. Além dessas medidas mínimas é imperioso pôr fim às emendas parlamentares, esse instrumento institucional de compra de votos e de corrupção que se alastrou pelo país, aprofundando as distorções e impedindo de fato a equidade na disputa da representação política.

É nesse quadro que se realizam as eleições presidenciais deste ano, em que duas candidaturas de fato disputam os rumos do país e exigem das organizações dos trabalhadores e do povo uma definição de qual rumo seguir. Essa definição é necessária diante da ameaça que pesa sobre a classe trabalhadora representada por uma eventual vitória de Flávio Bolsonaro, cuja candidatura expressa diretamente os interesses do imperialismo e da burguesia nacional submetida, dos banqueiros, dos grandes empresários e do agronegócio. O próprio candidato já manifestou a intensão de convidar uma representação dos Estados Unidos para compor a sua equipe de transição no caso de uma eventual vitória.

Os demais candidatos da direita são de fato candidatos com programas bolsonaristas que servem de cobertura para a candidatura principal, atuando de forma constante no ataque à candidatura Lula com o objetivo de enfraquecê-la e facilitar o caminho para a candidatura principal, ainda que possam em alguns momentos tecer críticas a Flávio Bolsonaro.

Eleito em 2022 com pequena margem de votos sobre Jair Bolsonaro, após grande participação das organizações dos trabalhadores no segundo turno, o governo Lula acabou emparedado e se adaptando às instituições do país, como apontamos acima, estruturadas para servir aos interesses de uma minoria e que se revelam cada vez mais instituições anti-povo. Em particular o Congresso Nacional, dominado por uma maioria de deputados e senadores identificados com os interesses dos bancos, dos grandes empresários e do agronegócio, mobilizados por diferentes mecanismos de manipulação que vão das emendas parlamentares ao uso de igrejas, se constituiu de fato como um congresso anti-povo, como um poderoso anteparo aos direitos e reivindicações que só pode ser superado por intensas mobilizações e em determinados momentos. Isso ficou evidente neste ano eleitoral, na tramitação da PEC do fim da escala 6x1, aprovada na Câmara dos Deputados após grandes mobilizações, mas barrada no Senado onde impera de forma ostensiva os interesses do grande capital.

Apesar desse obstáculo e sem realizar as reformas estruturais requeridas, o governo Lula retomou programas sociais e devolveu parte dos direitos perdidos no período posterior ao golpe de 2016, sem que, no entanto, tenha revogado as reformas aprovadas nesse período, em particular as reformas trabalhista e da previdência. A manutenção da política econômica assentada no teto de gastos, com o Novo Arcabouço Fiscal (NAF), manteve o torniquete sobre o orçamento e vai acentuando a sangria dos recursos públicos, direcionados para o pagamento da dívida pública em detrimento do atendimento das necessidades da população.

É desse torniquete sobre o orçamento federal que vem o arrocho sofrido pelas universidades e institutos federais, cujas direções tem cobrado do governo Lula uma mudança na política econômica que retira recursos da educação superior e tecnológica em benefícios dos bancos e especuladores, estrangulando as instituições educacionais e comprometendo a Ciência e a Tecnologia nacional. No entanto, a grande maioria dessas direções das universidades e institutos e centros federais reconhecem os avanços obtidos com o governo Lula, notadamente na retomada da democracia e da autonomia das instituições.

É também nesse torniquete que está o impedimento para o atendimento das demandas do(a)s servidore(a)s, cujo acorde da greve de 2024 ainda não foi completamente atendido.

Mas é o governo Lula, cuja sobrevivência depende da resistência aos ataques e pressões do imperialismo, sofrendo retaliações cujo ponto de destaque são as tarifas do governo Trump sobre produtos brasileiros articulada por Educardo Bolsonaro em sintonia com seu irmão candidato a presidente, a caracterização das organizações criminosas do Brasil como organizações terroristas e as seguidas provocações do Departamento de Estado contra o governo, inclusive com a retirada do visto da própria embaixadora do Brasil nos Estados Unidos.

Nessas condições é a candidatura Lula aquela que permite aos trabalhadores e ao povo seguir a luta em defesa de seus direitos e reivindicações em melhores condições e a única que pode derrotar a candidatura pró-imperialista de Flávio Bolsonaro. Diante do bloqueio representado pelo apodrecimento das instituições do país, cuja crise é evidente hoje, a vitória e Lula pode abrir o caminho para que, se apoiando nas mobilizações populares, possamos realizar uma reforma radial no sistema político, na via

de uma constituinte soberana que atenda as reivindicações e faça as reformas que o país precisa do ponto de vista da maioria do povo.

Por isso engajar na campanha pela eleição de Lula desde o primeiro turno é a tarefa da hora de todos e todas. É imperioso que as organizações dos trabalhadores se lancem na campanha agora, munidos de uma pauta de reivindicações a ser defendida no calor da disputa junto com a candidatura Lula e como instrumento de diálogo com sua base, como fizeram centenas de docentes que entregaram à campanha de Lula uma carta de compromissos, como apoio do Fórum Renova ANDES.

Lamentavelmente o último CONAD decidiu não apoiar a eleição de Lula desde o primeiro turno, o único candidato em condições de enfrentar e derrotar a candidatura de Flávio Bolsonaro, deixando o ANDES-SN isolado em relação aos demais sindicatos e federações da Educação (além da esmagadora maioria das organizações dos trabalhadores) em relação às eleições presidenciais, decisão que flerta com o erro político cometido pelo sindicato quando do período do golpe de 2016.

No entanto, muitas seções sindicais do ANDES-SN, sentindo o perigo representado pela candidatura pró-imperialista de Flávio Bolsonaro, vem aprovando em assembleias de base o apoio e chamando o voto em Lula presidente desde o primeiro turno, o que acaba fazendo com que a base aprume o sindicato diante do erro de sua direção.

Derrotar nas urnas o candidato de Trump por meio do voto Lula desde o primeiro turno é também o primeiro ato da luta pós-eleitoral por uma reforma política radical, que abra a perspectiva de novas instituições, que reflitam efetivamente a soberania popular com vistas à soberania nacional, à democracia e ao atendimento das reivindicações populares.

TEXTO 3

Contribuição das(os) sindicalizadas(os):Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva (Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).

A CENTRALIDADE DA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO, CONTRA A EXTREMA-DIREITA E POR UM ANDES-SN MAIS AMPLO, COMBATIVO E DEMOCRÁTICO

TEXTO DE APOIO

Gostaríamos de iniciar este texto registrando que não vemos contradição alguma em discutir o aprimoramento das questões organizativas do ANDES-SN e as tarefas de análise e de incidência política sobre a conjuntura. Entendemos, por outro lado, que a capacidade organizativa do Sindicato Nacional tem consequências decisivas para sua capacidade de construir as lutas que a conjuntura exige. Então, iniciamos saudando o 16º Conad Extraordinário e a militância que se fará presente, entendendo que esse é um espaço importante de construção política no nosso sindicato.

O imperialismo e a crise do capital

Este Conad se dá em uma conjuntura progressivamente desafiadora, que tem exigido da militância deste sindicato a capacidade de análises de conjuntura que apontem para os determinantes centrais do conjunto de crises que enfrentamos. A crise estrutural do capital manifesta o próprio sistema como um sistema de violência aberta, de pilhagem, de chantagens e de aventuras neocoloniais. Diante do esgotamento das fronteiras de valorização do valor e da disputa intraburguesa por mercados consumidores e minerais críticos, o imperialismo estadunidense segue oferecendo o que sempre ofereceu ao mundo, desde sua ascensão imperial: militarização e guerras, controle tirânico sobre a economia mundial e ameaça constante à soberania dos povos.

Desde que assumiu o seu segundo mandato, Trump e os setores da burguesia estadunidense intensificaram os teatros de guerra ao redor do mundo. Somada vergonhosamente a essa intensificação está a crescente subordinação da Europa à OTAN e aos seus gastos de guerra. Isso em um cenário de ampliação da presença de setores do capital tecnológico estadunidense nas campanhas e nos governos da extrema direita europeia - de Reform UK à AfD, que em breve irá encabeçar o primeiro governo estadual de extrema direita na Alemanha desde o Terceiro Reich. A burguesia imperialista, como é sabido, quando não consegue governar pelo consenso liberal, recorre ao fascismo e passa a aplicar em casa o tipo de política que, historicamente, já aplica na pilhagem exterior. Mas os povos do mundo seguem resistindo diante de tamanha ofensiva.

No Sahel, por exemplo, o colapso da hegemonia francesa no Mali, em Burkina Faso e no Níger, e o rompimento desses países com a Cedeao abriram um novo processo anticolonial de disputa em torno da sua soberania. No centro dessa disputa está a questão do controle dos minerais raros, tão cobiçados por Washington e seus parceiros imperialistas. Cenário que se repete para além do Sahel, com a República Democrática do Congo, rica em muitos desses minerais, também no centro da ofensiva ocidental. O discurso do "extremismo islâmico" e da "segurança regional" opera como subterfúgio para as aproximações cada vez mais perigosas dos interesses imperialistas de dominar as cadeias de suprimento e os povos da periferia do capital. Em situação mais agravada em termos de perdas humanas estão o Sudão e o leste congolês. A guerra entre as Forças Armadas Sudanesas e as Forças de Apoio Rápido (RSF) dura mais de três anos, com pelo menos 14 milhões de deslocados e muitos milhares de mortos. Como sócios menores dessa brutalidade estão os Emirados Árabes Unidos, a partir de seu apoio às RSF, e os apelos humanitários da ONU, performáticos e insuficientes, que propõem, junto com os EUA, um processo de "pacificação" que, na prática, é a normalização do conflito e a intensificação das tensões para garantir a regularização da pilhagem ocidental sobre a região.

Na Ásia ocidental, especialmente no Levante, observa-se o mesmo método de pilhagem, de guerras e de limpeza étnica. O genocídio do Estado sionista de Israel contra a população de Gaza tornou-se um modelo exportável. No Líbano, mesmo sob "cessar-fogo", os bombardeios prosseguem diariamente seguidos de um processo de despejo e desterritorialização das populações do sul do país. Por sua vez, a agressão contra o Irã revelou tanto a brutalidade quanto o limite dessa política. Trump não alcançou nenhum dos objetivos declarados: a capacidade de defesa iraniana permaneceu intacta, a soberania do país foi reafirmada e a alardeada "mudança de regime" não ocorreu. Isso demonstra que, apesar da sua brutalidade, o imperialismo tem sofrido derrotas. Mas sabemos que sua derrota definitiva só se dará pela

resistência dos povos e pela organização dos trabalhadores e trabalhadoras dos países agredidos e das nações do sistema imperialista. Enquanto isso não se dá, a fatura da guerra é paga pela classe trabalhadora.

É essa mesma classe trabalhadora que sofre os efeitos mais intensos da crise ambiental do capital. Ao mesmo tempo em que o complexo militar-industrial dos Estados Unidos é o maior emissor individual de gases de efeito estufa do planeta, uma dúzia de empresas responde por grande parte do desmatamento global. Ou seja, o bilionário médio e o imperialismo são responsáveis por emissões infinitamente superiores às do conjunto da classe trabalhadora, que paga a conta de mais essa crise e de seus efeitos catastróficos. É também no saldo político da burguesia e do imperialismo que devemos situar o avanço das *big techs* e o seu poder sobre a soberania dos povos. As transformações tecnológicas são um elemento da conjuntura que incide sobre a base material da sociedade. Por meio da aliança obscurantista entre o setor da alta tecnologia e os governos de extrema-direita - em especial os dos EUA -, vemos a nossa sociabilidade e as relações de produção serem fundamentalmente reorganizadas a partir do interesse das big techs, alimentando o movimento conservador, manipulando eleições e operando uma captura desenfreada dos nossos dados sensíveis. Não há dúvida de que as novas tecnologias têm impactado o trabalho docente, intensificando sua precarização e plataformização. E é no desespero da sua própria crise e das derrotas que o capitalismo e o imperialismo lançam mão, cada vez mais, desses instrumentos de controle.

Contido ou derrotado em outras frentes, o imperialismo estadunidense naturalmente se volta para a América Latina com métodos clássicos de dominação pela força. O enquadramento de organizações criminosas como “terroristas" por Washington não é uma tecnicidade jurídica. A caracterização funciona como subterfúgio para novas ingerências sobre a soberania popular, o mesmo método, embora com um arsenal diferente, da ofensiva militar sobre os países do Caribe, do bloqueio criminoso e genocida contra Cuba e da agressão neocolonial contra a Venezuela. Se a América Latina é alvo, nossa resposta precisa se dar em unidade dos povos em luta contra o imperialismo, não defendendo a “soberania nacional” em abstrato, como o faz o campo governista no Brasil. A soberania que defendemos é a soberania dos povos, e entendemos que o ANDES-SN tem um papel fundamental na batalha das ideias, cujos contornos são traçados pela conjuntura complexa em que nos encontramos.

Nesse sentido, saudamos mais uma vez a adesão do ANDES-SN às campanhas em defesa de Cuba revolucionária, contra as ameaças à Venezuela e em defesa da Palestina, contra o genocídio em Gaza, em defesa do povo haitiano (o primeiro povo a romper de forma revolucionária com a escravidão negra). Mas entendemos que é preciso seguir firme e fazer mais, ajudando a aprimorar os instrumentos da nossa classe para a disputa posta entre a soberania popular e o imperialismo. Nossa luta internacionalista precisa ocupar o cotidiano das seções do ANDES-SN, dando materialidade ao conjunto de deliberações nesse sentido que a categoria tem aprovado sucessivamente nos congressos e conads.

O Brasil e a luta contra a extrema-direita

A conjuntura nacional ajuda a traduzir os elementos mais salientes desse cenário. Chegamos ao último ano de um governo de conciliação de classes que administra o Estado burguês sem incomodar os ganhos da burguesia: não revogou o arcabouço fiscal, não enfrentou o rentismo, não reverteu as contrarreformas e não alterou a saqueadora política de juros que transfere bilhões do fundo público para os banqueiros. Isso faz com que a classe trabalhadora perca progressivamente a identidade com o campo democrático popular e que a extrema direita, já dotada de hegemonia parlamentar, de base social organizada e de respaldo aberto do imperialismo, vire uma alternativa eleitoral viável para amplos setores da classe trabalhadora, massacrada pelas políticas neoliberais. Quando da realização deste Conad, as eleições já terão passado e, mesmo convictos da necessidade de impor mais uma derrota à extrema-direita e ao bolsonarismo nas urnas, sabemos que a tarefa de disputar a consciência da classe trabalhadora seguirá na ordem do dia. E o ANDES-SN desempenha um papel central nessa tarefa.

Assistimos, nos últimos dias, a uma sucessão de escândalos envolvendo o Banco Master, seu proprietário, Daniel Vorcaro, e inúmeras personalidades da política nacional, grandes empresários, juízes, ministros do STF, governadores de estados ligados à extrema-direita bolsonarista e parlamentares de diversos partidos. A população brasileira não se surpreende, faz tempo, com esse show de horrores que inunda os noticiários envolvendo a economia, a política e o mundo jurídico do país. As disputas desse caso têm ramificações profundas e dizem respeito às disputas pelo poder entre as frações da

burguesia. Vorcaro não é um "caso isolado": as conexões entre a grande burguesia - especialmente o capital financeiro, mas não só ele - com o crime organizado e a política institucional burguesa são estruturais.

Como já dizia o velho camarada Karl Marx, "o Estado burguês é o comitê gestor dos negócios da burguesia". Ao mesmo tempo em que esse Estado cria mecanismos de controle social, político, econômico e jurídico, a concorrência e as contradições entre os diferentes setores das classes dominantes resultam em frequentes crises políticas dessa ordem burguesa, vindo à superfície, os atos e ações de saque, roubo e uso do patrimônio público, que atendem fundamentalmente à classe dominante, resultando num duplo assalto as trabalhadores e trabalhadoras, através da exploração direta e da corrupção e sucateamento dos serviços públicos.

Desse cenário, surgem teses neofascistas de que vivemos numa ditadura do judiciário e de que o STF é a causa de todos os males da sociedade brasileira. Trata-se de pura demagogia oportunista e de uma cortina de fumaça para que as teses golpistas ganhem mais corações e mentes. O governo Bolsonaro não se esforçou um milímetro sequer para cortar os privilégios dos altos cargos do Judiciário e do Ministério Público e se aliou ao STF e ao Judiciário no desmonte das leis trabalhistas e na ampliação do punitivismo penal que genocida milhares de filhos da classe trabalhadora (especialmente a juventude negra). Os fascistas e falsos patriotas não têm qualquer condição política para oferecer alternativas reais para essa crise política.

Entendemos que não há solução fácil para esse conjunto estrutural de mazelas, malfeitorias e escândalos que envolvem a pilhagem do dinheiro público. Remendos aqui e acolá, promovidos pelos que detêm o poder e estão à frente do governo, não resolverão a raiz do problema, como sugerem os burocratas de plantão e a burguesia. É necessária uma reforma radical e profunda, na qual a classe trabalhadora possa participar ativamente e de forma organizada das decisões em favor do seu próprio destino.

Precisamos denunciar esse quadro de atrocidades que atravessa a República e combater as retóricas salvacionistas e/ou messiânicas, provenientes principalmente dos grupos da extrema direita, que acabam por alimentar soluções arbitrárias e contrárias aos interesses e às necessidades do povo trabalhador. É preciso sempre deixar evidente que as contradições centrais só podem ser superadas com lutas e mudanças radicais, profundas, por meio da construção do poder popular, para que a partir delas se lancem os fundamentos de uma nova ética política e de uma sociedade igualitária, fraterna, solidária e, efetivamente, democrática, a sociedade socialista!

Precisamos travar uma disputa para derrotar a PEC 38/2025, a proposta de reforma administrativa e a política neoliberal que a orienta, mas também precisamos lutar pelo fim da escala 6x1, que tem sido usada como moeda de troca pelos setores conservadores que dirigem o Congresso para emparedar eleitoralmente o governo, tratando o direito à vida, ao descanso e à saúde como mercadoria. O próximo período deve ser, então, de intensificação das lutas por garantia de uma jornada de trabalho de até 30h semanais sem redução salarial, de ampliação do poder de compra dos e das trabalhadoras por meio da valorização do salário mínimo, de ampliar as lutas unitárias no conjunto dos servidores e servidoras pela revogação das contrarreformas, por condições de trabalho para professoras e professores, contra a expansão das formas precárias de contratação, e contra, fundamentalmente, a asfixia orçamentária das universidade, institutos federais e cefets, prato cheio para o avanço do privatismo sobre o ensino público.

Precisamos construir um calendário unificado de lutas e paralisações, e a perspectiva de uma greve unitária com o conjunto do funcionalismo, para disputar a política pela base, travar uma luta em torno de um programa mais avançado para a classe trabalhadora, que una dialeticamente a necessidade de luta em torno da pauta docente e dos interesses mais amplos da nossa classe.

Mas entendemos também que as condições para travar essas lutas de forma vitoriosa não estão dadas. Para que o ANDES-SN incida de forma qualificada nas pautas acima, é preciso que o Sindicato Nacional não apenas tenha capacidade de formular e implementar um plano de lutas para enfrentar a conjuntura, mas também o faça a partir da mobilização e do engajamento da base docente. Entendemos que o debate organizativo no ANDES-SN pode ajudar, por meio do ajuste fino do modo de funcionamento das instâncias do SN e da ampliação de sua democracia interna, a fortalecer a capacidade da categoria docente de formular e dar as respostas necessárias que as graves crises elencadas acima exigem de nós.

Por isso, não entendemos as mudanças organizativas e estatutárias em discussão neste Conad apenas como um assunto burocrático. Pensamos que todas as questões estão inseridas no debate estratégico do

ANDES-SN e do campo classista acerca da nossa capacidade de mobilização junto à base e de ampliar a nossa democracia sindical. Por isso, neste Conad apresentamos um conjunto de propostas que visam, na nossa concepção, a garantir essas duas condições de existência de um sindicato de luta.

Propostas para um ANDES-SN mais amplo, democrático e de luta

Nas nossas propostas, defendemos que um sindicato forte precisa ter nas suas instâncias deliberativas um espaço amplo, plural e acessível a toda a categoria sindicalizada. Entendemos que os Congressos e Conads não devem ser reduzidos; devem garantir a participação de setores cada vez mais amplos e diversos da categoria e devem ter, na construção do seu Plano Geral de Lutas, a expressão da inteligência coletiva dos e das docentes. Por isso, não apenas defendemos que não se restrinja o número de delegados(as) e observadores(as), como também defendemos que os grupos mistos devem ser aprimorados para garantir transparência na sua composição e organização, e não devem ser diluídos em "plenariões" que fracionam cada vez mais a categoria.

Defendemos também que a forma organizativa da diretoria do ANDES-SN e das suas eleições precisam passar por mudanças que julgamos necessárias para o aprimoramento da cultura política do SN. Defendemos isonomia nas condições materiais de participação dos coletivos e militantes independentes nos processos eleitorais do ANDES-SN, com o estabelecimento de um fundo eleitoral para custear as campanhas à diretoria do sindicato. Defendemos também que é necessário ampliar o acesso e a estrutura do processo eleitoral nas bases, com o custeio das eleições pelo caixa nacional para as seções sindicais pequenas.

E, principalmente, propomos que a Diretoria Nacional do ANDES-SN assuma a forma efetiva de uma Diretoria Colegiada, eleita em eleições de base, mas com composição proporcional aos votos das chapas em disputa. Entendemos que a forma presidencialista atual do SN tem sido um fator de desconexão da categoria com o sindicato e, em alguma medida, de desagregação interna da própria força dirigente. A proposta de uma diretoria colegiada, formada por coordenações nacionais e regionais, com tarefas mais socializadas e coletivizadas, visa incidir diretamente sobre a capacidade de enraizamento do ANDES-SN em suas bases, por meio do aprimoramento do papel das regionais e da maior horizontalidade no espaço de direção nacional. Associado a isso, entendemos que a proposta de proporcionalidade na diretoria completa o conjunto de mudanças necessárias ao fortalecimento político do SN pela via de uma representação mais plural da base docente na instância diretiva, de modo a expressar a vontade da categoria e a necessária amplitude democrática que a concepção classista de sindicato reclama.

Diante da conjuntura desafiadora, mudar o ANDES-SN internamente é prepará-lo para enfrentar esses desafios, muitos deles existenciais, impostos aos trabalhadores e trabalhadoras; é fortalecer nosso instrumento crucial de mobilização e luta para além da mera representação; é enraizar cada vez mais a pauta classista, antirracista, anti-LGBTfóbica, anticapacista e antipatriarcal no professorado. Mas nosso instrumento não estará fortalecido se nossas universidades, institutos federais e cefets estiverem fragilizados. A educação pública tem um papel fundamental na busca por soluções que nos tirem dessa miríade de crises, mas ela precisa ser resgatada das amarras do capital por meio de um projeto robusto, e encampado pelo nosso SN, de uma universidade e de uma escola popular. Nos seus 45 anos, o ANDES-SN precisa seguir se fortalecendo como patrimônio da classe trabalhadora brasileira. A conjuntura precisa do ANDES-SN enquanto operador político da categoria docente e um ANDES-SN forte, mais democrático, plural e de luta é o ANDES-SN certo para a conjuntura.

Unidade Classista, Futuro Socialista!

Por uma Universidade Popular!

TEXTO 4

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).

PARA DERROTAR O CAPITAL E SEUS GOVERNOS, A ULTRADIREITA E AS ILUSÕES REFORMISTAS, É PRECISO INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E REORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

TEXTO DE APOIO

No presente, a mente, o corpo, é diferente...
E o passado é uma roupa que não nos serve mais...
(Belchior – velha roupa colorida)

Como resultado inequívoco da dinâmica de acumulação de capital, principalmente nos últimos 10 anos, aceleraram-se as crises econômicas, sociais, ambientais e das instituições burguesas, nos níveis local, nacional e internacional, com as consequências mais nefastas recaindo sobre a classe trabalhadora, sobretudo sobre seus segmentos historicamente mais explorados e oprimidos. Por outro lado, é fundamental reconhecer que embora possam ser observados vários enfrentamentos e vitórias pontuais, no contexto das lutas de classes, a classe trabalhadora também tem sofrido imensas derrotas e não tem conseguido se mobilizar à contento.

Podem ser listadas diversas situações que têm representado derrotas para a classe trabalhadora em nível mundial, e sobre as quais não há muitas discordâncias entre as organizações classistas e pretensamente "progressistas": o aumento da precarização das condições de trabalho, o rebaixamento salarial, a retirada de direitos conquistados em outros momentos históricos, a xenofobia, catástrofes decorrentes das formas de produzir dos grandes grupos econômicos, os genocídios como estratégias para apropriações de recursos, as expropriações de territórios de povos originários e comunidades tradicionais e as políticas com traços fascistas levadas a cabo cada vez mais por diversos governos da chamada ultradireita são exemplos nesse sentido.

Por outro lado, há pelo menos dois outros elementos que podem ser considerados como derrotas, e sobre os quais há menos acordo: o primeiro é o fato de que algumas organizações políticas e dirigentes que já cumpriram funções progressistas, inclusive contribuindo para derrotas do capital e de ditaduras, foram se adaptando cada vez mais ao sistema, e hoje representam entraves para as lutas. E não adianta apenas "colorir as velhas roupas". É preciso ter coragem para assumir que elas não servem mais. A outra situação, que, obviamente, está relacionada às crises do capital e às "velhas roupas coloridas", é a extrema dificuldade em consolidar e massificar organizações realmente novas, que agreguem amplos

setores da classe trabalhadora e tenham coragem e capacidade de organizar enfrentamentos contra o capitalismo.

Esse texto, portanto, está dividido em duas partes, além dessa pequena introdução. Na primeira, apresentam-se situações que têm afetado a classe trabalhadora e as "saídas" apresentadas a ela, principalmente a partir de organizações/concepções burguesas e setores reformistas (e muitas vezes traidores...) do campo da nossa classe. Na segunda parte trata-se especificamente da questão da organização classista para enfrentar o capital. Destaca-se que é fundamental retomar "velhos referenciais e métodos de luta" e, ao mesmo tempo, fortalecer novos instrumentos e estratégias que possam agregar setores mais amplos da classe trabalhadora. Argumenta-se que esse rumo deve ser um referencial no caso do ANDES-SN, que passa por evidentes crises, e o 16º CONAD extraordinário pode representar uma oportunidade de iniciar e/ou avançar em algumas mudanças urgentes e imprescindíveis do ponto de vista organizacional. Ainda que isso possa representar rompimento com formas/ "fórmulas" criadas na década de 1980, e que talvez já não sirvam mais...

Os ataques do capital à classe trabalhadora e as falsas saídas

Pode-se afirmar, sem incorrer em simplismo, que os problemas fundamentais que afetam a classe trabalhadora e mesmo à humanidade decorrem da dinâmica de acumulação de capital. De fato, em última instância o lucro capitalista só tem viabilidade mediante a exploração da classe trabalhadora, e, de forma complementar e imprescindível, da exploração predatória dos recursos naturais. Ainda como parte da dinâmica de acumulação, para o capital são imprescindíveis diversos tipos de opressões, tais como as relacionadas a aspectos étnicos e de gênero, bem como os apelos ideológicos nacionalistas e de viés religioso. Obviamente, são esses últimos elementos que compõem a essência das políticas da ultradireita. Portanto, não é possível derrotar a ultradireita sem ir à raiz do problema, sem enfrentar o capital.

Por outro lado, sem renunciar ao objetivo de destruir o capitalismo, e, inclusive também como forma de favorecer esse, a classe trabalhadora precisa estar organizada e mobilizada para diversos enfrentamentos emergenciais. Nos últimos 5 anos, por exemplo, aprofundaram-se os movimentos e disputas imperialistas, com profundas repercussões em diversos países. No continente americano, em especial, os grandes capitalistas dos E.U.A., sob comando do Governo Trump e em articulação com frações da burguesia de outros países, por meio de governos de ultradireita, estão implementando uma ousada política de apropriação de recursos naturais estratégicos, como o petróleo e as "terras raras". E de fato, os ataques de governos, parlamentos, judiciários e grupos de ultradireita sobre os direitos de nossa classe, independentemente dos resultados das eleições brasileiras, tendem a continuar nos próximos anos. Nesse quadro é fundamental constituir movimentos de enfrentamentos diretos ao capital, inclusive com formação de comitês em locais de trabalho, estudo e moradia.

Por outro lado, tratando-se das possibilidades de enfrentamentos ao capital, há barreiras próprias das lutas de classes que precisam ser encaradas. Um ponto essencial, por exemplo, é ter em conta que a classe trabalhadora é disputada diretamente pelo capital, por setores da própria classe trabalhadora que acreditam ou fingem acreditar na possibilidade de reformas no sistema e por setores que ainda defendem a necessidade de revoluções socialistas.

Do ponto de vista do capital, entre outras estratégias para capturar segmentos da classe trabalhadora, destacam-se os apelos "nacionalistas", de viés religioso e moral ou por meio de falsas soluções para problemas que afetam o cotidiano de pessoas assalariadas, a exemplo da questão da segurança pública. Evidentemente essas bandeiras e pautas já "conquistaram" uma parcela significativa da população que, assemelhando-se a situações já verificadas em outros momentos da história, tendem a apoiar os oportunistas e reacionários diversos que conseguem construir estruturas de apoio, principalmente por meio das chamadas "redes sociais" e manipulação de informações.

Em outra perspectiva, seguem centrais politicamente os partidos, organizações e lideranças que "vendem a ideia" de que podem ser alternativas à ultradireita e, têm condições de preservar o essencial dos interesses capitalistas e, ao mesmo tempo, preservar "direitos democráticos" e alguns direitos sociais. No caso de vários países, inclusive o Brasil, expressam-se, centralmente, nos projetos ditos de frentes amplas, que agregam diversas frações da burguesia e com as quais estabelecem relações fisiológicas quando estão nos governos, sob o pretexto de garantir governabilidade.

Ocorre que no atual estágio do capitalismo praticamente não há espaços para concessões voluntárias pela burguesia. Portanto, além da exploração direta da força de trabalho, o capital precisa cada vez mais se apropriar de recursos públicos, principalmente através do mecanismo da dívida e de renúncias fiscais. Dessa forma, nos marcos do capitalismo não há qualquer perspectiva de melhorias significativas das condições de vida da maioria da população.

Mesmo assim, diante do até certo ponto previsível avanço da ultradireita nos últimos anos, esses setores reformistas cuidaram mais de avalizar e espalhar uma certa "cultura do medo", como estratégia oportunista de sobrevivência política, do que de contribuir para organização/reorganização e mobilização da classe trabalhadora. Nesse contexto, não podemos esquecer que algumas correntes que atuam na base do ANDES-SN, inclusive a que estar à frente da diretoria e as que compuseram as chapas 2 e 4 nas últimas eleições, em diversos momentos, inclusive durante a última greve, atuaram para evitar enfrentamentos da categoria com o Governo Lula, a pretexto de supostamente não favorecer a direita. Ocorre que esse governo manteve o essencial das políticas neoliberais dos governos anteriores, ainda que com outras nomenclaturas, a exemplo do arcabouço fiscal, que sufoca os serviços públicos para beneficiar os grupos capitalistas.

Nas eleições de 2026 no Brasil, as posições reformistas se expressaram em algumas seções sindicais na construção e aprovação de apoios a Lula desde o primeiro turno, o que também era o projeto da diretoria do ANDES-SN, mas que foi derrotado no 69º CONAD. O momento de submissão das teses antecedeu até o primeiro turno das eleições, o que, evidentemente, pode justificar algumas incertezas. Todavia, uma coisa é certa: a classe trabalhadora continuará sendo atacada em seus direitos por qualquer um dos candidatos eleitos. No caso dos servidores públicos federais, conforme a proposta de orçamento do Governo Lula, seguirá o arrocho salarial. Portanto, nossa luta não é apenas contra a ultradireita, e sim contra qualquer governo que esteja a serviço do capital e ataque nossa classe.

Em alternativa aos projetos do capital e da direita em suas diferentes nuances, bem como ao reformismo vinculado à tese de frente ampla, defendemos a necessidade de forjar frentes únicas classistas, capazes de manter independência de classe e ancorar mobilizações tendo em vista os interesses mais imediatos e históricos. Nessa perspectiva, no caso do Brasil, consideramos imprescindível que se busque retomar "velhos métodos de luta" que têm sido negligenciados e, ao mesmo tempo, avançar na reorganização de sindicatos e outros instrumentos da nossa classe.

É preciso reorganizar a classe trabalhadora e o ANDES-SN

Alternativamente à "saída pela direita" e às ilusões reformistas, é imprescindível que a classe trabalhadora fortaleça e ressignifique suas organizações voltadas para as lutas. Nesse contexto, vale ressaltar que as disputas "ideológicas" entre as organizações da classe trabalhadora e dessas com as organizações do capital não representam uma novidade histórica. E no capitalismo, não há de predominar outra coisa que não seja "o modo de pensar capitalista". Entretanto, é fundamental ter em conta que as mudanças na dinâmica de acumulação do capital complexificaram ainda mais as relações socioeconômicas, ao ponto de que alguns "fios" vinculados à exploração e à opressão se tornaram ainda mais invisíveis, comparativamente ao início do modo de produção capitalista.

Portanto, sem abrir mão do objetivo estratégico de construir revoluções socialistas, do ponto de vista tático, as formas de organização e lutas da classe trabalhadora precisam de atualizações, em alguma medida. Isso implica, entre outras ações, em fazer com que os sindicatos voltem a ser instrumentos viáveis, atrativos, promotores e promissores para a organização e mobilização das trabalhadoras e trabalhadores.

Na maior parte dos sindicatos, tornar-se viável, atrativo, promotor e promissor implica em mudanças políticas e, consequentemente, estruturais e regimentais. Conforme comprovado em diversos estudos, muitos profissionais estão ingressando no mercado de trabalho com vínculos temporários ou na condição de "microempreendedores individuais", o que, de imediato, é um impedimento formal para sindicalização. Além disso, os profissionais que começaram a trabalhar principalmente a partir da década de 1990 passaram a ser pressionados de forma cada vez mais contundente pela "cultura do neoliberalismo", que prega a possibilidade de um suposto sucesso baseado no esforço individual, que desestimula as saídas coletivas. E, evidentemente, fica cada vez mais difícil realizar as lutas por objetivos históricos e imediatos sem o envolvimento dessa grande massa proletária.

Entretanto, paralelamente às readequações e ao fortalecimento dos sindicatos, que seguem sendo imprescindíveis, é fundamental que se promova um avanço em formas de organizações da classe trabalhadora que permitam agregações por meio de lutas mais amplas por moradia, infraestrutura, defesas territoriais, lutas contra opressões, melhores serviços públicos etc. Admitindo-se a razoabilidade desse argumento, deve-se admitir também, por consequência, que o padrão atual dos sindicatos e da maioria das centrais sindicais implica em profundas limitações.

Um sindicato como o ANDES-SN, por exemplo, apesar de ser relativamente grande, é cada vez menos atrativo para os docentes que estão ingressando nas instituições de ensino superior e não agrega a maior parte da categoria, principalmente dos que estão na ativa. Além disso, na prática, também não permite a agregação de docentes temporários, que em algumas universidades chegam a representar mais de um terço do quadro. Na UEMA, por exemplo, esse percentual atinge 41%, na UEMASUL, 47% e em alguns *campi* dessas universidades, no interior do Maranhão, o percentual de substitutos atinge 80%, conforme nos informou um dirigente sindical. Em geral, esses são os trabalhadores mais explorados e maiores vítimas de assédio moral. Vale lembrar, aliás, que o ANDES-SN já foi maior em termos relativos, inclusive representando docentes das instituições privadas de ensino, que hoje encontram-se praticamente abandonados pelas organizações sindicais.

Ainda tratando-se de nosso sindicato, embora alguns andistas ortodoxos se recusem a admitir, nos últimos anos houve um retrocesso também no que diz respeito às articulações com entidades e lutas dos movimentos populares e da juventude. Essas têm ocorrido, sobretudo, por meio de colaborações financeiras por parte do ANDES-SN ou de contribuições eventuais por parte de algumas seções. Apesar de sermos um sindicato nacional pretensamente classista, algumas seções, na prática, fazem vistas grossas para diversos problemas que afetam regularmente outros trabalhadores e trabalhadoras, até mesmo aqueles das suas próprias instituições de ensino superior, sobretudo os terceirizados.

Tratando-se de Brasil, portanto, a ideia de uma central ou centrais sindicais e populares, é absolutamente imprescindível para fortalecimento das lutas de nossa classe. Obviamente, os que subscrevem a presente tese reivindicam e seguem ajudando a fortalecer a CSP Conlutas. Avaliamos, inclusive, que essa central segue sendo a que mais se aproxima das resoluções classistas e internacionalistas do ANDES-SN, ainda que possam ter desacordos de avaliação em determinados aspectos da conjuntura.

Tratando-se de possibilidades de avanços no âmbito do ANDES-SN, reiteramos o entendimento apresentado em teses anteriores sobre a importância de termos efetivamente um sindicato como frente única. Embora essa defesa pareça encontrar concordância por parte de vários militantes e alguns coletivos, a corrente que dirige o sindicato segue defendendo e praticando um formato que favorece a burocratização, o hegemonismo e os abusos de poder econômico e político.

Para o conjunto atual da militância é importante destacar que, desde o seu início até a primeira década deste século o ANDES-SN acomodou dois grandes blocos de forças: um, com viés corporativo e avesso às lutas históricas da classe trabalhadora e à uma maior articulação com outras categorias. A Proifes é a principal referência de sua continuidade. O segundo bloco, por sua vez, se aproximava de uma frente única, e durante vários anos acomodou grupos e militantes independentes. Essa configuração ajuda a entender porque em vários anos chegou-se a ter chapa única para eleições (de 2008 a 2014, por exemplo) ou processos eleitorais com apenas duas chapas. Uma realidade bem distinta do último processo eleitoral, em 2025, que envolveu 4 chapas e pelo menos 8 coletivos políticos, além de militantes independentes.

A fragmentação do ANDES-SN e a forma como a corrente majoritária tem conduzido o sindicato, inclusive com práticas de tentativas de isolamento de coletivos oponentes e desqualificação de militantes críticos às suas políticas, têm sido determinantes para tensões cada vez maiores e frequentes nas instâncias deliberativas do sindicato. Diante desse quadro o Coletivo Andes em Luta (CAEL), coletivos parceiros e militantes independentes estão apresentando no 16º CONAD extraordinário um conjunto de teses e TRs, na perspectiva de contribuir para o enfrentamento desses problemas.

Entre outros pontos, relativamente ao ANDES-SN e às seções sindicais, é imprescindível e urgente rediscutir possibilidades de aprimoramento da democracia em todas as instâncias deliberativas, contemplação efetiva do princípio do contraditório nos diferentes debates, organização de eleições com mais isonomia entre as chapas, composição e papel das secretarias regionais, dinâmica de funcionamento dos congressos e Conads e forma de composição da diretoria. Quanto a esse último ponto, os signatários da presente tese consideram imprescindível que se efetive na base, até o final de

2027, o debate acerca da manutenção da majoritariedade ou adoção da proporcionalidade, tal como já existe em diversas organizações do setor público, a exemplo da FASUBRA, do SINASEFE, da FENAJUFE, do SIND-REDE (BH), da APEOESP e do SEPE (Sindicato dos profissionais da educação do Rio de Janeiro).

Avaliamos que a proporcionalidade tende a favorecer maior engajamento de militantes independentes e de coletivos diversos nas atividades cotidianas do sindicato e pode se constituir como freio para tensionamentos que podem ser minimizados, para práticas autoritárias e manobras políticas em diretorias inteiramente comandadas por um único grupo. Além disso, consideramos essas e outras experiências, inclusive a já experimentada informalmente no próprio ANDES-SN, conforme mencionamos anteriormente, como expressões concretas da concepção de sindicato como frente única, que alguns coletivos dizem defender, mas não conseguem avançar em termos de propostas concretas. Essa concepção, por sua vez, vai ao encontro da perspectiva de também construir frentes classistas para enfrentar o capital em suas diversas expressões, o que é absolutamente imprescindível na atual conjuntura.

TEXTO 5

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Adilson Aquino Silveira Júnior (ADUFEPE), Alessandro Teixeira Nóbrega (ADUERN), Emílio Sarde Neto (ADUNIR), Evaristo Colmán Duarte (SINDIPROL/ADUEL), Fernando César Paulino Pereira (ADCAC), Maria das Graças de Araújo (ADUNIR), Soraia de Carvalho (ADUFEPE) e Valdir Anhucci (SINDUNESPAR).

SOMENTE COM INDEPENDÊNCIA DE CLASSE PODEREMOS SUPERAR A CRISE ORGANIZATIVA DO ANDES

TEXTO DE APOIO

O 16º CONAD Extraordinário foi convocado após a constatação unânime, no âmbito do sindicato nacional, de que são necessárias mudanças em nossa maneira de nos organizarmos. Abre-se a oportunidade de reflexão profunda e democrática sobre os rumos do movimento docente; porém, há riscos de procurar responder a problemas políticos com meras alterações administrativas. E, o pior, com propostas restritivas em relação à participação da base nas decisões e à democracia sindical. Nesta contribuição, consideramos imprescindível situar a crise do ANDES-SN nos marcos da crise do movimento operário em nível internacional e nacional. Compreender tais raízes permitirá dar respostas que fortaleçam as lutas da categoria, em unidade com os demais trabalhadores. Mais do que isso, evitará que adotemos falsas soluções.

Por que as organizações sindicais se burocratizam?

O fenômeno da estatização e burocratização das organizações sindicais tem raízes materiais. Conecta-se com a emergência da fase monopolista do capitalismo, em que se desenvolveram as condições para o surgimento de uma "aristocracia operária", cujos interesses corporativos se fundiram com os objetivos da burguesia imperialista. Sobre esta base ergueu-se uma corrente reformista, amparada na ilusão de conquista progressiva de reformas e alargamento da democracia burguesa. Um dos desdobramentos foi a quebra do internacionalismo, que se manifestou com toda a dramaticidade na política da social-democracia na I Guerra Mundial e na degeneração da Internacional Comunista, que foi dissolvida em 1943 por Stalin, como sinal de boa vontade ao imperialismo "democrático". Muito terreno foi perdido nas últimas décadas, e o movimento sindical no Brasil sofre os efeitos destes retrocessos teóricos e organizativos.

Em suas origens, o sindicalismo brasileiro guiou-se por uma linha classista e internacionalista, mas logo foi enquadrado pelo Estado, a partir do governo Vargas. Na crise da ditadura militar, as poderosas greves operárias se chocaram com o sindicalismo controlado pelo Estado, e nasceu a Central Única dos

Trabalhadores (CUT). O Partido dos Trabalhadores (PT), em suas primeiras definições programáticas, em meio à agonia final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), rejeitou o caminho da revolução e da ditadura proletárias e estabeleceu como objetivo promover reformas econômicas e políticas. As intenções, no entanto, não foram e não são capazes de alterar o fato de que a era imperialista é uma fase em que predominam as contrarreformas e em que as conquistas, além de estreitas, são extremamente instáveis.

Com a crescente adaptação à política burguesa, o PT alcançou a Presidência da República, promovendo um salto na estatização e na burocratização das organizações sindicais, populares e estudantis. Dirigentes sindicais se converteram em gestores dos negócios da burguesia, seja na Presidência da República, nos ministérios, ou no Congresso Nacional. Foi pelas mãos de ex-sindicalistas bancários que foi gestada a política de pretensa domesticação do capital financeiro por meio dos fundos de pensão dos trabalhadores das estatais e serviços públicos. Efetivamente, quem acabou domesticado foram as organizações de massa. As centrais sindicais foram enquadradas na estrutura estatal, o que deu base a mais divisões, levando a um quadro em que, em vez de uma central capaz de unificar as lutas, temos mais de uma dezena, sem capacidade de ação unitária. As burocracias sindicais, por constituírem uma casta com interesses próprios, distintos da massa de trabalhadores, inevitavelmente são autoritárias e necessitam afastar as bases da tomada de decisões, seja por meio do cultivo da despolitização, seja por meio da violência gangsteril.

A fragmentação política do movimento docente

O ANDES, que nasceu sob o impulso das lutas operárias e populares, nos estertores da ditadura, também foi atravessado pela crise do movimento operário. Sob os governos do PT, desde 2003, manteve a independência organizativa. Se opôs à Reforma da Previdência e denunciou a traição da burocracia sindical cutista. A partir da iniciativa do PSTU de criar uma nova central sindical, nós, da Corrente Proletária na Educação (CPE/POR), nos opusemos ao divisionismo, considerando que a frente de lutas constituída contra os ataques do governo Lula deveria manter uma atuação dentro e fora da CUT, combatendo a burocracia e impulsionando os movimentos. O ANDES seguiu a linha divisionista e foi um pilar da construção da CSP-Conlutas, que se formou como uma burocracia de esquerda, hegemonizada pelo PSTU. As movimentações sindicais estiveram ligadas a um realinhamento das esquerdas, com a formação do PSOL, a partir de parlamentares expulsos do PT por terem se recusado a votar a favor da Reforma da Previdência. Ainda que tenha nascido como um partido de oposição, o PSOL defendia voltar ao "PT das origens", ou seja, manteve o mesmo programa reformista, porém sem o impulso das lutas operárias que estiveram na base da formação do PT. Houve tentativas de unidade entre o PSTU e o PSOL na CSP-Conlutas, porém não foram adiante. O mesmo ocorreu com as tentativas de articulações entre PSOL e PCB com a Intersindical, que tampouco levaram a uma ação unitária. A Frente de Esquerda que atuou nas eleições de 2006, agregando PSOL, PSTU e PCB, chegou a 2010 completamente dividida, com três candidaturas separadas.

Os impactos da crise de 2008 no Brasil, sentidos sobretudo a partir da recessão de 2014-2016, afetaram a governabilidade da presidenta Dilma Rousseff (PT), inviabilizando a centralização das frações burguesas. Para o grande capital, o governo de conciliação de classes, que cumpriu um papel estabilizador após a crise dos governos abertamente neoliberais, passou a ser um empecilho para a imposição de contrarreformas mais profundas e aceleradas. O golpe parlamentar, jurídico e midiático se impôs, e a ultradireita se fortaleceu. Seguindo a linha traçada pelo PSTU na CSP-Conlutas, o ANDES-SN errou em não reagir ao golpe contra Dilma, o que poderia ser feito sem comprometer sua independência política. A relação entre o ANDES e a CSP-Conlutas passou por fortes turbulências nos anos seguintes e, em 2023, acabou sendo aprovada a desfiliação[1].

O golpista Temer (MDB) teve um mandato profundamente impopular; houve momentos em que sua aprovação era de apenas 3%. A tática do PT era deixá-lo sangrar, esperando poder voltar ao Planalto. As forças golpistas continuaram a atuar, prendendo Lula, o que foi decisivo para a vitória de Jair Bolsonaro em 2018. Naquela eleição, o PSOL ainda apostou em uma candidatura própria, de Boulos, contando com o enfraquecimento do PT. Diante do governo militarista, obscurantista, fascistizante e

[1] O balanço desta decisão foi publicado no Jornal Massas 683 (26/02/2023), disponível em: https://www.pormassas.org/wp-content/uploads/2023/03/Massas-683.pdf

ultraliberal de Bolsonaro, atravessado pelas crises política, pandêmica e econômica, a tática que guiou as centrais sindicais e movimentos populares foi a de apostar todas as fichas no eleitoralismo. Como fruto da crise política, Lula recuperou seus direitos políticos e formou uma frente "amplíssima", sendo vitorioso nas eleições de 2022, desta vez contando com o apoio do PSOL desde a candidatura. Em sua primeira semana de mandato, o bolsonarismo tentou dar um golpe que, sem o apoio do imperialismo e das frações principais da burguesia, resultou em uma aventura. O governo tornou-se cada vez mais dependente do Centrão, montando um governo com vários golpistas de outrora ocupando a vice-presidência e ministérios. Chegamos a 2026 com os movimentos ainda mais estatizados e burocratizados, pactuando com a frente ampla encabeçada por Lula. Movimentos que ainda se colocavam em um campo de independência perante o governo, como o MTST, passaram a se integrar organicamente, ocupando ministérios e secretarias. O MST decretou o fim da Consulta Popular (2022) e criou o Movimento Brasil Popular, priorizando candidaturas do movimento por meio do PT. A independência organizativa do ANDES-SN passou a ser quebrada, com o apoio eleitoral no segundo turno, em 2022, e o desmantelamento da greve dos docentes federais em 2024, por meio da união da ALB e Renova.

Na eleição de 2026, o discurso do combate ao fascismo foi substituído pelo da soberania, falseando a impotência do nacional-reformismo em fazer frente ao imperialismo, negociando as riquezas naturais do Brasil e sustentando o parasitismo da dívida pública por meio do "novo arcabouço fiscal". A necessária luta anti-imperialista, seja contra as privatizações, pelo não pagamento da dívida ou em solidariedade internacionalista, tem sido bloqueada, enquanto o terreno institucional é privilegiado. É frequente que jornadas de luta se restrinjam à circulação nos corredores do Congresso Nacional, sem que estejam ancoradas na mobilização massiva nas bases.

Todas estas movimentações políticas se refletiram no interior do ANDES-SN. Nas décadas de 1990 e 2010, a corrente sindical ANDES-AD (Autônoma e Democrática) hegemonizou a direção sindical. Em 2004, diante da manutenção da independência organizativa do ANDES perante o governo Lula, em oposição à Reforma da Previdência e à privatização e precarização do ensino superior, a ala mais vinculada ao PT e PCdoB que perdeu as eleições, agrupada na corrente ANDES-SIND, resolveu criar outra entidade. Sobre esta base, o governo Lula forjou a Federação Proifes, e o ataque ao movimento docente chegou à cassação do registro sindical do ANDES-SN, depois recuperado.

A corrente ANDES-AD, após choques entre as organizações que a integravam, resultou, em 2013, na formação da corrente Andes de Luta e pela Base (ALB) e do Coletivo Andes em Luta (CAEL). A ALB é hegemonizada pelo PSOL e contou com a participação do PCB até o início de 2025. Em 2018, houve uma cisão deste agrupamento, levando à formação do Coletivo Rosa Luxemburgo (2019). O CAEL, ainda que seja hegemonizado pelo PSTU, foi integrado por outros agrupamentos políticos que posteriormente formaram a Graúna (2015), que se cindiu e deu origem ao Militância Classista (2021). A Aliança Revolucionária dos Trabalhadores (ART) surgiu de uma cisão do PSTU. Desde 2012, a Corrente Proletária na Educação, ligada ao Partido Operário Revolucionário (CPE/POR), passou a atuar como corrente interna, embora houvesse militantes que já atuassem em anos anteriores, com maior presença em lutas locais.

Para além da divisão em coletivos, nos últimos anos tem havido uma série de cisões nos partidos de esquerda. Em 2016, houve uma cisão no PSTU que deu origem à corrente do PSOL que depois se denominou como Resistência e hoje constitui o Semear. Uma nova cisão deu origem ao MPR, em 2025. O PCB também sofreu uma divisão, em 2023. O PSOL se constituiu como um partido de tendências, e são frequentes as divisões e fusões de agrupamentos, levando a mais de 15 correntes atualmente. No ANDES-SN, a maioria dos integrantes do PSOL integra a ALB, porém as divisões no âmbito partidário também reverberam em choques no interior da direção. O PT, que também tem no seu interior diferentes correntes, até 2025 atuou no ANDES unificado na corrente Renova Andes, que tem se fortalecido após uma ala do partido abandonar o projeto proificista e voltar a disputar o sindicato nacional. No cenário pré-eleitoral, queixando-se da aproximação crescente entre o Renova e a diretoria (ALB), houve uma divisão à direita, que passou a se denominar como Confluência Democrática. Em grande medida, as divisões das últimas décadas foram provocadas por disputas por hegemonia no aparato sindical e/ou divergências em relação ao grau de adesão aos governos e projetos eleitorais do PT. Com base neste quadro, temos visto, por exemplo, se multiplicarem as teses de conjuntura, mesmo que nem todas sejam

de coletivos; no último congresso foram quinze! A fragmentação política no interior do ANDES-SN tem colocado à prova a sua atual estrutura organizativa e evidenciado alguns problemas.

Quem deve decidir pelas mudanças estruturais no ANDES é o Congresso

No 44º Congresso, a diretoria propôs, desde os GTs, suprimir 14 textos de resolução (TRs) que tratavam de questões organizativas, financeiras e administrativas e remeter a discussão para um CONAD Extraordinário. A proposta foi rechaçada em alguns GTs. Porém, diante do atraso nas discussões, este tema só começou a ser discutido às 21h30 do sexto e último dia de Congresso, e a proposta de CONAD Extraordinário foi aprovada. Consideramos, no entanto, que este espaço é muito restrito para aprovar mudanças organizativas e financeiras substantivas. Há proposições que nos parecem consensuais, como recuperar o papel do CONAD como um conselho fiscal e espaço de atualização do plano de lutas, conforme foi tratado no II Seminário Nacional de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN. Esta constatação inclusive corrobora a compreensão de que não dá para o CONAD se tornar um segundo congresso; afinal, no CONAD, com um delegado por seção sindical, é rara a representação de base.

Reafirmamos, neste CONAD, a defesa da proporcionalidade e da eleição regional das secretarias regionais, conforme inscrito no caderno de textos do 44º Congresso, debate que devemos retomar no próximo congresso. Temos defendido a adoção da proporcionalidade na composição da diretoria, garantindo o caráter de frente única do sindicato, expressando a pluralidade política existente na base. Notamos também que a composição da direção nacional com 83 nomes não corresponde ao efetivo engajamento de seus integrantes, sendo melhor ter uma direção nacional com 35 integrantes (os onze do bloco da presidência, secretaria e tesouraria, mais dois por regional). Os demais integrantes das regionais deveriam ser eleitos no mesmo pleito, porém contabilizando os votos da região, garantindo secretarias regionais mais ativas politicamente e representativas, como instância articuladora entre as seções sindicais da região e a direção nacional.

Estas medidas são insuficientes diante da crise organizativa; no entanto, possibilitam melhores condições de politização e mobilização. As propostas ventiladas pela diretoria de restringir a inscrição de textos por meio da maior exigência de signatários e de ampliar o filtro para que propostas cheguem ao plenário caminham em sentido contrário, cassando os direitos das minorias de se expressarem. Recusa-se a enfrentar o problema político de fundo, que tem alimentado uma cultura política de extrema subdivisão temática e microgerenciamento das tarefas da diretoria executiva, exaurindo a possibilidade de discussões mais amplas, além de desvios academicistas que levam a discussões sem transcendência para a efetiva aprovação de um plano de lutas a cada congresso, com a definição das principais bandeiras, reivindicações, táticas e métodos. A oposição à direita tem defendido proposições ainda mais desagregadoras, por meio da incorporação dos métodos virtuais. A experiência de adoção destes métodos por parte da Proifes e de parte do movimento sindical, sobretudo após a pandemia, tem se mostrado extremamente danosa. Por trás de uma máscara de maior participação, em geral ancorada em dados quantitativos, há uma separação entre debate, deliberação e execução, e fortalecimento da burocracia sindical.

Escrevemos este texto sem saber o resultado eleitoral que encontraremos no momento da realização do 16º CONAD Extraordinário. Seja qual for o eleito, há uma certeza de que precisaremos de muita democracia sindical e independência política e organizativa para defendermos a Educação Pública, a soberania nacional, nossos salários, direitos sociais e trabalhistas, as liberdades democráticas e nosso futuro como humanidade, diante do colapso ambiental e das tendências bélicas, com todas as suas derivações regressivas no âmbito da exploração do trabalho e opressões.

Para fazer frente à estatização e burocratização das organizações sindicais na fase monopolista, é imprescindível uma direção revolucionária. As medidas propostas pela diretoria nos distanciam deste objetivo, buscam silenciar os setores mais à esquerda e aprofundar a burocratização. O desrespeito crescente com relação às ideias proletárias já tem se manifestado nos eventos deliberativos, com cerceamento do direito regimental de defender posições e desrespeito ao seu conteúdo, respondendo com fórmulas prontas de que se trata de um "programa máximo" que não corresponde ao escopo do sindicato. Até proposições de lutas por reajuste salarial são enquadradas desta maneira, junto com um chamado à "responsabilidade", que pode ser traduzido como um freio nas lutas mais básicas para garantir a blindagem do governo e os objetivos eleitoreiros. Insistimos na necessidade de um programa

proletário para a Educação, o que se choca com os limites reformistas do "projeto de Universidade do ANDES", de coexistência entre o ensino público e privado[2].

Nossos problemas vão muito além de soluções administrativas, mas apoiamos respostas progressivas, condizentes com os desafios que nos aguardam. Se a burguesia atua para liquidar os sindicatos como organismos da luta de classes por meio da estatização e burocratização, cabe aos revolucionários lutar para que os sindicatos sejam efetivamente controlados pelas bases e defender total independência perante a política burguesa, seus partidos e governos. É por este motivo que consideramos imprescindível mudar os rumos do ANDES-SN.

[2] Para mais informações recomendamos a leitura do texto A conciliação com o ensino privado no projeto de universidade do ANDES-SN: Crítica do Caderno 2: Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira, Texto elaborado pela CPE, em agosto de 2024, disponível em: https://bit.ly/4AmaejO. Foi realizada uma formação com o mesmo conteúdo, vídeo aqui: https://www.youtube.com/watch?v=JatyQHsmaK8.







Tema II

Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN



TEMA II – QUESTÕES ORGANIZATIVAS, ADMINISTRATIVAS, FINANCEIRAS E POLÍTICAS DO ANDES-SN.

TEXTO 6

Diretoria do ANDES-SN

GARANTIR O APOIO ÀS SEÇÕES SINDICAIS COM MENOR SINDICALIZAÇÃO E ÀS OPOSIÇÕES PRÓ-ANDES É FORTALECER O ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

No 44º Congresso do ANDES-SN, apresentamos a necessidade de tornar as reuniões dos setores das IFES e das IEES/IMES/IDES um espaço estratégico para implementar o nosso plano geral de lutas, o plano de lutas dos setores e as lutas unificadas do setor da educação e do funcionalismo público. Nesse momento, a categoria compreendeu ser necessário garantirmos maior participação da base nos espaços nacionais.

A participação das seções sindicais menores e das oposições pró-ANDES em outros eventos não deliberativos, como grupos de trabalho, seminários e encontros nacionais, contribuem para a formação política, a organização da base e o fortalecimento da construção política destes espaços.

Essas políticas encontram uma miríade de resoluções que vêm sendo construídas nos últimos vinte anos e que, de certa forma, dificultam sua implementação. Assim, torna-se urgente a realização de ajustes que permitam a igualdade de condições e a efetivação do princípio de solidariedade com as seções sindicais menores e as oposições pró-ANDES, através do Fundo Único.

Atualmente, a participação das seções sindicais de menor sindicalização e das oposições pró-ANDES, nas reuniões e eventos, estão regidas pelas seguintes resoluções:

Seções com menos de 100 sindicalizadas(os):

2 - O 23º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

2.1 - Até que se defina a política de finanças do ANDES-SN, que se viabilize a participação de todas as seções sindicais nos eventos do Sindicato, as despesas de transporte de um(a) delegado(a) das seções sindicais com menos de 100 docentes organizado(a)s na base para participarem dos Congressos do ANDES-SN sejam consideradas despesas do Congresso, limitadas a 5% do total das despesas de transporte do(a)s delegado(a)s ao evento;

2.2 - As seções sindicais contempladas nesta resolução não têm direito a observadore(a)s, à exceção daquelas que optarem por serem regidas pelas normas referentes a seções sindicais com mais de 100 (cem) sindicalizado(a)s;

2.3 - A Diretoria do ANDES-SN, por delegação deste CONGRESSO elabore critérios e normas para contemplar os casos em que as despesas ultrapassem o limite de 5% (cinco por cento);

2.4 - As seções sindicais com menos de 100 docentes organizado(a)s na base que venham a participar dos CONADs e dos Congressos possam optar pela participação ou não do rateio do evento.

Seções com menos de 200 sindicalizadas(os):

3 - O 25º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

3.1 - As seções sindicais com até 200 sindicalizado(a)s na base podem optar por não participar dos rateios de CONADs e Congressos.

Seções com menos de 50 sindicalizadas(os):

1 - O 42º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

1.1 - O ANDES-SN viabilizará a participação de todas as seções sindicais nos eventos nacionais deliberativos (Congressos e CONADs) do Sindicato, cobrindo as despesas com transporte e hospedagem para a participação de um(a) delegado(a) das seções sindicais com menos de 50 sindicalizado(a)s da base.

Seções com menos de 350 sindicalizadas(os):

1. O 44º CONGRESSO do ANDES-SN delibera:

1.1 Que o ANDES-SN garanta o financiamento para participação das seções sindicais com até 350 sindicalizados(as) nas reuniões dos GTs, seminários nacionais, nas reuniões e encontros do Setor das IFES e do Setor das IEES/IMES/IDES.

Considerando que aproximadamente 48% do total de seções sindicais representadas pelos ANDES-SN têm menos de trezentos e cinquenta sindicalizadas/os, bem como o desenvolvimento da política para as oposições pró-ANDES, as dificuldades financeiras enfrentadas na atualidade por diversas seções – agravadas, em alguns casos, pela subtração de recursos por sindicatos federados –, e o acúmulo proporcionado pelos dois Seminários Nacionais de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN – que permitiram aprofundar o debate e evidenciaram os limites financeiros do sindicato nacional –, fica nítida a necessidade de assegurar e fortalecer a política de apoio a esse conjunto de seções sindicais e oposições, fortalecendo a nossa organização.

Diante disso, a presente proposta busca consolidar o apoio a estas seções sindicais e oposições pró-ANDES em relação a garantia de passagens, diárias e hospedagem para sua participação nas reuniões dos GTs, do Setor das IFES, do Setor das IEES/IMES/IDES e em seminários e encontros nacionais, com os recursos do Fundo Único. A proposta trata apenas dos eventos não deliberativos do ANDES-SN, sem modificar a estrutura de apoio para seções menores e oposições pró-ANDES no que se refere ao CONGRESSO e ao CONAD.

Dessa forma, por meio deste TR, pretendemos unificar as resoluções existentes e deixar os critérios para acesso a essa política melhor definida. Diante do exposto, propomos:

TR – 6

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Nas reuniões do GTO serão apoiadas até duas (2) representações por oposição pró-ANDES, garantidas pelo Fundo Único;

2. No Encontro do setor das IEES/IMES/IDES será apoiada uma (1) representação de cada seção sindical com até 200 sindicalizados/as, garantida pelo Fundo Único;

3. Que o ANDES-SN, por meio do Fundo Único, garanta o financiamento para a participação das seções sindicais com até 350 sindicalizados/as nas reuniões dos GTs, nos seminários e encontros nacionais, nas reuniões do Setor das IFES e do Setor das IEES/IMES/IDES;

4. Será contemplada uma (1) representação por seção sindical ou oposição pró-ANDES, observado o limite de até:

a) duas (2) seções sindicais de cada setor nas reuniões dos grupos de trabalho;

b) duas (2) seções sindicais nas reuniões do setor das IEES/IMES/IDES;

c) duas (2) seções sindicais nas reuniões do setor das IFES;

d) uma (1) oposição pró-ANDES nas reuniões do setor das IFES;

e) duas (2) seções sindicais de cada setor nos Encontros e Seminários Nacionais;

f) uma (1) oposição pró-ANDES nos Encontros e Seminários Nacionais;

5. Os critérios para a política de apoio às seções sindicais com até 350 sindicalizados/as são:

a) adimplência com o caixa nacional;

b) ordem de chegada da solicitação;

c) rodízio;

d) critérios de desempate: menor número de participações e menor número de sindicalizados/as.

6. As seções sindicais e as oposições pró-ANDES contempladas com o financiamento deverão participar integralmente da atividade, sendo vedado o envio de mais representações;

7. As seções sindicais e as oposições pró-ANDES contempladas com o financiamento e que desrespeitarem os critérios estabelecidos no item anterior, não receberão apoio para as próximas atividades por um (1) semestre.

TEXTO 7

Contribuição da Comissão sobre Formato e Metodologia dos Congressos e CONADs do ANDES-SN eleita no 69º CONAD.

FORMATO E METODOLOGIA DOS CONGRESSOS E CONSELHOS DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Preservar nossa democracia interna, incrementar a transparência e participação e instituir uma política de cuidado com a categoria

O ANDES-SN, ao longo de seus 45 anos de história, constituiu uma singular experiência de construção coletiva de suas políticas, fundada no papel central ocupado na vida do Sindicato Nacional por seus eventos deliberativos – o Congresso do ANDES-SN e seu Conselho, estruturados segundo os capítulos I e II do título III do nosso estatuto. Refletindo as intensas transformações observadas no seio da nossa categoria ao longo dos últimos, bem como os significativos desafios políticos do movimento sindical brasileiro e da organização da classe trabalhadora em escala mundial, esses espaços seguem tendo protagonismo indiscutível na vida do Sindicato Nacional, mas veem-se hoje atravessados por um conjunto importante de problemas organizativos. Baseando-se nos acúmulos realizados nos dois Seminários de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN (São Paulo, 2025 e Campinas, 2026), bem como no 68º CONAD (Manaus, 2025) e no 44º Congresso do ANDES-SN (Salvador, 2026), a Comissão sobre Formato e Metodologia dos Congressos e CONADs

do ANDES-SN, eleita no 69º CONAD (São Luís, 2026), procurou captar os elementos centrais desses problemas e estabeleceu quatro grandes blocos temáticos para repensar os eventos deliberativos do nosso Sindicato Nacional, quais sejam: a) periodicidade e critérios de participação de delegados(as/es) e observadores(as); b) forma e critérios de composição das contribuições escritas; c) forma e critérios dos processos deliberativos; e d) outras questões organizativas.

Periodicidade e critérios de participação de delegados(as/es) e observadores(as)

Conforme o Artigo 18 do estatuto do ANDES-SN, o Congresso, instância máxima de deliberação do sindicato nacional, reúne-se, ordinariamente, uma vez por ano ou, extraordinariamente, quando convocado pelo CONAD. Levando-se em conta sua característica primordial assim consignada e a centralidade da construção do Plano Geral de Lutas, que é um elemento apreciado estritamente na instância congressual, a manutenção da periodicidade atualmente prevista no estatuto apresenta-se como necessidade, não obstante fosse importante considerar, como feito no âmbito dos debates da referida Comissão constituída pelo 69º CONAD, que eventual alteração do período de convocação ordinária do Congresso pudesse ser discutida, contanto que se levasse em conta a necessidade de modificações mais substanciais na forma de constituição do Plano Geral de Lutas.

A análise da participação de delegados(as/es) e observadores(as) nos espaços deliberativos ao longo dos últimos reclamou, por outro lado, uma reflexão mais detalhada sobre dois aspectos distintos: a importância de garantir a representatividade da categoria nas delegações que afluem aos Congressos e CONADs, inclusive do ponto de vista do adequado dimensionamento das delegações em face do número de sindicalizados(as/es) em cada AD-S.Sind ou S.Sind, ao mesmo tempo em que se considera as dificuldades organizativas produzidas pelo aumento significativo de participantes nos últimos anos, em um cenário de consideráveis dificuldades estruturais de nossas Universidades, Institutos Federais e Cefets.

Considerando-se o 36º Congresso do ANDES-SN, realizado em Cuiabá-MT, e o 44º Congresso, realizado em Salvador-BA, o número de delegados(as/es) passou de 350 a 463 (um crescimento de 32,29% em dez anos) e o número de observadores(as) aumentou exponencialmente, passando de 70 a 146 (um crescimento de 108,57% em uma década). Quanto aos números do Conselho, enquanto o 61º CONAD, realizado em Boa Vista-RR, em 2016, contou com 51 delegados(as/es) e 146 observadores(as), implicando um crescimento de 56,86% e 32,88%, respectivamente, quando em comparação ao 68º CONAD, realizado em Manaus-AM, em 2025, que contou com 80 delegados(as/es) e 194 observadores(as).

Um detalhamento destes dados, considerando apenas os últimos seis Congressos – do 39º, realizado em São Paulo-SP, em 2020 (imediatamente antes da pandemia global de Covid-19), ao 44º (Salvador-BA, 2026), mostra que, em média, os Congressos têm sido realizados com cerca de 452,17 delegados(as/es) e 135,83 observadores(as). Ao longo deste período, a taxa de variação composta da frequência de delegados(as/es) no Congresso revela uma tendência de estabilidade, com crescimento variável de +0,13 ao ano, tendo sido observada uma pequena queda no período posterior à pandemia, integralmente recuperada nos anos posteriores. Quanto à taxa de variação composta da frequência de observadores(as) ao longo do mesmo período, observa-se uma tendência de queda, de -4,02% ao ano, uma vez que a forte queda posterior à pandemia (de -39,33%) não encontrou recuperação substancial nos anos posteriores. De todo modo, é indiscutível que, ao longo de uma década, os Congressos aumentaram 45% seu tamanho total e os CONADs 39,1%. Essa situação tem implicado um encarecimento da estrutura necessária para a organização dos eventos deliberativos, dificuldades logísticas e de locação nas IES brasileiras, para além de questões relativas à própria dinâmica política de tais espaços, que demandam atenta consideração da categoria.

Diante de tais dificuldades, a Comissão debruçou-se sobre os Artigos 16, 17 e 25 do estatuto do Sindicato Nacional, avaliando, dentre outras questões, as diferentes possibilidades de reelaboração dos critérios de proporcionalidade cumulativa para eleição de delegados(as/es) aos Congressos, bem como os atuais critérios de indicação de observadores(as) aos CONADs e Congressos. Levando-se em consideração a posição historicamente acumulada de que a proporcionalidade cumulativa busca assegurar uma representação diversificada das AD-S.Sind e S.Sind que permita a adequada participação

daquelas de maior número de sindicalizados(as/ es), sem prejuízo de que aquelas de menor número de sindicalizados(as/es), que não devem somar menos de 50% do total de delegados(as/es) credenciados ao Congresso, a Comissão entendeu que seria extremamente complexo, do ponto de vista político, propor modificações que levassem à adoção de um critério de caráter mais linear para eleição de delegados(as/es) aos Congressos.

Por outro lado, compreendendo que há hoje uma vacuidade de critérios para indicação de observadores(as) aos Congressos e CONADs e que, não obstante seu importante papel de efetivação dos espaços deliberativos do ANDES-SN enquanto espaços formativos da categoria, para além de sua função deliberativa, há significativa desproporção de caráter político e econômico entre as AD-S.Sind e S.Sind na indicação de observadores(as), com efeitos significativos sobre a condução política, sobretudo dos grupos mistos, a Comissão entende que o 45º Congresso do ANDES-SN, a realizar-se em Curitiba, em 2027, deveria apreciar proposta de alteração das disposições estatutárias, de modo a adotar critérios objetivos de indicação de observadores(as) aos Congressos e CONADs.

Forma e critérios de composição das contribuições escritas

Uma das consequências do processo de aumento das dimensões dos Congressos e CONADs, bem como da complexificação da categoria e dos fenômenos de fragmentação política, observados no interior do Sindicato Nacional, manifesta-se precisamente em um considerável aumento dos Textos de Resolução e de seus respectivos itens, tal como constam dos Cadernos de Textos dos últimos eventos deliberativos. Uma análise objetiva, baseada nos Cadernos de Texto dos seis Congressos do ANDES-SN mais recentes (do 39º ao 44º), elucida o problema e dá a medida dos desafios por ele ensejados:

TEXTOS DE RESOLUÇÃO E ITENS POR CONGRESSO

Congresso	TRs	Itens	Média de itens por TR	Textos de Conjuntura
39º	47	253	5,38	10
40º	43	346	8,05	14
41º	35	196	5,60	12
42º	36	255	7,08	11
43º	68	409	6,01	8
44º	80	577	7,21	15
Média	309	339,3	6,55	11,6

MÉDIA DE TEXTOS DE RESOLUÇÃO E ITENS POR TEMA

(39º ao 44º Congresso)

Tema	Média de TRs	Média de itens
Tema II	9	85,5
Tema III	27,17	186,5
Tema IV	15,3	67,33

A tendência geral de hipertrofia do Caderno de Textos vem sendo nitidamente reforçada, como se pode constatar observando-se o crescimento de 122% no número de Textos de Resolução quando comparados os 36 apresentados ao 42º Congresso (Fortaleza, 2024) aos 80 do 44º (Salvador, 2026), ainda mais acentuado quando o referencial é a quantidade de itens de Texto de Resolução a serem debatidos e votados (+126,3%). Esse fenômeno exponencial é especialmente acentuado no que se refere ao Tema III (Plano Geral de Lutas), que concentra sozinho, em média, 54,9% de todos os itens de Textos de Resolução a serem apreciados e votados a cada Congresso.

Apenas para fins de exemplificar os desafios implicados pela presente situação, considere-se o seguinte exemplo: dada a média de itens apresentados no Tema II (Planos de Lutas dos Setores), de 85,5 por Congresso, em um cenário hipotético em que 20% dos itens fossem remetidos a plenário (isto é, não aprovados ou rejeitados nos grupos mistos), haveria, potencialmente, 17 processos de votação. Neste caso, havendo, em média, 1 bloco de discussão por votação, com 5 falas de 3 minutos, e um processo de votação que leve em torno de 5 minutos, a Plenária do Tema II teria uma duração média potencial de 340 minutos (5h40m ininterruptas). Por este mesmo raciocínio, utilizados os mesmos parâmetros, a duração média potencial das Plenárias do Tema III atingiria cerca de 740 minutos (12h20m ininterruptas ou duas seções de 6h10m ininterruptas). Uma vez que a previsão inicial dos cronogramas dos Congressos tem alocado cerca de 4h00 para cada uma das Plenárias temáticas, o cenário do exemplo acima, com uma taxa de itens levados a votação extremamente subestimada (apenas 20%), já implicaria um déficit de cerca de 10h00 de duração das sessões Plenárias para garantir a discussão e votação dos três temas que estruturam o caderno no Congresso, desconsiderados todos os potenciais atrasos. Trata-se, inequivocamente, de um dos principais aspectos que tem contribuído para que os últimos Congressos não tenham conseguido levar a cabo a integralidade da sua pauta de discussão, resultando, igualmente, em uma sobrecarga de debates que acabam sendo remetidos ao CONAD e dificultando também o cumprimento de sua pauta.

A Comissão avaliou também a constante situação de reapresentação de Textos de Resolução que versam sobre temas que foram objeto de deliberação recente no âmbito do Sindicato Nacional, sem que os mesmos promovam qualquer inflexão das políticas aprovadas e/ou acréscimos substanciais às deliberações anteriores. Esta situação, somada às redundâncias na proposição de Textos de Resolução – muitas vezes com diferenças pontuais e passíveis de compatibilização – contribui para o alargamento do Caderno de Textos aludido anteriormente e revela que, embora seja direito inconteste dos(das/es) sindicalizados(as/es) apresentarem propostas de resolução aos espaços deliberativos do Sindicato Nacional, conforme consigna o Artigo 9 do estatuto do ANDES-SN, faz-se necessário propor medidas que melhorem as condições para o efetivo debate e deliberação sobre a íntegra dos Cadernos de Textos.

Consideradas as várias possibilidade de tratamento do tema, incluindo a possibilidade de substituição metodológica do Caderno de Textos por um modelo de teses, bem como um eventual rodízio de temas componentes do Plano Geral de Lutas, alternando-se bisanualmente entre Congressos, a obrigatoriedade de apresentar os Textos de Resolução em Assembleias das AD-S.Sind ou S.Sind, dentre outros potenciais modelos alternativos, concluiu a Comissão eleita pelo 69º CONAD que as medidas iniciais a serem adotadas deveriam considerar, centralmente, a garantia do direito de sindicalizados(as/es) de apresentarem propostas de resolução, sendo, portanto, adequado pensar em medidas como a ampla disponibilização de resoluções anteriores do Sindicato Nacional (de modo a dissuadir as eventuais reapresentações de temas por mera indisponibilidade de informação, sem prejuízo do direito democrático dos sindicalizados/as/es) e a criação de mecanismos de sistematização prévia dos debates, tendo em conta a possibilidade de compatibilizações de temas redundantes, de modo a promover uma potencial redução dos Cadernos de Textos em sua dimensão atual, sem óbices à nossa democracia interna.

Forma e critérios dos processos deliberativos

Em conexão com o diagnóstico sobre o espectro gigantesco de discussões propostas atualmente nos Cadernos de Textos de Congressos e CONADs, notadamente no que diz respeito ao Plano Geral de Lutas (Tema III), a Comissão passou a debater a interação entre a presente forma das contribuições escritas e seu tratamento em grupos mistos e, *a posteriori*, em sessões plenárias. É importante ressaltar que, enquanto o Caderno de Textos – mecanismo que formata e desencadeia o processo deliberativo nos

Congressos e Conselhos do ANDES-SN, foi uma inovação introduzida na vida do Sindicato Nacional em 1991, por ocasião do 10º Congresso do ANDES-SN (Curitiba-PR), os grupos mistos compuseram parte da dinâmica dos nossos eventos deliberativos desde a fundação da Associação Nacional, tendo sido instituídos no 1º Congresso da ANDES (Florianópolis, 1982), estando, portanto, enraizados de forma profunda na cultura política e institucional de nossa entidade.

Do debate especificamente dedicado a pensar a relação entre grupos mistos e plenárias surgiram duas propostas que, embora em si mesmas não sejam completamente contraditórias, divergem em pontos nodulares. De um lado, está aquela que defenda a manutenção dos grupos mistos com o caráter que atualmente lhes é dado, isto é, como espaços de deliberação preliminar dos Temas II (Plano de Lutas dos Setores), III (Plano Geral de Lutas) e IV (Questões Organizativas e Financeiras), propondo, em simultâneo e independentemente, a adoção de critérios explícitos para a distribuição de delegados(as/es) nos grupos mistos, tendo em vista um conjunto de possíveis parâmetros, tais como: a possibilidade de ADs-SSind ou S.Sinds indicarem os nomes dos delegados(as/es) e observadores(as) que comporão cada um dos grupos, conforme distribuição prévia das ADs-SSind ou S.Sinds; a possibilidade de distribuição de delegados(as/es) ou observadores(as) de modo a proporcionar a presença de signatários(as) dos textos que serão debatidos em cada grupo; a máxima distribuição possível de delegados(as/es) e observadores(as) da mesma AD-S.Sind ou S.Sind pelos diferentes grupos; a máxima distribuição possível de delegados(as/es) e observadores(as) das diferentes regionais do ANDES-SN pelos diferentes grupos; ou a possibilidade de que os critérios referidos anteriormente sejam efetivados por meio de sorteio.

Por outro lado, também foi debatida no âmbito da Comissão a proposta de que se faça uma alteração, especificamente relativa ao Tema III (Plano Geral de Lutas), em caráter experimental, adotando-se para este tema uma dinâmica de Grupo Misto Ampliado (GMA), que reuniria um maior número de delegados(as/es) e distribuiria o conjunto dos assuntos que são atualmente tratados no âmbito dos 12 Grupos de Trabalho do ANDES-SN (GTs) por uma quantidade mínima de sessões iniciais, resultando na possibilidade de estabelecimento de um percentual para minoritárias serem remetidas a plenário após sua apreciação em um destes GMA e na eventual aprovação automática de um maior número de itens, após apreciação em um destes GMA. Como as propostas divergem centralmente quanto a integral manutenção ou não dos grupos mistos para todo o conjunto dos Temas a serem tratados no Congresso do ANDES-SN e a bem da promoção de ampla discussão pelos(as) participantes do 16º CONAD Extraordinário, a Comissão decidiu pela remissão de ambas as propostas ao conjunto dos delegados(as/es) do Conselho.

Outro debate no espectro das questões relacionadas ao processo deliberativo nos Congressos e Conselhos do ANDES-SN disse respeito à questão do quórum. Retomando uma discussão que havia sido amplamente feita por ocasião das contribuições realizadas pela última Comissão que se dedicou a tratar da metodologia dos espaços deliberativos (eleita pelo 38º Congresso do ANDES-SN, Belém, 2019), a Comissão debruçou-se sobre a recorrência dos atrasos que contribuem fortemente para o comprometimento da pauta dos Congressos e dos CONADs e discutiu a possibilidade de que, no diapasão daquilo que já é efetivamente praticado em diversas AD-S.Sind ou S.Sind, o 16º CONAD Extraordinário pudesse reavaliar o quórum mínimo de instalação e deliberação nos grupos mistos de Congressos e CONADs, bem como o 45º Congresso pudesse avaliar proposta de revisão dos Artigos 20 e 28 do estatuto do Sindicato Nacional, de modo a alterar o quórum mínimo deliberativo de plenárias.

Outros aspectos organizativos

Por fim, a Comissão debateu aspectos relacionados à programação dos Congressos e CONADs do ANDES-SN, sua locação, pauta e seu regramento específico. A tônica geral das discussões relativas a esse ponto sublinhou a profunda contradição política hoje observável em nosso Sindicato, que consiste em fazermos uma defesa da saúde de trabalhadores(as) diante de um cenário de aumento vertiginoso da sobrecarga de trabalho, plataformização, adoecimento de trabalhadores(as), ao mesmo tempo em que nossos espaços deliberativos continuam sendo atravessados por uma cultura política de extenuação. Neste sentido, a Comissão destacou que os desafios de fortalecer e incrementar nossa democracia interna, a transparência no processo de construção coletiva das nossas deliberações e a participação da categoria nos espaços de Congressos e CONADs deve coexistir com a instituição de uma política de

cuidado, que leve em consideração que os eventos deliberativos são também espaços de encontro, formação política e congraçamento da categoria e que a qualidade do debate político é diretamente influenciada pelas condições em que são desenvolvidos os trabalhos.

Destarte, a Comissão elencou um conjunto de propostas destinadas a tornar a pauta dos eventos deliberativos mais conforme às disposições estatutárias que regem os Congressos e os Conselhos do ANDES-SN, mais objetivas em relação às tarefas políticas desses eventos e mais estáveis, tanto do ponto de vista político, quanto financeiro.

Em primeiro lugar, debateu-se que seria desejável que, excetuando-se o cronograma do evento e a distribuição e quantidade dos grupos mistos, fossem adotados Regimentos Gerais dos Congressos e Regimentos Gerais dos CONADs do ANDES-SN, aglutinando as discussões hoje realizadas quando da plenária de instalação à plenária de abertura do evento, o que pode vir a destravar a pauta e contribuir para a otimização da programação, a um só tempo em que pode criar uma estrutura mais sólida e estável de funcionamento dos eventos deliberativos.

Na mesma direção, a Comissão propõe um conjunto de mudanças quanto ao Conselho do Sindicato Nacional, destacando-se a restituição de seu caráter estatutário de instância fiscal do ANDES-SN e suprimindo-se nele o debate do Tema III (Plano Geral de Lutas), a criação de uma Plenária Geral de Avaliação de Contas – com atribuição de discutir o balanço financeiro e as demonstrações contábeis do SN, evitando a presente situação de indisponibilidade por parte da Tesouraria nacional que não consegue atender em simultâneo às questões suscitadas por todos os grupos mistos que debatem o Tema –, bem como a possibilidade de que os CONADs sejam realizados alternadamente, de tal modo que o CONAD de posse da direção nacional seja realizado preferencial em Brasília-DF, dados que as demonstrações do rateio dos últimos CONADs ordinários e extraordinários demonstra uma diferença de mais de 30% nos custos do CONAD a depender da localidade de realização.

Encerrando o conjunto de propostas emanadas dos trabalhos da Comissão, foram apresentados modelos de programação geral dos Congresso e dos Conselhos do ANDES-SN que, levando em conta o debate sobre a carga horária ideal dos espaços deliberativos, apontam a necessidade de uma programação pensada para garantir jornadas máximas de 8h00 de debate, garantia de turnos livres entre o fim dos grupos mistos e o início das plenárias, encarramento durante o turno da tarde do último dia de programação dos Congressos e adaptação destes princípios gerais à programação dos CONADs naquilo que lhes couber. Em que pese o fato de que a adoção de tais medidas enseja a restituição de um dia de programação nos Congressos (revertendo parcialmente modificação que havia sido introduzida no 39º Congresso, São Paulo, 2020, após indicação da Comissão de teor similar a esta, eleita pelo 38º Congresso), houve um entendimento comum de que o benefício político e de condições de trabalho justificaria a adoção da mudança.

TR – 7

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o 45º Congresso do ANDES-SN aprecie proposta de alteração dos Artigos 16 e 17 do Estatuto do Sindicato Nacional, de modo a adotar critérios para a indicação de observadores(as) das AD-S.Sind ou S.Sind nos Congressos e CONADs, nos seguintes termos:

1.1 Congressos: cada AD-S.Sind ou S.Sind poderá indicar, no máximo, 4 observadores(as) ou 50% do número total de delegados(as/es) da AD-SSind ou SSind;

1.2 CONADs: cada AD-S.Sind ou S.Sind poderá indicar, no máximo, 4 observadores(as).

2. Que, por ocasião da convocação dos Congressos do ANDES-SN, sejam reenviados ao conjunto das AD-S.Sind ou S.Sind os relatórios dos três Congressos imediatamente anteriores.

3. Que seja criado um repositório institucional das deliberações Congressuais do ANDES-SN, a ser disponibilizado no sítio eletrônico do Sindicato Nacional, cujo link seja enviado por ocasião da convocação dos Congressos e Conselhos do ANDES-SN.

4. Que seja adotado um caderno de sistematização prévia dos debates a serem realizados nos Congressos do ANDES-SN, segundo a metodologia seguinte:

a) os textos de apoio e de resolução apresentados para a composição do Caderno de Textos deverão conter, além da lista de signatários, a indicação expressa de um(uma) representante e respectivo endereço de correio eletrônico;

b) após o envio do Caderno de Textos ao conjunto dos sindicalizados(as/es), abrir-se-á um período de 15 (quinze) dias úteis, durante os quais serão admitidas propostas de compatibilização prévia de textos e/ou supressão de textos anteriormente apresentados.

c) a compatibilização prévia de textos de resolução, itens de texto de resolução e/ou supressão de textos anteriormente apresentados será de iniciativa exclusiva dos(das) signatários(as) das propostas a serem compatibilizadas e/ou suprimidas, que deverão (conjuntamente, caso trata-se de proposta de nova redação que sintetiza mais de um texto de resolução ou item de texto de resolução) comunicar oficialmente à Secretaria do ANDES-SN a sistematização proposta, por meio dos(das) representantes indicados(as) quando da apresentação dos textos.

d) a Diretoria Nacional do ANDES-SN só proporá compatibilizações prévias de textos de resolução, itens de texto de resolução e/ou supressão de textos anteriormente apresentados em relação aos textos de sua própria autoria, devendo ter anuência expressa dos(das) signatários(as), comunicada oficialmente à Secretaria do ANDES-SN, quando se tratar de proposta de nova redação (e/ou supressão) que sintetiza mais de um texto de resolução ou item de texto de resolução.

e) findo o prazo estipulado na alínea "b", a Secretaria do ANDES-SN organizará o caderno de sistematização prévia dos debates, contendo: e') resoluções Congressuais anteriores que incidem sobre textos apresentados no Caderno de Textos e não compatibilizados e/ou suprimidos pelos(as) signatários(as); e'') as redações compatibilizadas apresentadas no curso do prazo estipulado pela alínea "b"; e''') a indicação dos textos retirados/suprimidos pelos(as) signatários(as) no curso do prazo estipulado pela alínea "b"; e'''') a organização dos debates, tendo em vista os textos cujas redações seguirão o expresso no Caderno de Textos e aqueles cuja redação será debatida segundo o caderno de sistematização prévia.

5. Que, nos Congressos e CONADs do ANDES-SN, os grupos mistos apreciem os Temas II, III e IV do Caderno de Textos (Plano de Luta dos Setores, Plano Geral de Lutas e Questões Organizativas e Financeiras) no formato atual, adotando critérios para a distribuição de delegados(as/es) e observadores(as) que contemplem:

a) a possibilidade de ADs-SSind ou S.Sinds indicarem os nomes dos delegados(as/es) e observadores(as) que comporão cada um dos grupos, conforme distribuição prévia das ADs-SSind ou S.Sinds;

b) a possibilidade de distribuição de delegados(as/es) ou observadores(as) de modo a proporcionar a presença de signatários(as) dos textos que serão debatidos em cada grupo;

c) a máxima distribuição possível de delegados(as/es) e observadores(as) da mesma AD-S.Sind ou S.Sind pelos diferentes grupos;

d) a máxima distribuição possível de delegados(as/es) e observadores(as) das diferentes regionais do ANDES-SN pelos diferentes grupos;

e) a possibilidade de que os critérios referidos nas alíneas "c" e "d" sejam efetivados por meio de sorteio.

6. Que, no Congresso do ANDES-SN, seja adotado um modelo de debate do Plano Geral de Lutas (Tema III) que contemple:

a) a criação de Grupos Mistos Ampliados (GMA), organizados em caráter de plenária inicial, limitando-se a 4 (quatro) grupos que contemplem as temáticas do Plano Geral de Lutas e reflitam a diversidade dos 12 (doze) grupos de trabalho que compõem a estrutura do ANDES-SN;

b) que as propostas aprovadas por maioria simples nos GMA (50% mais 1 dos delegados/as/es que compõem o grupo) sejam consideradas aprovadas sem necessidade de remissão a plenário;

c) que as propostas minoritárias apoiadas por, pelo menos, 30% dos delegados(as/es) que compõem o GMA sejam remetidas a plenário.

7. Que, nos Congressos e CONADs do ANDES-SN, os grupos mistos sejam instalados com quórum mínimo de 30% dos(das/es) delegados(as/es) componentes do grupo e que, decorrida meia hora (30 min.) de sua instalação, possam deliberar com quórum de 30% dos(das/es) delegados(as/es) componentes do grupo.

8. Que o 45º Congresso do ANDES-SN aprecie proposta de alteração dos Artigos 20 e 28 do Estatuto do Sindicato Nacional, de modo a permitir, nos Congressos e CONADs, que o funcionamento das plenárias seja iniciado com quórum mínimo de 30% dos(das/es) delegados(as/es) credenciados(as/es) e que, decorrida meia hora (30 min.) de sua instalação, possam deliberar com quórum de 30% [ou 40%] dos(das/es) delegados(as/es) credenciados(as/es).

9. Que sejam adotados um Regimento Geral do Congresso do ANDES-SN, em consonância com o Título III, Capítulo I do Estatuto do Sindicato Nacional, e um Regimento Geral do Conselho do ANDES-SN, em consonância com o Título III, Capítulo II do Estatuto do Sindicato Nacional, a serem adotados em caráter permanente (modificável apenas por meio de resolução Congressual relativa aos Temas de Questões Organizativas), deles excluídas a programação geral dos eventos e os itens relativos ao número de grupos mistos e de delegados(as/es) que os compõem, que deverão ser apreciados nas plenárias de abertura dos respectivos eventos deliberativos.

9.1 As propostas de Regimento aludidas no caput desta resolução deverão ser apreciadas pelo 45º Congresso do ANDES-SN.

10. Que seja adotado um modelo de programação geral do Congresso do ANDES-SN baseado nos seguintes princípios:

a) início dos trabalhos na parte da tarde do primeiro dia;

b) limitação dos trabalhos a dois turnos por dia (ou 8h, excetuando-se o horário de almoço);

c) garantia de turno livre entre o fim dos grupos mistos e o início das plenárias;

d) encerramento até as 17h00 do último dia de programação;

e) programação distribuída em 6 (seis) dias de trabalho.

10.1 Para efeitos do cumprimento do que dispõe o caput desta resolução, a partir do 46º Congresso do ANDES-SN, o referencial da programação geral seria o seguinte:

PROGRAMAÇÃO DO CONGRESSO DO ANDES-SN

<table>
<tr><th></th><th>SEG.</th><th>TER.</th><th>QUA.</th><th>QUI.</th><th>SEX.</th><th>SÁB.</th></tr>
<tr><td>09:00 – 11:00</td><td>----</td><td rowspan="2">GM Tema II</td><td rowspan="2">GM ou

GMA Tema III</td><td>----</td><td rowspan="2">Plenária

Tema III Plano Geral</td><td rowspan="2">Plenária Tema

IV
Questões Org.</td></tr>
<tr><td>11:00 13:00</td><td>----</td><td>----</td></tr>
<tr><td>13:00 – 15:00</td><td rowspan="3">Plenária de Abertura
e Instalação

Debate
do Cronograma*
(14:00 – 16:00)</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td></tr>
<tr><td>15:00 – 17:00</td><td>GM ou GMA Tema III</td><td>GM Tema IV</td><td>Plenária Tema II Setores</td><td>Plenária Tema III Plano Geral</td><td>Plenária Final Encerramento</td></tr>
<tr><td>17:00 – 19:00</td><td rowspan="2">Plenária Tema I
Conjuntura*
(16:00-20:00)</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td rowspan="2">----</td></tr>
<tr><td>19:00 – 21:00</td><td>----</td><td>----</td><td>----</td><td>----</td><td>----</td></tr>
<tr><td>----</td><td>----</td><td>----</td><td>Confraternização</td><td>----</td><td>----</td><td>----</td></tr>
</table>

11. Que o Conselho do ANDES-SN (CONAD) tenha restituído seu caráter de instância deliberativa fiscal do Sindicato Nacional, restringindo-se sua programação:

a) ao debate da conjuntura;

b) ao debate da atualização do plano de luta dos setores;

c) ao debate das questões organizativas e financeiras.

12. Que a prestação de contas dos exercícios anuais do Sindicato Nacional seja realizada durante o Conselho do ANDES-SN (CONAD) diretamente em plenária geral de avaliação de contas – e não mais no âmbito dos grupos mistos dedicados aos temas de questões organizativas – cabendo sua apresentação à Tesouraria do ANDES-SN.

13. Que, a partir do 71º CONAD, o Conselho do ANDES-SN (CONAD) seja realizado alternadamente, de modo que os CONADs de posse da Direção Nacional do ANDES-SN aconteça em Brasília-DF, salvo excepcionalidades, e os demais no atual sistema de rodízio entre localidades.

14. Que seja adotado um modelo de programação geral do Conselho do ANDES-SN (CONAD) segundo o referencial abaixo:

PROGRAMAÇÃO DO CONSELHO DO ANDES-SN

<table>
<tr><th></th><th>SEX.</th><th>SÁB.</th><th>DOM.</th></tr>
<tr><td>10:00 – 12:00</td><td rowspan="2">Plenária de Abertura e Instalação

Debate
do Cronograma</td><td rowspan="2">GM Tema II* (início às 9h00)</td><td rowspan="2">Plenária Tema II*
Setores (início 9h00)</td></tr>
<tr><td>12:00 – 13:00</td></tr>
<tr><td>13:00 – 15:00</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td><td>Almoço</td></tr>
<tr><td>15:00 – 17:00</td><td rowspan="2">Plenária Tema I Conjuntura</td><td>GM Tema IV</td><td>Plenária Tema IV
Quest. Org.</td></tr>
<tr><td>17:00 – 19:00</td><td>Plenária Geral de Avaliação de Contas</td><td>Plenária Final Encerramento</td></tr>
</table>

TEXTO 8

Contribuição das(os) sindicalizadas(os):Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva

(Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).

METODOLOGIA DOS ESPAÇOS DELIBERATIVOS E SEUS ASPECTOS POLÍTICOS: POR UM ANDES-SN MAIS PARTICIPATIVO E DEMOCRÁTICO

TEXTO DE APOIO

Os espaços deliberativos do ANDES-SN têm sido instrumentos fundamentais para garantir que, ao longo de seus 45 anos de existência, o Sindicato Nacional tenha se expressado a partir da vontade informada da categoria docente, por meio de representantes eleitos(as) em suas bases. A forma organizativa do ANDES-SN, como um Sindicato Nacional e não como uma federação, acabou moldando tais espaços de modo a possibilitar que o conjunto da categoria dirija a política pela via da construção dos Planos Gerais e Setoriais de Luta.

Consideramos que grande parte da riqueza da forma organizativa do Sindicato Nacional está no modelo de seus espaços deliberativos, que, a despeito de reclamarem mudanças para seu melhor funcionamento, como trataremos abaixo, conserva a capacidade - nem sempre efetivada, infelizmente - de sintetizar a democracia sindical a partir da participação isonômica, informada e livre de todos e todas as(os) sindicalizadas(os).

No último Conad Ordinário, realizado em São Luís (MA), deliberou-se, a partir de proposta da Diretoria Nacional, pela criação de uma comissão para rever os aspectos metodológicos de funcionamento dos espaços deliberativos do ANDES-SN. Nossa corrente sindical compôs a comissão com uma representação, mas a presença majoritária ficou com as representações da Diretoria e do coletivo que dá sustentação à Diretoria (com quatro dos sete membros). Algumas das propostas que saem dessa comissão, na nossa compreensão, tendem a reduzir a democracia sindical, a absolver a Diretoria do ANDES-SN das responsabilidades políticas acerca dos problemas que os Congressos e Conads enfrentam e, em alguma medida, acabam transferindo o conflito organizativo-político nacional para ser resolvido pelas bases.

Garantia de ampla participação da categoria

Muito se fala hoje sobre o tamanho dos eventos deliberativos do ANDES-SN. Temos assistido a um crescimento importante desses espaços, com maior participação da base - em especial, das seções pequenas e médias - ainda que, em muitos casos, tenham de contar com a solidariedade de outras seções para se fazerem presentes nesses espaços, diante da ainda tímida política de apoio a essas seções por parte do ANDES-SN. Consideramos que esse crescimento não apenas é desejável, como tem sido salutar para tais eventos, pois tem representado um maior engajamento da categoria e também um processo de renovação dos quadros militantes do SN. Deve ter prioridade, na política de um sindicato que se reivindica pela base, o processo de crescimento, formação e fortalecimento do seu corpo militante, e a participação da categoria nos espaços deliberativos é um instrumento crucial para tais tarefas.

Todavia, há um discurso recorrente - e que dominou parte das intervenções na comissão -, que sustenta a ideia de que os espaços deliberativos do ANDES-SN deveriam ser menores. Para operar, então,

mudanças no sentido da diminuição dos eventos - o que, na nossa concepção, diminui a democracia sindical - busca-se incidir sobre o cálculo de participação de delegados(as) e observadores(as) das seções nos Congressos e Conads. O critério atualmente utilizado para definir o número de delegados(as) é o modelo de *proporcionalidade cumulativa*, e não a *proporcionalidade linear*. No modelo cumulativo, busca-se reduzir as desigualdades de representação entre seções pequenas, médias e grandes, evitando que diferenças muito acentuadas no número de sindicalizados(as) se converta automaticamente em diferenças igualmente acentuadas de poder de decisão no âmbito nacional. A proporcionalidade cumulativa procura impedir que essas desigualdades objetivas produzam hegemonismos no interior do Sindicato Nacional. Ao assegurar uma representação proporcionalmente maior às seções menores, busca-se garantir que elas também tenham condições efetivas de pautar questões, participar das decisões nacionais e incidir sobre debates que dizem respeito ao conjunto da categoria. Trata-se, nesse sentido, de conciliar a proporcionalidade com a necessidade política de preservar a pluralidade e o equilíbrio entre as diferentes seções que compõem o Sindicato Nacional. Esse critério considera que o tamanho das seções não resulta apenas de sua capacidade de organização, mas também de condições históricas, políticas, institucionais e econômicas distintas. Universidades maiores, mais antigas ou situadas em regiões com sistemas de ensino superior mais consolidados tendem, por exemplo, a reunir um número maior de docentes e, consequentemente, de sindicalizados(as).

A adoção de uma proporcionalidade linear, como alternativa, tenderia a reduzir a representação da maioria das seções, especialmente das pequenas e médias. Em um modelo de crescimento linear por proporção fixa de sindicalizados(as) (a cada 100, 200 ou 300, etc.), o aumento do número de delegados ocorreria apenas nas seções com maior número de filiados. Para as seções menores, ao contrário, a redução pode ser expressiva. Em alguns casos, o número de delegados cairia pela metade se adotássemos um modelo linear.

É especialmente importante atentarmos para as tentativas de limitar o número de observadores(as), como se a participação desses(as) fosse dispensável ou constituísse um peso para o SN. Essa proposta, infelizmente, virá como síntese dos trabalhos da comissão. Nós fomos e continuamos sendo contrários(as) a tal medida. Os Congressos e Conads são espaços de formação para a categoria docente, e a participação como observador(a) tem, muitas vezes, a função de ambientar o(a) militante à dinâmica de funcionamento, aos debates políticos e às questões mais candentes do movimento docente. Assegurar ampla participação (com um teto razoável e preservando o direito da Assembleia Geral de definir seu quantitativo) é de interesse do SN, pois promove o crescimento e a diversificação da categoria mobilizada em torno de suas pautas centrais. Não devemos centrar esse debate em questões quantitativas ou excepcionais. A centralidade deve ser a garantia da democracia sindical pela via da maior participação política da categoria e do crescimento da parcela da base engajada e em formação nos espaços deliberativos. Além disso, se observarmos os números dos últimos Congressos, por exemplo, percebe-se que a maioria das seções não chega a levar um número de observadores(as) que equivalha ou supere o número de delegados(as). Isso, por si só, já indica que não há abuso do instrumento de indicação de observadores(as). Vale registrar que, com isso, não desprezamos as preocupações legítimas acerca dos custos dos eventos, especialmente os que são remetidos à base por meio da política de rateio. A proposta da comissão de garantir a realização dos Conads de posse em Brasília já ajuda a reduzir parte desses custos, mas avaliamos que a diretoria precisa avançar em caminhos de redução dos custos dos eventos para as seções, como deliberado no 44º Congresso e objeto de intenso debate no II Seminário de Questões Organizativas.

Desta forma, entendemos que a proporcionalidade cumulativa para delegados(as) deve ser mantida e que não se deve buscar qualquer diminuição do tamanho dos eventos pela via da restrição à participação da categoria nos espaços, seja como delegados(as) ou como observadores(as). Mas entendemos também que as regras de participação de observadores devem constar do estatuto do ANDES-SN e seguir o mesmo princípio de proporcionalidade cumulativa na escolha de delegados(as) (no caso de Congressos) e de garantia de representação mínima razoável (no caso de Conads). Abaixo, apresentamos propostas de ajustes estatutários tanto para Congressos quanto para Conads.

Grupos mistos, plenárias e seu funcionamento

Outro tema que deve ser de particular interesse para a garantia do debate democrático e da qualidade do conjunto da categoria nos espaços deliberativos diz respeito ao modo de funcionamento dos grupos

mistos (GMs) dos Congressos e Conads. Na sua forma atual de organização e funcionamento, há muitas dúvidas quanto aos mecanismos de escolha para a composição dos GMs e para a distribuição dos temas em cada um deles. Isso tem sido fruto de questionamentos recorrentes por parte da categoria, que muitas vezes se sente alijada do processo de distribuição e não consegue debater os temas que se propôs a discutir desde a base.

Esse é um dos pontos que consideramos mais sensíveis no debate, dado que mudanças nos grupos e/ou nas plenárias impactam estruturalmente a forma e o conteúdo dos eventos deliberativos. Vemos com preocupação propostas elaboradas pela Diretoria Nacional e por seu coletivo de sustentação, que apresentaram enfaticamente à comissão a proposta de eliminar parte dos grupos mistos e transformá-los em grandes plenárias temáticas, organizadas em conjuntos de GTs, para as quais os militantes seriam designados por suas bases para debater os temas dos GTs específicos.

Entendemos que essas mudanças propostas como "alternativas" ao modo de funcionamento dos GMs ferem, em várias frentes, o sentido da democracia e da tarefa de representação da categoria em uma instância de um sindicato NACIONAL. Atribuir a responsabilidade pela distribuição dos militantes por temas às seções transpõe a crítica legítima da falta de transparência atual para um conflito na própria base, que agora terá de debater e deliberar sobre os critérios de alocação de militantes em cada grupo. Além disso, cristaliza-se um sentimento de que não há interesse da categoria no conjunto de temas do Congresso e do Conad, apenas em uma parte em que a "vanguarda" local tem interesse. E pode fazer com que determinados debates que, historicamente, já têm recebido pouca atenção da categoria fiquem ainda mais esvaziados.

Além das razões acima, a proposta de substituição dos grupos mistos por "plenariões" (os tais "Grupos Mistos Ampliados" - GMAs, nos termos da comissão) traz consigo o risco de um desequilíbrio de tempo de trabalho entre esses "plenariões", além de consolidar o fracionamento político do sindicato, contribuindo para o esvaziamento político das plenárias e separando valorosos(as) militantes que têm interesse em debater todos os GTs, deixando muitos confinados a debates setorizados e, por fim, ferindo o sentido do PLANO GERAL DE LUTAS do sindicato, que deve ser pensado em diálogo orgânico entre os GTs. Na prática, o esvaziamento do debate e o fracionamento da categoria, que poderão ser produzidos pelos "plenariões", tendem a abrir espaços para hegemonismos, a partir da ampliação do controle sobre o espaço deliberativo e da menor participação da categoria.

Mas também não pensamos que nada deva ser modificado no modelo atual de GMs. Para nós, mudanças importantes precisam ser feitas, mas mudanças que dialoguem com o conteúdo da crítica que vem sendo lançada contra o modo atual de funcionamento desses espaços. Por um lado, parte da solução da relativa "ineficácia" dos GMs pode passar pela garantia do início e da deliberação com menor quórum mínimo após 30 minutos - algo que defendemos também para o funcionamento das plenárias atuais, e algo que já está previsto no regimento de muitas Seções para suas AGs. Isso evita que o Grupo e a Plenária fiquem parados esperando a formação de quórum. Após os 30, o debate é iniciado mesmo com um conjunto menor de militantes que se fizer presente na segunda chamada. Associado a isso, pensamos que o atual formato de funcionamento dos GMs deve ser aprimorado, com a garantia de sorteio público e transparente para sua composição e para a ordem dos TRs que entrarão em cada GM, por meio de um sistema informatizado de sorteio criado para esse fim.

Vale ressaltar que um dos sentidos da democracia sindical do ANDES-SN está na tarefa de representação da categoria como um todo nas instâncias do sindicato, que é um sindicato nacional. Disso se supõe que há interesse da categoria no conjunto de temas do Congresso e do Conad, e não apenas um interesse vanguardista por partes da política. Os grupos mistos devem ser espaços nos quais nenhum debate - em especial aqueles historicamente negligenciados - reste esvaziado. E devem ser uma ferramenta horizontal de debate, como o são na tradição radical e revolucionária em sindicatos e outras organizações políticas no Brasil e no mundo. E seus problemas, legitimamente apontados pela categoria, não devem ser "solucionados" pela criação de novos espaços não experimentados, e que poderão resultar em maior controle político desses espaços e maior fragilização do sentido totalizante da política do nosso Sindicato Nacional.

Diante dessas questões, a Unidade Classista e o Movimento por uma Universidade Popular propõem as resoluções a seguir.

TR – 8

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o parágrafo 1º do artigo 17 do seu Estatuto, que trata das delegações para Congressos, passará a ter a seguinte redação:

§ 1º. O(a)s delegado(a)s **e observadores(as)** de base das S.SINDs ou ADs-S.SINDs e do(a)s sindicalizado(a)s via Secretarias Regionais serão eleito(a)s na seguinte proporção cumulativa:

I- até quinhentos (500) sindicalizado(a)s, um(a) (1) delegado(a) **e um(a) (1) observador(a)** por conjunto de cem (100) ou fração;

II- de quinhentos e um (501) a mil (1.000) sindicalizado(a)s, um(a) (1) delegado(a) **e um(a) (1) observador(a)** por conjunto de duzentos e cinquenta (250) ou fração;

III- a partir do(a) milésimo(a) sindicalizado(a), um(a) (1) delegado(a) **e um(a) (1) observador(a)** por conjunto de quinhentos (500) ou fração;

IV- A proporcionalidade para escolha de delegado(a)s que representem o(a)s sindicalizado(a)s via Secretaria Regional será baseada no quantitativo de votos obtidos nas eleições imediatamente anteriores ao CONGRESSO pela Chapa da Oposição pró-ANDES-SN na base em que a eleição de delegado(a)s para o CONGRESSO ocorra, de acordo com o disposto no Artigo 4.

V- Caso não haja chapa de oposição pró-ANDES-SN inserida no processo eleitoral da base em que há eleição de delegado(a)s de acordo com o disposto no Artigo 41, o quantitativo de delegado(a)s escolhido(a)s entre o(a)s sindicalizado(a)s será limitado a 1 (uma) única pessoa.

VI- Seções sindicais com até 350 sindicalizados terão direito a até quatro (04) observadores(as), independentemente da quantidade de delegados(as) eleitos(as) pela regra do inciso I acima.

2. Que o artigo 25 do seu Estatuto, que trata das delegações para Conads, passará a ter a seguinte redação:

Art. 25. O CONAD é composto:

I- por um(a) (1) delegado(a) de cada S.SIND ou AD-S.SIND escolhido na forma deliberada por sua Assembleia Geral;

II- por um(a) (1) delegado(a) representativo do(a)s sindicalizado(a)s, via cada uma das Secretarias Regionais, escolhido na forma deliberada por sua Assembleia Geral;

III- por observadore(a)s de base das S.SIND ou AD-S.SIND e do(a)s sindicalizado(a)s diretamente nas Secretarias Regionais, com direito a voz;

IV-pelos demais membros em exercicio na DIRETORIA (art. 32. I. II. III e IV), exceto aqueles eujo âmbito de competência e atuação limita-se à área de sua Regional (art. 32, V), com direito a voz:

V-pelo(a) Presidente(a) do ANDES-SINDICATO NACIONAL, que o preside, com direito a voz e voto em suas sessões.

Parágrafo único: Cada Seção Sindical terá direito de indicar até quatro (04) observadores(as) por delegação, independentemente da quantidade de sindicalizados(as).

3. Que os Grupos Mistos dos Congressos e Conads, bem como suas plenárias correspondentes, poderão iniciar os debates e deliberações com quórum mínimo de 50% dos(as) delegados em seu horário regimental inicial e com quórum mínimo de 25% em segunda chamada, após 30

minutos do horário regimental inicial.

4. Que a ordem dos TRs para cada tema e a composição dos Grupos Mistos serão definidas por meio de um sistema informatizado de sorteio público e transparente, a ser elaborado pela equipe técnica do ANDES-SN ou por outros(as) profissionais capacitados(as), e realizado na plenária de abertura/instalação dos eventos deliberativos.

TEXTO 9

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Alexandre Cunha (NPTPS-Adufes); Ana Carolina Galvão (GTSSA-Adufes); Aline Pandolfi (GTPFS-Adufes); Carina Copatti (GTPAUA-Adufes); Carlos Eduardo Schimidt Castellani (GTPE-Adufes); Cathiana do Carmo Dalto Banhos (NPTPS-Adufes); Cenira Andrade de Oliveira (GTSSA-Adufes); Débora Monteiro do Amaral (GTPE-Adufes); Edivaldo José Bortoleto (GTPE-Adufes); Fabiana Fátima Cherobin (GTPE-Adufes), Fernanda de Araújo Binatti Chiote (GTPE-Adufes); Filipe Skiter (Adufes); Jeffa Santana (Adufes); Jesio Zamboni (NPTPS-Adufes); João Paulo da Silva Valdo (GTPFS-Adufes); João Luiz Simplício Porto (GTPCGDS-Adufes); José Antônio da Rocha Pinto (GT-Carreira-Adufes); Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan (NPTPS-Adufes); Lívia de Cássia Godoi Moraes (GTPFS-Adufes); Luciano Vidon (GTPE-Adufes) Maria Aparecida de Carvalho (GTPE-Adufes); Patrícia Martins Santos Freitas (GTPFS- Adufes); Priscila Monteiro Chaves (GTPE-Adufes); Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Adufes); Rafael Goes Furtado (Adufes), Ricardo Roberto Behr (GTSSA-Adufes); Silvanete Pereira dos Santos (Adufes).

POR ESPAÇOS MAIS REPRESENTATIVOS E PELA PRIMAZIA DA LUTA

TEXTO DE APOIO

A Universidade pública brasileira é resultado da luta de classes que se dá entre as frações da burguesia nacional, na defesa de um projeto de educação que atenda seus interesses, e os/as trabalhadores/as que defendem universidades públicas, gratuitas, presenciais, com atividades de ensino, pesquisa e extensão socialmente referenciadas. Para além da tendência posta pelo processo de oligopolização do ensino superior, que vem degradando a Universidade Pública brasileira, com cada vez menores investimentos e acesso ao fundo público, vimos convivendo com maior exigência produtivista, burocratização, tentativas de retirada de direitos, vigilância e controle sobre nosso trabalho. Nesse contexto, é nítida a precarização da estrutura física, a piora nas condições do trabalho docente e o abandono de estudantes com perspectiva de permanência cada vez mais crítica. A Universidade pública, que é obra da luta de muitas gerações e parte da nossa própria história, continua em disputa.

A intensificação dos retrocessos e do desmonte dos serviços públicos tem exigido da categoria docente a solidificação de lutas unitárias e a formação de uma base social ainda mais atuante, envolvida e bem instruída sobre as disputas em torno da política educacional e sobre a própria função da Universidade Pública - se considerada a ameaça dos negacionistas da extrema direita. Contudo, temos visto que é cada vez mais imperativo ampliar a participação e mobilização da nossa base docente, assim como o envolvimento do segmento técnico-administrativo e do movimento estudantil nas lutas por um projeto de educação avesso ao do capital. Assim, em nossos congressos, reuniões nacionais, seminários e cursos de formação, temos apontado a necessidade de fortalecimento do trabalho de base a ser feito pelo próprio sindicato e, com isso, a melhor e mais qualificada participação dessa base nos espaços deliberativos e formativos do nosso sindicato. Temos assinalado também a perda da capacidade de chamamento do Andes-SN que, em outros momentos históricos, foi muito mais convocado por diferentes setores, não somente da Educação, à participação mais orgânica possível na luta em defesa de direitos e por um

projeto de educação próprio da classe trabalhadora. Nossa organização interna direcionada para essa finalidade é fundamentalmente necessária, seja nos nossos postos de trabalho, nas nossas Seções Sindicais, nos espaços nacionalmente construídos e na relação com outros setores e movimentos sociais que caminham na mesma direção.

A tendência ao esvaziamento dos sindicatos se dá por questões conjunturais profundas, próprias também do aprofundamento das contradições da sociedade capitalista. Esse fenômeno afeta todas as categorias profissionais e tem se complexificado com a plataformização do trabalho. Soma-se ao desafio da organização sindical a tendência à piora nas condições de reprodução da vida de trabalhadoras e trabalhadores, o que tem cada vez mais ameaçado o trabalho docente nas instituições de ensino.

Nesse sentido, o que vimos debatendo de forma articulada entre os diferentes GTs do Andes-SN na Adufes passa também pela forma como o Andes-SN se auto-organiza, gesta seus recursos e dirige a categoria, tendo sido feito um esforço de maior participação possível da parte de nossa base para que estejamos nesses espaços. Se é pela base que existimos e fazemos política, na contramão disso, nossa sistemática avaliação da atuação de nosso Sindicato (baseada em nossa participação nos debates locais e nacionais, na análise das publicações e documentos do ANDES e sobretudo na consecução ou não das definições previstas em nosso Plano de Lutas) vem indicando que há uma notória distância entre o que se pratica e o que se diz e se documenta; entre o que ganha primazia no centro dos nossos debates e as lutas que de fato movem a categoria.

Assim, visando garantir a melhoria das condições de participação da categoria nas instâncias deliberativas do Andes-SN, apresentamos as seguintes proposições:

TR – 9

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o Andes-SN preserve a proporcionalidade cumulativa de modo a garantir a representatividade das Seções Sindicais com critérios para indicação de observadores e observadoras nos eventos que assegurem tanto certa equidade entre Seções Sindicais quanto o fomento à maior participação possível da base nos espaços deliberativos do Andes-SN;

1.1. Que nos congressos, as Seções Sindicais que contem com quatro ou mais delegados possam indicar, no máximo, o mesmo número de delegados/as para a tarefa de observador/a e que, nos Conads, o número máximo de observadores/as obedeça o mesmo número de delegados/as que a Seção Sindical tem nos congressos;

1.2. Que as Seções Sindicais que contem com menos de quatro delegados possam indicar, no máximo, quatro observadores, tanto nos Congressos quanto nos Conads;

2. Que os Grupos Mistos (GM's) existentes, espaços fundamentais para a construção da política do Andes-SN, tenham sua composição definida a partir de parâmetros mais transparentes, democráticos e participativos. Nesse sentido, do ponto de vista concreto, devem ser organizados com antecedência, de modo que a base possa participar considerando seu acúmulo, atuação na base e movimentos sociais; ter o direito de incidir sobre a distribuição de delegados/as e observadores/as que irão compor os vários Grupo de Trabalhos dos Congressos e Conads. Assim:

2.1. Cinco dias após a publicação do caderno de textos, a secretaria do Andes-SN publicará a distribuição da ordem das TRs nos Grupos Mistos de Trabalho;

2.2. Via formulário ou algum outro sistema mais apurado de inscrição, elaborado pelo Andes-SN, cada Diretoria de Seção Sindical será responsável por inscrever suas representações, respeitando a distribuição de delegados/as e observadores/as de forma equânime e no maior número de grupos

possível, indicando 1ª e 2ª opção para cada um dos participantes, de modo que haja ainda uma margem para a organização da própria Secretaria do Andes-SN.

3. Que todas as convocações para os congressos tragam anexada uma caixa de texto sintetizando, em linhas gerais, as principais diretrizes sobre cada um dos campos da política do Andes-SN, para que os Textos de Resolução submetidos possam, de forma mais propositiva, avançar no que compete às deliberações políticas para o plano de lutas.

4. Que seja mantida a atual periodicidade do Congresso, que acontece anualmente.

5. Que as Plenárias do Congresso e CONADs tenham as seguintes durações:

5.1. As Plenárias de Abertura e de Instalação serão realizadas no mesmo período e terão, juntas, até 2 (duas) horas e meia de duração, improrrogáveis;

5.2. A Plenária do Tema I, destinada à discussão da Conjuntura e Movimento Docente, será realizada em 1 (um) período; terá duração de 3 (três) horas e poderá ser prorrogada por mais 1 (uma) hora;

5.3. A Plenária do Tema II, destinada à discussão dos Planos de Lutas dos Setores, será realizada em 1 (um) período; terá duração de 3 (três) e poderá ser prorrogada por mais 1 (uma) hora;

5.4. A Plenária do Tema III, destinada à discussão do Plano Geral de Lutas, será realizada em 2 (dois) períodos de 3 (três) horas cada e poderá ser prorrogada 1 (uma) vez, por até 1 (uma) hora, não ultrapassando o limite total de 7 (sete) horas;

5.5. A Plenária do Tema IV, destinada à discussão das Questões Organizativas e Financeiras, será realizada em 2 (dois) períodos de 3 (três) horas cada e poderá ser prorrogada por 1 (uma) vez, por até 1 (uma) hora, não ultrapassando o limite total de 7 (sete) horas;

5.6. A Plenária de Encerramento terá 2 (duas) horas de duração e poderá ser prorrogada a critério do Plenário, no máximo até às 23h59.

6. Que as Plenárias e os Grupos Mistos do Congresso e CONAD funcionem com os seguintes quóruns:

6.1. O quórum para funcionamento em **Plenárias e os Grupos Mistos** do Congresso e CONAD e de mais de 50% (cinquenta por cento) de delegados(as) com direito a voto;

6.2. As deliberações em **Plenárias** só poderão ocorrer depois de verificado o quórum previsto de mais de 50% (cinquenta por cento) de delegados(as) com direito a voto;

6.3. Nos **Grupos Mistos**, passados 15 (quinze) minutos do horário definido para o início dos trabalhos, o quórum para deliberações se reduz para 30% (trinta por cento) de delegados(as) com direito a voto.

TEXTO 10

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).

OS NOVOS DESAFIOS POSTOS PARA O ANDES-SN E A NECESSIDADE DE FAZER DEBATES SOBRE REORGANIZAÇÃO SINDICAL NAS BASES

TEXTO DE APOIO

Paralelamente ao avanço da extrema direita e de agrupamentos políticos que acreditam na possibilidade de reformas institucionais, fatos que, evidentemente, estão associados a crises capitalistas, desde o início deste século, em diversos países, verifica-se uma queda no número de sindicalizados e uma menor participação das bases na "vida sindical".

Como atestam diversas pesquisas, a exemplo das que resultaram no livro "*Panorama do sindicalismo no Brasil – 2015-2021*"[3] e ratificação por parte de uma das autoras do mesmo em entrevista ao Informandes, de janeiro de 2026[4], é pertinente se falar de uma "crise do sindicalismo". Obviamente essa é uma crise complexa, que deve ser contextualizada nas transformações do capitalismo e para qual devem ser rejeitadas respostas simplistas e apressadas. Por outro lado, conforme a professora Patrícia Vieira Trópia, pesquisadora e docente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é fato que essa situação tem "*motivado reações e novas experiências sindicais mundo afora: retorno às bases, sindicalização de setores precários, revitalização sindical, novo internacionalismo, sindicalismo de movimento social*".

No caso do ANDES-SN verifica-se uma queda relativa no número de sindicalizados e um crescente desinteresse da base em participar das instâncias deliberativas do sindicato. De acordo com o censo do INEP[5], por exemplo, em 2024 havia 187.336 docentes ativos nas universidades públicas. Por outro lado, no processo eleitoral de 2025 tinham apenas 64.914 sindicalizados ao ANDES-SN, incluindo aposentados, e desses, apenas 14.798 votaram. Esse resultado representou uma queda em relação a 2023. Nesse ano estavam sindicalizadas 65.080 pessoas, e dessas 16.351 compareceram às urnas.

Além disso, em todos os últimos congressos do ANDES-SN, diversos debates não foram finalizados e diversas decisões deixaram de ser tomadas, apesar de uma extenuante jornada de trabalho a que os/as

[3] COLOMBI, Ana Paula Fregnani et. al. Panorama do sindicalismo no Brasil 2015-2021 [livro eletrônico]. - 1. ed. - São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022

[4] Entrevista: Docente avalia relação da classe trabalhadora com sindicalismo no Brasil. Disponível em https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/entrevista-docente-avalia-relacao-da-classe-trabalhadora-com-sindicalismo-no-brasil. Acesso em 8 set. 2026.

[5] Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior 2024: notas estatísticas [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, 2025.

congressistas são submetidos. Não menos relevante, nas seções sindicais predominam assembleias extremamente esvaziadas e chapas únicas e com repetições exaustivas de lideranças nas diretorias, ratificando o desinteresse docente pela vida sindical.

Por outro lado, apesar de diversas expressões de crises no ANDES-SN, uma parcela significativa de dirigentes sindicais, sobretudo os que se organizam na corrente que tem dirigido o sindicato nos últimos anos, tem um evidente desinteresse em que sejam feitas mudanças organizativas que possam contribuir para enfrentar o problema, e sequer fazem um esforço efetivo para que ocorram debates em todas as seções sindicais.

Poderia se contra-argumentar que em 2025 e 2026 foram promovidos dois seminários nacionais tratando exatamente da organização do ANDES-SN, e que o 16º CONAD extraordinário também será voltado para essa questão. Entretanto, os debates que ocorreram até o momento resultaram, principalmente, de propostas de resoluções apresentadas por coletivos de oposição à atual diretoria. Essa, na prática, tem tratado esse importante problema de forma burocrática e feito pouco esforço para que o debate ocorra na base.

Embora tenha encaminhado a realização dos dois seminários e convocado um CONAD extraordinário, a diretoria tem ficado na defensiva diante de várias propostas apresentadas sobre organização e finanças e usado seu poder político para enviesar posições nos encontros das secretarias regionais. Nesses, apesar de estarem sendo pautados os debates sobre os referidos temas, não há um padrão na forma de realiza-los. Na maioria dos que foram realizados até o momento os expositores das posições supostamente conflitantes estão sendo convidados conforme critérios exclusivos da diretoria. Essa situação, aliás, foi objeto de questionamento por parte do Coletivo Andes em Luta – CAEL, que obteve como resposta o seguinte:

> *Em atenção ao seu e-mail, cumpre-nos resgatar as resoluções do 69º CONAD e 44º CONGRESSO:*
> *69º CONAD: 1. Que nos encontros das secretarias regionais, ou em outros eventos planejados por essas, seja pautado o debate de questões organizativas, administrativas, financeiras e políticas do ANDES – SN;*
> *44º CONGRESSO: 1. Que os temas e propostas de TR do Tema IV relacionados as questões financeiras, administrativas, organizativas apresentados no 44º Congresso do ANDES-SN, que são: itens 1, 2, 3 e 6 do TR 79; TR 80; TR 83; TR 85; TR 86; TR 87; TR 88; TR 89; TR 90; TR 91; TR 93; TR 94; TR 95, os quais apontam possíveis mudanças estruturantes, sejam debatidos em seminário preparatório para o CONAD Extraordinário, em Brasília no primeiro semestre de 2026, garantindo a presença de um(a) dos(as) signatários(as) destes, dos TA e TR supracitados sejam reapresentados no CONAD Extraordinário sobre questões organizativas, políticas, administrativas e financeiras do ANDES-SN. O CONAD Extraordinário será realizado em Brasília, no mês novembro de 2026.*
> *Assim, analisando o teor do e-mail encaminhado, ressaltamos dois pontos essenciais sobre o cumprimento dessas decisões:*
> *1 – A inclusão das pautas organizativas nos encontros das Secretarias Regionais atende de forma direta à deliberação do 69º CONAD, garantindo a descentralização do debate e a participação das bases em todas as regiões do país.*
> *2 – A exigência formal de garantia de presença de signatárias(os) de TRs/TAs, nos termos expressos da resolução do 44º Congresso, refere-se ao Seminário Preparatório realizado no primeiro semestre de 2026 em Campinas, compromisso este devidamente assegurado e cumprido.*
> *As resoluções aprovadas não abrangem a obrigatoriedade de convite individualizado a proponentes de TRs para os encontros das Secretarias Regionais, **cuja organização e dinâmica de debates ocorrem no âmbito da autonomia e planejamento de cada regional** {Grifo nosso}*
> *Portanto, não há qualquer direcionamento ou orientação para exclusão de posicionamentos, tampouco descumprimento das resoluções vigentes. O debate sobre a estrutura organizativa do ANDES-SN permanece aberto a toda a base; inclusive com prazo para submissão de TAs e TRs ao 16º CONAD Extraordinário (Tema: Fortalecer o ANDES-SN: questões organizativas, administrativas, políticas e financeiras em debate) aberto até o dia 20/09.*

A diretoria do ANDES-SN reconhece a obrigação de que *"nos encontros das secretarias regionais, ou em outros eventos planejados por essas, seja pautado o debate de questões organizativas, administrativas, financeiras e políticas do ANDES – SN".* Ao mesmo tempo, alega uma esdrúxula autonomia das secretarias regionais para se descomprometer com a realização de debates que assegurem o contraditório. Obviamente, sendo o ANDES-SN um sindicato nacional, os debates em todos os eventos (a exemplo dos seminários sobre organização), incluindo os encontros regionais, devem manter o mesmo padrão. Mais do que isso: se o ANDES-SN é realmente um sindicato nacional e não uma federação de sindicatos locais de docentes, o debate deve ser assegurado em todas as seções sindicais.

Os últimos congressos e Conads do ANDES-SN, bem como os dois seminários sobre organização, explicitaram que existem vários problemas a serem resolvidos, ou, no mínimo, como prefere afirmar a diretoria, "há questões a serem aperfeiçoadas". No 16º CONAD extraordinário tem-se a expectativa de que alguns "aperfeiçoamentos" comecem a acontecer e sejam ratificados no 45º Congresso, inclusive no que diz respeito a mecanismos que permitam que as diferentes forças políticas possam disputar as eleições de forma mais equilibrada e que os debates com posições divergentes não sejam enviesados. Todavia, no caso específico da controvérsia majoritariedade x proporcionalidade, que diz respeito à uma questão estrutural, a maior parte das pessoas que participa dos eventos sindicais ainda não tem segurança para tomar decisões e não deve ter até o 45º Congresso, na medida em que os debates foram insuficientes. Portanto, é imprescindível que os debates sejam efetivados nos encontros das regionais e nas seções sindicais. Diante desse fato, propomos o seguinte:

TR – 10

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Até o final de 2027, em todos os encontros das secretarias regionais e eventos planejados por essas, deve ser pautado o debate de questões organizativas, administrativas, financeiras e políticas do ANDES – SN, assegurando-se a presença de posições contraditórias em condições de igualdade;

2. Fica recomendado que todas as seções sindicais do ANDES-SN devem promover, até o final de 2027, seminários locais sobre questões organizativas, administrativas, financeiras e políticas e/ou pautarem os temas em pelo menos uma de suas assembleias gerais;

3. Considerando as experiências nacionais, a diretoria do ANDES-SN deve encomendar à AJN um estudo acerca de adaptações regimentais necessárias para efetivação de eleições/diretorias com proporcionalidade, de modo a favorecer deliberação sobre o tema no 46º Congresso do ANDES-SN.

TEXTO 11

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).

PROPORCIONALIDADE NA ELEIÇÃO DE DELEGADOS E OBSERVADORES COM GARANTIA DE AMPLO DEBATE

TEXTO DE APOIO

A discussão sobre a proporcionalidade nas instâncias do ANDES-SN deve se desenvolver considerando inicialmente a luta da categoria pela construção de um sistema nacional de educação que dê à educação superior um conjunto de regras unificadas, que normatizem a sua atuação e que permita também a unificação dos trabalhadores do setor.

Nessa perspectiva desenvolvemos a luta para que a educação superior seja pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada, características que devem se ligar a uma carreira unificada, piso salarial unificado, condições básicas de trabalho unificadas, garantia de financiamento unificado, entre outros pontos comuns. Ou seja, o ANDES-SN deve refletir na organização dos trabalhadores e trabalhadoras do setor a unidade que buscamos nos referenciais para a universidade, pelos quais também lutamos.

A atual estrutura de sindicato nacional unificado permite que as lutas por um padrão unitário de qualidade, pela carreira, pelo piso salarial, pelas condições de trabalho, pela garantia de financiamento, pela autonomia, sejam levadas nacionalmente de forma mais unificada, ainda que atualmente nas diferentes esferas administrativas (federal, estadual, distrital e municipal) haja grandes diferenças. É tarefa do ANDES-SN desenvolver as lutas nessas esferas, dando a elas o caráter nacional que necessitam ter, justamente para reforçar o caráter unitário da categoria e de sua representação sindical. Ou seja, reivindicações unificadas, lutas unificadas, categoria unificada, representação unificada, nos apoios às lutas específicas de cada setor.

A partir destas considerações, é urgente pensar nas modificações no funcionamento da estrutura deste sindicato, para que ele possa, de fato, representar democraticamente e de forma unitária a diversidade de sua base.

Em primeiro lugar é preciso unificar as regras de representação das seções sindicais nas instâncias nacionais do ANDES-SN, notadamente em seus congressos, de forma que estas espelhem de fato as diferentes orientações políticas existentes na base da categoria. Lembramos aqui que os delegados e observadores são eleitos para os congressos e CONADs conforme o que é definido pelo regimento de cada seção sindical e não por uma regra nacional única, definida pelo estatuto do ANDES-SN. Apenas o número de delegados, proporcional ao número de filiados de cada uma dessas seções sindicais, é definido pelo sindicato nacional.

O passo fundamental para mudar esse ponto é introduzir a proporcionalidade direta nas delegações eleitas pelas assembleias de base das seções sindicais para as instâncias nacionais do ANDES-SN, os congressos e os CONADS. As delegações eleitas em assembleias de base, conforme as diferentes chapas e orientações políticas que se apresentem, devem ser respeitadas, impedindo qualquer tipo de ferramenta de pressão das minorias, que possam submetê-las às orientações políticas de uma eventual maioria. É urgente que se impeça situações constrangedoras, em que delegados são levados a votar contra as suas orientações políticas nos plenários das instâncias nacionais do ANDES-SN, garantindo que os delegados eleitos sejam livres para desenvolver as discussões, tanto nas assembleias eletivas, como no plenário dos congressos e dos CONADs, sem mandato imperativo. Este é o caminho para garantir o livre debate, para a construção de uma posição majoritária mais ampla possível nas tomadas de decisão das instâncias nacionais do sindicato.

O segundo passo é limitar o número de observadores de cada seção sindical nos congressos e CONADs, já que, por vezes, este número chega a superar o percentual de 50% dos delegados. A participação de um número muito expressivo de observadores pode levar ao comprometimento da representação das ADs nos congressos e CONADs, na medida em que, mesmo não tendo direito a voto, ao participar de forma ativa das discussões e das eventuais disputas de orientação política, esses observadores possam funcionar como fator de pressão sobre os delegados.

Um outro ponto a ser considerado na construção do livre debate, que garantam posições majoritárias efetivamente representativas nas tomadas de decisão nestas instâncias nacionais do ANDES – SN, refere-se ao funcionamento dos congressos, notadamente aos grupos de discussão, onde se opera um grande filtro, bloqueando propostas, por meio da supressão de TRs com votação superior a 30%, mas inferior a 50%, conforme adotado amplamente no último congresso (Salvador, 2026).

A partir dos elementos levantados busca-se avançar nas discussões para a construção de propostas de resolução na perspectiva de um sindicato mais unitário, menos sectário e mais democrático, de todos e de todas os/as docentes.

TR – 11

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES – SN estabeleça critérios para a unificação do processo de escolha dos delegados e observadores para os congressos e CONADs nas ADs e SSs, com a construção de chapas compostas por números equânimes de representação para cada força política existente, garantindo a ampla representatividade;

2. Que o 45º Congresso do ANDES-SN aprecie proposta de alteração do Artigo 17 e do Artigo 25 do Estatuto do Sindicato Nacional, de modo a adotar o critério de proporcionalidade de chapas inscritas para a indicação de delegados e observadores aos Congressos e CONADs, nos seguintes termos:

2.1. No Art. 17 do Estatuto do ANDES-SN, acrescentar: § 4º - A composição das delegações eleitas, conforme as alternativas constantes no caput deste artigo, será proporcional ao percentual de votos obtidos por cada chapa de delegados/as que se inscreverem para participar do Congresso, respeitado percentual mínimo de 20% dos votos.

2.2. No Inciso III do Art. 25 do Estatuto do ANDES-SN, acrescentar após "com direito a voz": "composta de forma proporcional ao percentual de votos obtidos por cada chapa de observadores(as) que se inscreverem para participar do CONAD, respeitado percentual mínimo de 20% dos votos."

3. Que seja estabelecido o número de observadores para os congressos e CONADs respeitando o máximo de 50% do número de delegados;

4. Que as propostas que atinjam 30% de aprovação entre os votantes nos grupos de discussão sejam remetidas à plenária geral.

TEXTO 12

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Anastasia Guidi (ADUFABC), Beatriz Raposo (Adusp), Cesar Minto (Adusp), Demétrio Toledo (ADUFABC), Elisabetta Santoro (Adusp), Eneida de Paula (Adunicamp), Everaldo Andrade (Adusp), Hélder Garmes (Adusp), Jana Silverman (ADUFABC), Kimi Tomizaki (Adusp), Márcio Moretto (Adusp), Maria Caramez Carlotto (ADUFABC), Maria Cristina Bahia (Adunicamp), Maria José de Mesquita (Adunicamp), Pierluigi Benevieri (Adusp), Renata Hasue (Adusp), Rosângela Sarteschi (Adusp), Silvia Gatti (Adunicamp), Tercio Sampaio (Adusp), Valter Pomar (ADUFABC), Vanessa Martins do Monte (Adusp) e Wanderley Martins (Adunicamp)

AUTONOMIA DAS SEÇÕES SINDICAIS E PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA: DISTINGUIR DELIBERAÇÃO POLÍTICA E PROCESSOS ELEITORAIS PARA FORTALECER O ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

A democracia interna do ANDES-SN depende de práticas organizativas que combinem fidelidade aos seus princípios históricos com a capacidade de responder às transformações recentes no mundo do trabalho docente e às diferentes realidades das bases sindicais. A expansão de universidades multicampi, as desigualdades territoriais e institucionais, as distintas condições de infraestrutura e os novos modos de comunicação e participação colocam desafios concretos à organização sindical.

O Estatuto do ANDES-SN, ao vedar de forma indistinta o voto não presencial tanto nas instâncias deliberativas quanto nos processos eleitorais internos das Seções Sindicais, adota um regime único para dinâmicas políticas de natureza diversa. Essa vedação não diferencia, de um lado, as instâncias deliberativas, como assembleias, congressos e fóruns, que cumprem papel central de debate político, formação e construção coletiva, e, de outro, os processos eleitorais formais, como a escolha de diretorias e Conselhos de Representantes, cujo caráter é predominantemente procedimental.

As instâncias deliberativas constituem o núcleo da vida política sindical e pressupõem, sempre que possível, a presença, o debate direto e o confronto de posições. Já os processos eleitorais formais podem, em determinadas condições, ser organizados segundo critérios técnicos de segurança, lisura, sigilo, igualdade e auditabilidade, sem prejuízo ao caráter democrático do sindicato.

A aplicação de uma vedação absoluta e indistinta a essas duas dimensões tem produzido dificuldades organizativas concretas em diversas Seções Sindicais, especialmente naquelas inseridas em universidades multicampi ou com recursos humanos e financeiros limitados. Em algumas realidades, tais dificuldades resultam em baixa participação nos processos eleitorais, vacância de cargos ou na necessidade de mobilizar volume significativo de recursos financeiros, humanos e logísticos para a realização de eleições presenciais, recursos que poderiam ser mais bem empregados em atividades de mobilização, formação política e fortalecimento da vida sindical cotidiana. Esses efeitos tendem a aprofundar desigualdades entre Seções Sindicais.

A experiência acumulada pelas Seções Sindicais ao longo dos últimos anos, em especial a partir do período da pandemia, indica que o uso criterioso de mecanismos não presenciais em processos formais pode reduzir barreiras à participação, sem comprometer os princípios da democracia sindical. Ao mesmo tempo, é amplamente reconhecido que a vida sindical não pode ser reduzida a procedimentos técnicos ou mediada exclusivamente por plataformas digitais, devendo preservar espaços presenciais de debate político como eixo estruturante de suas instâncias deliberativas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental incorporar ao Estatuto do ANDES-SN uma distinção mais precisa entre deliberação política e escolha formal de representantes. Tal distinção deve preservar a presencialidade das instâncias deliberativas e, ao mesmo tempo, garantir às Seções Sindicais a autonomia para decidir, de forma soberana em Assembleia Geral, como organizar seus processos eleitorais internos, de acordo com sua realidade local.

Essa atualização estatutária não impõe um modelo único, nem generaliza o uso de mecanismos não presenciais. Trata-se, antes, de retirar uma vedação absoluta que hoje limita soluções organizativas legítimas, fortalecendo a autonomia das Seções Sindicais, ampliando a participação e reforçando a democracia sindical no ANDES-SN.

TR – 12

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Distinção entre instâncias deliberativas e processos eleitorais

1.1. Reconhecer, no âmbito estatutário, a distinção entre:

a) instâncias deliberativas, que constituem espaços formativos de debate político e devem preservar, sempre que possível, sua natureza presencial;

b) processos eleitorais formais das Seções Sindicais, cuja organização deve respeitar a autonomia das Seções Sindicais para definir, de forma soberana em Assembleia Geral, a melhor forma de realização de suas eleições internas, desde que assegurados os princípios democráticos fundamentais.

2. Alteração estatutária para garantir autonomia das Seções Sindicais

2.1. Alterar os parágrafos únicos dos artigos 9º e 13º do Estatuto do ANDES-SN, nos seguintes termos:

2.1.1. Artigo 9º – Parágrafo único – Nova redação proposta: "É vedado o voto por procuração em qualquer instância do ANDES-SINDICATO NACIONAL ou de suas SEÇÕES SINDICAIS ou AD-SEÇÕES SINDICAIS. É vedado o voto não presencial nas instâncias deliberativas do Sindicato Nacional e de suas Seções Sindicais. As SEÇÕES SINDICAIS ou AD-SEÇÕES SINDICAIS poderão adotar mecanismos de voto não presencial, inclusive eletrônico, exclusivamente para suas eleições internas de direção e de Conselhos de Representantes, conforme regulamento aprovado em Assembleia Geral local, assegurados os princípios da segurança, lisura, sigilo, igualdade e transparência do processo eleitoral. ";

2.1.2. Artigo 13º – Parágrafo único – Nova redação proposta: "É vedado o voto por procuração em qualquer instância do ANDES-SINDICATO NACIONAL e de suas SEÇÕES SINDICAIS ou AD-SEÇÕES SINDICAIS. É vedado o voto não presencial nas instâncias de deliberação do ANDES-SINDICATO NACIONAL e de suas SEÇÕES SINDICAIS ou AD-SEÇÕES SINDICAIS. A vedação ao voto não presencial não se aplica aos processos eleitorais internos das SEÇÕES SINDICAIS ou AD-SEÇÕES SINDICAIS, que poderão utilizar mecanismos de voto não presencial para a eleição de suas diretorias e Conselhos de Representantes, conforme regulamentação aprovada em Assembleia Geral local.";

3. Salvaguardas democráticas

3.1. Estabelecer que qualquer adoção de mecanismos de voto não presencial pelas Seções Sindicais deverá:

a) ser aprovada em Assembleia Geral local;

b) respeitar os princípios da democracia sindical, da igualdade de condições, do sigilo do voto e da transparência do processo;

c) não substituir nem enfraquecer os espaços presenciais de deliberação política.

TEXTO 13

Diretoria do ANDES-SN

FORMATO ORGANIZATIVO DAS REUNIÕES E DOS ESPAÇOS NÃO DELIBERATIVOS NO ÂMBITO DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

A estrutura organizativa do nosso Sindicato Nacional compreende as instâncias deliberativas e não deliberativas. Entre as instâncias deliberativas temos o Congresso e o Conselho (CONAD) do ANDES-SN e, em última instância, as assembleias de base nas seções sindicais. O Congresso anual é a instância máxima de construção política e decisória e o CONAD é o conselho direcionado principalmente às questões financeiras e organizativas. Os dois espaços são construídos pela base, que discutem e deliberam a partir do que é construído nas Seções Sindicais e nas assembleias de base dessas seções, cabendo à diretoria a função executiva de concretizar essas decisões no cotidiano do sindicato.

O diálogo e a formação política e sindical ocorrem fundamentalmente nos espaços não deliberativos: os Setores (Setor das IFES e Setor das IMES, IEES e IDES), os Grupos de Trabalho e os seminários e encontros que contribuem para a elaboração e acúmulo de debates e políticas que são discutidos e deliberados nos CONADs e Congressos.

Os setores foram criados porque, ao mesmo tempo em que a existência do ANDES-SN possibilitou a articulação de docentes de todo o país em defesa de uma pauta comum, eram necessárias ações específicas para instituições de ensino municipais, estaduais e federais. Essas foram contempladas com a conformação de setores: o setor de Instituições Estaduais de Ensino Superior e Instituições Municipais de Ensino Superior - que, desde 2023, passou a incorporar também a Instituição Distrital de Ensino Superior (setor das IEES/IMES/IDES) e o setor de Instituições Federais de Ensino Superior (setor das IFES). Os setores se reúnem entre os Congressos e CONAD com a finalidade de analisar a conjuntura, organizar eventos, discutir indicativos de greve, realizar campanhas e ações unificadas.

Em decorrência da complexidade da realidade da educação brasileira, da diversidade de problemas impostos à classe trabalhadora e da preocupação em construir respostas ao conjunto da categoria, foram criados grupos de trabalho em torno de temas específicos. O primeiro Grupo de Trabalho foi o de Política Educacional (GTPE) que remonta aos momentos iniciais da organização de nossa categoria e desde então tem subsidiado nosso sindicato na análise crítica de políticas, legislações e planos de educação. Nas décadas seguintes, com a intensificação dos ataques à educação e à classe trabalhadora, das demandas que emergem de nosso histórico de lutas e da conjuntura e com o aprofundamento da compreensão do papel do nosso sindicato na luta classista, foram criados diversos grupos de trabalho. Atualmente, entre novos GTs, mudanças de nomenclatura e unificação, existem doze grupos de trabalho.

Além do GTPE, há também GT Carreira, GT de Política e Formação Sindical (GTPFS), GT Políticas de Classe para Questões Étnico-Raciais, de Gênero e Diversidade sexual (GTPCEGDS), GT de Seguridade Social e Assuntos de Aposentadoria (GTSSA), GT de Política Agrária, Urbana e Ambiental (GTPAUA), GT de Comunicação e Arte (GTCA), GT de Ciência e Tecnologia (GTCeT), GT de História do Movimento Docente (GTHMD), GT Verbas e Fundações, GT de Multicampia e Fronteira (GT Multi-Front), GT de Organização Sindical das Oposições (GTO). Sobre os três últimos GTs é importante destacar alguns elementos. O GT Verbas e Fundações é resultante da junção de dois GTs preexistentes. O GT Multi-Front foi instituído em 2024, no 42º Congresso do ANDES-SN, para realizar a articulação nacional de enfrentamento e resistência com o objetivo de superar o processo de precarização estrutural das condições de trabalho e dos entraves administrativos, bem como garantir uma política de permanência docente adequada a essas realidades. Por sua vez, o GTO foi criado no 67º CONAD, em 2024, com o objetivo de organizar o debate e a mobilização docente nas instituições de ensino superior nas quais a organização sindical local tenha rompido com o ANDES-SN ou tenha se constituído inicialmente sem vínculo com o ANDES-SN.

Cada GT se organiza localmente, de forma autônoma, e nacionalmente, por meio da coordenação de diretores(as) nacionais, que se reúnem periódica e presencialmente com as representações dos respectivos grupos de trabalho organizados pelas seções sindicais, quando contribuem com as formulações nacionais. A organização e o funcionamento dos GT locais são da responsabilidade e autonomia das seções sindicais e os GTs nacionais devem ser subsidiados pelas construções dos GTs locais nas seções sindicais, que são os braços articuladores de formulação política e de diálogo com a Direção Nacional.

Já os Seminários e Encontros são espaços de debate, formação e construção coletiva voltados para a categoria em que se debatem assuntos específicos. Há Seminários e Encontros recorrentes em nosso sindicato, que acontecem, cada um deles, de forma bienal ou anual, como, por exemplo: O Seminário de Saúde do(a) Trabalhador(a) Docente/Jornada de Assuntos de Aposentadoria; o Seminário Integrado do GTPCEGDS; o Seminário Estado e Educação; o Encontro de Comunicação e Arte; o Encontro EBTT; o Encontro das IEES/IMES/IDES. Além desses, temas específicos da conjuntura podem levar à realização de seminários a partir da indicação da categoria.

Embora não deliberativos, são base das decisões e são fundamentais para a consolidação de um sindicato que se organiza pela base e que atua em uma perspectiva classista, portanto, uma maior participação de sindicalizadas e sindicalizados se traduz em uma política que expressa as demandas da categoria.

No entanto, a conjuntura atual de hegemonia neoconservadora e de refluxo das lutas sociais impõe fortes desafios à organização da classe trabalhadora, especialmente em suas entidades de classe. Entre eles, está a fragmentação da esquerda e uma tendência ao esvaziamento dos espaços sindicais, com processos de desfiliação e da consequente redução da arrecadação. A inflação no preço de passagens e dos itens de primeira necessidade, como alimentação e combustível, se soma à escassez de recursos das seções sindicais menores, impondo maiores restrições à participação em eventos e atividades formativas e de luta. Esse cenário se complexifica quando somado à questão da multicampia e da política de interiorização do ensino superior no país, o que faz com que a participação de algumas seções sindicais nas atividades do sindicato seja absolutamente desafiadora.

Ainda que tenhamos avançado nas políticas de apoio financeiro às seções sindicais menores, é necessário reconhecer que há limitações objetivas, tais como a dificuldade financeira e de deslocamento, que dificultam a participação nas atividades formativas do ANDES. Nesse sentido, é importante construirmos alternativas para o enfrentamento de tais dificuldades e para o fortalecimento de nossa participação, cabendo, assim, pensarmos em possibilidades virtuais para alguns dos espaços não deliberativos.

Nessa direção, apresentamos alguns elementos para este debate, considerando, sobretudo, nosso acúmulo e o reconhecimento de que as proposições de alteração de espaços presenciais pela virtualidade, apresentada como solução inclusiva, muitas vezes desconsideram a sua relação com o "fetiche" da mercadoria e com as refinadas formas de precarização da vida e do trabalho. Se, por um lado, a virtualidade pode ampliar a participação e dirimir alguns dos problemas apontados anteriormente, é necessária cuidadosa avaliação em relação às possibilidades e dificuldades dessa ampliação, considerando que atividades nesse formato são mais cansativas; dificultam a participação de mães, pais, cuidadoras e cuidadores; de pessoas com deficiência; tendem a ter maior dispersão de atenção e

dificuldade de concentração; estão condicionadas às variações regionais de condições de acesso à internet de qualidade; dentre outras situações a ponderarmos, levando, assim, à consequente dificuldade de uma participação efetiva. Outra questão que precisamos considerar é a invasão de adeptos da extrema direita virtuais nesses espaços, que podem inviabilizar reuniões ou até mesmo utilizar esse mecanismo para atacar a luta e gerar conteúdo para as mídias sociais.

Essas ponderações indicam alguns desafios para que a virtualidade mantenha o espírito de construção pela base, a partir dos temas que são caros à organização da luta da nossa categoria. É necessário que não caiamos em uma lógica tecnosolucionista, que coloca a tecnologia como solução para todos os problemas de participação nos espaços do ANDES-SN. Outrossim, é relevante formular estratégias que possibilitem que espaços não deliberativos sigam sendo espaços coletivos de construção política também nas seções sindicais. Os problemas anteriormente apontados reforçam a necessidade de que os espaços deliberativos sigam sendo presenciais.

Compreendemos que é necessária uma experiência prévia nos GTs que possa servir como instrumento de avaliação sobre o uso da virtualidade nos espaços não deliberativos. Entretanto, em que pese o fato de reuniões de setor também serem de caráter não deliberativo, elas possuem uma dinâmica distinta de elaboração política estratégica da categoria nas lutas contra os ataques aos direitos da categoria e à educação pública e, por isso, devem permanecer presenciais.

Dessa forma, propomos uma alteração no formato das reuniões nacionais dos Grupos de Trabalho do ANDES-SN, que geralmente acontecem a cada semestre. A proposta consiste na alternância entre reuniões virtuais e presenciais dos GTs, preservando a dinâmica coletiva de discussões temáticas e elaboração de propostas de encaminhamento para o Plano de Lutas de cada GT. Neste contexto, ainda que reconheçamos que a presencialidade deve seguir sendo nosso horizonte, impõe-se a necessidade de pensar em estratégias que possibilitem uma ampla participação das seções sindicais nos GTs como espaços dialógicos de formação e de construção de pautas específicas de luta, tendo como fundamento a concepção de um sindicato classista e combativo, que se constrói pela base. Para a participação nas reuniões virtuais considera-se necessário um envolvimento institucional da seção sindical no cumprimento dos prazos e no preenchimento dos formulários de inscrição indicados nas circulares de convocação para as reuniões nacionais dos GTs. Essa medida visa garantir o elemento coletivo da articulação política e sindical e evita uma prática individualista e descontextualizada nesses eventos. Por essa razão, não haverá disponibilização ampla do link para essas reuniões. Tanto para as reuniões presenciais quanto para as reuniões virtuais, seguiremos os mesmos critérios já estabelecidos para nossa organização: envio com antecedência das Circulares de Convocação, contendo Pauta e Programação, bem como prazos e links para inscrições das representações pelas seções sindicais e envio dos informes que serão sistematizados como Anexo I de cada reunião.

Em vista, ainda, da exigência de participação efetiva e preservação da saúde das e dos participantes, essas reuniões devem respeitar o limite máximo de tempo estipulado, recomendando-se a adoção de intervalos estruturados sempre que possível. Sugere-se, então, que tal experiência organizativa seja feita pelo período de um ano, com acompanhamento e avaliação de seus resultados, limites e potencialidades, para consequente balanço e deliberação no 46º Congresso do ANDES-SN, que poderá dar continuidade, alterar ou encerrar esse formato para as reuniões nacionais dos GTs.

Por fim, os seminários nacionais bienais e encontros do ANDES-SN continuarão ocorrendo de forma presencial

TR – 13

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. As reuniões dos GTs terão dois formatos, que ocorrerão de modo alternado: virtuais e presenciais;

1.1. As reuniões virtuais devem considerar os impactos sobre a saúde decorrentes do tempo exacerbado do uso de telas, sendo programadas com pauta e tempo reduzidos;

1.2. As reuniões virtuais seguirão a mesma composição e número de representantes das reuniões presenciais, inscritos pelas seções sindicais;

2. A implementação das alterações propostas relacionadas às reuniões de GTs será avaliada no 46º CONGRESSO.

TEXTO 14

Contribuição da Diretoria da ADUFF – Seção Sindical.

CONTRIBUIÇÕES PARA O FORTALECIMENTO ORGANIZATIVO E FINANCEIRO DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Os anos de 2025 e 2026 foram marcados pela intensificação de discussões internas no âmbito do sindicato nacional, seja nos espaços de deliberação da categoria, como Congressos e CONADs, seja nas duas edições do Seminário Nacional de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN. A partir dos acúmulos produzidos nacionalmente, fizemos o debate internamente na ADUFF, por meio do GTPFS, e também em uma reunião aberta de aprofundamento. Nessa reunião, elencamos os temas em debate nos espaços nacionais e apontamos lacunas para as quais nossa seção sindical poderia apresentar contribuições, aqui sistematizadas.

No âmbito das questões organizativas, discutimos sobre a questão da virtualidade na Universidade e no sindicato. O cenário que encontramos é o de rotinização das reuniões online, com esvaziamento dos espaços de encontro presenciais. Identificamos uma hiper-virtualização no pós-pandemia que se espraia por nossas relações sociais e que chegou às nossas reuniões de departamento, aos nossos grupos de pesquisa e que ameaça tomar nossos conselhos superiores e até nossas aulas. Por outro lado, é verdade que essa virtualização foi sendo normalizada e, em alguma medida, fomentada por nós mesmos.

Nas seções sindicais, vemos o mesmo processo. Entendemos que a virtualização contribui para esvaziar os espaços presenciais, mas a todo tempo recorremos à hibridização nos diversos espaços, desde os GTs até as reuniões de diretoria e de Conselhos de Representantes. A multicampia, é claro, contribui para essa necessidade, e por isso mesmo a ADUFF, com seus nove campi, tornou cotidiano o funcionamento das assembleias gerais simultâneas e descentralizadas, em que as tecnologias digitais conectam os espaços de trabalho, possibilitando a participação efetiva da categoria nas discussões e deliberações da seção sindical.

Nesse sentido, entendemos que o debate da virtualização deve dialogar tanto com a dimensão concreta de sua utilização em nossos espaços sindicais quanto com seus possíveis impactos nocivos sobre nossa capacidade de mobilização. Por isso mesmo, nossa proposta é que o sindicato nacional adote, de maneira pontual e experimental, o uso de tecnologias digitais em atividades vinculadas a espaços não

deliberativos, como GTs, reuniões dos setores e seminários. O objetivo é avaliar criticamente a questão da participação, trazendo a termos concretos os resultados obtidos.

No debate sobre questões financeiras e administrativas, o pleito uníssono que se ouviu no último Seminário foi o da elaboração de estudos. Os e as participantes destacaram que muitas das propostas, se aprovadas em conjunto, podem impactar significativamente o caixa do Sindicato Nacional. No entanto, o tamanho desse impacto precisa ser conhecido, para que possam ser tomadas decisões quanto à alocação de recursos.

Somente no último período, elencamos propostas que versam sobre: redução ou fim do repasse ao fundo único; recálculo, redução ou fim do rateio; custeio do processo eleitoral e das campanhas eleitorais nacionais pelo caixa nacional; ampliação do custeio da participação das seções sindicais pequenas nas atividades nacionais; e estruturação das pequenas e novas seções sindicais.

Essas propostas, é verdade, caminham em sentidos opostos. Em alguns casos, as propostas sugerem um alívio em igual proporção para o caixa das seções sindicais; em outros, propõem contribuir com a atuação das seções sindicais pequenas e/ou novas. Podemos dizer que no primeiro sentido, as medidas apontam para uma igualdade formal, enquanto no segundo, sugerem a produção de uma igualdade material, ou melhor, uma progressividade. Esse debate, na realidade, é ainda mais complexo, uma vez que como o caixa nacional é custeado, em grande medida, pelas seções sindicais maiores, e, por isso, é importante que elas tenham caixa local suficiente para realizar suas atividades, mantendo e ampliando a sindicalização.

Assim, o estudo financeiro é necessário para podermos discutir politicamente as nossas prioridades alocativas, para além da ideia genérica de que não seria possível promover mudanças. As mudanças orçamentárias devem ser articuladas às escolhas políticas, de maneira responsável e sustentável.

Ainda nesse bojo, o debate sobre o que seriam as pequenas seções sindicais também deve ser levado em consideração. Afinal, há seções sindicais que sempre serão pequenas, haja vista a estrutura daquela IES, e seções sindicais que podem ampliar sua sindicalização. Com isso, pode ser importante adotar uma métrica que leve em conta tanto o número efetivo de filiados quanto o número potencial, considerando o número de docentes daquela instituição.

Por fim, consideramos que, no bojo das discussões que têm impacto orçamentário, deve avançar o financiamento pelo caixa nacional, ainda que parcial, da realização do processo eleitoral. A eleição da Direção Nacional do sindicato é um dos momentos mais importantes de participação da base na configuração do sindicato nacional, uma vez que é o momento em que todos os sindicalizados e sindicalizadas são chamados(as) a incidir diretamente sobre os rumos de nossa organização. Deste modo, a garantia de realização das eleições é crucial para a vida do ANDES. No entanto, a realização das eleições é feita, mormente, pelas seções sindicais, que nem sempre apresentam as condições necessárias para sua realização. Nesse sentido, defendemos que é necessário avançar no custeio do processo eleitoral pelo caixa nacional, como parte da nossa política sindical.

TR – 14

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Sejam adotadas, em caráter pontual e experimental, formas híbridas de participação em reuniões nacionais de GTs e setores, bem como em seminários do ANDES-SN;

a) Que as tecnologias sejam utilizadas apenas em momentos específicos dessas atividades, sem que compreendam toda a sua duração;

b) Que essa utilização seja restrita a momentos de formação, como painéis e mesas expositivas, na forma de transmissão;

c) Que as discussões, deliberações e encaminhamentos nos espaços permaneçam na modalidade estritamente presencial;

2. Que a Tesouraria elabore um estudo sobre o impacto financeiro do conjunto das propostas apresentadas no CONAD extraordinário, a ser amplamente disponibilizada, no máximo, até a convocatória do 45º Congresso do ANDES;

a) Que esse estudo seja apresentado de forma a possibilitar diferentes combinações de deliberações, preferencialmente como planilha interativa;

b) Que, no estudo, sejam apresentados parâmetros dos custos do ANDES-SN, como custo médio dos eventos nacionais, de atividades de mobilização, de gastos com pessoal, dentre outros;

c) Que, no mesmo período, seja disponibilizada a sistematização do Levantamento de dados das seções sindicais para estudos sobre situação financeira (Circular nº225/2026);

3. Que o cálculo das pequenas seções sindicais inclua tanto o número efetivo de sindicalizados(as) quanto o número potencial de sindicalizados(as), considerando o número total de docentes naquela IES.

4. Que o ANDES-SN custeie parcialmente as eleições para a Direção Nacional, levando em conta um cálculo que deve ser elaborado pela Tesouraria quanto ao custo médio das eleições a partir do número de seções eleitorais nas seções sindicais;

a) Que, no âmbito deste cálculo, sejam considerados parâmetros mínimos para funcionamento de seções eleitorais nas seções sindicais, como o número mínimo de seções eleitorais conforme número e distribuição de sindicalizados(as) com custeio de mesários para os turnos, e também os materiais impressos (cédulas, urnas, cartazes);

b) Dentro dos gastos assumidos pelo Caixa Nacional, que seja considerado a realização de debates presenciais nas Regionais do ANDES-SN.

TEXTO 15

Diretoria do ANDES-SN

POLÍTICA DE RATEIO EM EVENTOS DELIBERATIVOS DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Nos últimos anos, observa-se um crescimento expressivo dos custos relacionados à realização das principais instâncias deliberativas do ANDES-SN, isto é, Congressos e CONADs. Esse movimento torna-se mais evidente no período posterior à pandemia de Covid-19, quando os gastos com essas atividades passaram a atingir patamares significativamente superiores aos observados anteriormente. Em termos reais, descontados os efeitos da inflação, identifica-se um aumento de aproximadamente 35% nos custos dos Congressos entre 2020 e 2022. No caso dos CONADs, a comparação entre o último evento realizado antes da pandemia, em 2019, e o primeiro realizado após esse período, em 2022, aponta para um crescimento real superior a 50%. Embora a evolução dos custos não ocorra de maneira linear em todos os anos, os dados demonstram que a realização dos eventos passou a representar um peso financeiro cada vez mais relevante para o Sindicato Nacional e para suas seções sindicais.

Tabela 1 – Série histórica do custo dos Congressos do ANDES-SN 2019 a 2025.

Ano	Evento	Custo nominal	Valor corrigido para ago./2026	Variação real em relação ao Congresso anterior
2019	38º Congresso	R$ 369.982,95	R$ 530.832,13	-
2020	39º Congresso	R$ 442.458,08	R$ 607.362,85	+14,4%
2021	-------	-------	---------	Pandemia - não houve congresso
2022	40º Congresso	R$ 697.915,07	R$ 822.819,44	+35,5%
2023	41º Congresso	R$ 793.114,73	R$ 893.764,84	+8,6%
2024	42º Congresso	R$ 962.932,58	R$ 1.035.136,32	+15,8%
2025	43º Congresso	R$ 985.595,24	R$ 1.059.461,63	+2,35%

Tabela 2 - Série histórica do custo dos Conad de 2019 a 2025.

Ano	Evento	Custo nominal	Valor corrigido para ago./2026	Variação real em relação ao CONAD anterior
2019	64º CONAD	R$ 174.231,31	R$ 249.964,01	-
2020	—-------	—----	—----------	Pandemia - não houve CONAD ordinário
2021	—-------	—------	—----------	Pandemia - não houve CONAD ordinário
2022	65º CONAD	R$ 319.457,81	R$ 376.645,10	+50,7%
2023	66º CONAD	R$ 446.072,46	R$ 502.700,72	+33,5%
2024	67º CONAD	R$ 468.740,52	R$ 503.907,71	+0,2%
2025	68º CONAD	R$ 448.451,60	R$ 466.862,14	−7,4%

Há também um contexto marcado pela crise do processo de sindicalização no Brasil. Nos debates realizados pelo ANDES-SN, esse problema vem sendo identificado há vários anos. No 42º Congresso, aparece de forma explícita o diagnóstico de que está em curso um processo de dessindicalização da classe trabalhadora brasileira, fenômeno que também repercute sobre o Sindicato Nacional, embora a taxa de sindicalização do ANDES-SN seja maior que a do serviço público em geral. Não se trata, portanto, de uma dificuldade circunstancial, mas de uma tendência que precisa ser compreendida em sua relação com as transformações do mundo do trabalho, a precarização das relações laborais, o arrocho

salarial, as mudanças no perfil da categoria docente e as dificuldades enfrentadas pelas organizações sindicais.

No 67º CONAD, essa preocupação passou a integrar de maneira mais sistemática a agenda sindical. A questão passou, assim, a ser tratada não apenas como uma preocupação quantitativa relacionada ao número de sindicalizadas/os, mas como um problema estratégico para a organização, a representatividade e a sustentabilidade política e financeira do Sindicato Nacional e suas seções sindicais.

Os dados apresentados no 42º Congresso (Fortaleza, 2024) mostram que o ANDES-SN representa uma base estimada em aproximadamente 258 mil docentes**,** enquanto o número de sindicalizadas/os situa-se em torno de 67 mil, correspondendo a uma taxa de sindicalização próxima de 26%**.** Ou seja, existe um amplo contingente da categoria que não contribui diretamente para a sustentação financeira do Sindicato Nacional.

Outro elemento fundamental que justifica a revisão do atual modelo de rateio refere-se às diferenças no tamanho e na capacidade de arrecadação das seções sindicais. A expansão do número de instituições de ensino superior no Brasil também resultou na criação de novas seções sindicais, muitas delas com um número reduzido de sindicalizados e, consequentemente, menor capacidade financeira. Dados atualizados apresentados no 69º CONAD evidenciam essa realidade: das 106 seções sindicais do ANDES-SN, 51 possuem menos de 350 sindicalizados, o que corresponde a aproximadamente 48% do total de seções sindicais.

A combinação entre o aumento dos custos dos eventos nacionais, a redução relativa da base sindicalizada e a existência de um número expressivo de seções sindicais pequenas têm ampliado as dificuldades para o custeio da participação nas atividades nacionais do ANDES-SN. Nesse contexto, tornaram-se recorrentes as manifestações das seções sindicais acerca dos valores assumidos por meio do atual modelo de rateio, reforçando a necessidade de sua avaliação e revisão. Em resposta a essas demandas, o ANDES-SN realizou dois Seminários Nacionais de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas: o primeiro, em novembro de 2025, e o segundo, em maio de 2026. Esses espaços possibilitaram aprofundar o debate sobre a sustentabilidade financeira do Sindicato Nacional, bem como discutir alternativas para tornar a política de rateio mais equilibrada e adequada às diferentes capacidades financeiras das seções.

Antes de apresentar a nova metodologia de rateio é importante resgatar como atualmente o rateio é realizado. O rateio efetiva o princípio de solidariedade no âmbito do Sindicato Nacional quando da realização de seus eventos deliberativos, notadamente, CONADs e Congressos. A metodologia que utilizamos para o cálculo do rateio de custos dos Eventos foi atualizada no 31º Congresso do ANDES-SN realizado, em Manaus/AM, no período de 15 a 20 de janeiro de 2012. O modelo de rateio procurou fazer com que as despesas de organização fossem compartilhadas considerando o número de sindicalizados das seções e a parte do custo com os deslocamentos fosse solidarizada entre conjunto de seções sindicais participantes, diminuindo o efeito das desigualdades de tamanho e localização geográfica.

O cálculo separa, na prática, dois grandes componentes:

Despesas de organização do evento

Entram aqui os gastos necessários para realizar o Congresso ou CONAD, tais como: aluguel de equipamentos necessários para realização dos eventos (mobiliário, equipamentos de áudio e vídeo, equipamentos de informática, geradores), contratação de serviços (reprografia, segurança, lanches com devida adequação a restrições alimentares, filmagem, impressão, infraestrutura de rede, intérpretes de libras, espaço de convivência infantil, serviços de saúde, atrações culturais e artísticas etc.) Entram também os custos com a equipe de funcionárias/os do ANDES-SN. Do custo correspondente às Despesas de Organização do evento é subtraída a Receita com Observadoras/es. Essa receita é calculada multiplicando o número total de observadoras/es do evento pela taxa por observador/a, que atualmente é R$ 100,00. O resultado é então dividido pelo número total de sindicalizados/as das seções presentes no evento, para obter a taxa por sindicalizada/o.

Despesas com passagens dos delegados

O segundo componente busca enfrentar as enormes diferenças de custo de deslocamentos existentes entre as regiões do país e as condições de acesso. De forma sintética, a Tesouraria Nacional do ANDES-

SN faz uma estimativa do custo que cada seção sindical tem com os deslocamentos (passagens aéreas e terrestres) de seus/as delegados/as. Utiliza-se como valor da passagem aérea o equivalente a 30% da chamada tarifa cheia. A Tesouraria Nacional então soma estes valores e divide esse total pelo número total de delegados/as presentes no evento, para obter o valor médio de passagem por delegado/a. Esse valor médio de passagem por delegado/a é multiplicado pelo número de delegados/as da seção. Se o custo estimado da seção com passagens estiver acima/abaixo do valor médio calculado, a diferença é subtraída/somada do/ao valor que a seção tem que pagar referente a despesas com organização. O resultado pode ser negativo, caso em que a seção receberá um reembolso do caixa nacional.

A proposta que será apresentada pela diretoria estabelece uma nova sistemática para o financiamento das despesas dos eventos deliberativos do ANDES-SN buscando **alterar o primeiro componente.** Em vez das despesas organizativas recaírem essencialmente sobre as seções sindicais, segundo o método atual, parte seria previamente absorvida pelo crescimento das disponibilidades financeiras do ANDES-SN e outra parte pelo Caixa Nacional, ficando o restante distribuído por faixas de tamanho das seções.

O **primeiro elemento da proposta** consiste em verificar, a cada ano, a evolução do chamado "Aumento Líquido de Caixa e Equivalentes de Caixa" do Sindicato Nacional, pois esse resultado apresenta o real incremento de recursos financeiros obtidos no período contábil em análise. Esse aspecto é importante porque a simples elevação nominal das disponibilidades financeiras não significa, necessariamente, que houve crescimento efetivo dos recursos do Sindicato. Por isso, a proposta considera a variação deflacionada**,** ou seja, o crescimento real das disponibilidades depois de descontada a inflação.

Caso seja constatada uma variação real positiva do "Aumento Líquido de Caixa e Equivalentes de Caixa" entre um ano e outro, 40% desse crescimento será destinado à redução das despesas dos eventos deliberativos do ano seguinte**.** É importante destacar que o percentual de 40% da variação positiva das disponibilidades foi estabelecido com o objetivo de conciliar a redução dos custos dos eventos para as seções sindicais com a necessidade de preservar a sustentabilidade financeira do ANDES-SN. A definição desse limite busca garantir que parte do crescimento real das disponibilidades permaneça no Caixa Nacional, permitindo ao Sindicato absorver variações e despesas futuras, inclusive aquelas que possam crescer acima da inflação, como reajustes salariais das/os funcionárias/os, além de outros gastos extraordinários ou não previstos no planejamento orçamentário desde que justificados. Dessa forma, evita-se que toda a variação positiva das disponibilidades seja comprometida com o custeio dos eventos deliberativos, preservando uma margem financeira necessária para assegurar a capacidade de funcionamento, planejamento e atuação política do Sindicato Nacional.

O segundo elemento da proposta estabelece que, confirmada a existência de variação real positiva das disponibilidades (Aumento Líquido de Caixa e Equivalentes de Caixa), o Caixa Nacional assumirá 20% do valor restante das Despesas Organizativas dos eventos. Os outros 80% serão distribuídos entre as seções sindicais, de forma diferenciada, conforme o número de sindicalizadas/os.

As seções sindicais que possuem menos de 200 sindicalizadas/os não entram no rateio, tal como ocorre atualmente. Já as seções com mais de 200 e até 350 sindicalizadas/os responderão por 15% do valor restante; aquelas que possuem de 351 a 500 sindicalizadas/os, por 25%; e as seções com mais de 500 sindicalizadas/os, por 40%. Assim, quanto maior a base sindicalizada e, consequentemente, a capacidade potencial de arrecadação da seção sindical, maior será sua participação relativa no financiamento das despesas organizativas.

Caso não exista crescimento do Aumento Líquido de Caixa e Equivalentes de Caixa — isto é, caso a variação deflacionada seja igual a zero ou negativa —, o novo mecanismo não será implementado. Nessa situação, permanece vigente a metodologia de rateio atualmente utilizada, conforme aprovada no 31º Congresso. Isso significa que a utilização adicional de recursos do Caixa Nacional somente ocorrerá quando houver efetivamente crescimento das disponibilidades financeiras, evitando que o mecanismo provoque redução das reservas em períodos de maior restrição orçamentária.

Exemplo do rateio de divisão das despesas do evento:

Suponha-se que, depois de descontada a inflação, a variação real positiva das disponibilidades do caixa seja de *R$ 500 mil entre dois exercícios. Pela regra proposta, 40% desse crescimento, ou R$ 200 mil, seriam destinados à redução das despesas dos eventos deliberativos do ano seguinte. Se as despesas de organização do Congresso fossem de R$ 1 milhão, os R$ 200 mil seriam inicialmente abatidos desse valor, restando R$ 800 mil a serem financiados segundo a nova metodologia de rateio. Após a utilização*

dos R$ 200 mil provenientes do crescimento real das disponibilidades, restam R$ 800 mil em Despesas Organizativas, as quais seriam distribuídas da seguinte maneira:

- *R$ 160 mil (20%) seriam assumidos pelo Caixa Nacional;*
- *R$ 120 mil (15%) seriam atribuídos ao conjunto das seções com mais de 200 e até 350 sindicalizadas/os;*
- *R$ 200 mil (25%) ao conjunto das seções com 351 a 500 sindicalizadas/os;*
- *R$ 320 mil (40%) ao conjunto das seções com mais de 500 sindicalizadas/os.*

Outro aspecto importante é que a proposta **não modifica o rateio das despesas com passagens.** Os custos de deslocamentos continuaram submetidos às regras estabelecidas pelo 31º Congresso.

TR – 15

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN implemente a seguinte política de rateio para os eventos deliberativos:

1.1 Quando a variação deflacionada de um ano para outro das Disponibilidades em Ativos Circulantes, ou Aumento Líquido de Caixa e Equivalentes de Caixa, for positiva, 40% dessa diferença positiva, conforme aprovado no Conad Ordinário, será aplicada para reduzir o valor de Despesas Organizativas dos eventos deliberativos do ano seguinte, prioritariamente para o Congresso;

1.2. Nesta hipótese, o valor restante das Despesas Organizativas será rateado dentro das seguintes proporções:

1.2.1. 20% para o Caixa Nacional, a ser custeado com as receitas de que tratam o parágrafo 1º do art. 75 do Estatuto do ANDES-SN.

1.2.2. 15% para seções sindicais com mais de 200 sindicalizados/as e até 350 sindicalizados/as.

1.2.3. 25% para seções sindicais com 351 a 500 sindicalizados/as.

1.2.4. 40% para as seções com mais de 500 sindicalizados/as.

1.3. Caso não haja a diferença positiva apontada no item 1, será mantida a metodologia de rateio atualmente em vigor, conforme aprovada no 31º Congresso.

1.4. O rateio do custo com passagens permanece como definido no 31º Congresso.

TEXTO 16

Contribuição das(os) sindicalizadas(os) da Asduerj: Gregory Magalhães Costa; Fernanda Shcolnik; Leonardo Kaplan; Affonso Henriques da Silva Real Nunes; Jose Rodolfo Santos da Silveira; Victor Mateus Verissimo Santos de Oliveira; Susana Moreira Padrão; Maria Inês Senra Anachoreta; Luis Paulo Cruz Borges; Nathalia Araujo Duarte de Gouvea; Fabio Mario Iorio; Otavio Miguez da Rocha Leão; Paulo Roberto Raposo Alentejano; Guilherme Preato Guimarães; Frederico Duarte Irias; Aluísio Alves de Melo Bento; Beatriz Fernandes Caldas; Marianna Fernandes Moreira; Jeanne Denise Bezerra de Barros; Gabriel Barruci da Silva; João Batista Silva dos Santos; Juan Pablo Sierra Tapiro; Gianna Gobbo Larocca; Thiago Castañon Loureiro; Monica Leite Lessa; Renê Alberto Moritz da Silva e Forster; Mateus Gomes Extinger Figueira; Jefferson Lee de Souza Ruiz; Estela Scheinvar; Danielle Tudes Pereira Silva; Fátima Sueli Neto Ribeiro; Camilla Agostini; Eduardo Ferraz Felippe; Mateus Spezia; Ana Paula Tatagiba Barbosa; Karina Alessandra Morelli; Paula Helena Kubitschek Barreira; Hugo Pinto de Almeida; Jacira Castanharo; Carmelinda; Fábio Fortes; Gustavo Adolfo Pinheiro da Silva.

FIM DOS RATEIOS DOS CONGRESSOS, CONADS E EVENTOS DO ANDES

TEXTO DE APOIO

A organização da luta se faz pela base! São as seções sindicais que movimentam e mobilizam as bases do ANDES. A proposta, aqui apresentada, parte da percepção, inclusive expressa no último Seminário em Campinas, de que diversas seções sindicais atravessam dificuldades orçamentárias crescentes, motivadas pela queda no número de filiados, pela perda de poder aquisitivo da categoria, pelo aumento das despesas fixas de manutenção institucional e pelos gastos decorrentes da participação em atividades de mobilização.

A questão do rateio tal como proposto, que já existe e que já foi aprovado pelo Congresso do Andes-SN (2011), nos indica uma desigualdade no que tange à redistribuição dos recursos advindos da direção nacional às respectivas seções do sindicato quando se trata do rateio. Quando tratamos das condições específicas dos diferentes setores do Andes-SN (IFES, IEES, IMES e IDES) essa desigualdade é ainda mais explícita, dado que as despesas ordinárias pesam ainda mais para seções que precisam enfrentar as lutas locais e/ou regionais sem o conjunto de suas coirmãs (sejam elas municipais, estaduais ou distrital). O que cabe nesta quadra histórica é equilibrar financeiramente a luta local e regional (IEES, IMES e IDES) com a nacional (representada pelas IFES), em cada universidade, no conjunto das universidades públicas unidas em luta.

Em contraste, os TRs 87 e 88, apresentados no 44º Congresso do ANDES, destacam que as contas do sindicato nacional, apresentadas no 68º CONAD, revelaram um resultado positivo expressivo no exercício de 2023 (próximo a 3 milhões de reais), o que evidenciaria uma situação financeira mais confortável do ANDES-SN em relação às entidades de base.

Entendemos que não pode haver sacrifício das ADs/seções sindicais em nome de um acúmulo de reservas do sindicato nacional que cria uma disparidade financeira entre as ADs/seções sindicais e o Andes.

Este texto propõe uma revisão mais profunda do modelo de financiamento. Recorda que o sistema de rateio, criado em 2011, buscava originalmente equilibrar a participação das seções pequenas e considerar a distância geográfica até a sede do evento, calculando a contribuição de cada AD/seção sindical com base no custo médio por delegado.

Argumentamos, contudo, que esse mecanismo hoje pressiona financeiramente as bases, que já arcam com mensalidades, fundo de greve, manutenção de estrutura própria e despesas com deslocamento, hospedagem e alimentação das delegações etc. Esse conjunto de encargos, segundo o texto, pode representar quase 70% da arrecadação de algumas seções.

Para sustentar essa tese, este documento apresenta uma série histórica de custos: aponta o crescimento do valor por delegado em congressos recentes (do 41º ao 43º) e o comportamento variável do custo por participante em CONADs recentes, notando que eventos com maior público tendem a diluir melhor as despesas totais. Cita ainda a existência de seções inadimplentes com o rateio em exercícios anteriores e o baixo comparecimento das ADs/seções sindicais aos CONADs recentes, inferior a 50%, associando essa ausência ao peso financeiro envolvido.

Sem dúvida a solidariedade é base da formação do ANDES-SN. Contudo, o que de fato ocorre hoje é o sufocamento das seções sindicais e ADs, com despesas referentes às múltiplas atividades nacionais presenciais anuais que são desenvolvidas nas Seções Sindicais. Com base nesse quadro, reiterando que os relatórios financeiros indicam resultados superavitários recorrentes no caixa nacional e, preservando a responsabilidade das ADs pelos custos específicos de suas delegações, defendemos que caberia ao ANDES-SN assumir integralmente o custeio institucional dos Congressos, CONADs e outros eventos (reuniões de organização de setor; GTs e outros), incluindo a participação das ADs pequenas.

TR – 16

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que a participação das seções sindicais "pequenas" seja integralmente custeada pelo ANDES, sem qualquer implicação para as outras seções sindicais;

2. Que possa haver uma regra de transição para o 45º Congresso do ANDES com metade do custeio da participação das "pequenas" seções sindicais custeada pelo ANDES e outra metade custeada pelas demais seções sindicais a título de rateio, com 100% custeado a partir dos CONADs subsequentes ao 46º Congresso do ANDES;

3. Que a sede do congresso do ANDES possua auditório que comporte todas/os as/os participantes do congresso;

4. Caso não haja candidatura para sede do Congresso que possua auditório com capacidade adequada, que o congresso seja realizado na UnB, onde há um auditório com capacidade adequada.

TEXTO 17

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Ailton Cotrim Prates (Adufal), Ailton Fernando Santana de Oliveira (ADUFS), Alan Martins de Oliveira (Adufersa), Alberto Handfas (Adunifesp), Amália Catarina Santos Cruz (Aduneb), Antônio Joaquim R. Feitosa (ADUFPB), Arlete Ramos dos Santos (Adusb), Ascísio Pereira (Sedufsm), Avery Veríssimo (Sesduf-RR), Azamor Cirne (Adufpb), Belkis Souza Bandeira (Sedufsm), Cândida Maria Santos Daltro Alves (ADUSC), Carlos Vitório de Oliveira (ADUSC-BA), Carolina Nozella Gama (ADUFAL), Cássia Hack (Sindufap), Celi Nelza Zulke Taffarel (Apub/Ba), Cristina Hill Fávero (Apesjf), David Romão (Apur), Dimas Neves (Adunemat), Dinairan Dantas Souza (AdUnemat), Dinalva de Jesus Santana Macedo (ADUNEB), Domingos Sávio da Cunha Garcia (AdUnemat), Eduardo Jorge Souza da Silva (Aduferpe), Edson Franco de Moraes (Adufpb), Elaine de Oliveira Souza (ADUNEB), Erika Suruagy (Aduferpe), Everaldo de Oliveira Andrade (Adusp), Fernando José de Paula Cunha (Adufpb), Frederico Costa (Sinduece), Geisa Martins Soares (Apesjf), Geverson Grzeszczeszyn (Adunicentro), Givanildo Bezerra de Oliveira (Apur), Guilherme J P Abreu (Apufpr), Isabelle Meunier (Aduferpe), José Arlen Beltrão (Apur), José Eudes Baima Bezerra (Sinduece), José Eugenio de Jesus Cardoso Graúdo (Apesjf), Juanito Vieira (Apesjf), Karina Lima Sales (ADUNEB), Karla Costa (AdUfersa), Katia Cilene do Couto (ADUA), Kátia Maria de Aguiar Barbosa (ADUNEB), Leila de Lourdes Longo (Apur), Leni Hack (AdUnemat), Lenúcia Moura (Sinduece), Liane de Souza Weber (Sedufsm), Lílian Fátima Barbosa Marinho (ADUNEB), Lisanil Patrocínio (AdUnemat), Lisleandra Machado (Apesjf), Lenucia Moura (Sinduece), Lori Hack (Adunemat), Luiz do Nascimento Carvalho (Ufcat), Luiz Bezerra Neto (Adufscar), Luiz Felipe Silva (Adunifei), Márcia Luzia Cardoso Neves (Apur), Márcio Perón (Adufscar), Marco Antonio Araújo Silvany (ADUNEB), Maria de Lourdes Sarmento (ADUEPB), Marilene Santos (ADUFS), Marize Carvalho (Apub/BA), Marta Oliveira Bezerra (APUB), Melina Silva Alves (Adupb), Michel Costa (ADUERN), Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (Aduferpe), Osaná Macedo Reis (ADUNEB), Paulo José Riela Tranzilo - (Adufs BA), Pedro Silva (Sinduece), Rita Porto (Adufpb), Rogério Añez (Adunemat), Ronalda Barreto Silva (ADUNEB), Sandra Luna (Adufpb), Sarah Munck Vieira (Apesjf), Sirneto Silva (Sinduece), Sonia Tomasoni (ADUNEB), Silvina Liliana Carrizo (Apesjf), Tania Paula da Silva (AdUnemat), Tarcisio Augusto Alves da Silva (Aduferpe), Teresinha Weiller (Sedufsm), Uiran Gebara da Silva (Aduferpe), Iwanoska Gama (Aduferpe).

APERFEIÇOAR A GOVERNANÇA, A TRANSPARÊNCIA, A ECONOMICIDADE E O CONTROLE FINANCEIRO DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Os Congressos e CONADs constituem instâncias centrais da democracia interna do ANDES-SN e, ao mesmo tempo, espaços nos quais são definidas prioridades políticas, organizativas e financeiras do Sindicato Nacional. Por essa razão, o aperfeiçoamento de seu formato e metodologia deve ser acompanhado do fortalecimento dos mecanismos de planejamento, transparência, prestação de contas, economicidade e controle, preservando-se as atribuições políticas e estatutárias das instâncias deliberativas.

A análise comparativa e a triangulação documental das prestações de contas de Congressos, CONADs e exercícios contábeis, tomando 2015 a 2025 como recorte principal e 2026 como elemento posterior de confirmação, identificaram aspectos positivos e fragilidades recorrentes. A análise não fornece elementos suficientes para afirmar fraude, desvio ou apropriação indevida. Os achados indicam, contudo, a necessidade de aperfeiçoar procedimentos de planejamento orçamentário, classificação contábil, documentação, acompanhamento de rateios, transparência e avaliação da economicidade.

Um aspecto positivo é a evolução do planejamento financeiro dos Congressos. Enquanto o 35º Congresso apresentou diferença de aproximadamente 15% entre o valor previsto para rateio e a despesa realizada, nos Congressos mais recentes as diferenças ficaram abaixo de 1%. No 41º Congresso a diferença foi de aproximadamente 0,32%; no 42º, de -0,12%; e no 43º, de 0,49%. Esse comportamento demonstra que a experiência acumulada nos eventos pode contribuir para o aperfeiçoamento do planejamento orçamentário mais amplo da entidade.

Ao mesmo tempo, a série histórica dos Congressos evidencia crescimento nominal das despesas: de R$ 344.378,30 no 35º Congresso, em 2016, para R$ 990.470,99 no 43º Congresso, em 2025, correspondendo a crescimento nominal aproximado de 187,6%. Esse dado, isoladamente, não permite concluir perda de economicidade, pois os demonstrativos não apresentam, de maneira padronizada, indicadores como número total de participantes, duração, gasto por participante, gasto por participante/dia, quantidade de refeições, gasto médio de passagens, hospedagens e quantitativos das principais contratações. A ausência desses indicadores limita comparações entre eventos realizados em cidades, períodos e condições logísticas distintas.

A triangulação também demonstra que os rateios dos eventos se conectam diretamente às contas anuais. Diferenças a pagar ou a receber decorrentes de Congressos e CONADs reaparecem nos balanços como créditos da entidade. Há registros históricos de saldos de rateios permanecendo por mais de um exercício, embora os dados recentes indiquem melhora na regularização. Esse aspecto recomenda acompanhamento sistemático da antiguidade dos créditos, de sua origem e das providências adotadas para cobrança ou regularização.

No orçamento anual, foram observadas diferenças materiais entre valores previstos e executados em determinadas rubricas. Em 2025, por exemplo, hospedagem, locação de equipamentos e veículos, manutenção de imóveis, material de consumo, passagens, serviços gráficos e serviços técnicos apresentaram variações relevantes em relação ao orçamento. A existência de variação não caracteriza, por si só, irregularidade; contudo, diferenças materiais devem ser acompanhadas de justificativa, autorização e informação suficientemente detalhada para permitir o controle pelas instâncias do Sindicato.

Outro ponto que merece aperfeiçoamento é o tratamento de ajustes de exercícios anteriores e de despesas a regularizar. A série documental registra ajustes em diferentes exercícios e, em 2017, registra despesas a regularizar correspondentes a pagamentos realizados sem apresentação, naquele momento, dos respectivos comprovantes. Esses registros não autorizam concluir que a documentação não tenha sido posteriormente apresentada, mas indicam a importância de estabelecer prazos, responsáveis e mecanismos de acompanhamento para impedir permanências indefinidas entre exercícios.

Em 2025, a Nota 20 referente à Regional Planalto apresenta questão de classificação contábil material. O próprio 69º CONAD recomendou que os valores ali tratados fossem alocados no ativo imobilizado e não registrados como despesa. O caso reforça a importância de conciliações entre ativo, obrigações, pagamentos e classificação contábil, especialmente quando os valores têm impacto relevante sobre o resultado do exercício.

No que se refere especificamente aos Congressos e CONADs, despesas com alimentação, infraestrutura, locações, serviços e apoio à participação podem representar valores relevantes. Sem quantitativos e

preços unitários, entretanto, não é possível avaliar adequadamente sua economicidade. A transparência deve, portanto, avançar do valor agregado para informações que permitam compreender quantidade, preço unitário, procedimento de cotação ou pesquisa de preços e relação entre gasto, número de participantes e duração do evento.

O debate sobre o formato e a metodologia dos Congressos e CONADs oferece oportunidade para integrar democracia interna, condições adequadas de participação, efetividade deliberativa e sustentabilidade financeira. Mudanças na duração dos eventos, critérios de participação, localidade, organização dos grupos e plenárias ou modelo de rateio podem produzir impactos políticos, logísticos e financeiros distintos. Por isso, alterações estruturais devem ser acompanhadas, sempre que possível, de estimativa prévia de impacto e de avaliação posterior mediante indicadores padronizados.

A prestação de contas pode ser fortalecida com um formato que permita comparação direta entre orçamento inicial, eventuais revisões, execução, variação absoluta e percentual e justificativas para diferenças materiais. Da mesma forma, os Congressos e CONADs podem ser acompanhados por indicadores de participação e economicidade, permitindo comparar eventos ao longo do tempo sem reduzir a análise à observação isolada do gasto total.

A adoção dessas medidas não substitui o controle político exercido pelo Congresso, pelo CONAD e pelas demais instâncias estatutárias. Ao contrário, amplia as condições para que delegados(as), seções sindicais e a base possam avaliar as contas e as decisões financeiras com informações comparáveis, rastreáveis e tempestivas. O objetivo é contribuir para o aperfeiçoamento da governança e da transparência do ANDES-SN, preservando a democracia interna e fortalecendo a capacidade de planejamento da entidade.

TR – 17

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que os demonstrativos contábeis sejam feitos em observação a ITG 2002 (R1) – norma do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) que define as regras contábeis para as entidades sem fins lucrativos;

2. Que o ANDES-SN adote, nas prestações de contas anuais, quadro padronizado contendo, no mínimo, orçamento inicial, eventuais revisões orçamentárias, execução realizada, variação absoluta, variação percentual e justificativa para as diferenças consideradas materiais.

3. Que o ANDES-SN estabeleça critérios objetivos de materialidade para definir as situações que demandem nota explicativa, documentação complementar e informação sobre eventual suplementação ou remanejamento orçamentário.

4. Que seja apresentado, nas prestações de contas anuais, demonstrativo dos créditos decorrentes de rateios de Congressos e CONADs, contendo evento de origem, seção sindical, valor original, pagamentos realizados, saldo, tempo de permanência do crédito e providências de regularização ou cobrança, preservadas as situações devidamente justificadas.

5. Que toda despesa registrada como “a regularizar” seja acompanhada, nos demonstrativos subsequentes enquanto permanecer aberta, de identificação de sua natureza, data, valor, responsável pela regularização, prazo e situação da documentação comprobatória.

6. Que os ajustes de exercícios anteriores materialmente relevantes sejam apresentados em nota explicativa, indicando o valor, o exercício de origem, a natureza do ajuste e a justificativa para seu reconhecimento posterior.

7. Que seja concluída e apresentada às instâncias competentes a conciliação dos registros relacionados à Regional Planalto, considerando o ativo imobilizado reconhecido em 2024, as obrigações correspondentes e os pagamentos realizados em 2025, com explicitação da classificação contábil final adotada, em consonância com a recomendação aprovada pelo 69º CONAD.

8. Que as prestações de contas dos Congressos e CONADs passem a apresentar, de forma padronizada, indicadores de economicidade e participação, incluindo, no mínimo: número de delegados(as), observadores(as) e demais participantes; duração do evento; gasto total; gasto por participante; gasto por participante/dia; e comparação com os três eventos ordinários anteriores, quando houver dados comparáveis.

9. Que gastos materialmente relevantes dos Congressos e CONADs com alimentação, infraestrutura, locações, hospedagem, passagens e prestação de serviços sejam acompanhados, sempre que aplicável, de quantitativos, valores unitários e informação sobre o procedimento utilizado para pesquisa, cotação ou definição dos preços.

10. Que propostas de alteração estrutural no formato dos Congressos e CONADs que possam produzir impacto financeiro relevante sejam acompanhadas de estimativa de impacto, contemplando, quando aplicável, duração, número estimado de participantes, localidade, hospedagem, deslocamentos, alimentação, infraestrutura e efeitos sobre o rateio das seções sindicais.

11. Que o ANDES-SN institua relatório pós-evento para Congressos e CONADs, articulando indicadores de participação, efetividade deliberativa, condições de realização e execução financeira, de modo a subsidiar a avaliação e o aperfeiçoamento contínuo do formato e da metodologia dos eventos.

12. Que seja constituída série histórica pública e padronizada das prestações de contas de Congressos e CONADs, permitindo identificar, para cada evento, previsão, valor realizado, rateio, diferenças a pagar ou receber, número de participantes, duração e principais categorias de despesa.

13. Que as informações sobre deliberações, relatórios finais e prestações de contas de Congressos e CONADs sejam organizadas em repositório institucional de fácil consulta, de modo a ampliar a rastreabilidade entre deliberação, execução, rateio e prestação de contas.

14. Que o ANDES-SN, além da criação da **Plenária Geral de Avaliação de Contas**, porque isoladamente, não resolverá o problema se os dados apresentados permanecerem no formato atual, elabore um **Relatório Padronizado de Prestação de Contas**, a ser entregue previamente aos delegados/as e observadores/as, contendo as Informações obrigatórias e suas respectivas Finalidades, com por exemplo: Orçamento aprovado (ponto inicial), Orçamento revisado (identificar alterações), Realizado (execução), Diferença R$ (materialidade), Diferença % (comparabilidade), Justificativa (transparência), Fonte de financiamento (rastreabilidade), Ajustes de exercícios anteriores (corte temporal), Rateios a receber (controle), Despesas a regularizar (documentação), Ativo imobilizado (patrimônio), Comparativo últimos 5 anos (tendência);

15. Que o Andes-SN, acrescente a proposta de 4 blocos da Comissão de novo Formato (Congressos e CONADs), um **Eixo V — Sustentabilidade financeira, economicidade e transparência dos eventos**, que trate sobre: 1. estudo prévio de impacto financeiro de qualquer mudança metodológica; 2. matriz de viabilidade para escolha das sedes; 3. indicadores de gasto por participante/dia; 4. metodologia transparente de rateio; 5. acompanhamento dos rateios a receber; 6. prestação de contas padronizada; 7. comparação previsto × realizado; 8. justificativa de variações materiais; 9. relatório pós-evento; 10. série histórica pública de Congressos e CONADs.

Base documental do TA: triangulação das prestações de contas de Congressos, CONADs e exercícios contábeis de 2015 a 2025, com referências aos relatórios do ANDES-SN e confirmação posterior em documentos de 2026. Vide em: https://www.andes.org.br/sites/relatorios

TEXTO 18

Diretoria do ANDES-SN

FINANCIAMENTO DAS ELEIÇÕES NACIONAIS DO ANDES-SN: DEMOCRACIA, AUTONOMIA E RESPONSABILIDADE COLETIVA

TEXTO DE APOIO

O financiamento das eleições para a diretoria do ANDES-SN vem sendo objeto de debates nos diferentes espaços da entidade, envolvendo desde questões relacionadas aos custos de realização dos processos eleitorais, às responsabilidades do caixa nacional e dos caixas das Seções Sindicais (SSinds) e às condições necessárias para assegurar a participação democrática da categoria. O acúmulo dessas discussões evidenciou a necessidade de aprofundar política e organizativamente o tema, considerando seus impactos sobre a democracia interna, a autonomia e a sustentabilidade financeira do caixa nacional e do caixa de suas seções sindicais. Essas preocupações estiveram entre as questões que impulsionaram a realização dos Seminários Nacionais de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas, nos quais diferentes aspectos do financiamento eleitoral puderam ser debatidos e aprofundados.

No I Seminário realizado em São Paulo, em novembro de 2025, ganha relevo a preocupação com os custos envolvidos na realização das eleições para a diretoria do ANDES-SN e com os impactos diferenciados dessas despesas sobre as SSinds. Para as SSinds de menor capacidade financeira, assim como para aquelas organizadas em instituições multicampi, com grandes distâncias territoriais entre seus locais de atuação, a realização do processo eleitoral nacional pode representar um desafio significativo. Nesse contexto, o debate passou a problematizar em que medida e sob quais critérios o caixa nacional poderia participar do custeio das eleições para a diretoria do ANDES-SN, buscando construir alternativas que considerassem as distintas realidades financeiras e estruturais das SSinds e, ao mesmo tempo, a sustentabilidade financeira do caixa nacional e dos caixas das seções sindicais.

No II Seminário, realizado em Campinas em maio de 2026, o debate foi aprofundado, avançando na construção de critérios para uma possível participação do caixa nacional no custeio dos processos eleitorais para a diretoria do ANDES-SN. Foram debatidas diferentes possibilidades e parâmetros para essa participação, buscando estabelecer critérios que considerassem as distintas realidades das SSinds.

Princípios político-organizativos e corresponsabilidade no financiamento eleitoral

Desde quando o ANDES ainda era uma associação nacional, optou-se conscientemente por uma organização baseada no princípio do autofinanciamento, justamente porque se compreendeu que não há autonomia sem base material própria. Essa opção nunca foi meramente financeira, mas política, uma vez que só se garante independência frente a partidos, governos, reitorias e patrões quando a entidade se sustenta com a contribuição direta da sua base. Esse princípio se constitui como um elemento político-pedagógico na construção da consciência e independência de classe de trabalhadoras e trabalhadores, na responsabilidade com seu próprio instrumento de luta.

Esses elementos evidenciam a necessidade do exercício do princípio de corresponsabilidade coletiva entre o caixa nacional e os caixas das SSinds, tendo em vista que ambas as instâncias compartilham deveres, responsabilidades e compromissos políticos, administrativos, financeiros e jurídicos na defesa da categoria, ainda que possuam esferas de atuação diferentes.

A partir dessa concepção, o ANDES-SN, como sindicato nacional que se organiza pela base no local de trabalho, registrou em seu estatuto, de modo muito singular, que a(o) docente que a ele se sindicaliza por meio de uma SSind realiza o recolhimento das contribuições financeiras para a garantia das ações e

lutas do sindicato, sendo a SSind a fiel depositária dessas contribuições ao ANDES-SN. Essa organização estabeleceu uma política financeira que traduz a ideia de que o maior montante da arrecadação fica nas SSinds.

Outro princípio estruturante da organização do ANDES-SN é o da solidariedade, expresso internamente, por exemplo, em elementos como a constituição do fundo único e na política de rateio, para garantia de participação e de apoio às SSinds pequenas e oposições sindicais nas instâncias deliberativas e espaços de caráter formativo, como Grupos de trabalhos, reuniões e encontros de setores, seminários nacionais etc.

Com a expansão, criação e diversificação das Instituições de Ensino Superior, uma nova realidade está colocada, a necessidade da presença e enraizamento do ANDES-SN junto à categoria docente, cada vez mais submetida a uma política de precarização do trabalho e de sucateamento dessas instituições, com outros desdobramentos por conta das realidades das(os) docentes que atuam em contextos de multicampia, interiorização e fronteiras.

Cabe destacar que um dos entraves à ampliação da arrecadação financeira do ANDES-SN está relacionado à política de arrocho salarial imposta por sucessivos governos, a qual, sem conceder reajustes reais, limita a capacidade de contribuição de trabalhadoras e trabalhadores. Soma-se a esse quadro o impacto das sucessivas reformas previdenciárias, que impõem perdas, desestimulam a sindicalização e geram realidades distintas entre as diferentes gerações de docentes, reforçando a urgência da luta por paridade e integralidade. Ademais, a baixa adesão de novos docentes ao sindicato ocorre em um contexto dominado pelo capitalismo acadêmico, pelo produtivismo científico e pela crescente individualização das trajetórias acadêmicas e das relações de trabalho. Diante desse cenário, coloca-se para o ANDES-SN o duplo desafio de fortalecer a sindicalização e a organização coletiva da categoria, bem como de ampliar a sua arrecadação.

Essa realidade acentua a necessidade do exercício do princípio da solidariedade interna, na medida em que as SSinds pequenas têm enfrentado diversos desafios em relação à organização sindical local e à participação plena nos espaços do ANDES-SN.

Paralelamente, o princípio da solidariedade de classe, que fundamenta a estrutura do ANDES-SN, expressa-se externamente no atendimento a diversas solicitações de apoio político e financeiro às mobilizações dos múltiplos setores da classe trabalhadora, dos grupos oprimidos e dos movimentos sociais. Essas demandas emergem como reflexo do avanço do neoliberalismo, que impõe severos cortes nos investimentos públicos e acentua a precarização do trabalho e das condições de vida de toda a sociedade.

Por todas essas razões, as proposições relacionadas ao financiamento das eleições nacionais do Sindicato devem considerar a totalidade das ações desenvolvidas pelo Sindicato Nacional e por suas SSinds, de modo a não comprometer as atuações fundamentais para a garantia dos princípios sindicais, da defesa dos interesses da categoria e das lutas pelos direitos da classe trabalhadora.

Responsabilidades do caixa nacional na organização das eleições

As eleições para a Diretoria do ANDES-SN ocorrem em realidades muito distintas entre as SSinds. Há diferenças significativas quanto ao número de sindicalizadas(os), capacidade financeira, extensão territorial e organização multicampi, fazendo com que os custos do processo eleitoral tenham impactos bastante desiguais sobre as SSinds. Essa realidade se torna particularmente desafiadora para SSinds menores e para aquelas que precisam organizar a eleição em diferentes *campi*, municípios e estados. Ao mesmo tempo, é fundamental preservar o autofinanciamento como princípio político do ANDES-SN, expressão de uma organização sindical sustentada pela adesão e contribuição voluntária de suas sindicalizadas e seus sindicalizados. Essa concepção também orienta os processos eleitorais do Sindicato Nacional, que possuem natureza distinta dos processos eleitorais estatais.

Dessa forma, a contribuição do caixa nacional do ANDES-SN para o financiamento das eleições de sua diretoria não implica o custeio integral de suas despesas, mas sim a consolidação de uma política de solidariedade e corresponsabilidade entre o caixa nacional e os caixas de suas SSinds. A partilha parcial desses custos expressa o reconhecimento das assimetrias financeiras, organizativas e territoriais entre as entidades, evitando que tais disparidades funcionem como entraves ao exercício democrático do pleito. Assim, materializa-se na prática o princípio da solidariedade sindical, assegurando que todas as SSinds

disponham de condições para colaborar ativamente na construção do processo democrático da entidade, respeitando-se suas particularidades e realidades locais.

Defendemos que a responsabilidade compartilhada se concretize em uma participação do caixa nacional no custeio eleitoral. Essa medida preserva o papel das SSinds na organização e no financiamento do pleito, sem comprometer o equilíbrio financeiro do Sindicato enquanto um todo. Ao articular os princípios de autofinanciamento, autonomia, corresponsabilidade e solidariedade, essa construção busca evitar que as assimetrias entre as SSinds se transformem em desigualdades que prejudiquem o processo democrático nacional.

A defesa da independência de classe e da autonomia das entidades combativas é um princípio central para a esquerda classista. Historicamente pautado por essa premissa, o ANDES-SN defende o autofinanciamento, sustentando que a sindicalização deve ser uma decisão da(o) docente. Por essa razão, a entidade sempre criticou o imposto sindical e concebe a contribuição voluntária como garantia essencial de sua autonomia em relação a partidos, governos e reitorias.

Em vista do que foi apresentado, a preservação da democracia sindical requer igualmente a garantia do autofinanciamento das chapas que se inscrevem no pleito eleitoral para a direção do Sindicato Nacional. Os recursos do ANDES-SN devem garantir a agenda de lutas da categoria e a execução do nosso plano geral de lutas, dos setores das IFES, IEES/IMES/IDES. A disputa legítima dos programas das chapas homologadas devem ser tarefa das(os) candidatas(os) e suas(seus) apoiadoras(es). Cabe ao Sindicato Nacional contribuir com parte dos custos da eleição para Direção Nacional do ANDES-SN.

Responsabilidades vinculadas à organização nacional do processo eleitoral

O acúmulo político da categoria docente reafirma que a organização e execução das eleições para a diretoria do ANDES-SN são de responsabilidade direta do ANDES-SN. Atualmente, o caixa nacional já responde por parcela expressiva da infraestrutura do pleito, englobando a confecção e envio de cédulas e nominatas, o financiamento completo do funcionamento da CEC e as despesas operacionais dos debates promovidos entre as chapas (como passagens, hospedagem e diárias), além de outros custos essenciais à condução do processo eleitoral, valores estes demonstrados nas prestações de contas submetidas à aprovação anualmente nos Conads.

Com o objetivo de continuar assegurando isonomia entre as candidaturas à direção do ANDES-SN, faz-se necessário aperfeiçoar os mecanismos de organização e disputa eleitoral. Essa medida visa expandir e qualificar a política institucional já vigente.

As estimativas financeiras para a organização das eleições tomam como base os custos nacionais com a CEC e as despesas diretas do último pleito, somados às informações coletadas por meio da Circular nº 225/2026 — "Levantamento de dados das seções sindicais para estudos sobre situação financeira das seções sindicais e outros elementos". A partir das informações fornecidas pelas 33 seções sindicais, identificou-se um gasto médio local de **R$ 12,54 por docente sindicalizada(o)**. Considerando esse valor como referência para o conjunto das seções sindicais, estima-se que as despesas realizadas pelas SSinds tenham alcançado aproximadamente **R$ 762 mil**, aos quais se somam cerca de **R$ 400 mil** correspondentes aos custos da CEC. Assim, o custo total das eleições situa-se em torno de **R$ 1,16 milhão**.

Fig. 1: Custos locais para realização das eleições para a Diretoria do ANDES-SN



Fonte: Respostas à Circular 225/2026 e dados prestados pelas seções nos formulários de repasse mensais.

Fig. 2: Custo médio por sindicalizado/a



Fonte: Respostas à Circular 225/2026 e prestações de contas aprovadas no 69º Conad.

Diante desse cenário, propõe-se que a instância nacional amplie sua contribuição financeira para o custeio das ações executadas pelas SSinds para garantir localmente a realização das eleições para a Diretoria do ANDES-SN. A medida teria como referência uma coparticipação de **R$ 7,50 por sindicalizado/a**, correspondente a aproximadamente **50% do custo estimado das eleições realizadas localmente pelas SSinds** e a cerca de **70% do custo total das eleições**, considerando-se, neste último caso, a soma das despesas locais com os custos nacionais da CEC. A proposta busca, assim, ampliar a participação financeira da instância nacional no processo eleitoral, contribuindo para com os custos locais das eleições para a diretoria do ANDES-SN, sem transferir integralmente às seções sindicais os custos de sua realização.

A consolidação dessa política exige articular democratização do pleito eleitoral, solidariedade entre as múltiplas realidades das SSinds e equilíbrio financeiro dos caixas locais e nacional do ANDES-SN. Busca-se, assim, evitar que diferenças de tamanho, arrecadação ou dispersão territorial entre as SSinds

sejam obstáculos à participação, garantindo que diversos projetos políticos concorram em igualdade de condições institucionais. A proposta reforça a democracia sindical do ANDES-SN, sindicato construído historicamente pela base.

TR – 18

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o caixa nacional, por meio dos recursos advindos dos repasses previstos no parágrafo 1º, art. 75 do Estatuto do ANDES-SN, garanta a ampliação de sua participação no custeio da realização das eleições para a Diretoria do ANDES-SN, como expressão da corresponsabilidade entre o caixa nacional e os caixas das Seções Sindicais, nos seguintes termos:

1.1. Para seções sindicais com até 200 sindicalizadas(os), o caixa nacional contribuirá para os custos locais de organização das eleições para a diretoria do ANDES-SN, com um valor proporcional à relação entre as contribuições médias per capita da seção e a de todo o sindicato, até o teto de R$ 15,00 (quinze reais) por sindicalizada(o) apta(o) a votar.

1.2. Para seções sindicais com mais de 200 sindicalizadas(os), o caixa nacional contribuirá para os custos locais de organização das eleições para a diretoria do ANDES-SN, com um valor proporcional à relação entre as contribuições médias per capita da seção e a de todo o sindicato, até o teto de R$ 7,50 (sete reais e cinquenta centavos) por sindicalizada(o) apta(o) a votar no próximo pleito.

1.3. A contribuição a que se referem os itens 1.1 e 1.2 será feita após o pleito, por meio de abatimento do montante equivalente nos repasses financeiros devidos pelas Seções Sindicais ao ANDES-SN, de que tratam o parágrafo 1º do art. 75 do Estatuto do ANDES-SN.

1.4. A contribuição nos termos apontados nos itens 1.1 e 1.2 será condicionada ao envio de atas do processo eleitoral nas Seções Sindicais que informem a realização da eleição para a diretoria do ANDES-SN, conforme orientações da Comissão Eleitoral Central.

TEXTO 19

Diretoria do ANDES-SN

AUTOFINANCIAMENTO DAS CHAPAS E FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA SINDICAL

TEXTO DE APOIO

No II Seminário Nacional de Questões Organizativas, Administrativas, Financeiras e Políticas do ANDES-SN, realizado em Campinas, em maio de 2026, o debate sobre o financiamento das chapas que concorrem nas eleições para a Diretoria do ANDES-SN foi aprofundado a partir de proposições oriundas da base, apresentadas por meio de textos de apoio e textos de resolução apresentados ao 44º Congresso, possibilitando maior acúmulo político sobre o tema. Assim como as proposições relacionadas ao financiamento das eleições nacionais, aquelas referentes às chapas concorrentes à Direção do ANDES-

SN devem considerar a totalidade das ações desenvolvidas pelo ANDES-SN, por meio do seu caixa Nacional e do caixa de suas Seções Sindicais.

O debate sobre as condições de participação das chapas que concorrem à Direção do ANDES-SN remete a uma questão mais ampla referente à democratização do Sindicato. Trata-se de garantir que diferentes coletivos e as propostas que defendem possam se apresentar à categoria em condições equânimes, participar dos debates nacionais e disputar a direção do ANDES-SN. Isso não significa financiar diretamente as chapas, mas fortalecer os mecanismos institucionais já existentes para assegurar igualdade de acesso e participação no processo eleitoral, preservando a autonomia e o autofinanciamento de cada chapa.

Essa orientação parte do princípio da necessidade de preservação do autofinanciamento das chapas como elemento da cultura da entidade, um pilar da política e da tradição de organizações de esquerda, fundamentado no compromisso militante, na democracia de base e na independência de classe.

Busca-se, portanto, combinar o autofinanciamento das chapas com condições institucionais mais equânimes de participação, transparência e sustentabilidade financeira, de modo a possibilitar que os diferentes agrupamentos políticos possam apresentar seus projetos e disputar a direção do Sindicato Nacional em condições democráticas.

O ANDES-SN já assegura mecanismos institucionais voltados à participação das chapas no processo eleitoral, entre eles as condições para participação nos debates promovidos pela Comissão Eleitoral Central (CEC), sua transmissão nacional e a divulgação dos manifestos das chapas por meio do InformANDES. A proposta em debate parte desse acúmulo e busca ampliar essa política já existente, fortalecendo os instrumentos que contribuem para a democracia sindical.

Nesse sentido, a produção de material impresso para as chapas homologadas nas eleições para a Diretoria do ANDES-SN constitui uma ampliação concreta desses mecanismos institucionais. O objetivo é possibilitar que a categoria tenha maior acesso aos programas e às nominatas das diferentes chapas, mediante condições comuns de divulgação, sem que isso represente transferência direta de recursos para o financiamento de suas campanhas.

Desse modo, busca-se ampliar as condições institucionais para a disputa eleitoral, preservando simultaneamente a autonomia das chapas, seu autofinanciamento e a responsabilidade do ANDES-SN pela organização democrática de seu processo eleitoral. Trata-se de articular a democratização do processo, a autonomia política dos coletivos e a sustentabilidade financeira da entidade.

TR – 19

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o Caixa Nacional do ANDES-SN garanta a produção de material impresso para cada chapa homologada nas eleições para a Diretoria do ANDES-SN, destinado à exposição de seu programa e de sua respectiva nominata, assegurada igualdade de condições entre as chapas, em quantidade equivalente a até **10% do colégio eleitoral**, cabendo às próprias chapas a sua distribuição.

TEXTO 20

Contribuição das(os) sindicalizadas(os):Alcides Remijo (Adufg), Anderson Deo (Adunesp), Antônio Carlos Mazzeo (Adunesp), Atenágoras Oliveira Duarte (Adufepe), Benedito Libório Araújo (Adufs), Bianca Novaes de Mello (Aduff), Breno Santos (Adufmat), Bruno Souza Bechara Maxta (Apubh), Bruno Pizzi (Adufdourados), Caio Martins (Adufrj), Camila Leite Oliver (Aduneb), Carla Daniel Sartor (Adunirio), Carlos Augusto Aguilar Júnior (Aduff), Célia Regina da Silva (Adunesp), Cézar Maranhão (Adufrj), Cláudia Lúcia da Costa (Adcac), Cleusa Santos (Adufrj), Cristiano Ferraz (Adusb), Eduardo Serra (Adufrj), Elza Peixoto (Apub-Ufba), Fábio Bezerra (Sindcefet-Mg), Fernanda Shcolnik (Asduerj), Fernando Medeiros (Adufal), Filipe Boechat (Adufrj), Francieli Rebelatto (Sesunila), Gabriel Camargo (Sindcefet-Mg), (Gislaine Oliveira (Sinduece), Gustavo Miranda (Aprofurg), Helga M. Martins de Paula (Adcaj), Henrique Wellen (Adurn), Helio da Silva Messeder Neto (Apub-Ufba), Hilbeth Parente Azikri de Deus (Sindutf-Pr), Hilusca Alves Leite (Sesduem), Isabella Vitória Castilho Pimentel Pedroso (Aduff), Ivna Nunes (Adufmat), Janaynna de Moura Ferraz (Adurn), Jaqueline Botelho (Aduff), Jefferson Barbosa (Adunesp), João Paulo Chaib (Sindcefet), Juliana Matias Faust (Aprudesc), Júlio César Pereira Monerat (Apes), Kathiuça Bertollo (Adufop), Leandro Cristino Pereira (Sindcefet-Mg), Leandro Rocha (Adueg), Leonardo Santos (Adufmat), Leonardo Segura Moraes (Adufu), Leonardo Silva Andrada (Apes-JF), Leônidas de Santana Marques (Adufal), Lucas Gama Lima (Adufal), Luis Eduardo Acosta (Adufrj), Manoel Estébio Cavalcante da Cunha (Adufac), Marcelo "Russo" Ferreira (Adufpa), Marcelo Hungaro (Adunb), Marcos Pedroso (Adufs), Márcia Lemos (Adusb), Mario Mariano Ruiz Cardoso (Adufvjm), Marlon Garcia da Silva (Adufop), Mauro Iasi (Adufrj), Milton Pinheiro (Aduneb), Moisés Lobão (Adufac), Mônica Paulino de Lanes (Adufes), Muniz Ferreira (Adur-RJ), Osvaldo Maciel (Adufal), Otávio Cabral (Adufal), Paula Alves (Adufmat), Rafael Vieira Teixeira (Adufes), Raquel Brito (Adufmat), Raquel de Azevedo (Adufu), Roberto Silva de Oliveira (Adusb), Robson Pereira Calça (Aduff), Rodrigo Bichoff Belli (Sesduem), Rodrigo Castelo (Adunirio), Rogério Massarotto de Oliveira (Sesduem), Rosalve Lucas Marcelino (Adusb), Sâmbara Paula Francelino Ribeiro (Sinduece), Saulo Henrique Souza Silva (Adufs), Sócrates Oliveira Menezes (Adusb), Sofia Manzano (Adusb), Thaís Godoi de Souza (Sesduem), Tarcila Mantovan Atolini (Adufvjm), Thayná Martiliano (Adufal), Thiago Fanelli Ferraiol (Sesduem), Túlio Lopes (Aduemg), Victor Neves de Souza (Adufes), Vinícius Correia Santos (Adusb), Walcyr de Oliveira Barros (Adufrj), Wellington Augusto Silva (Adur-Rj) e Wladimir Nunes Pinheiro (Adufpb).

ELEIÇÕES MAIS DEMOCRÁTICAS E UMA DIRETORIA NACIONAL MAIS ENRAIZADA NA SUA BASE

TEXTO DE APOIO

Nos últimos anos, a categoria docente do ANDES-SN vem elaborando em torno da necessidade de novas sínteses acerca das questões organizativas, políticas e financeiras que estruturam o modo de funcionamento e a vida orgânica no Sindicato Nacional. Tal elaboração deu origem, a partir da provocação desde a base no 68º Conad em Manaus (AM) e depois no 44º Congresso em Salvador (BA), aos dois seminários nacionais sobre o tema, um realizado em São Paulo, em novembro de 2025 e outro realizado em Campinas, em maio de 2026. Ambos os espaços não apenas demonstraram que há um conjunto de mudanças urgentes e incontornáveis para a persistência do ANDES-SN enquanto sindicato classista, dotado de democracia interna e capacidade de luta, mas também demonstraram que há um conjunto de outras mudanças, fruto de insatisfações acerca da forma organizativa do ANDES-SN que precisavam de tempo para respirar e que deveriam ser debatidas e deliberadas pela categoria em um espaço deliberativo próprio, como é este do 16º Conad Extraordinário.

Como dissemos nas propostas que enviamos ao último Congresso, em janeiro deste ano, as resoluções sobre a estrutura organizativa e o processo eleitoral do ANDES-SN são, na nossa compreensão, tentativas de oferecer as respostas necessárias aos desafios políticos e organizativos que nosso Sindicato Nacional enfrenta. A partir do rico debate que realizamos nos dois seminários, mas sobre temas cujo acúmulo político não era inédito para nossa categoria, entendemos que há um apelo significativo por parte da categoria de que precisamos consolidar práticas mais democráticas, mais coletivas, mais horizontalizadas e representativas em todos os níveis da direção do nosso sindicato, de modo a superar os vícios hierárquicos de um modelo presidencialista que concentra poder e, ao mesmo tempo, estabelece regras nítidas e igualitárias para as eleições da diretoria nacional, garantindo que o debate

político se dê em condições de paridade material.

Um dos elementos que os debates recentes demonstraram é que o SN precisa adotar uma forma de direção mais adequada ao seu tamanho e à sua orientação classista e pela base, uma forma que proteja o ANDES-SN de formalismos, burocratismos e do distanciamento entre a direção do sindicato e a base das seções sindicais. Nesse sentido, no 44º Congresso elaboramos em torno de duas frentes mais fundamentais de mudança: mudanças na forma organizativa da Diretoria Nacional e garantia de financiamento do processo eleitoral com recursos do Caixa Nacional.

Nos dois Seminários de Questões Organizativas mencionados acima, ficou evidente a necessidade de enfrentarmos politicamente tais questões e reavaliarmos alguns dos elementos centrais da cultura organizacional do ANDES enquanto um Sindicato Nacional.

1. Financiamento do processo eleitoral

Reiteramos aqui a nossa defesa de que devemos avançar na direção de um financiamento eleitoral que abarque duas dimensões centrais: a primeira diz respeito ao custeio das eleições nas bases do ANDES-SN, de modo a garantir participação global do conjunto da categoria docente na escolha do corpo dirigente do SN; a segunda diz respeito a um sistema de financiamento das chapas que participam nas eleições a cada dois anos, visando não apenas isonomia de condições para a disputa eleitoral, mas também prestação pública de contas para toda a categoria.

Sobre a necessidade de garantir a efetiva realização do processo eleitoral nas bases do ANDES-SN, pensamos que a garantia do custeio, por meio do caixa nacional, dos gastos com deslocamento de urnas e comissão eleitoral, estrutura de votação, diárias para mesários e monitores, dentre outras questões, é uma medida que fortalece o sentido de um sindicato NACIONAL, que tem em suas seções sindicais a expressão real de sua base. Por mais que as seções tenham autonomia relativa para dar conta dos trâmites eleitorais acima, a realidade reiterada por muitas direções locais é que o processo eleitoral para a Diretoria do ANDES-SN demanda das bases uma capacidade organizativa, logística e financeira que nem toda seção consegue atender. Desse modo, entendemos que as seções que não tiverem condições de custear a totalidade do processo devem ter estendidas as políticas de solidariedade já existentes para cobrir também os custos das eleições em suas bases. E, para as demais seções, entendemos que o caminho não está fechado, mas que a deliberação possa ser atribuição da comissão eleitoral responsável por aquele pleito.

Para além de garantir a realização do processo eleitoral nas bases, entendemos que o momento também é de avançar com uma política de custeio das eleições como um todo, assegurando condições isonômicas para que a categoria docente, organizada em seus coletivos ou de forma independente, possa participar do processo eleitoral e ter suas ideias e propostas conhecidas pelos(as) colegas docentes. As eleições são um momento em que as diversas forças se mobilizam para apresentar seu programa à categoria, um momento fundamental de organização e enraizamento do próprio ANDES-SN nas bases. Mas a realidade é que, hoje, poucos agrupamentos conseguem efetivamente fazer campanha e fazer com que suas ideias circulem na categoria. As candidaturas ligadas à Diretoria Nacional têm, naturalmente, a vantagem de não precisarem se afastar de suas funções e de participarem ativamente das atividades regulares do sindicato, que muitas vezes acabam se convertendo em atividades de campanha ou em espaços de articulação, custeadas pelo caixa nacional. Não estamos prontos para que tal prática seja proibida, pois entendemos que a dinâmica do SN não permite afastar toda (ou quase toda) a diretoria para que se dedique exclusivamente ao processo eleitoral. Mas entendemos que, diante da alta taxa de endogenia das atividades do SN, em que setores mais amplos da categoria só têm presença efetiva se se organizarem desde suas bases, com pouca ou nenhuma perspectiva de comporem mesas, painéis e debates importantes para todos(as) nós, e da consequente desigualdade gerada pela forma atual do processo eleitoral, é de interesse de um sindicato classista a participação isonômica das diversas posições políticas presentes no SN.

A capacidade democrática de um sindicato classista, autônomo e organizado pela base se mede também pela igualdade de condições em suas disputas eleitorais. Estabelecer um percentual fixo da arrecadação do ANDES-SN para ser dividido igualmente entre todas as chapas homologadas - ou seja, que reuniram 83 militantes, com paridade de gênero e distribuição nas 12 regionais - impede que desigualdades materiais prévias se traduzam em vantagens eleitorais injustas, como acontece nas eleições nacionais

entre os partidos políticos. Para as eleições gerais, defendemos o financiamento público das campanhas eleitorais para evitar a interferência do poder econômico e reduzir o peso das desigualdades estruturais já existentes no processo. Embora saibamos que o financiamento público de campanha nas eleições gerais não tenha, de fato, democratizado o processo, seguimos defendendo o princípio democrático que o orienta. Trata-se, então, de trazer esse mesmo princípio para as eleições sindicais: financiamento público ou, melhor dizendo, autofinanciamento sindical!

Importante registrar que a proposta de financiamento das eleições pelo caixa nacional já foi aprovada no 44º Congresso, com a seguinte resolução: *"Que a diretoria do ANDES-SN elabore propostas sobre o financiamento das campanhas das chapas que participarem das eleições nacionais do ANDES-SN, bem como sobre o custeio das eleições nas seções sindicais a ser debatida em seminário preparatório e no Conad extraordinário em 2026."* Infelizmente, a resolução em questão não foi cumprida, pois não nos foi apresentada nenhuma proposta nesse sentido no Seminário de Campinas, mas ainda há tempo do cumprimento da resolução considerando este Conad.

Nossa proposta para o financiamento das chapas concorrentes à Diretoria Nacional é que seja destinado até 2% das receitas de contribuição do ano imediatamente anterior às eleições que, no último ano, foram de R$ 20.003.086,67, dividido de forma igualitária entre as chapas concorrentes homologadas. Entendemos que esse sistema de financiamento traz a vantagem de estabelecer um limite razoável aos gastos de campanha, coibindo o financiamento privado e promovendo a prestação pública de contas. Estas salvaguardas garantem que o autofinanciamento sindical seja utilizado com parcimônia e transparência e que não haja afluxo de recursos de origens que colidam com o princípio da autonomia ou que sejam desproporcionais.

2. Mudanças nos organismos de direção

Trazemos também para avaliação da categoria uma proposta que visa superar o atual modelo presidencialista do ANDES-SN para um modelo mais em linha com uma concepção colegiada de Direção. Hoje, a grande referência diretiva do ANDES-SN está na figura do Triunvirato, também conhecido como TV, figura política inexistente no ordenamento estatutário do ANDES-SN, bem como na segunda figura de maior destaque na estrutura diretiva, o "Grupo dos 11", que também não existe estatutariamente. O estatuto do ANDES-SN, ao estabelecer que a Diretoria do Sindicato Nacional é, ela mesma, completamente nacional, já comunga da concepção colegiada que defendemos e que é realidade em muitos outros sindicatos de luta. Mas a realidade é que o caráter colegiado tem tido dificuldade em se efetivar, seja pela inadequação do modelo presidencialista, seja pelo isolamento de 48 diretores(as) regionais que não estão no grupo "executivo" dos 35 que se reúnem nacionalmente e dirigem os espaços deliberativos e os GTs nacionais.

Defendemos uma Diretoria Nacional verdadeiramente nacional e uma direção colegiada para a política do ANDES-SN, trazendo o conjunto dos(as) 83 diretores(as) para as tarefas cotidianas de direção, de modo que a diretoria passe a ser menos centralizadora e hierárquica e passe a ser orientada por práticas de horizontalidade e participação igualitária. Um modelo de organização sindical, caracterizado pela menor concentração de poder decisório na figura da presidência ou de um "triunvirato", revela novas formas de construir uma prática sindical democrática e mais enraizada na base, dado que as regionais têm a tarefa fundamental de promover esse enraizamento. Por mais que o modelo atual possa ter sido historicamente funcional em determinados contextos de enfrentamento político, ele tende a reproduzir internamente a lógica do poder do Estado moderno, marcada pela delegação passiva e pela separação entre dirigentes e representados.

Por isso, propomos que a Diretoria Nacional do ANDES-SN passe a ser uma "Diretoria Nacional Colegiada", organizada em cargos de coordenação geral, coordenação regional, coordenação adjunta e coordenação financeira. Não pensamos que seja uma mera mudança cosmética; entendemos que a concepção colegiada precisa ser traduzida de forma não presidencialista e que tais mudanças devem impactar também a cultura política da Diretoria Nacional, de modo a fortalecê-la internamente e externamente.

3. Proporcionalidade na Diretoria Nacional

Por fim, entendemos que a forma organizativa e a cultura política do Sindicato Nacional reclamam

mudanças também na forma de composição do seu corpo dirigente. Há alguns anos, o tema da proporcionalidade para a direção nacional tem surgido nos espaços deliberativos a partir de propostas diversas dos coletivos organizados na base do ANDES-SN. Esse debate ganhou novo corpo a partir do I Seminário de Questões Organizativas, que teve uma mesa dedicada a esse tema, e retornou no II Seminário, também com uma mesa - esta com participação mais plural da categoria - além de ter sido tema de debate em muitos dos encontros regionais ocorridos no último ano.

Não é um tema fácil, posto que não traz, em si, respostas aos problemas já há muito diagnosticados pela categoria, tanto acerca da democracia interna do nosso sindicato quanto sobre sua capacidade de luta. No entanto, o tema da proporcionalidade nos confronta com a nossa concepção de sindicato, o que temos e o que queremos ter. Partindo do princípio de que a base docente organizada e atuante no ANDES-SN é consideravelmente diversa, é imperativo pensar o sindicato como uma ferramenta de expressão dessa diversidade - um sindicato de massas, realmente de frente única autônoma, classista e de luta.

Para pensar sobre a importância da proporcionalidade, vale a pena nos voltarmos aos números da última eleição. Para o biênio 2025-2027, de um colégio eleitoral de 65.080 docentes, votaram 14.798 (22,74%); a Chapa 1 obteve 6.453 votos (43,61%), a Chapa 4, 3.575 (24,16%), a Chapa 2, 2.390 (16,15%), e a Chapa 3, 2.015 (13,62%). A chapa vencedora, no modelo atual, mesmo não tendo sido apoiada pela metade dos e das votantes, acaba ocupando a totalidade dos cargos da direção nacional. Entendemos que essa é uma discrepância importante no processo. Os quase oito mil votos depositados nas demais chapas que, efetivamente, são a maioria absoluta dos e das docentes votantes, não se convertem em uma única cadeira na estrutura diretiva do ANDES-SN. Notem que nosso intuito não é questionar a legitimidade da diretoria eleita, que é inconteste sob as regras vigentes. O que buscamos com essa reflexão é ressaltar apenas que as regras vigentes produzem um corpo dirigente sistematicamente menos plural do que a categoria que ele representa, e que essa distância se reproduz eleição após eleição.

Não há dúvidas de que o modelo vigente tem efeitos práticos na vida sindical. Primeiro, entendemos que o modelo atual de majoritariedade desestimula a participação da categoria no processo, dado que, para mais da metade dos que votam, seu voto tem pouca consequência organizativa, o que talvez ajude a explicar a recorrente baixa adesão ao pleito. Em segundo lugar, tal modelo tende a criar uma forma de direção que ou se organiza enquanto uma proporcionalidade *de facto*, com subdivisões e conflitos internos, a despeito de uma aparência de unidade externa que oculta da base as disputas reais e as negociações internas; ou dirige em um bloco monolítico de um só agrupamento que, dada as características próprias do ANDES-SN e de suas instâncias deliberativas, pode dar origem a tendências hegemonistas; tendências essas que teriam mais dificuldade de se manifestar em uma diretoria efetivamente proporcional.

Vale lembrar que o princípio da composição plural de instâncias do ANDES-SN não é estranho ao nosso sindicato. A própria Comissão Eleitoral Central é composta por representantes de todas as chapas inscritas, além da diretoria. Isso demonstra que há um reconhecimento, ainda que restrito, de que há decisões cuja legitimidade depende da presença das diferentes forças políticas da categoria. O que propomos é estender esse princípio ao organismo dirigente. Tampouco é novidade no movimento sindical brasileiro. O Sinasefe, por exemplo, elege sua Direção Nacional, que é colegiada e conta hoje com 27 membros titulares, por critérios de proporcionalidade qualificada, e estendeu os mesmos critérios à eleição das delegações aos seus congressos, combinando-os com paridade de gênero. No caso do Sinasefe, a distribuição das vagas é feita proporcionalmente aos votos de cada chapa, considerando o coeficiente eleitoral, e os(as) eleitos(as) seguem a ordem de prioridade apresentada pela própria chapa. Consideramos que esse pode ser um modelo possível, adaptado às características particulares do ANDES-SN, e entendemos que, diante desse e de outros exemplos, não há contradição entre uma diretoria proporcional e a capacidade de luta de um Sindicato Nacional.

Outros modelos também são possíveis para o caso do ANDES-SN, alguns complementares, outros excludentes entre si. Poderíamos pensar em uma proporcionalidade pura por chapa, com distribuição das cadeiras por coeficiente eleitoral e nominata ordenada (algo próximo de um voto em lista); ou uma proporcionalidade qualificada, com cláusula de desempenho percentual mínimo, que garantiria expressão às forças com peso real na categoria, dentre outros modelos. Seja qual for o modelo, ele precisa ser conciliado com as conquistas históricas da democracia interna do ANDES-SN, como a eleição pela base, a paridade de gênero e a (infelizmente ainda facultativa) representação de docentes de IES estaduais e municipais, bem como dos IFs e CEFETs. Mas tudo isso, defendemos, com uma forma organizativa colegiada, sem a qual a proporcionalidade poderia se converter em mero rateio de cargos.

Por isso, entendemos que a forma da proporcionalidade deve ser definida pela categoria para o pleito de 2027. Defendemos que a sua forma definida deve ocorrer no 45º Congresso, oportunidade para que a base examine os modelos propostos pela categoria e suas consequências para a vida orgânica do ANDES-SN, e delibere qual modelo deve ser adotado para as eleições de 2027.

TR – 20

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que os custos das eleições para a diretoria nacional do ANDES-SN nas seções sindicais sejam financiados pelo Caixa Nacional, a partir da avaliação das necessidades concretas das seções sindicais, a ser deliberado pela Comissão Eleitoral Central.

2. Que o financiamento das campanhas das chapas que participarem das eleições nacionais seja exclusivamente feito pelo Caixa Nacional do ANDES-SN no limite total de até 2% das receitas de contribuição do ano imediatamente anterior, dividido de forma igualitária entre todas as chapas inscritas e homologadas. (Art. 51, acrescentar parágrafo **§ 5°**)

a. É vedada a recepção de outros recursos financeiros fora do financiamento público por parte das chapas (Art. 51, acrescentar parágrafo **§ 6°**).

b. A transgressão da regra anterior caracteriza-se como fraude eleitoral e acarreta a suspensão da chapa (Art. 51, acrescentar parágrafo **§ 7°**).

3. Que a forma organizativa da Diretoria Nacional passará a ser de uma Diretoria Nacional Colegiada, com os seguintes cargos: coordenação geral (com 3 representantes), coordenação adjunta (com 4 representantes), coordenação financeira (com 4 representantes), coordenação regional (com 2 representantes por regional), coordenação regional adjunta (com 2 representantes por regional), coordenação financeira regional (com 2 representantes por regional).

4. Que a composição da Diretoria Nacional se dará pelo modelo de proporcionalidade de votos das chapas em disputa, cuja forma deverá ser definida no 45º Congresso do ANDES-SN.

TEXTO 21

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Ana Carolina Feldenheimer (ASDUERJ), André Kaysel (ADUNICAMP), Adolfo da Costa Oliveira Neto (ADUFPA), Antonio Mota (ADUNIFESP), Christina Brech (ADUSP), Daniel Vitor de Castro (Sindunespar), Daniel Augusto Pereira (ADUFLA), Denise Brasil (ADUFF), Giovana Augusta Torres (ADUFLA), Gustavo Seferian (APUBH), Helena Martins (ADUFC), Helena Marroig (APUB), Júlio Silvio de Sousa Bueno Filho (ADUFLA), Luis Bonilla-Molina (ADUFABC), Márcia de Fátima Rabello Lovisi de Freitas (APUB), Maíra Kubik Mano (APUB), Mateus Albuquerque (APES-JF), Pedro Costa Junior (Sinduece), Rodrigo Pereira (APUB), Sandra Helena Ribeiro Cruz (ADUFPA), Tayse Palitot (ADUFOB), Tiago Coutinho (ADUFC), Zuleide Queiroz (Sindurca).

RADICALIZAR A DEMOCRACIA E FORTALECER A UNIDADE DA NOSSA CATEGORIA: POR UMA DIREÇÃO PROPORCIONAL NO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

O ANDES-SN é a maior entidade sindical de 1º grau no Brasil e um dos maiores sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras da educação em todo o mundo. Representando uma base de aproximadamente 258.600 pessoas e contando com cerca de 68.000 filiados/as/es (uma taxa de sindicalização 27% maior do que a média nas entidades sindicais do serviço público), nosso Sindicato Nacional, ao longo de seus 45 anos de história, optou por uma estrutura organizativa *sui generis*, calcada não apenas na unidade mediada por um princípio de autonomia que vincula a estrutura nacional às suas seções sindicais, mas também em um processo de construção cotidiana de suas diretrizes políticas por meio de sua base (representada em seus Congressos e Conselhos) e na eleição direta de sua Direção Nacional por sufrágio universal dos sindicalizados/as/es.

Essa enorme força, que tem desempenhado um papel fundamental tanto na defesa dos interesses materiais imediatos da categoria docente e da educação pública, gratuita, laica, socialmente referenciada e de qualidade em nosso país, quanto nos desafios vivenciados pela classe trabalhadora brasileira e internacional em termos gerais, confronta-se hoje, no entanto, com dilemas substanciais do ponto de vista de sua estrutura organizativa, administrativa, financeira e política, o que é perceptível dado não apenas os acúmulo dos dois Seminários sobre o tema, realizados recentemente pelo Sindicato Nacional (São Paulo, 2025 e Campinas, 2026), quanto no avolumar dos debates sobre tais questões observados nos 68º e 69º CONAD (Manaus, 20025 e São Luís, 2026) e no 44º Congresso (Salvador, 2026).

Momentos cruciais da história do ANDES-SN – tais como o ingresso (8º Congresso, São Paulo, 1989)e saída (24º Congresso, Curitiba, 2005) da CUT; ou o ingresso (26º Congresso, Campina Grande, 2007) e posterior saída (41º Congresso, Rio Branco, 2023) da CSP-Conlutas – assistiram um intenso debate sobre a concepção histórica do Sindicato Nacional, sobre o movimento sindical e a organização da classe trabalhadora em seu conjunto, bem como sobre o papel estratégico e tático dos sindicatos no horizonte de lutas da nossa classe. O acúmulo de tais processos tendeu a reafirmar as compreensões históricas sobre o modelo organizativo do ANDES-SN e a refletir, no entanto, uma transformação robusta e significativa da conjuntura de fundação do Sindicato (que ocorreu, em 1981, no quadro do relativo ascenso da classe que proporcionou a queda da Ditadura Empresarial-Militar de 1964) não traduzida plenamente em mudanças significativas da estrutura administrativa e política interna do Sindicato Nacional.

Referir especificamente tais decisões históricas da nossa categoria sobre a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Central Sindical e Popular – Coordenação Geral de Lutas (CSP-Conlutas) é relevante porque todo esse processo foi permeado por uma conjuntura de alta complexidade. Com a vitória do campo democrático-popular em aliança com setores da burguesia nacional que deu origem ao primeiro governo Lula, em 2002, progressivamente instalam-se no seio do nosso SN um conjunto de contradições, atravessadas pelo debate sobre autonomia e independência de classe no âmbito do movimento sindical, que levaram, inclusive, à ruptura de um setor do movimento docente – dando origem ao que veio a constituir a Proifes-Federação. Todo esse processo decorreu durante um quadro de ascensão da hegemonia neoliberal, com um profundo impacto sobre a construção das nossas subjetividades e laços sociais, alterando a organização coletiva e refluindo a mobilização da classe, germinando o cenário extremamente difícil de retração da sindicalização ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, que afeta a classe em todo o mundo (no Brasil, apenas no setor público, a queda na taxa de sindicalização foi de 34,83%, entre 2015 e 2024, passando de 29% para cerca de 18,9% de sindicalizados/as/es).

Como parte das várias contradições que marcam o período, entre o começo dos anos 2000 e a primeira metade da década de 2010, houve no Brasil um ciclo significativo de expansão do ensino superior público: sob o impacto do programa REUNI, da emergência da rede de Institutos Federais (que, em parte, se albergam ainda na base do ANDES-SN) e da consistente ampliação das redes estaduais de

ensino superior, nossa categoria cresceu de forma muito robusta e se diversificou internamente. Somos hoje mais docentes oriundos das classes trabalhadoras, inclusive de suas frações mais pauperizadas, mulheres, negros/as/es, LGBTQIA+, quilombolas, indígenas, migrantes, PCDs, sendo muitas vezes o único trabalhador estável de suas famílias, cuidadoras/es. O nosso Sindicato Nacional refletiu essa diversificação e essa expansão, aumentando de forma considerável o número de seções sindicais que constituem sua base, mesmo com uma queda proporcional da taxa de sindicalização, o que levou à formação da atual maioria significativa de pequenas e médias seções sindicais no âmbito do sindicato e a uma realidade de interiorização e multicampia, que implica formas muito diversas de condições de trabalho. Dessa transformação resultam desafios que têm sido parcialmente absorvidos pelo ANDES-SN, mas também questões que seguem em aberto e que têm tido considerável impacto na vida do sindicato.

O período mais recente da conjuntura do ensino superior brasileiro e mundial trouxe ainda maiores complexidades ao cenário descrito anteriormente. Na esteira de uma prolongada crise recessiva da acumulação capitalista, sob a batuta do capital financeiro e sua dimensão especulativa, em vigência desde 2008 e intensificada no quadro latino-americano a partir da metade da década de 2010, houve simultaneamente um recrudescimento das políticas neoliberais de austeridade (refletindo a absorção por parte do Estado dos prejuízos gerados pela crise), intensificação da predação da natureza e um florescimento internacional da extrema direita, em compasso com uma nova onda de agressões imperialistas. Foi nesse terreno que se observou uma restrição significativa para a implementação de políticas redistributivas por parte de governos de conciliação de classes – mitigando, por exemplo, o contexto expansivo da educação superior no Brasil, com o início de um ciclo de desfinanciamento que afetou brutalmente as condições de trabalho, agravando fenômenos de plataformização, aprofundando quadros de adoecimento e endividamento da categoria docente – e surgiram novas urgências, notadamente no campo da necessidade de construção de uma frente única antifascista em um cenário fundamentalmente defensivo. Foi igualmente esse o pano de fundo que deu azo a que um fenômeno geral observado no seio da classe trabalhadora começasse a tomar forma também no interior do ANDES-SN: uma intensa fragmentação política, com a proliferação de divergências no campo da tática e mesmo matizes importantes de diferenças quanto aos horizontes estratégicos, interferindo, inclusive, em uma intensa disputa em torno do caráter de independência de classe que marcou a vida do Sindicato Nacional ao longo de quatro décadas e meia de história.

O atual debate sobre as questões organizativas, administrativas e financeiras e políticas do ANDES-SN decorre no espectro de todas essas complexidades: ele reúne, por um lado, as várias dificuldades a que estão sujeitas as seções sindicais em sua realidade diversa, bem como os efeitos da transformação da base social do sindicato, quanto, por outro lado, os reflexos da fragmentação política que hoje assistimos. Se ao longo das três primeiras décadas de sua vida o ANDES-SN teve como tônica abrigar um amplo espectro de sensibilidades políticas sob uma intensa unidade no campo programático, restringindo as disputas àquelas efetivamente colocadas no plano das táticas construídas e da relação dos sindicatos com a estratégia geral de emancipação da classe trabalhadora, hoje temos um contexto bem diverso, marcado por pulverização de posições políticas, surgimento de novos coletivos organizados no interior do Sindicato, emergência de novos sujeitos e agendas.

Como subsiste, no entanto, uma estrutura política caracterizada pela conformação de uma direção majoritária (conforme o Art. 55 do estatuto do ANDES-SN), eleita por maioria simples (e não qualificada) por sindicalizados/as/es votantes no processo de eleição direta, tendo suas tarefas condicionadas pelo mecanismo de deliberação coletiva previsto para os Congressos e Conselhos do sindicato nacional, sendo todos os seus demais espaços reservados apenas para o acúmulo político de caráter não deliberativo, temos hoje uma situação crescente de crise política, obstaculização ao desenvolvimento dos debates nos Congressos e Conselhos (produzida pela hipertrofia de posições divergentes e não dirimidas que acabam aflorando apenas no eventos deliberativos) e mesmo de um relativo quadro de apartamento de várias seções sindicais da construção cotidiana de tarefas do SN, que reflete questões de representatividade. É exatamente neste contexto que pensamos que o debate sobre a possibilidade de adoção de uma estrutura de direção proporcional ganha corpo no interior do ANDES-SN, uma vez que acreditamos que este é um debate sobre a radicalização democrática em nosso sindicato e sobre a produção de maior unidade no seio da nossa categoria.

A conjuntura atual impõe que o tema da proporcionalidade deva ser debatido a sério no nosso sindicato, tratando-o de forma madura, sustentada e responsável, tomando em conta as perspectivas de

revitalização desta importante ferramenta à classe trabalhadora que é o ANDES-SN. Esta discussão já pode ser iniciada nos seminários supracitados, ocorridos neste biênio, mas podem e devem assumir maior vulto e consequência em nossa categoria.

1. Sobre o princípio da proporcionalidade e a questão histórica da frente única

O debate sobre a proporcionalidade nas entidades sindicais evoca, necessariamente, toda a história do debate sobre modelos organizativos dos organismos da classe trabalhadora, concepções sobre democracia interna desses organismos e sobre a relação entre frações dirigentes e direção coletiva da classe, bem como sobre a natureza e o papel das entidades sindicais no quadro geral da luta de classes.

Não se trata de debate estanque, alheio às historicidades das ferramentas políticas, marcado por conclusões taxativas e pontos finais. Foi e é um debate vivo, que se lança aos desafios concretos da reorganização da classe que tarda, na discordância dos tempos, em acompanhar a reorganização da produção e dos regimes de acumulação do capital.

Começamos precisamente pela questão da natureza da entidade: ao longo de seus 45 anos, o ANDES-SN tem sido prova viva de que os sindicatos podem cumprir um importante papel ao combinarem suas tarefas imediatas de mobilização de trabalhadores/as em torno de seus interesses associativos e corporativos com a defesa programática dos interesses gerais da nossa classe, que aponta para tarefas mediadas em face de um horizonte estratégico emancipatório. Sendo, portanto, meios importantes na galvanização da classe para um patamar de maior organização e consciência, os sindicatos não se constituem, contudo, em organismos de disputa direta do poder. Sua natureza não é, pois, o de conformar "vanguardas dirigentes" da classe, mas o de abrigar uma "frente única de trabalhadores/as", reunindo-os não a partir de um programa unitário para a revolução social, mas sim das condições materiais objetivas de sua inserção no mundo do trabalho, razão, ademais, pela qual sindicatos classistas, como o ANDES-SN, sempre se pautaram pela organização por locais de trabalho.

Foi precisamente em face dessa definição que, nos artigos publicados entre 1919 e 1920 no jornal *L'Ordine Nuovo*, a respeito do problema dos Conselhos de Fábrica de Turim, Antonio Gramsci escrevia que "o conselho é o órgão da unidade da classe trabalhadora" e que "todos os problemas inerentes à [futura] organização do Estado proletário são inerentes à organização do conselho". Em sua defesa, Gramsci postulava que os organismos de massa da classe trabalhadora não deveriam ser reduzidos à extensões administrativas de partidos ou de tendências; eles precisavam comportar os distintos níveis de consciência e de organização existentes na classe, sob pena de que se tornassem mero instrumento de um corporativismo burocrático, calcado na separação entre dirigentes e dirigidos.

É neste sentido que o debate sobre a conformação de uma direção proporcional em um sindicato de proporções tão amplas e que recobre uma categoria tão diversificada – inclusive remuneratória, que alcança docentes que não recebem o Piso Nacional, enquanto outros batem no teto do STF –, com uma abrangência territorial quase continental, como o ANDES-SN, é um debate também sobre a democracia interna e a relação entre frações dirigentes e suas bases. Com efeito, esse é um debate que percorreu toda a história do movimento operário e de suas organizações. No princípio do século XX, quando as organizações predominantemente sindicais de trabalhadores/as, que caracterizavam a I Internacional (1864-1876), já haviam sido suplantadas pela forma "partido" e quando a enorme adaptação parlamentar tensionava os partidos sociais-democratas nacionais, que animavam desde 1889, a "Internacional Socialista", produzindo efeitos sobre as burocracias sindicais a eles relacionadas, o debate sobre a forma organizativa de partidos e sindicatos e as características fundamentais de uma democracia operária e dos órgãos de massa da classe trabalhadora tornou-se uma preocupação de primeiro plano.

Não à toa, despontaram naquele contexto uma série de reflexões, dentre as quais a mais referenciada e por vezes pior apreendida – inclusive em razão do exercício autocrítico do autor, vindo anos depois – do *Que fazer?*, de Lenin. Se de seu mecanicismo determinista e pouco dialético, ainda não temperado pela leitura da *Lógica* hegeliana pouco sobra para a boa compreensão das dinâmicas de classe e as ferramentas construídas para sua auto-organização e luta, uma lição ao menos dali podemos tirar de forma inabalável: o sindicato cumpre papéis táticos e estratégicos que lhe são particulares, não sendo os mesmos de uma organização partidária. Por isso, operam de forma distinta, se instituem de forma diversa, ainda que seus encontros possam e devam ser muitos, e que suas ações devam pavimentar condições materiais para impulsionar a construção de um mundo outro.

Foi na esteira desse debate que Rosa Luxemburgo acabou por formular a importante definição de um dos problemas mais sensíveis aos sindicatos modernos (e cujos reflexos se pode mensurar em todos os âmbitos nacionais e internacionais em múltiplos exemplos): o da substituição executiva da direção coletiva da classe trabalhadora por uma fração dirigente. Reconhecendo que essa tendência à conformação de castas dirigentes por auto-reprodução era altamente previsível diante dos "equívocos ultracentralistas" e da dependência das "personalidades", Rosa afirmava que "o movimento operário não pode ser encerrado dentro dos limites da tutela burocrática" (In: *Greves de massa, partido e sindicatos*, 1906), uma vez que, no interior dos organismos da classe trabalhadora, a "liberdade é sempre a liberdade dos que pensam diferente" (In: *A Revolução Russa*, 1918). A crítica da inspiradora revolucionária alemã lançava, assim, as bases para uma interpelação que, posteriormente, seria transposta por várias tradições sindicais socialistas para o problema da burocratização das direções sindicais permanentes, em constante chamado à compreensão de que "os sindicatos contam com operários de tendências políticas distintas" e que, idealmente, nenhum partido ou corrente deveria ter o poder de "atá-los desde fora" (L. Trotsky. *Sobre a frente única*, 1922; *Os sindicatos na era da decadência imperialista*, 1940).

O debate sobre proporcionalidade nos convoca, deste modo, para uma reflexão densa e radicada na história das experiências predecessoras do movimento de trabalhadores e trabalhadoras, que tem como foco o combate constante para a democracia interna de nossas organizações não seja apenas calcada em instrumentos de democracia formal, mas em uma forma organizativa que se apresente como condição para que os sindicatos expressem efetivamente o conjunto da classe e não apenas suas frações diretivas. Se os sindicatos reúnem trabalhadores/as de distintos matizes políticos e se os sindicatos são instrumentos unitários de toda a classe (e não apenas de um ou outro segmento), uma concepção consequente de democracia sindical tenderia a reclamar que houvesse mecanismos para que essa pluralidade política intrínseca à classe pudesse ser expressa também na composição de suas direções, de modo que a consecução das tarefas dirigentes pudesse ser organicamente reflexo da direção coletiva da classe e não a reprodução mecânica das posições daqueles/as que compõem suas frações dirigentes.

E isso, sem dogmas ou palavrórios inócuos, sedimenta as bases elementares para a construção de uma experiência socialista e democrática que há de ser construída por nossa classe, inclusive enquanto antessala dos arranjos políticos vindouros: como sabemos, também desde o exemplo luxemburguista, radicalmente anti-maquiavélico, ou ainda da pedagogia da terra do MST, em que se queremos colher abacates, devemos plantar abacate, não há percurso outro para o aprofundamento da democracia de nossa entidade que não pela garantia de expressão plural e ampla em todas as suas dimensões e instâncias de construção, a Direção Nacional inclusa.

É certo que a adoção de direções proporcionais nos sindicatos não constitui, per si, uma panacéia universal contra os riscos da cristalização burocrática de frações dirigentes. No caso particular do ANDES-SN, a manutenção de uma direção majoritária ao longo dos seus 45 anos de história não implicou em automática burocratização de suas direções, seja porque o sindicato soube preservar mecanismos de deliberação pela base, dando centralidade ao papel dos Congressos e Conselhos na elaboração política de seus planos de luta, seja pela adoção de mecanismos de repressão à autorreplicação de dirigentes, como a limitação de mandatos consecutivos. A preservação do caráter de independência de classe, de um perfil combativo e vinculado às lutas gerais de trabalhadores/as e de setores oprimidos, que se torna um motivo de incontestável orgulho para aqueles/as que dedicaram suas vidas à construção do nosso Sindicato Nacional contrasta hoje, inegavelmente, com uma situação em que, sob a égide da fragmentação política que vivemos, existe mais e mais um afastamento entre as vanguardas que atuam no interior do sindicato e o conjunto da categoria, uma relação mal equacionada entre maioria e minorias nos seus espaços de acúmulo e de deliberação, bem como uma perda da capacidade de preservação dos princípios políticos norteadores da história do ANDES-SN que ande em sincronia com as diferentes sensibilidades políticas de docentes de todo o país, em sua mais diversa expressão, com efeitos que vão desde uma maior dificuldade em reverter de modo mais robusto a queda tendencial da taxa de sindicalização (para não fugir a uma boa locução familiar a todos, que se sustenta pelo menos desde o ponto de vista das ações que poderiam ser feitos no âmbito do próprio sindicato) até um esgarçamento dos espaços de deliberação, com severo prejuízo para a qualidade do debate político e eficácia das resoluções aprovadas. Eis porque o debate sobre a proporcionalidade na composição da direção do ANDES-SN, um debate que deve finalmente ser levado a sério, também deve ser considerado

desde o prisma da urgência tática para a vida cotidiana do nosso sindicato. Não se trata, pois, de um espantalho, mas de uma aposta para o futuro.

2. *Sobre a situação presente e o papel da DN como espaço de síntese política*

Consideremos a situação presente em nosso Sindicato Nacional. Hoje, nenhuma das últimas eleições do ANDES-SN resultou na formação de diretoria que tenha tido o apoio expresso de uma maioria absoluta dos sindicalizados/as/es votantes, não há nenhum coletivo ou organização política atuando em caráter permanente no interior do sindicato nacional que detenha sólida implantação e capilaridade em, pelo menos, dez das vinte maiores instituições de ensino superior públicas do país, tampouco há um considerável número de militantes não alinhados a coletivos ou organizações políticas atuando em caráter permanente no sindicato que atue de forma conjunta e coordenada para atender às duas características anteriores. No cotidiano das seções sindicais e dos coletivos de oposição pró-ANDES, longe de haver uma intensa disputa política, com os diferentes grupos articulando-se para apresentar distintos programas à base sindicalizada, a realidade é bem diversa: há consideráveis dificuldades para conformar as diretorias das seções sindicais, um quadro de sobrecarga de trabalho e retração da vanguarda atuante no sindicato que, no mais das vezes, tem imposto a unidade entre as várias sensibilidades políticas.

Há, portanto, uma verdadeira dissociação: de um lado, existe uma superestrutura radicada na Direção Nacional do ANDES-SN atravessada por uma intensa disputa entre grupos e frações que pleiteiam assumir a condição dirigente, mesmo que na precária condição de uma maioria simples e em muitos casos sem qualquer compreensão do que é a dimensão real desta tarefa; de outro, há a realidade das seções sindicais - amparadas na ação cotidiana nos locais de trabalho, e onde praticamente 4/5 das energias materiais do ANDES-SN repousam e reverberam – e de suas múltiplas dificuldades para seguir formando direções, levando a cabo as tarefas votadas pela categoria e dando vida à concepção geral de um sindicato nacional. Há um ANDES-SN idealizado que parece orbitar a fantasia de uma unidade programática feita por meio de suas deliberações de Congressos e Conselho e, supostamente, garantida pelo caráter executivo de sua direção majoritária de caráter mais ou menos homogêneo, forjada pela decisão da categoria no processo de eleição direta. E há um ANDES-SN real, em que o fato garantidor da vida cotidiana do sindicato nacional é a existência de grupos organizados de âmbito nacional e/ou coletivos organizados localmente, por militantes alinhados/as/es ou não a coletivos nacionais, dispondo-se à elaboração de sínteses políticas que, mesmo em condições muitas vezes desfavoráveis, garantam a unidade (característica das frentes únicas a que aludimos anteriormente) e expressem a pluralidade típica da nossa classe, materializando um enorme conjunto de seções sindicais em que se estabelece um convívio de diferentes, sem o qual o trabalho de seguir organizando a categoria seria impossível.

Diante desse cenário, cabe perguntar: o modelo de direção majoritária do ANDES-SN tem servido ao propósito de garantir a necessária unidade nas lutas, ainda mais imperativa na conjuntura atual de crise do capital, avanço do imperialismo e da extrema direita e ataques de várias ordens aos direitos da classe trabalhadora e à educação pública, dada a persistência dos pactos de austeridade da ordem neoliberal? Esse modelo tem contribuído para uma maior articulação das seções sindicais do ANDES-SN às tarefas da Direção Nacional e para um maior reconhecimento da legitimidade e do comprometimento coletivo do conjunto do sindicato com as deliberações emanadas de sua base em Congressos e CONADs? Esse modelo contribui ou afronta o sentimento de pertença e reconhecimento da categoria para com essa ferramenta que avança para a sua quinta década de existência? Esse modelo tem ou não favorecido o acúmulo político, o debate qualificado e exaração de um conjunto de deliberações que efetivamente expressam os melhores interesses da categoria? Se a resposta à questão anterior for negativa, esse modelo tem ou não contribuído para uma hipertrofia sem razoabilidade das discussões de Congressos e CONADs, uma vez que, com o esvaziamento da possibilidade de que a Direção Nacional seja um espaço de sínteses políticas no âmbito do Sindicato Nacional (como outrora, diante de um quadro de menor fragmentação interna), todos os debates precisam, necessariamente, ser escoados, sem a devida mediação, no cenário dos eventos deliberativos? Por fim, o ambiente de disputa política caracterizada por esse dispositivo que impõe uma lógica de "o vencedor leva tudo" tem contribuído mais ou menos para a indisposição generalizada à produção de sínteses, para a fratura interna de coletivos e organizações que atuam em caráter permanente no âmbito do sindicato nacional e mesmo para o afastamento de grandes contingentes de militantes não-alinhados/as/es a coletivos ou organizações nacionais da disposição de cumprirem tarefas junto à Direção Nacional do sindicato?

Acreditamos que o diagnóstico coerente relacionado às questões acima deveria conduzir o conjunto do sindicato nacional a uma consistente reflexão no sentido de modificar esse modelo e alterar o Título IV e, especificamente, o Art. 55 do Estatuto do ANDES-SN, de modo a adotar um modelo de composição proporcional de sua Direção Nacional, garantindo o dispositivo da eleição direta por sufrágio universal de sindicalizados/as/es e a unicidade nas eleições da Direção Nacional, incluindo suas Secretarias Regionais, bem como que o modelo de proporcionalidade, seus critérios e formato (proporcionalidade qualificada ou simples, com ou sem mecanismos de maioria, divisão de tarefas e mobilização de recursos etc.) deve ser objeto de ampla reflexão por parte de toda a categoria até que se viabilize sua adoção.

À objeção recorrente - por vezes de teor auto-proclamatório - de que as direções proporcionais produzem quadros de estagnação das tarefas dirigentes e inviabilizam que se faça uma construção cotidiana dotada de efetividade no quadro da Direção Nacional, tal como supostamente provaria o exemplo de outras entidades sindicais brasileiras, gostaríamos de contrastar o fato de que o ANDES-SN é a única entidade sindical de 1º grau do país que, tendo abrangência maior que um Estado (no caso, nacional) e mais de 50.000 filiados/as/es que adotada o modelo majoritária (o que não implica que seja a única dotada de uma direção funcional e coerente com suas tarefas), bem como a realidade aludida de nossas seções sindicais (onde a unidade se impõe como urgência) e o fato de que distintos modelos de organização resultam em distintas dificuldades políticas (haja vista os vários travamentos e obstáculos que a majoritariedade têm colocado no dia-a-dia do ANDES-SN, por exemplo, adiando decisões de caráter extremamente relevante ou interferindo no funcionamento de seus Congressos e Conselhos). Por certo exercícios comparativos podem e devem ocorrer, mas com a responsabilidade de quem lê o mundo sem determinismos fatalistas, consequencialismos inexoráveis ou blindagens ao debate sobre formas organizativas pueris e insustentadas.

À objeção, igualmente recorrente, de que direções proporcionais favorecem coletivos e/ou organizações de âmbito nacional que atuam permanentemente no interior do sindicato e de que podem comprometer o modelo de sindicato nacional conformado por seções organizadas por local de trabalho, gostaríamos de contrapor, por um lado, o fato de que, hoje, existe uma expressiva maioria de militantes ditos/as/es independentes ou não-alinhados que está efetivamente alijada da possibilidade de participar das sínteses políticas e das tarefas da Direção Nacional sob a vigência do modelo de direção majoritária, bem como o fato de que a conformação de direções de maioria simples, em um quadro de quórum limitado nas eleições diretas, alija a esmagadora maioria das posições e sensibilidades políticas da nossa categoria do processo de sínteses da DN. Por outro lado, há mais de um exemplo de sindicatos de abrangência estadual, interestadual e/ou nacional, organizados em seções, núcleos e/ou regionais em que a adoção de direções proporcionais não produziu rupturas ou atomização de seus entes; pelo contrário, é o cerceamento da pluralidade o que mais tem contribuído para os processos de ruptura e/ou dissociação a que se tem assistido no movimento sindical brasileiro nas últimas décadas.

3. Uma maioria de novo tipo, uma Diretoria Nacional com não tão novas tarefas

A Diretoria Nacional do ANDES-SN, por décadas a fio, expressou a pluralidade de forças políticas que animavam a categoria, dentro das possibilidades de uma efetiva construção de unidade. Isso não só se revelava nas disposições de organização coletiva no seio de nossa base, como também nas nominatas apresentadas à categoria como síntese desta construção plural, coletiva, proporcional e unitária que se dava desde genuína interlocução de sensibilidades distintas. Tudo isso proporcionava à Direção Nacional e aos espaços deliberativos previstos em nosso estatuto tarefas de natureza outra àquelas que hoje verificamos.

Trazer à Direção Nacional a possibilidade de galvanizar, com seus quadros dirigentes oriundos de diversas frações da categoria, sínteses de maior envergadura a serem levadas à categoria e suas instâncias é algo que certamente se coloca de forma muito mais potente e atrativa do que a reatividade gerada entre as forças políticas dirigentes e não dirigentes do ANDES-SN que no mais das vezes se relacionam. Alçar a coletividade das forças políticas à responsabilidade de dirigir este aparelho tende a trazer - ainda que não necessariamente o faça, é bem verdade - saldos elaborativos e encaminhamentos que evitariam frustrações, sentimentos de dispêndio de energias em vão, podendo acarretar saldos não só da construção do ANDES-SN para fora, na amplitude da categoria e da classe trabalhadora, mas também desatar nós apertadíssimos hoje colocados ao bom funcionamento dos Congressos e CONADs e ao seu processo deliberativo em particular.

Passa isso, pois, de um lado, por um resgate - se não nostálgico ou romântico, certamente apologético - de atribuições outrora conduzidas no âmbito da Direção Nacional da entidade, a desanuviar de esparrelas e ruídos os espaços deliberativos nacionais, retomando seu caráter formativo, de aproximação da base com os grandes debates da categoria, ampliando as possibilidades de aproximação e fomentando uma atratividade política real às instâncias. De outro, passa pelo esforço genuíno de construção unitária, de abandono autoproclamatório ou de crítica desimplicada, que se reclama ao conjunto da categoria. Merecemos um ANDES-SN com esta qualidade e estamos à altura deste desafio.

4. Ousadia de tentar o novo e reconhecer a historicidade das formas

É preciso ter a coragem de reconhecer o gigantismo das tarefas que a conjuntura nos impõe, o imperativo de procurarmos manter a unidade política do nosso sindicato nacional e a sua unicidade, combatendo a fragmentação, o divisionismo e os vários laivos de expressão burocrática em nosso interior. É preciso que sejamos capazes de avançar para a construção de uma nova cultura política no ANDES-SN, superando as desconfianças, o individualismo, as disputas estéreis organizadas em torno ao aparato do sindicato e abrindo espaço para as várias sensibilidades que conformam nossa categoria. É preciso radicalizar a democracia no ANDES-SN e firmar posição para garantir que os próximos 45 anos – se o planeta permitir, e se não formos capazes de dar cabo às nossas tarefas revolucionárias antes disso – sejam ainda de uma disposição intransigente para a defesa dos princípios que deram origem a essa entidade, em 1981, e que têm garantido a defesa dos interesses de nossa categoria, da educação pública e das pautas gerais da classe trabalhadora. Nossos tempos são outros. Não quais os dos heróicos e heróicas camaradas que fundaram nossa entidade em duros tempos ditatoriais e no bojo de um ascenso de classes sem precedentes em nosso país. São tempos de retração, fragmentação, carência, desesperança e medo que marcam a grandiloquência neofascista e o trânsito dos capitais sem peias. Daí nos ser imposto um agir ousado e melancólico, de abandono de certezas fáceis e o lançar em apostas que possam nos trazer saldos reais à luta.

Aqueles e aquelas que hoje organizam-se em cada uma das seções sindicais do ANDES-SN reconhecem que "só o ANDES-SN nos representa" e são, para além de companheiros/as/es de profissão, atravessados pela agruras do nosso tempo, parte fundamental da solidariedade entre as seções sindicais conformativa do sindicato nacional e assim devem ser compreendidos/as/es. Precisamos estar juntos,e fortalecer nossas ações de forma conjunta, em fraterno impulso de unidade classista. Em defesa da unidade do ANDES-SN, postulamos a urgente discussão sobre a adoção de um modelo proporcional de direção nacional, conformada por todos os campos políticos que se organizarem e disputarem as eleições diretas do Sindicato Nacional.

TR – 21

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o 45º Congresso do ANDES-SN examine proposta de alteração de todo o Título IV e, especificamente, do Art. 55 do Estatuto do ANDES-SN, de modo a permitir a adoção de um modelo de composição proporcional da Direção Nacional.

2. Que, para fins de viabilização da resolução constante do item 1, seja conformada uma comissão constituída por 5 representantes da base, eleitos/as/es em plenário, e 2 representantes da Direção Nacional, a fim de formular proposta de composição proporcional da Direção Nacional do ANDES-SN, incluindo critérios de proporcionalidade, fórmula de composição da DN e outros aspectos relativos ao processo de eleição direta da Direção Nacional do ANDES-SN.

TEXTO 22

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Giovanny Simon Machado (UFPE); Alexander Willian Azevedo (UFPE); José Rodolfo Pacheco Thiesen (UFG); Lucinéia Scremin Martins (UFG); Alexandre Aguiar dos Santos (UFG); Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho (UFSC); Tiago Montagna (UFSC); Carmen Maria Olivera Müller (UFSC); Rodrigo Fernandes Ribeiro (UFOP); Davi Machado Perez (UFOP); Fernando Ferreira (UFOP); Eliane Soares (UFU); Kelem Ghellere Rosso (IFPR – Sindiedutec).

UNIDADE PARA LUTAR, MAIORIA PARA DIRIGIR
EM DEFESA DE UMA DIREÇÃO UNITÁRIA E MAJORITÁRIA DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Os debates a respeito da proporcionalidade e majoritariedade da direção do ANDES-SN partem de falsas premissas que induzem à ideia de que esta primeira é um modelo mais democrático e representativo. Consideramos esses argumentos falsos pelos seguintes motivos:

1. A proporcionalidade não é mais representativa da vontade das bases porque decisões políticas entre diferentes escolhas que apontam para ação sempre se afunilam em uma única direção que necessariamente exclui as demais concorrentes, mesmo quando se formam opções híbridas e conciliatórias. É assim com as resoluções mais importantes, as decisões estratégicas ou os chamados para ação imediata, como entrar ou não em greve que votamos em CONADs e Congressos. Por que nas decisões políticas práticas e estratégicas devemos decidir majoritariamente, e na escolha de dirigentes essa decisão precisa acomodar as forças minoritárias que não foram capazes de convencer a maioria? É falsa, portanto, a ideia de que direções proporcionais representam melhor os anseios das bases.
2. A pluralidade política não exige proporcionalidade na direção. O ANDES-SN já possui diversos espaços de formulação, debate e disputa política: assembleias de base, CONADs, Congressos, grupos de trabalho, reuniões de setor, eleições e seminários. As forças minoritárias não são silenciadas porque não ocupam cargos na diretoria. Elas podem apresentar teses, disputar resoluções, defender posições e buscar convencer a maioria. A democracia sindical deve garantir o direito de organização, expressão e disputa política de todas as correntes, mas isso não significa garantir previamente cargos de direção a todas elas. Aliás, as minorias têm tanta voz política que mesmo sem ocupar cargos foram e são capazes de interferir nas decisões do sindicato. Um demonstrativo disso é quando apresentam posições mais coerentes, em algum assunto dado, para as bases que a diretoria e vencem pelo voto. Isso não significa, porém, que as bases confiam na totalidade de sua política para elegê-las dirigentes nacionais.
3. A proporcionalidade é uma concessão aos derrotados. Aqueles que defendem a proporcionalidade frequentemente querem um espaço na direção sem ter votos para tal. Querem levar sem ganhar. No fim, trata-se de uma forma de lograr espaços na direção do ANDES-SN não pelo genuíno convencimento da maioria das bases, mas pelo estabelecimento burocrático de cláusulas que as elevem à condição de dirigentes.
4. A proporcionalidade é a abertura de um balcão de negócios na diretoria do sindicato. Na mesma toada que parlamentos burgueses, a proporcionalidade favorece a construção de chapas mais baseadas na quantidade de cargos a serem distribuídos entre as forças quem compõem as candidaturas do que efetivamente nos programas de cada uma das composições. Além disso, a proporcionalidade não impede que alguma força mais representativa empregue de métodos negociais para alcançar uma hegemonia esmagadora na diretoria, como o caso da UNE que está fortemente aparelhada a décadas. Ademais, A proporcionalidade pode acarretar a criação

desenfreada de cargos para satisfazer os anseios dos diferentes grupos políticos. Uma vez estabelecido o princípio de que cada corrente deve ter assento na direção na proporção de sua votação, abre-se uma porta para a multiplicação de secretarias, coordenações etc. Cada novo grupo político que dispute eleições passará a reivindicar seu quinhão de cargos, e a tendência é que a estrutura da diretoria se infle artificialmente para acomodar todas as frações.

5. Em um contexto de agudização das lutas de classes, a necessidade de posições unitárias e de ação coordenada se torna ainda mais premente. Vivemos um momento de ataques sistemáticos aos direitos dos trabalhadores, de avanço das forças reacionárias e de criminalização dos movimentos sociais. Diante desse quadro, o sindicato não pode se dar ao luxo de ter uma direção fragmentada, que reflita em sua própria estrutura interna as divisões que deveriam ser superadas na ação prática. A categoria precisa de instrumentos de luta coesos, capazes de tomar decisões rápidas e de mobilizar suas bases com clareza de propósitos. Uma direção proporcional, ao contrário, tende a produzir impasses, vetos cruzados e uma paralisia decisória que enfraquece o sindicato justamente quando ele mais precisa ser forte.
6. A proporcionalidade converte o sindicato em uma federação de partidos ao invés de um instrumento de organização das massas. As bases não podem ser dirigidas de forma ambígua e nem podem ficar reféns de dirigentes circunstanciais: de qual organização ocupa qual secretaria, ou de qual coletivo fazem parte os militantes que estão de plantão numa determinada semana. Tanto a política cotidiana e administrativa quando à direção política precisa ter certa uniformidade e direção unitária. A diretoria proporcional é um convite ao divisionismo, à confusão de prioridades e a dubiedade de direção política que só traria desconfiança e afastamento das bases do sindicato.
7. A proporcionalidade dilui a responsabilidade política perante as bases. Uma direção eleita majoritariamente apresenta um programa, recebe um mandato e pode ser cobrada pelas bases pela execução ou não das propostas que defendeu. Frequentemente essas cobranças se expressam de maneira vivaz nos espaços deliberativos da categoria. Em uma direção proporcional, diferentes forças podem compartilhar cargos enquanto defendem programas contraditórios. Quando a gestão fracassa, quem é responsável? Quem tomou determinada decisão? Quem impediu outra? A direção proporcional pode produzir uma situação em que todas as forças reivindicam os acertos e atribuem os erros aos demais. A troca de acusações e evasão de responsabilidades vai criar desconfiança das bases do sindicato com sua direção, uma vez que quem não participar das melindrosas reuniões em que se decidem as ações políticas a serem tomadas, vai associar os erros ao sindicato em si, não à fração *x* ou *y*. Uma democracia sindical exige também responsabilidade política clara perante a categoria.
8. A distribuição de cargos típica da proporcionalidade solapa a unidade. A verdadeira unidade é produzida em torno das lutas concretas, das deliberações coletivas e da capacidade de ação comum da categoria. Obrigar artificialmente diferentes projetos políticos a compartilhar uma mesma direção não produzirá unidade; pode produzir paralisia, disputas internas e fragmentação permanente. A unidade mais sólida é aquela construída a partir do reconhecimento das decisões democráticas da categoria e da ação comum em torno das resoluções aprovadas pelas bases.

A democracia de nosso sindicato pode ser aperfeiçoada sem um rebaixamento de nossa unidade. Não precisamos de uma diretoria transformada em um parlamento permanente de organizações e tendências, no qual cada secretaria corresponda a uma fração política. Precisamos de uma direção com mandato claro, unidade política, capacidade de ação e responsabilidade perante as bases. As minorias devem ter pleno direito de existir, se organizar e disputar. Mas a direção deve ser escolhida democraticamente, e a maioria, seja qual for a tendência vitoriosa, deve ter o direito de dirigir pelo mandato que recebeu.

Convidamos, portanto, todas as bases do ANDES-SN a votarem contra esta proposta incabível para nosso sindicato.

TR – 22

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN reafirme o atual sistema de majoritariedade para a eleição de sua diretoria nacional, garantindo à chapa vencedora o direito e o dever de dirigir o sindicato de forma unitária e responsável perante as bases, e assegurando às minorias pleno direito de organização, expressão e disputa política nos espaços deliberativos da entidade, sem que isso implique partilha de cargos na direção.

TEXTO 23

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Alexandrina Paiva da Rocha (SINDIFPI), Antônio Rodrigues Belon (ADUFMS), Catarina Malcher (APRUMA), Cláudia Alves Durans (APRUMA), Daniel Solon (ADCESP), Fernanda Hernandes Figueira (ADUFPEL), Franci Gomes Cardoso (APRUMA), Gelta Xavier (ADUFF), Geraldo Carvalho (ADUFPI), Gihad Mohamad (SEDUFSM), Gilcelene de Brito Ribeiro (SINDIFPI), Graziela Lucci de Angelo (SEDUFSM), Hélvio Mariano (ADUNICENTRO), Irenilda Ângela dos Santos (ADUFMAT), João Batista Farias Junior (SINDIFPI), João Carlos Gilli Martins (SEDUFSM), José Vitório Zago (ADUNICAMP), Juliana Iglesias Melim (ADUFES), Júlio Quevedo (SEDUFSM), Levy Paes Barreto (ADUFERPE), Lina Santana (ADCESP), Lucas Jairo Cervantes Bispo (SINDIFPI), Luiz Fernando da Silva (ADUNESP), Marcelo Barreto Cavalcanti (ADUFEPE), Maria Luzinete (ADUFMAT), Maristela da Silva Souza (SEDUFSM), Otávio Luiz Pinheiro Aranha (ADUFPA), Ricardo Heli Rondinel Cornejo (SEDUFSM), Roberto Santos Ramos (APRUMA), Rosana Mendes Eleres de Figueiredo (APRUMA), Rosenverck Estrela Santos (APRUMA), Sandra Marinho Siqueira (APUB), Saulo Arcangeli (SINDUEMA), Savana Diniz Gomes Melo (APUBH), Simone Contente (SINDUNIFESSPA), Suly Rose Pereira Pinheiro (APRUMA), Vitor Wagner Neto de Oliveira (ADUFMS), Wagner Miquéias Damasceno (ADUNIRIO), Waldir Bertúlio (ADUFMAT), Wanderley Padilha (SINDUNIFESSPA), Welbson do Vale Madeira (APRUMA).

POR UMA COMISSÃO ELEITORAL MAIS DEMOCRÁTICA

TEXTO DE APOIO

Este texto é uma contribuição para debater o processo eleitoral do ANDES-SN, que tem como um de seus principais instrumentos a Comissão Eleitoral Central. Parte-se do diagnóstico do Regimento Eleitoral utilizado nas eleições para a Diretoria do ANDES-SN no biênio 2025/2027 e apresentam-se propostas de reorganização da Comissão Eleitoral Central (CEC), criação de uma Comissão de Garantias e Recursos e medidas adicionais para ampliar a participação da base sindical no processo eleitoral do biênio 2027/2029.

A análise parte do entendimento de que o Regimento Eleitoral não é apenas um conjunto técnico de procedimentos para organizar a votação. Ele define quem participa, em que condições participa, quem administra o pleito, como as decisões são tomadas, quais são os mecanismos de controle e quais consequências podem atingir uma chapa, um candidato ou um eleitor. Por isso, a discussão do regimento é também uma discussão sobre a própria democracia sindical.

O art. 52 do Estatuto atribui ao Congresso a elaboração do Regimento Eleitoral. Essa competência deve ser exercida de forma crítica e participativa. Não basta repetir automaticamente o modelo utilizado em eleições anteriores. É necessário verificar se o modelo continua adequado ao crescimento do número de

chapas, à maior diversidade política da categoria e à demanda por paridade de armas, transparência e participação efetiva da base.

Assim, um regimento eleitoral democrático deve assegurar não apenas o voto secreto, mas também condições reais para que a base conheça as alternativas, participe do debate, fiscalize o processo, recorra de decisões e confie no resultado porque consegue compreender e acompanhar cada etapa.

Não pretendemos que o CONAD delibere sobre uma função que cabe ao Congresso, mas entendemos que o CONAD Extraordinário é o fórum adequado para uma análise político-institucional. Qualquer proposta normativa deverá ser compatibilizada com o Estatuto do ANDES-SN, as deliberações congressuais e a legislação aplicável antes de sua aprovação definitiva. Isso, contudo, não impede que o CONAD Extraordinário se posicione sobre o tema e encaminhe ao Congresso a tarefa de apreciar e aprovar as modificações.

O Regimento Eleitoral atual contém garantias importantes. Entre elas estão o voto secreto, universal, presencial e direto; a participação de representantes das chapas na CEC e nas Comissões Eleitorais Locais (CELs); a previsão de voto em trânsito e em separado; a fiscalização da votação e da apuração; a publicação de atas, resultados e recursos; e a participação mínima de mulheres na composição das chapas. Esses mecanismos devem ser preservados e aperfeiçoados.

Apesar desses avanços, o desenho institucional ainda é centralizado, formalista e insuficientemente protegido contra assimetrias de poder. A CEC acumula funções de organização, interpretação, julgamento, aplicação de sanções e proclamação do resultado. As chapas podem indicar fiscais, mas não há detalhamento suficiente sobre igualdade material no acesso às listas, aos canais de comunicação, aos debates e aos recursos logísticos. Também existem prazos curtos para a defesa e a apresentação de recursos, sanções amplas e possibilidade de responsabilizar toda a chapa por atos individuais de seus integrantes.

A proposta de mudança pretende deslocar o centro de gravidade do processo: de um modelo baseado principalmente na confiança na comissão organizadora para um modelo baseado em regras prévias, decisões motivadas, controle recíproco, transparência verificável, participação da base e possibilidade real de revisão.

Para isso, recomenda-se instalar uma CEC estável desde o Congresso, retirar a direção nacional da composição deliberativa da comissão, eleger sua presidência e sua secretaria pelos próprios integrantes, criar uma Comissão de Garantias e Recursos, ampliar a participação direta dos sindicalizados, garantir igualdade material entre as chapas, reduzir barreiras documentais e assegurar acessibilidade, proteção de dados e auditoria do resultado.

Um regimento eleitoral democrático deve ser avaliado por critérios combinados. O primeiro é a inclusão: pessoas sindicalizadas devem conseguir votar e se candidatar sem barreiras desproporcionais de localização, renda, documentação, deficiência ou falhas administrativas. O segundo é a igualdade material: as chapas devem ter oportunidades equivalentes de divulgação, debate, fiscalização e acesso às informações, e não apenas receber formalmente as mesmas regras.

O terceiro critério é a independência. A autoridade eleitoral deve conseguir decidir sem concentração excessiva de poder e sem conflitos de interesses não controlados. O quarto é a transparência: o eleitorado precisa conseguir acompanhar o calendário, as decisões, a votação, a apuração e os resultados. O quinto é o devido processo, que exige acusação clara, acesso às provas, prazo razoável, defesa, decisão fundamentada e recurso efetivo. O sexto é a participação e o controle social: a base sindical deve ter meios de participar da construção, da fiscalização e da avaliação do processo, e não depender exclusivamente das direções e das chapas.

Esses critérios distinguem igualdade formal de igualdade material. A igualdade formal trata todas as chapas de maneira aparentemente idêntica. A igualdade material também considera diferenças de estrutura, alcance territorial, recursos e capacidade de comunicação, criando mecanismos para que essas diferenças não determinem o resultado antes mesmo do voto.

O regimento não parte de uma ausência de democracia. Ele já protege elementos essenciais do processo. O voto secreto, universal, presencial e direto constitui uma base adequada para a liberdade de escolha. A regra que impede que falhas administrativas no repasse de contribuições prejudiquem o direito de voto protege os sindicalizados contra problemas que não lhes são imputáveis. O voto em trânsito e o voto em separado reduzem o risco de exclusão territorial. A presença das chapas na CEC e nas CELs

cria fiscalização recíproca. A indicação de fiscais para a votação, a apuração e a computação permitem o acompanhamento das etapas. A publicação de atas e resultados é um ponto positivo, assim como o direito de resposta e a previsão de contraditório no regulamento sobre desinformação.

Essas garantias, entretanto, precisam de regras operacionais mais detalhadas. É necessário definir prazos de publicação, conteúdo mínimo das atas, formato dos resultados, critérios de validação do voto em separado, mecanismos de auditoria, meios de acessibilidade e formas de igualdade na comunicação. Também é importante evitar que medidas inicialmente democráticas, como a participação das chapas nas comissões, sejam prejudicadas por uma composição instável ou por conflitos de interesses não regulados.

A composição da CEC começa a ser definida a partir das inscrições preliminares realizadas durante o Congresso, quando as chapas apresentam inicialmente os nomes para presidente, secretário-geral e primeiro tesoureiro. Cada grupo também indica um representante para a Comissão. Como o registro definitivo ocorre posteriormente, a composição pode ser alterada caso uma chapa não seja homologada. Isso permite que a autoridade eleitoral seja parcialmente desconstituída ou adaptada no curso do próprio processo que deve fiscalizar.

A proposta busca corrigir esse problema por meio da instalação de uma CEC estável desde o Congresso, com mandato até a apresentação do relatório final. O indeferimento, a desistência ou o cancelamento do registro de uma chapa não deveria retirar automaticamente seu representante. A substituição somente deveria ocorrer por renúncia, candidatura, conflito de interesses, falta grave comprovada, faltas injustificadas ou impossibilidade permanente.

A inscrição inicial de presidente, secretário-geral e primeiro tesoureiro ocorre em prazo muito curto e pode favorecer grupos que chegam ao Congresso previamente organizados. Além disso, ela produz efeitos sobre a composição da CEC antes de a chapa apresentar sua nominata completa, seu programa e a documentação exigida. Cria-se, assim, uma diferença entre a chapa anunciada e a chapa efetivamente registrada.

A solução mais democrática é separar a manifestação de intenção do registro eleitoral. A manifestação pode ser realizada no Congresso para dar publicidade às possíveis candidaturas, mas não deve produzir vantagem irreversível na composição da CEC. O registro deve ter prazo único, público, suficiente e igual para todas as chapas.

O modelo atual atribui à Secretaria-Geral o recebimento dos documentos e à CEC a análise posterior e a homologação. A Secretaria-Geral deve continuar podendo oferecer apoio administrativo, mas não deve funcionar como autoridade eleitoral paralela. A CEC deve receber, protocolar, instruir, analisar e decidir sobre as candidaturas, com recibo contendo data, hora, relação de documentos e identificação do responsável pelo protocolo. As decisões sobre admissibilidade, saneamento, impugnação e homologação devem ser tomadas pela CEC, com fundamentação e possibilidade de recurso.

A previsão de um integrante da diretoria como presidente da CEC pode produzir dúvidas sobre a independência da autoridade eleitoral, já que a eleição definirá a nova direção nacional. A direção em exercício deve garantir orçamento, infraestrutura, pessoal e logística, mas não deveria ter assento deliberativo na comissão encarregada de fiscalizar e proclamar sua sucessão.

A presidência e a secretaria da CEC devem ser eleitas pelos próprios integrantes, logo após a instalação. O presidente não deve ter poder individual para decidir sobre registros, recursos, sanções, impugnações de urnas ou proclamação dos resultados. A direção pode prestar apoio material sob regras públicas, mediante solicitação da CEC e prestação de contas.

Dependendo do número de chapas, os representantes independentes escolhidos pela plenária podem se tornar minoria diante dos representantes das candidaturas. A proposta busca ampliar a presença da base, com critérios públicos de pluralidade e diversidade na composição da CEC.

Essa ampliação não deve exigir neutralidade política absoluta. Em uma entidade sindical plural, pertencer a uma corrente, grupo político ou coletivo não significa, por si só, falta de independência. O critério adequado é exigir que o integrante não seja candidato, não seja representante oficial de chapa, declare seus vínculos e conflitos e se afaste de decisões em que exista impedimento concreto. A independência deve ser em relação às candidaturas e à direção no exercício da função, e não ausência de posição política.

A CEC coordena o processo, homologa chapas, organiza o eleitorado, coordena as CELs, decide recursos, proclama o resultado, recebe denúncias, aplica sanções e resolve casos omissos. A mesma estrutura pode atuar como organizadora, intérprete, investigadora, julgadora e revisora de suas próprias decisões. Mesmo com integrantes bem-intencionados, esse desenho aumenta o risco de decisões percebidas como parciais.

A proposta recomenda separar as funções administrativas, investigativas e recursais. Quando a separação integral não for possível, deve haver impedimento do integrante envolvido, decisão colegiada, fundamentação, registro nominal dos votos e revisão por composição distinta.

A falta de documentos ou o descumprimento de formalidades pode resultar no indeferimento da chapa. Entretanto, nem toda falha documental representa fraude ou má-fé. Um documento ausente, uma declaração emitida com atraso ou um erro de preenchimento podem ser corrigidos sem prejudicar a lisura do pleito.

A proposta prevê a notificação da irregularidade, prazo de pelo menos três dias úteis para saneamento, decisão fundamentada e possibilidade de substituição individual. O indeferimento total deve ser reservado a situações insanáveis que comprometam a autenticidade da candidatura ou a igualdade do processo.

O regimento determina que as seções sindicais garantam isonomia na divulgação, mas não define concretamente o que isso significa. Não existem regras detalhadas sobre debates, listas de e-mail, redes sociais, eventos, materiais ou uso dos canais institucionais. Uma chapa pode possuir mais estrutura territorial, maior acesso histórico aos dirigentes e maior alcance de comunicação, enquanto outra cumpre as mesmas exigências formais, mas alcança parcela menor do eleitorado.

A proposta cria um plano comum de comunicação, com página oficial das eleições, espaço equivalente para programas e manifestos, debates nacionais e regionais, entrevistas, divulgação dos calendários e proibição do uso de recursos, pessoal, mailing, símbolos ou eventos institucionais para favorecer uma candidatura.

O ponto sobre fake news prevê apenas doze horas para a defesa. A formulação pode alcançar opinião, crítica política, interpretação, previsão, erro corrigível ou controvérsia factual. A proposta diferencia fato objetivamente falso de opinião e crítica, exige prova de relevância e aptidão para induzir o eleitorado em erro e amplia, como regra, o prazo de defesa para pelo menos dois dias úteis.

Também deve ser afastada a responsabilização automática da chapa por qualquer ato individual de um candidato. A punição coletiva deve exigir demonstração de participação, autorização, benefício consciente ou omissão relevante da chapa. A correção, o direito de resposta e a retirada do conteúdo devem ser priorizados antes da aplicação de sanções mais graves.

A previsão de que qualquer descumprimento possa implicar a anulação do registro da chapa é ampla demais. Ela pode converter falhas administrativas ou infrações de menor gravidade em exclusão da vontade de todo o eleitorado. A proposta recomenda sanções graduais, individualizadas e proporcionais, como orientação, advertência, correção pública, direito de resposta, retirada de conteúdo, suspensão limitada de divulgação e responsabilização individual.

A cassação da chapa deve ser medida excepcional, reservada para fraude comprovada, compra de votos, manipulação de urnas, violência, abuso sistemático de poder ou conduta equivalente. Mesmo nesses casos, deve haver contraditório, ampla defesa, prova suficiente e decisão colegiada fundamentada.

A regra atual privilegia fiscais, candidatos e integrantes das comissões na apresentação de recursos. O sindicalizado comum apenas pode recorrer em caráter subsidiário. Isso torna a base dependente da atuação das chapas e reduz o reconhecimento de seu interesse coletivo na integridade do processo.

A proposta permite que qualquer sindicalizado apresente denúncia, impugnação ou recurso, identificando o fato, a seção ou o canal envolvido e apresentando os elementos disponíveis. Podem existir filtros contra denúncias manifestamente abusivas, mas a legitimidade para provocar a fiscalização não deve ser exclusiva das candidaturas.

A exigência de contracheques de determinados meses ou de declaração específica pode prejudicar pessoas afastadas, aposentadas, em greve, com vínculo precário, sem acesso imediato aos documentos ou atingidas por falhas administrativas. A proposta admite cadastro sindical, declaração da seção ou da

regional, comprovante de filiação, registro no sistema sindical, declaração pessoal sujeita a conferência posterior ou outro meio idôneo.

Também devem ser incluídas regras de acessibilidade física, comunicacional, digital e procedimental, com locais acessíveis, informações em formatos acessíveis, prioridade, apoio ao exercício do voto e soluções para docentes de campi distantes ou de regiões extensas.

Embora haja previsão de publicação de atas, resultados e decisões, faltam prazos, formatos e conteúdos mínimos. Não se assegura de modo suficiente a publicação imediata de boletins por seção, mapas, votos nulos, votos em separado, votos em trânsito, ocorrências, cadeia de custódia e auditoria posterior.

A proposta determina que cada CEL divulgue imediatamente após a apuração um boletim com os votos por chapa, os votos válidos, brancos, nulos, em separado e em trânsito, além das ocorrências. Os documentos devem ser disponibilizados simultaneamente às chapas e à base sindical. Também se recomenda a realização de auditoria por uma comissão criada pelo Congresso especificamente para essa finalidade, além da conservação dos materiais por prazo definido.

O registro exige CPF, endereço, telefone, estado civil, documentos de identidade e assinaturas, mas não define adequadamente acesso, armazenamento, anonimização, retenção e descarte. A proposta aplica o princípio da minimização de dados: devem ser solicitadas apenas as informações necessárias à verificação da candidatura; os documentos integrais devem ter acesso restrito; e a publicidade deve limitar-se aos dados necessários ao controle democrático.

A criação de uma Comissão de Garantias e Recursos separada da CEC teria como principal impacto a separação entre a administração do processo eleitoral e a revisão das decisões que afetam candidaturas, eleitores e resultados. A CEC continuaria responsável pela organização, pelo recebimento e processamento das inscrições, pela coordenação das CELs, pela apuração e pelas decisões de primeira instância. A Comissão de Garantias e Recursos examinaria decisões relevantes tomadas pela CEC, sem depender exclusivamente da própria autoridade que decidiu originalmente.

Na prática, uma chapa que tivesse seu registro indeferido, recebesse uma sanção, tivesse a propaganda suspensa ou fosse afetada por uma decisão sobre igualdade de campanha poderia recorrer a uma instância distinta. Essa Comissão poderia confirmar, modificar, anular ou determinar nova análise da decisão quando identificasse falta de provas, ausência de fundamentação, violação do contraditório, erro de procedimento ou desproporcionalidade da medida aplicada.

A nova instância também poderia examinar recursos sobre impugnação de urnas, validade de votos em separado, denúncias de desinformação, substituição de candidatos e fatos capazes de comprometer a igualdade entre as chapas. A existência de revisão independente reduziria o risco de que a CEC acumulasse a palavra final sobre todas as questões importantes e aumentaria a confiança dos candidatos e dos sindicalizados.

O impacto sobre o direito de defesa seria direto. Os interessados teriam espaço institucional específico para apresentar argumentos, provas e pedidos de revisão. A Comissão deveria garantir acesso integral à acusação e às provas, prazo razoável para manifestação e decisões fundamentadas, com publicação de atas e votos divergentes. Seus integrantes não deveriam ser candidatos, representantes oficiais de chapas ou membros da direção nacional diretamente interessados no resultado. Também deveriam apresentar declarações de impedimento e de conflito de interesses.

A criação da Comissão exigiria ajustes no calendário. O Regimento teria de reservar tempo para a apresentação, a instrução e o julgamento dos recursos. Não seria adequado manter prazos de poucas horas para casos complexos que envolvam documentos, provas digitais ou consequências graves. O calendário poderia prever um procedimento ordinário, com pelo menos dois dias úteis para defesa, e um procedimento urgente para situações que ameacem imediatamente a segurança das urnas ou a igualdade do pleito.

A relação entre CELs, CEC e Comissão de Garantias e Recursos também deveria ser clara. As CELs poderiam continuar decidindo questões locais em primeira instância, como o funcionamento das mesas e as ocorrências da seção. A CEC poderia analisar recursos locais e julgar, em primeira instância, matérias de alcance nacional. A Comissão de Garantias e Recursos examinaria decisões da CEC que afetassem significativamente a elegibilidade, a permanência das chapas, a igualdade da campanha, a validade das urnas ou o resultado final. Questões meramente operacionais poderiam ter procedimento simplificado.

Haveria impactos materiais: seriam necessários orçamento, equipe administrativa, assessoria jurídica, estrutura para reuniões e canais de protocolo e publicação. O calendário se tornaria mais complexo. Esses custos, porém, representam um investimento na legitimidade do processo, sobretudo diante do aumento do número de chapas e da possibilidade de conflitos intensos. A Comissão não deve ser uma etapa burocrática; deve ser uma instância real de proteção da igualdade, do contraditório, da ampla defesa e da vontade do eleitorado.

Além das mudanças relacionadas à CEC e à Comissão de Garantias e Recursos, o Regimento pode incorporar mecanismos para que a base sindical participe antes, durante e depois da eleição. A ampliação da participação não significa apenas permitir que mais pessoas votem. Significa também garantir que elas possam influenciar as regras, obter informações, formular perguntas, acompanhar as decisões, fiscalizar a apuração e avaliar o processo.

Antes da aprovação final do Regimento Eleitoral, o Congresso poderia abrir um período de consulta às seções sindicais, às secretarias regionais e aos sindicalizados. A minuta seria divulgada com antecedência, acompanhada de justificativas e perguntas orientadoras. As contribuições recebidas seriam sistematizadas e respondidas publicamente. A consulta não substituiria a competência deliberativa do Congresso, mas permitiria que o texto refletisse problemas concretos vividos nas bases. Embora esse ponto esteja previsto no envio da minuta pelo Caderno de Textos, a proposta avança ao sugerir que a minuta também possa ser encaminhada separadamente.

As CELs poderiam ser constituídas por assembleias locais ou reuniões abertas dos sindicalizados, inclusive onde não exista seção sindical estruturada. Essas assembleias poderiam discutir o calendário, indicar representantes, levantar necessidades de acessibilidade, definir locais de votação e formular perguntas à CEC. A convocação deveria ser pública, com antecedência, divulgação digital e possibilidade de participação remota quando a distância ou a condição de trabalho impedisse o comparecimento.

O site das eleições deveria funcionar como plataforma pública de informação e participação. Além do regimento e do calendário, deveria conter perguntas frequentes, orientações para os eleitores, decisões, atas, protocolos, respostas a dúvidas, calendário de debates, materiais das chapas e informações sobre os locais de votação. A base poderia enviar perguntas e sugestões por formulário, e a CEC deveria publicar respostas gerais em prazo definido.

O Regimento poderia tornar obrigatória a realização de debates nacionais e regionais entre as chapas homologadas. As regras deveriam assegurar tempo equivalente, mediação imparcial, acessibilidade e divulgação prévia. Parte das perguntas deveria ser formulada pela base sindical, por meio de consulta aberta ou sorteio entre questões encaminhadas pelas seções e regionais. Isso reduziria a dependência da comunicação produzida pelas próprias chapas e qualificaria o voto.

Cada sindicalizado deveria poder verificar, por canal seguro, se está incluído na lista de aptos a votar e em qual seção deverá votar. O sistema deveria indicar prazo para correção, canal de recurso e resposta fundamentada. A informação individual deve ser protegida, sem publicação de listas nominais abertas ou exposição de dados pessoais. A participação da base aumenta quando o eleitor consegue confirmar sua habilitação antes da votação e não descobre o problema apenas no dia do pleito.

A votação presencial pode ser mantida como regra, mas o Regimento deveria exigir número suficiente de seções, horários compatíveis com a jornada docente, locais próximos aos campi e possibilidade real de voto em trânsito. Em regiões extensas, a CEL ou a Secretaria Regional deveria justificar publicamente a distribuição das seções. O voto em separado deveria ser acolhido quando houver dúvida solucionável posteriormente, preservando o sigilo.

A eventual adoção de ferramentas eletrônicas ou de votação remota deve ser precedida de estudo técnico, testes públicos, medidas de segurança, acessibilidade, auditabilidade e consulta à categoria. A tecnologia não deve ser apresentada como solução automática para problemas políticos ou territoriais.

Além dos fiscais indicados pelas chapas, o Regimento poderia permitir observadores credenciados pela base sindical, sem interferência na votação. Esses observadores poderiam acompanhar reuniões públicas, a abertura e o fechamento de urnas, a apuração e a publicação dos boletins, respeitando o sigilo e as limitações físicas de cada local. A presença de observadores ampliaria o controle social sem substituir a fiscalização das chapas.

A base deveria ter acesso a informações sobre o orçamento eleitoral, as despesas, a contratação de serviços, a distribuição de materiais, o número de seções, a quantidade de cédulas e os protocolos de transporte e guarda. A transparência logística é importante porque problemas aparentemente técnicos podem afetar desigualmente determinadas regiões ou candidaturas. A CEC deveria publicar um relatório financeiro e um relatório operacional em linguagem compreensível.

O Regimento poderia prever formação obrigatória e pública para mesários, fiscais e integrantes das CELs. O treinamento deveria abordar sigilo do voto, acessibilidade, voto em separado, voto em trânsito, preenchimento de atas, cadeia de custódia, tratamento de ocorrências e prevenção de violência de gênero, racismo, capacitismo e outras formas de discriminação. A formação reduziria erros e daria maior segurança aos integrantes que atuam nas seções.

O Regimento deveria criar um protocolo para denúncias de assédio, violência de gênero, racismo, capacitismo, LGBTfobia, ameaça e retaliação durante o processo eleitoral. A base só participa plenamente quando consegue discordar e denunciar sem medo. O protocolo deveria indicar canal seguro, medidas de proteção, prazos, direito de resposta e encaminhamento adequado, preservando a confidencialidade quando necessário.

Até a apresentação do relatório final, a CEC deveria realizar consulta com sindicalizados, chapas e CELs sobre acessibilidade, comunicação, logística, apuração, recursos e funcionamento das comissões. As respostas deveriam ser anexadas ao relatório final, juntamente com recomendações para o regimento seguinte. A avaliação pós-eleitoral impediria que os problemas se repetissem por ausência de memória institucional.

Para avançar na democracia sindical, recomenda-se que o Congresso instale a CEC imediatamente após a aprovação do Regimento Eleitoral. A comissão deve ter um núcleo permanente de representantes independentes da base, escolhido por critérios públicos de pluralidade, e incorporar um titular e suplentes de cada chapa regularmente registrada. A direção nacional em exercício não deve ter assento deliberativo. O número de integrantes deve ser calculado para assegurar maioria, quórum e funcionamento efetivo, evitando uma composição excessivamente grande ou a impossibilidade de reunião.

Na primeira reunião, a CEC deve eleger seu presidente e seu secretário entre integrantes não candidatos e não representantes oficiais de chapas. Todos os integrantes devem apresentar declarações de impedimento, de conflito de interesses e de compromisso com o regimento. A substituição somente deve ocorrer por renúncia, candidatura, conflito superveniente, falta grave comprovada, faltas injustificadas ou impossibilidade permanente, mediante direito de defesa e decisão fundamentada.

A CEC deve contar com orçamento previamente aprovado e divulgado, equipe administrativa, assessoria jurídica não subordinada a candidatura, suporte tecnológico, acessibilidade, canais oficiais de protocolo e publicação, apoio às CELs, auditoria e conservação dos materiais. A execução financeira deve ser acompanhada pela comissão e apresentada em relatório público com orçamento, despesas por categoria, serviços contratados, deslocamentos, diárias e saldo final.

TR – 23

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. A eleição será organizada pelos princípios da soberania da base sindical, da igualdade material entre candidaturas, da independência da administração eleitoral, da transparência, da acessibilidade, da proteção de dados pessoais, da liberdade de expressão, do pluralismo, do contraditório, da ampla defesa, da proporcionalidade das sanções e da preservação da vontade do eleitorado. Dúvidas de interpretação deverão ser resolvidas de modo a favorecer a participação, a competição equilibrada e a preservação do voto, sem prejuízo da segurança e da lisura do processo.

2. Criar uma comissão para a apresentação das mudanças no Regimento Eleitoral, com prazo definido, composta por cinco representantes da base e um representante da direção nacional.

Recomendações para análise da Comissão:

1- A Comissão Eleitoral Central será instalada pelo Congresso imediatamente após a aprovação do Regimento Eleitoral e permanecerá constituída até a apresentação do relatório final. Sua composição não será automaticamente alterada em razão do deferimento, indeferimento, desistência ou cancelamento do registro de qualquer chapa. A direção nacional em exercício garantirá os recursos materiais, financeiros e administrativos necessários, mas não terá representante com poder deliberativo na CEC.

2- Compete exclusivamente à CEC receber, protocolar, instruir, analisar e decidir sobre o registro e a homologação das chapas, com apoio administrativo da Secretaria-Geral. Todo documento recebido terá recibo com data, hora, relação dos arquivos e identificação do responsável pelo protocolo. A Secretaria-Geral não terá poder decisório sobre admissibilidade, saneamento, impugnação ou homologação.

3- Na primeira reunião, a CEC elegerá, entre seus integrantes não candidatos, o presidente e o secretário, que exercerão mandato até a conclusão do processo eleitoral, salvo renúncia, impedimento ou destituição por falta grave, assegurado o direito de defesa. O presidente não terá poder individual sobre registro de chapas, recursos, sanções, impugnação de urnas ou proclamação de resultados.

4- A CEC será composta por representantes independentes da base sindical, em número suficiente para equilibrar a representação das candidaturas, e por um representante titular e suplentes de cada chapa regularmente registrada. Os representantes da base serão escolhidos por critérios públicos de pluralidade, diversidade regional e independência em relação às candidaturas. A participação em corrente, grupo político ou coletivo sindical não caracterizará, por si só, impedimento. Todos os integrantes apresentarão declaração de impedimento, de conflito de interesses e de compromisso de atuação conforme o regimento.

5- O representante indicado por uma chapa não perderá automaticamente sua condição de integrante da CEC em razão do indeferimento ou cancelamento do registro da chapa. A substituição somente ocorrerá por renúncia, impedimento, candidatura, falta grave comprovada, faltas injustificadas ou impossibilidade permanente, mediante decisão fundamentada e direito de defesa.

6- Será instituída uma Comissão de Garantias e Recursos, composta por sindicalizados que não integrem a CEC, não sejam candidatos, representantes oficiais de chapas ou membros da direção nacional diretamente interessados no resultado. Compete à Comissão apreciar recursos contra decisões sancionatórias, indeferimentos de candidatura, impugnações de urnas, decisões sobre igualdade de campanha, caracterização de desinformação e outras medidas que possam afetar a igualdade do pleito ou a validade do resultado. A Comissão deverá assegurar contraditório, ampla defesa, acesso às provas, prazo razoável, decisão fundamentada e publicação de suas decisões.

7- O registro observará prazo razoável, igual e previamente divulgado. Identificada falha documental ou formal sanável, a CEC notificará a chapa para correção em prazo não inferior a três dias úteis. A substituição individual de candidato será admitida até a data definida no calendário, desde que preservadas as condições de elegibilidade e a identidade da chapa. O indeferimento total ficará reservado para irregularidade insanável que comprometa a autenticidade da candidatura ou a lisura do processo.

8- Nenhum sindicalizado será impedido de votar por falha de repasse, atraso administrativo, indisponibilidade de contracheque ou erro imputável à entidade sindical ou à instituição de ensino quando a filiação puder ser confirmada por outro meio idôneo. Serão aceitos cadastro sindical, declaração da seção ou da secretaria regional, comprovante de filiação, contracheque disponível, declaração pessoal sujeita a conferência e documentos equivalentes. A dúvida sobre a habilitação será registrada e decidida de forma fundamentada, preservando-se o sigilo do voto.

9- A organização sindical disponibilizará a todas as chapas, em condições equivalentes, página de apresentação, espaço para programas e manifestos, calendário de debates, entrevistas, materiais informativos e acesso aos canais institucionais de comunicação. É vedado utilizar recursos, pessoal, mailing, eventos, canais ou símbolos institucionais para favorecer determinada chapa. Debates e

atividades deverão observar regras previamente publicadas, acessibilidade e possibilidade de participação ou envio de perguntas pela base sindical.

10- Crítica política, opinião, interpretação, previsão, sátira, erro material corrigível e divergência sobre fatos controvertidos não serão considerados *fake news* por si sós. A caracterização de desinformação exigirá demonstração de divulgação de fato objetivamente falso, relevante para o processo e apto a induzir o eleitorado em erro, com ciência ou negligência grave do responsável. O denunciado receberá a acusação e as provas e terá prazo mínimo de dois dias úteis para defesa, salvo medida cautelar fundamentada diante de risco concreto e atual.

11- Qualquer sindicalizado poderá apresentar denúncia sobre irregularidade eleitoral, identificando o fato, a seção ou o canal envolvido e as provas disponíveis. A identidade poderá ser preservada quando houver risco de retaliação, sem impedir o direito de defesa. Denúncia manifestamente fraudulenta ou abusiva somente poderá gerar consequência ao denunciante após prova da má-fé e oportunidade de manifestação.

12- As sanções serão aplicadas de forma individualizada e proporcional à gravidade, ao dano, à intenção, à reincidência e à possibilidade de correção. Poderão incluir orientação, advertência, correção pública, direito de resposta, retirada de conteúdo, suspensão limitada de divulgação e responsabilização individual. A suspensão ou cassação de chapa somente será aplicada por infração gravíssima, comprovada e atribuível à chapa, após contraditório, ampla defesa e decisão colegiada fundamentada.

13- As comissões garantirão acessibilidade física, comunicacional e procedimental às pessoas com deficiência, mobilidade reduzida, necessidades específicas ou dificuldade de leitura e escrita, assegurando apoio sem violar o sigilo do voto. Serão criadas seções eleitorais ou soluções de voto em trânsito sempre que a distância, a dispersão territorial ou a condição de trabalho puderem impedir participação significativa. O calendário, as orientações e os resultados serão disponibilizados em formatos acessíveis e em linguagem clara.

14- Cada CEL divulgará imediatamente após a apuração boletim com votos por chapa, votos válidos, brancos, nulos, em separado e em trânsito, além das ocorrências. A CEC disponibilizará cópia simultânea às chapas e ao público. Os materiais serão conservados pelo prazo definido no regimento e poderão ser auditados por comissão independente ou por auditoria amostral. Divergências entre boletins, mapas e resultados deverão ser investigadas e publicadas antes da proclamação final.

15- Até a apresentação do relatório final, a CEC realizará consulta pública com sindicalizados, chapas e CELs sobre acessibilidade, transparência, logística, comunicação, apuração e recursos. As contribuições, respostas e recomendações serão anexadas ao relatório final e consideradas na elaboração do regimento seguinte. A mudança do regimento deve ser preparada com antecedência. Em primeiro lugar, é necessário revisar a minuta à luz do Estatuto e das deliberações congressuais. Em seguida, deve ser aberta consulta às seções, às regionais, às chapas, aos coletivos de representação e aos sindicalizados, com sistematização pública das contribuições. Depois, devem ser definidos a composição da CEC, a Comissão de Garantias e Recursos, as CELs, os critérios de impedimento, o orçamento, a equipe e os canais de comunicação.

16- Antes do período de campanha, devem ser publicados a página única das eleições, o calendário, as regras de registro, os canais de dúvida e denúncia, as perguntas frequentes, os formatos de acessibilidade e o plano de debates. Também devem ser testados os procedimentos de voto em trânsito, voto em separado, atendimento acessível, apuração, publicação de boletins e custódia dos materiais. Ao final, o relatório financeiro, a auditoria, os recursos e a avaliação participativa devem ser divulgados em conjunto.

TEXTO 24

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Angelina Pandita Pereira (APUB), Bernardo Ordoñez (APUB), Betty Malin (APUB), Fernando Feijó (APUB), Helena Marroig (APUB), Hélio Messeder Neto (APUB), Henrique Saldanha (APUB), Isadora Machado (APUB), Josias Porto (APUB), Lana Bleicher (APUB), Leonardo Name (APUB), Lucas Trentin Rech (APUB), Maíra Kubik (APUB), Márcia Freitas (APUB), Rodrigo Pereira (APUB), Sara Côrtes (APUB), Stella Senes (APUB).

UM BALANÇO GERAL DA EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAR O 44º CONGRESSO DO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

Nós, do Coletivo Democracia & Luta, coletivo de oposição sindical na base da APUB, escrevemos esta contribuição a partir da experiência de compor a Comissão Organizadora do 44º Congresso do ANDES-SN, sediado em Salvador, em março de 2026.

Por ter sido recente e inédita a experiência de sediar um Congresso na base da PROIFES, sem contar com o apoio direto de uma seção sindical, entendemos que certos balanços feitos por nós merecem ser compartilhados com o conjunto de camaradas de nosso sindicato, a fim de permanentemente aperfeiçoarmos nossos eventos, especialmente os Congressos, visando refletirem uma concepção e prática sindicais classistas, antissexistas, antirracistas, anticapacitistas e reencantadoras da possibilidade de outro mundo possível.

Consideramos que o resultado do trabalho coletivo realizado foi muito positivo, deixando legados importantes para nossas futuras experiências. Isso se deveu ao esforço incansável de mais de uma dezena de pessoas verdadeiramente engajadas nas tarefas, mas, sobretudo, a uma qualidade antiburocrática, militante, desapegada e orgânica que um coletivo de oposição como o nosso é capaz de forjar.

Apesar desse balanço positivo e de termos compreendido que o nosso fortalecimento enquanto grupo foi um saldo político importante e valoroso, sentimos a necessidade de expor dificuldades e discordâncias em alguns processos e percepções sobre o formato e as exigências de nossos grandes eventos, aparentemente cristalizados.

Como é de praxe, o Coletivo Democracia & Luta compôs a Comissão Organizadora, junto a representantes da direção nacional do sindicato, trabalhadoras/trabalhadores do ANDES-SN e, no caso específico, pela ausência de seção sindical, alguns integrantes da Regional Nordeste III, com o imprescindível apoio da Assistente Regional. Em muitos momentos do trabalho, a pergunta "de quem é esse evento?" pairou sobre nós. Não era um Congresso do Coletivo Democracia & Luta, muito menos da diretoria desse sindicato. Era um Congresso do ANDES-SN, da sua categoria.

E o que ela espera? É uníssono? Como essa comissão poderia atender às exigências, necessidades e supostas expectativas da categoria? Como politizar a construção de nossos eventos, não buscando minimizar a possibilidade de críticas dos grupos a, b ou c ou procurando atender às "imaginárias expectativas da base", de seu suposto perfil, exigências e necessidades, mas sim a partir de critérios políticos compatíveis com um sindicato classista como é o nosso?

Vivemos um momento em que o conjunto do nosso sindicato está se debruçando sobre questões organizativas e financeiras. Está na pauta deste Conad Extraordinário o formato dos eventos, a política de rateio nos eventos etc.

Em nosso entendimento, os eventos nacionais do ANDES-SN se tornaram mais custosos porque, evidentemente, estão numericamente maiores e atendem a um conjunto de necessidades que foram se aperfeiçoando dentro de uma miríade de medidas de acesso a direitos que ganham tonalidades importantíssimas em nosso sindicato. Quanto a isso, é preciso que compreendamos esta nova etapa histórica e que ajustemos nossas capacidades materiais a esses importantes avanços.

O contraponto que gostaríamos de fazer, enquanto grupo de pessoas que esteve nos bastidores cotidianos para a realização do último Congresso, é que também existe uma série de "exigências" e gastos previstos para a garantia de uma estrutura física que não é compatível com a realidade de vida de nossa classe e com as existências das universidades públicas brasileiras. Vamos exemplificar. Tivemos que garantir a montagem de uma tenda gigantesca, climatizada e com som de alta qualidade, porque a UFBA não tinha um auditório que comportasse o público do 44º Congresso. Até aí, tudo bem: eram os custos com os quais arcaríamos por uma decisão política acertada de realizar o evento neste espaço universitário, com todo o seu significado político, e já sabido de antemão. Mas daí se desdobraram muitas necessidades. A exigência de um padrão de qualidade das cadeiras, de banheiros em contêineres a poucos passos do auditório, para além dos existentes na Universidade, de outra tenda para o lanche. Algumas delas eram muito importantes, como os banheiros bem próximos para pessoas com deficiência, com mobilidade reduzida, gestantes ou com crianças de colo (ainda que tentássemos deixar explícito – o que foi incansavelmente descumprido pelas/os congressistas – que as pessoas que não se enquadrassem nesses grupos deveriam utilizar o banheiro da Universidade, a poucos passos de distância). Em outras exigências, "fomos vencidos". E houve aquelas em que revertemos entendimentos, como o espaço para servir o lanche não precisar ser uma tenda branca escondida atrás da tenda branca que serviu de auditório, mas sim acontecer no vão da Biblioteca Central, considerando sua simbologia política para a comunidade da UFBA e, como consequência, diminuindo um custo de infraestrutura. Afinal, também queríamos que a realização desse Congresso nesse território fosse um acontecimento político para a comunidade acadêmica local, não é mesmo?

Longe de parecerem "pequenezas", tais exemplos expressam os desafios organizativos de um evento com uma exigência infraestrutural que não condiz com a realidade das universidades e da classe trabalhadora. Com isso, não queremos naturalizar precariedades, sucateamentos, nem estamos defendendo que fiquemos desconfortáveis durante cinco longos dias de debates. Acreditamos, porém, que temos que garantir o possível dentro da nossa realidade. Em um determinado momento, nos sentimos como uma empresa contratada, a garantir um serviço "5 estrelas" aos "exigentes clientes", que deveriam ter uma "experiência" incriticável e que atendesse a todas as suas expectativas.

O nosso sindicato é composto de trabalhadoras e trabalhadores da educação, que, supostamente, circulam e vivenciam as universidades públicas brasileiras diariamente e que se reúnem em seus espaços deliberativos, organizados dentro do nosso "chão de fábrica", para debater essa realidade e fortalecer nossa insurgência para mudar esse estado de coisas da universidade pública brasileira, combinando-o com um projeto de sociedade livre de explorações e opressões de todas as ordens. Não podemos nos esquecer dessa nossa condição e dessa nossa missão. O formato e a programação de nossos eventos também têm caráter politizante e, muito sinceramente, pensamos que precisamos rever o que, de fato, devemos priorizar em suas realizações.

Nosso trabalho em Salvador buscou atribuir profundo significado político à programação de nosso Congresso e gostaríamos aqui de destacar três aspectos que nos parecem fundamentais para serem detalhadamente narrados: o Espaço de Cuidado em Saúde, o Espaço de Convivência Infantil e as atividades culturais.

Espaço de Cuidado em Saúde "Maria Odília Teixeira": diretrizes de uma experiência a ser replicada nos eventos do ANDES-SN

Durante a organização do 44° Congresso do ANDES-SN, realizado em março de 2026 em Salvador/BA, o Coletivo Democracia e Luta propôs um Espaço de Cuidado pensado especialmente para a prevenção e promoção da saúde da categoria. A compreensão de saúde defendida para a construção do Espaço de Cuidado se baseia em seu conceito ampliado, que se opõe à lógica medicalizante e patologizante da saúde como mera ausência de doenças. A ideia de saúde como "não doença" se alicerça na racionalidade científica e positivista do século XIX, que naturaliza e individualiza os processos de produção da saúde e do adoecimento, ignorando tanto a determinação social do processo saúde-doença quanto outras formas de conhecimento consideradas válidas até então. A hegemonia desses princípios naturalizantes e ideológicos da ciência moderna no campo da saúde produz uma aparente separação entre público e privado, logo, entre social e biológico/subjetivo e entre curativo e preventivo.

O conceito ampliado de saúde é historicamente recente e fruto das lutas sociais ocorridas na América Latina entre as décadas de 1970 e 1980. Em oposição ao modelo biomédico, a determinação social do

processo saúde-doença ancora-se na materialidade histórica e dialética para compreender a totalidade social que o engendra. Não se pode desconsiderar, ainda, que as contradições do sistema capitalista, que impactam na produção de vida, também atingem os diversos espaços de militância e de luta, produzindo formas de adoecimento que demandam uma ação intencional na tentativa de superação destas contradições. Assim, o Coletivo Democracia e Luta propôs, pela primeira vez em congressos do ANDES-SN, a iniciativa do Espaço de Cuidado em Saúde, que foi pensado e planejado a partir do reconhecimento dos impactos do produtivismo e do adoecimento na vida acadêmica e também na militância, que não se exime das contradições da produção do adoecimento às quais nossa categoria está constantemente submetida.

Mais do que um local de relaxamento, o Espaço de Cuidado se constituiu a partir da lógica do cuidado integral, do diálogo e da resistência, valorizando saberes tradicionais, ancestrais e territoriais como tecnologias sociais de alta complexidade, buscando promover não apenas bem-estar durante o Congresso, mas também ampliar as formas de se pensar a saúde na universidade e na militância. O projeto deste espaço se fundamentou na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS, a PNPIC, criada em 2006 pela Portaria n° 971 do Ministério da Saúde, e teve como objetivos: promover o cuidado integral à saúde da categoria docente durante o Congresso do ANDES-SN através das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS); mediar o diálogo entre a academia e os saberes tradicionais/territoriais; reduzir os níveis de estresse e promover o bem-estar durante o 44º Congresso do ANDES-SN. Para tanto, a operacionalização do espaço se estruturou a partir de três eixos de cuidado, com fluxo contínuo de atendimento, acolhimento e escuta sensível e qualificada por profissionais. Os eixos foram: 1. Racionalidades milenares, que incluiu práticas como Auriculoterapia, Ventosa e Quiropraxia, com atendimento individual e foco em queixas álgicas e tensão; 2. Saberes territoriais e coletivos, com atividades como Escalda-pés, Terapia Comunitária Integrativa, Aromaterapia e Cromoterapia, com atendimento coletivo e individual e foco em saúde mental e afetividade; 3. Fluxos e movimento, com atividades como Biodança, práticas de respiração e meditação, realizadas como atividades em grupo nas áreas comuns e nos intervalos do Congresso.

Espaço de Convivência Infantil (ECI) "Mãe Aninha": diretrizes de uma experiência a ser replicada nos eventos do ANDES-SN

A concepção do Espaço de Convivência Infantil (ECI) do 44º Congresso do ANDES-SN foi elaborada a partir da articulação entre o mote inspirador da construção das atividades do Congresso – as lutas de resistência, especialmente as baianas – e a função social desse espaço, que consiste em contribuir para a socialização do trabalho de reprodução social no cuidado das crianças, evitando que esse cuidado se torne um impeditivo para que seus responsáveis, majoritariamente mulheres mães, possam participar da luta sindical.

Sua concepção foi realizada em parceria com docentes que compunham a equipe de organização do Congresso e com o Coletivo Mães da UFBA, um coletivo formado por mães universitárias, pedagogas e de outras áreas do conhecimento, que vem pensando, lutando e construindo uma universidade mais inclusiva para as mães e para as crianças.

Entendemos que essa articulação de pessoas engajadas com a militância foi um diferencial para o espaço ser concebido de forma a ir além de assegurar que as e os responsáveis possam participar das atividades, encarnando, a um só tempo: a) o cuidado como parte da vida acadêmica e profissional, compartilhado por todes, e não como um obstáculo a ser individualizado ou silenciado; b) o rompimento simbólico da lógica que, tradicionalmente, separa e/ou esconde a existência das crianças nesses espaços de luta sindical, reconhecendo que a vida, a universidade e a luta também são feitas de corpos pequenos, barulhentos, brincantes e plurais; e que esses corpos são parte da produção de vida, de conhecimento e de possibilidades de imaginar novos mundos, porque estes também são produzidos no cuidado, na convivência e na experiência coletiva; c) a possibilidade para que outros sujeitos que não estão envolvidos com as parentalidades possam refletir sobre de que modo estão se relacionando com essas questões e se, em alguma medida, não contribuem com a violência simbólica perpetrada dentro da luta sindical contra crianças, mães e outras parentalidades; d) experiências ludoeducativas aliadas ao processo de formação política das crianças, exercitando seu olhar sensível e político para a realidade, investindo na formação da próxima geração de militantes.

Assim, foi elaborado um projeto político-pedagógico exclusivo para o espaço, que objetivou construir um Espaço de Convivência Infantil que garantisse acolhimento, segurança e participação ativa das crianças no 44º Congresso do ANDES-SN, através de atividades educativas, recreativas, pedagógicas, culturais e de linguagens acessíveis que dialogassem com o tema central do evento. Para tanto, buscamos garantir um ambiente seguro, acolhedor e inclusivo, respeitando as necessidades físicas, emocionais e culturais das crianças participantes; promover atividades que aproximassem as crianças das histórias de resistência e luta presentes na memória de Salvador, especialmente as Revoltas dos Búzios e dos Malês, em abordagens lúdicas, sensíveis, antirracistas e acessíveis; desenvolver ações pedagógicas que estimulassem autonomia, cooperação, imaginação, cuidado coletivo e expressão criativa; oferecer vivências culturais que valorizssem as produções artísticas de matriz afro-brasileira, indígena e popular presentes no território soteropolitano; criar momentos recreativos que promovessem bem-estar, convivência e alegria, integrados ao sentido político do congresso; favorecer a participação das crianças no congresso de forma simbólica e real, as reconhecendo como sujeitas sociais atravessadas pelas mesmas lutas que mobilizam suas famílias e comunidades.

Isso se traduziu em ações como: uma linha de comunicação direta entre equipe e responsáveis; espaços reservados para descanso e alimentação das crianças, contendo na programação momentos de relaxamento e descanso; atividades ludoeducativas alinhadas aos objetivos do congresso; previsão de espaço físico para uso pelas crianças também no espaço de plenária de congressistas; previsão de participação das crianças nas apresentações culturais, tanto podendo apreciá-las, quanto elas apresentando suas produções.

Embora avaliemos que essa foi uma experiência bastante exitosa, em especial pelo alinhamento entre quem produziu o espaço e os objetivos do Congresso, um dos desafios dele foi a inexistência de um período de formação específico para monitores do espaço, que entendemos que precisaria ser em tempo e espaço reservados para além da formação de monitores em geral e com remuneração específica para tal. Também na nossa experiência, alguns momentos de relação com congressistas foram desafiadores, destacando os momentos de compartilhamento de comida com os adultos, bem como a falta de asseio e cuidado dos adultos ao usarem o espaço destinado às crianças na tenda. Isso reforça, para nós, a necessidade de seguir trabalhando com a categoria sobre a prioridade e o cuidado coletivo para com as crianças.

Alguém ouviu os toques dos atabaques? O lugar da cultura em nossos espaços sindicais

Nas aberturas de plenárias e em alguns dos lanches do 44º Congresso, garantimos apresentações culturais capazes de traduzir, ao menos em parte, a potência da cultura popular baiana, sua ancestralidade e ressignificação contemporânea. Combinamos alguns desses momentos com a participação de nossas crianças, atribuindo um sentido político bem potente ao cultural e ao lúdico.

Na abertura, antes mesmo de qualquer palavra, os ogãs da Casa de Oxumarê executaram um toque para Exú, abrindo os caminhos do Congresso. Em seguida, Thiago Tupinambá, liderança indígena e estudante da UFBA, fez um canto para demarcar que ali estávamos em território tradicional, às margens de Kirimurê. Convidamos a Drag Queen Lola Apple para ser a mestra de cerimônias, valorizando a importante cena LGBTI+ de Salvador. Tivemos, ainda, o privilégio de apreciar o belíssimo solo de violino de Mário Soares para *A Internacional* e o *Hino ao 2 de Julho*, o hino do estado da Bahia. Porque uma terra sem amos é também uma terra sem tiranos.

Durante os dias do Congresso, registramos ainda as apresentações do *Slam das Minas*, coletivo de jovens poetas negras que promove o protagonismo feminino; da aparição cultural do *Nego Fugido de Acupe*, uma tradição quilombola de mais de um século de (r)existência no Recôncavo Baiano; da *IGBADU*, orquestra de berimbau de mulheres; do *Samba de Roda do Geo*, tradicional samba de viola; da drag queen Dandara; e de uma biodança organizada por profissionais responsáveis pelo Espaço de Cuidado em Saúde. Além disso, nossas companheiras e nossos companheiros de sindicato nacional também contribuíram com apresentações musicais, mostra de filmes e fotografias e declamação de poesias.

Destacamos também a festa realizada em um largo no Pelourinho, coração do centro histórico de Salvador e território de resistência popular. Nela, tivemos a apresentação do *Samba da Democracia*, conduzido por Pedro Abib, companheiro de luta na UFBA e importante representante da cena cultural

de samba local; e da *Outra Banda d'ABOCA*, capitaneada por Portella Açúcar e Veko Araújo, com uma performance arrebatadora. Entendemos que a festa é um momento fundamental porque na luta é preciso também alegria, com o compartilhamento de espaços de convivência que proporcionem celebração e articulem estética e política.

Felizmente, temos um GT interno ao sindicato que vem tão bem formulando sobre o lugar da arte e da cultura na luta política. Sem qualquer pretensão de formulação de mais fôlego neste breve relato, gostaríamos apenas de destacar que tais momentos e atividades não podem ser apropriadas pelo conjunto de nossa base de forma instrumental ou utilitarista.

Em primeiro lugar, devemos profundo respeito e deferência aos e às artistas. Eles e elas não estão ali se apresentando para aguardarmos o quórum, nem devem ser interrompidos quando, finalmente, o quórum for alcançado. Eles não estão ali para nos distrair e dar alguma leveza em meio à forma tendencialmente violenta como nos relacionamos em nossos espaços de debate. Eles não estão ali se apresentando enquanto, paralelamente, usamos o celular ou estabelecemos conversas.

Precisamos respeitar e, mais do que tudo, compreender que aquele espaço compõe nossa programação, sendo parte importante da formação política que é também função de nossos eventos deliberativos.

TR – 24

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que os eventos do ANDES-SN ocorram priorizando a infraestrutura, espaços físicos e livres das universidades, observando sua importância simbólica, capacidade, adequação e possibilidade de uso, a partir da avaliação da comissão organizadora local, formada por docentes da universidade a sediar o evento.

2. Que os Congressos e CONADs do ANDES-SN garantam a existência do Espaço de Cuidado em Saúde, a partir de um entendimento ampliado dos processos de produção de saúde e de adoecimento, inclusive na militância, e respeitando programas e projetos já desenvolvidos nas universidades que sediam os Congressos.

3. Que os Espaços de Convivência Infantil do ANDES-SN sejam construídos a partir de um projeto político-pedagógico comunicante com as diretrizes emancipatórias que orientam seu projeto de intervenção sindical, favorecendo a participação das crianças nos eventos de forma simbólica e real, reconhecendo-as como sujeitas sociais atravessadas pelas mesmas lutas que mobilizam suas famílias e comunidades.

4. Que os Espaços de Convivência Infantil do ANDES-SN sejam constituídos por espaços adequados ao lazer, descanso e formação político-cultural de nossas crianças, relacionado com a pauta do evento e com a história de resistência e a cultura popular do local que o sedia, sendo sempre garantida alimentação saudável e uma programação que privilegie a cultura e a natureza e que restrinja ao máximo o uso de telas.

5. Que a seleção e formação de monitores a atuarem no Espaço de Convivência Infantil ocorram de maneira a garantir suas particularidades e complexidades da tarefa de atuação no ECI.

6. Que as atividades culturais integrem a programação dos Congressos e CONADs de forma orgânica, a partir da compreensão de que são parte da formação política da categoria e que cumprem função importante em nossos eventos deliberativos.

TEXTO 25

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Tomaz Longhi Santos (APUFPR), Adriana Hessel Dalagassa (APUFPR), Claudia Mendes Campos (APUFPR), Raimundo Alberto Tostes (APUFPR), Marcia Marzagão Ribeiro (APUFPR), Vitor Marcel Schühli (APUFPR), Francisco de Assis Marques (APUFPR), Raul Nunes (ADUFF).

O USO RACIONAL DE RECURSOS, A REDUÇÃO DE RESÍDUOS E A SUSTENTABILIDADE NO ANDES-SN

TEXTO DE APOIO

A construção de práticas institucionais ambientalmente responsáveis exige que o ANDES-SN incorpore, de forma permanente, medidas de redução do consumo de recursos, prevenção da geração de resíduos e destinação ambientalmente adequada dos materiais utilizados em suas atividades. Nesse sentido, a redução do uso de plásticos descartáveis, isopores e de papel, bem como a racionalização dos insumos de impressão, constitui uma importante dimensão da política de sustentabilidade do sindicato.

O uso intensivo de produtos plásticos descartáveis representa um importante desafio ambiental, especialmente em razão do elevado volume de materiais produzidos, utilizados por períodos muito curtos e posteriormente descartados. A produção de plásticos depende, em grande medida, de matérias-primas fósseis e envolve consumo de energia e recursos naturais, além da geração de emissões e resíduos ao longo de seu ciclo de vida. Copos, pratos, talheres e outros produtos descartáveis, embora utilizados por pouco tempo, podem permanecer no ambiente por longos períodos quando não recebem destinação adequada.

A geração excessiva de resíduos amplia os impactos associados à sua coleta, transporte, tratamento e disposição final. Parte dos resíduos plásticos não é reciclada e pode alcançar aterros, cursos d'água, solos e ambientes marinhos, contribuindo para a degradação ambiental e para a fragmentação dos materiais em partículas cada vez menores. Nesse contexto, a redução do consumo e a substituição de produtos descartáveis por alternativas reutilizáveis devem constituir medidas prioritárias. A reciclagem é necessária, mas não elimina os impactos decorrentes da produção e do descarte dos materiais, razão pela qual deve ser articulada a políticas de prevenção e redução da geração de resíduos.

Outro aspecto que merece atenção é a presença de microplásticos no ambiente e a exposição da população a essas partículas. Elas podem resultar da degradação de produtos plásticos maiores ou estar presentes em diferentes materiais e produtos. Estudos científicos já identificaram microplásticos em alimentos, água e ar, bem como sua presença em diferentes tecidos e órgãos humanos. Embora ainda existam incertezas importantes sobre a extensão dos efeitos à saúde humana e sobre os riscos associados aos diferentes tipos, tamanhos e concentrações de partículas, a ampla exposição e a persistência desses materiais justificam a adoção de medidas de precaução voltadas à redução de sua geração.

Da mesma forma, o uso intensivo de papel e de insumos para impressão produz impactos ambientais e financeiros que precisam ser considerados. A produção de papel envolve consumo de recursos naturais, água e energia, além da utilização de produtos químicos, transporte e geração de resíduos. A esses impactos somam-se aqueles relacionados à fabricação, ao uso e ao descarte de cartuchos de tinta e toners, que contêm plásticos, pigmentos, polímeros, metais e outros componentes.

O custo das impressões também não se limita à aquisição do papel. Devem ser considerados os gastos com tinta e toner, energia elétrica, aquisição e manutenção de equipamentos, substituição de componentes e destinação adequada dos resíduos. Nos eventos do ANDES-SN, o uso de grandes volumes de material impresso representa parcela significativa desses impactos. Como referência, nos Congressos são utilizadas, em média, cerca de 100 mil impressões, com custo que supera R$ 30 mil, considerando o material consolidado e outros documentos. Esses dados evidenciam a necessidade de políticas permanentes de redução e racionalização do uso de papel, tinta e toner, associadas à avaliação dos custos e impactos ambientais envolvidos.

A ampliação do uso de documentos e ferramentas digitais, a redução das impressões, a racionalização das impressões coloridas e a adoção de mecanismos de reciclagem e logística reversa para papel, cartuchos, toners e equipamentos podem contribuir simultaneamente para a preservação ambiental e para o uso mais racional dos recursos financeiros do sindicato.

A transição para processos digitais deve, contudo, considerar as condições concretas de participação nas atividades do ANDES-SN. A redução das impressões precisa ser acompanhada da garantia de infraestrutura tecnológica adequada, acesso aos materiais, condições de acessibilidade e inclusão digital, de modo que a digitalização não resulte em novas formas de exclusão ou dificulte a participação nas atividades sindicais. Assim, materiais físicos poderão continuar sendo utilizados quando necessários para assegurar acessibilidade, inclusão ou participação efetiva.

A adoção de critérios socioambientais nas aquisições, contratações e na organização de eventos constitui, igualmente, instrumento importante para consolidar essa política. Sempre que técnica e economicamente viável, devem ser priorizados produtos e serviços que reduzam a geração de resíduos e os impactos ambientais, com preferência por materiais reutilizáveis, reciclados ou recicláveis, produtos com menor geração de embalagens e alternativas de menor impacto ambiental.

Essas medidas expressam uma concepção de sustentabilidade que ultrapassa a simples destinação dos resíduos depois de gerados. Trata-se de incorporar às práticas cotidianas do sindicato a prevenção, a redução do consumo, o uso racional dos recursos, a reutilização, a reciclagem, a responsabilidade socioambiental e a consideração dos impactos ambientais e financeiros das atividades institucionais.

Dessa forma, o ANDES-SN pode avançar na construção de práticas institucionais mais sustentáveis, reduzindo a geração de resíduos e o consumo desnecessário de recursos, promovendo o uso responsável dos recursos financeiros e fortalecendo a coerência entre suas práticas internas e a defesa de um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

TR – 25

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES-SN adote medidas para eliminar progressivamente o uso de copos, pratos e talheres descartáveis de plástico em seus eventos, incluindo Congressos, Seminários e CONADs, bem como nas atividades e no expediente de suas sedes e secretarias regionais, priorizando a utilização de utensílios reutilizáveis;

2. Que o ANDES-SN adote, em suas sedes e atividades, práticas permanentes de separação dos materiais recicláveis e assegure sua destinação adequada, preferencialmente por meio de cooperativas e associações de catadoras e catadores de materiais recicláveis;

3. Que o ANDES-SN desenvolva e mantenha ações de conscientização sobre a redução e a eliminação progressiva do uso de materiais plásticos descartáveis e sobre a importância da redução da geração de resíduos, abrangendo seus eventos, sedes e seções sindicais;

4. Que o ANDES-SN incorpore critérios socioambientais às suas aquisições, contratações e à organização de eventos e atividades, priorizando, sempre que técnica e economicamente viável, produtos e serviços que contribuam para a redução da geração de resíduos e dos impactos ambientais, com preferência por materiais reutilizáveis, reciclados ou recicláveis, produtos com menor geração de embalagens e alternativas de menor impacto ambiental;

5. Que o ANDES-SN adote uma política de redução progressiva do uso de papel e de insumos de impressão, com vistas à eliminação das impressões que possam ser substituídas por meios digitais, nos

eventos do sindicato, incluindo Congressos, Seminários e CONADs, bem como nas atividades e no expediente de suas sedes e secretarias regionais;

6. Que o ANDES-SN priorize, nos eventos e demais atividades, a disponibilização e o acompanhamento dos materiais por meios digitais, incluindo plataformas eletrônicas, dispositivos de leitura e projeção, asseguradas condições de acessibilidade, inclusão digital e participação;

7. Que o ANDES-SN desenvolva ou retome o desenvolvimento de aplicativo e/ou plataforma digital para celular e computador destinado à disponibilização dos materiais dos eventos e ao acesso às informações e atividades do sindicato, de modo a reduzir a necessidade de impressões e os custos associados ao uso de papel, tinta e toner;

8. Que o ANDES-SN adote medidas para racionalizar o uso das impressões que não possam ser eliminadas, incluindo a redução de impressões coloridas (incluindo o número de exemplares da Revista e de materiais de circulação restrita, observadas as necessidades de acessibilidade e inclusão;

9. Que o ANDES-SN adote mecanismos de destinação ambientalmente adequada, reciclagem e logística reversa, conforme aplicável, para papel, cartuchos, toners, equipamentos e demais resíduos decorrentes das atividades de impressão, priorizando parcerias com cooperativas e associações de catadoras e catadores de materiais recicláveis.

TEXTO 26

Contribuição das(os) sindicalizadas(os): Tomaz Longhi Santos (APUFPR), Márcia Marzagão Ribeiro (APUFPR), Adriana Hessel Dalagassa (APUFPR), Claudia Mendes Campos (APUFPR), Raimundo Alberto Tostes (APUFPR), Vitor Marcel Schühli (APUFPR), Francisco de Assis Marques (APUFPR).

COMER É UM ATO POLÍTICO

TEXTO DE APOIO

A agricultura familiar representa uma parcela relevante da produção de alimentos no Brasil, sendo responsável por, aproximadamente, 70% da alimentação dos brasileiros. Segundo o Censo Agropecuário 2017 do IBGE, 76,8% dos 5,073 milhões de estabelecimentos rurais do Brasil foram caracterizados como pertencentes à agricultura familiar, respondendo por 23% do valor bruto da produção agropecuária brasileira e por 67% das ocupações no campo, o equivalente a 10,1 milhões de pessoas — apesar de ocupar apenas 23% das terras agrícolas do país.

Apesar disto, nem toda a agricultura familiar é livre de transgênicos e agrotóxicos como o é a agricultura agroecológica e orgânica. No entanto, a agricultura familiar, que muitas vezes se organiza com os armazéns do campo, se constitui de pequenos agricultores que fazem uma agricultura de dificuldades, que se impõe com as mudanças climáticas, com a falta de equipamentos adequados para pequenas áreas e, portanto, demandam mão de obra da própria família, famílias estas que muitas vezes têm por composição idosos e crianças.

O orçamento para a agricultura familiar, se comparado ao orçamento para o agronegócio — em sua maioria voltado à produção de commodities —, é de tamanha diferença. No Plano Safra 2025/2026, mais recente, foram destinados R$ 89 bilhões para a agricultura familiar, mas que mantém a desproporção estrutural entre os dois segmentos (R$ 516,2 bi para agricultura empresarial).

Por isso, comer é um ato político. Empoderando a agricultura familiar, podemos empoderar a agricultura dos assentamentos, dos quilombolas, ribeirinhos e tantas outras comunidades tradicionais. Podemos diminuir essa discrepância em termos de orçamento e colocar o dinheiro na mão daqueles que nos alimentam e sofrem com a violência no campo.

TR – 26

O 16º CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN DELIBERA:

1. Que o ANDES/SN priorize a compra de alimentos agroecológicos, orgânicos e da agricultura familiar em seus eventos, incluindo Congressos, Seminários, Conads, escritórios da sede e regionais;

2. Que o ANDES/SN integre as jornadas de agroecologia e/ou eventos semelhantes compondo mesas nesta temática da alimentação;

3. Que o ANDES/SN publique um caderno com esta temática.





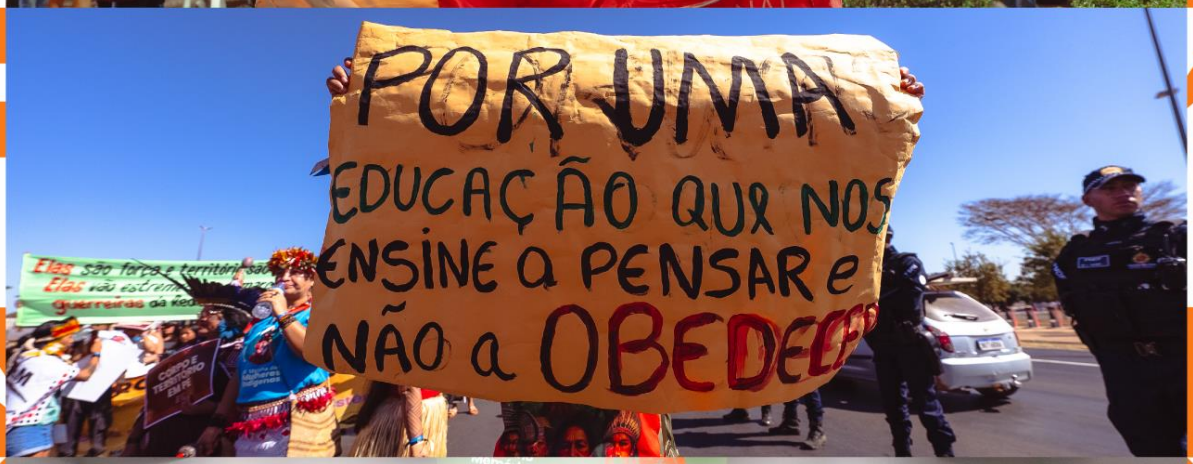
ABAIXO O IMPERIALISMO



16° CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN 2026









16° CONAD EXTRAORDINÁRIO DO ANDES-SN 2026

